

UMBERTO ECO A MISTERIOSA CHAMIA DA RAINHA LOANA

Romance ilustrado





UMBERTO ECO

A MISTERIOSA CHAMA DA RAINHA LOANA

Romance ilustrado

UMBERTO ECO

A MISTERIOSA CHAMA DA RAINHA LOANA

Romance ilustrado

Tradução de Eliana Aguiar

____ 1 ____

EDITORA R E C O R D

RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2005

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE - O ACIDENTE

1. O mais cruel dos meses

2. O ciclo que faz a folha...

3. Talvez alguém te deflorasse

4. Sozinho sigo pela cidade

SEGUNDA PARTE - UMA MEMÓRIA DE PAPEL

5. O tesouro de Clarabela

- 6. O Novíssimo Melzi
- 7. Oito dias num sótão
- 8. Quando o rádio
- 9. Mas Pippo não sabe

10. A torre do alquimista

11. Lá em Capocabana

12. Agora vem o bom

13. Senhorinha pálida

14. O Hotel das Três Rosas

TERCEIRA PARTE - 01 N0ÍTO1

15. Por fim voltaste, amiga bruma!

16. Sopra o vento

17. O jovem prevenido

18. Bela és como o sol

Fontes das citações e das ilustrações

1.0 MAIS CRUEL DOS MESES

"E o senhor, como se chama?" "Espere, está na ponta da língua."

Tudo começou assim.

Era como se acordasse de um longo sono, e no entanto ainda estava suspenso em um cinza leitoso. Ou quem sabe não estava acordado, mas sonhando. Era um estranho sonho, desprovido de imagens, povoado por sons.

Como se não visse, mas ouvisse vozes que me contavam o que devia ver. E

contavam que eu ainda não via nada, exceto um fumegar ao longo dos canais, onde a paisagem se dissolvia. Bruges, disse a mim mesmo, estava em Bruges, já estivera em Bruges, a morta? Onde a névoa flutua entre as torres como o incenso que sonha? Uma cidade cinzenta, triste como uma tumba florida de crisântemos onde a bruma pende desbeijada das fachadas como um arras...

Minha alma limpava os vidros do bonde para afogar-se na névoa móvel dos sinais. Névoa, minha incontaminada irmã... Uma névoa espessa, opaca, que embrulhava os rumores, e fazia surgirem fantasmas sem forma... Por fim chegava a um despenhadeiro enorme e via uma figura altíssima, envolta num sudário, o rosto de um condor imaculado de neve. Eu me chamo Arthur Gordon

Pym.

Mastigava a névoa. Os fantasmas passavam, tocavam-me, desvane-ciam-se. As luzinhas longe luziam como fogos fátuos num campo-santo...

Alguém caminha a meu lado sem rumor, como se tivesse os pés descalços, caminha sem saltos, sem sapatos, sem sandálias, uma faixa de névoa me desliza sobre a face, uma frota de bêbados grita lá embaixo, no fundo da balsa. A balsa? Não sou eu quem diz, são as vozes.

A névoa chega sobre pequenas patas de gato... Era uma névoa que parecia que tinham sumido com o mundo.

Entretanto de vez em quando era como se abrisse os olhos, e visse relâmpagos. Ouvia as vozes: "Não é um coma propriamente dito, senhora...

Não, não pense num eletroencefalograma plano, por caridade... Existe reatividade..."

Alguém me projetava uma luz nos olhos, mas depois da luz era de novo o escuro. Sentia a picada de uma agulha, de alguma parte. "Viu, tem mobilidade..."

Maigret mergulha em uma névoa tão densa que não consegue ver nem onde põe os pés... A névoa pulula de formas humanas, fervilha de uma vida intensa e misteriosa. Maigret? Elementar, meu caro Watson, são dez negrinhos, é na névoa que desaparece o cão dos Baskerville.

A cortina de vapor cinza gradualmente perdia seu matiz cinzento, o calor da água era extremo, e sua nuança leitosa mais intensa que nunca... Então nos precipitamos nos abraços da catarata onde um abismo abriu-se para nos engolir.

Ouvia gente que falava a meu redor, queria gritar e avisá-los de que estava ali. Havia um zumbido contínuo, como se fosse devorado por máquinas singulares de dentes pontiagudos. Estava na colônia penal. Sentia um peso sobre a cabeça, como se me tivessem enfiado a máscara de ferro. Tinha a impressão de divisar luzes azuis.

"Apresenta assimetria dos diâmetros pupilares."

Tinha fragmentos de pensamentos, decerto estava acordando, mas não podia me mover. Se pelo menos conseguisse ficar acordado. Dormi de novo?

Horas, dias, séculos?

A névoa retorna, as vozes na névoa, as vozes sobre a névoa. Seltsam, im Nebel zu wandern! Que língua é? Parecia que nadava no mar, sentia-me próximo à praia mas não conseguia chegar lá. Ninguém me via e a maré me levava embora.

Por favor digam-me alguma coisa, por favor toquem-me. Senti uma mão na testa. Que alívio. Uma outra voz: "Senhora, temos histórias de pacientes que desperram de repente e vão embora com as próprias pernas."

Alguém me incomodava com uma luz intermitente, com a vibração de um diapasão, era como se me tivessem posto um vidro de mostarda debaixo do nariz, depois um dente de alho. A terra tem um cheiro de cogumelos.

Outras vozes, mas essas de dentro: longos lamentos de locomotiva a vapor, padres na neblina informe encaminhando-se em fila para São Miguel no Bosque.

O céu é de cinzas. Névoa rio acima, névoa rio abaixo, névoa que morde as mãos da pequena vendedora de fósforos. Os passantes nas pontes da Ilha dos Cães olham um ínfimo céu enevoadado, envoltos eles mesmos na névoa como em um balão suspenso sob uma névoa

morena, que nem morte muita poderia desfazer. Cheiro de estação e de fuligem.

Uma outra luz, mais leve. Parece que ouço, através da névoa, o som das gaitas escocesas que se renova no brejo.

Outro longo sono, talvez. Depois uma clareada, pareço estar num copo de água e anis...

Ele estava diante de mim, embora ainda o visse como uma sombra. Sentia a cabeça anuviada, como se tivesse acordado depois de ter bebido muito. Creio ter murmurado alguma coisa com dificuldade, como se naquele momento estivesse falando pela primeira vez: "Posco reposco flagito regem o infinitivo futuro? Cajus régio ejus religio... é a paz de Augusta ou a defenestração de Praga?" e depois: "Neblina também no trecho apenínico de Autosole, entre Ronco-bilaccio e Barberino dei Mugello..."

Sorriu-me com compreensão: "Mas agora abra bem os olhos e tente olhar ao redor. Sabe onde estamos?" Agora eu o via melhor, usava um jaleco — como se diz? — branco. Girei o olhar e consegui mover a cabeça também: o quarto era sóbrio e limpo, uns poucos móveis de metal e cores claras, eu estava na cama, com um tubo enfiado no braço. Da janela, entre as venezianas abaixadas, passava uma lâmina de sol, primavera em torno brilha no ar e pelos campos exulta. Sussurrei: "Estamos... em um hospital e o senhor... o senhor é um médico. Eu estive mal?"

"Sim, esteve, depois eu lhe conto. Mas agora recuperou a consciência.

Coragem. Sou o doutor Gratarolo. Desculpe se lhe faço tantas perguntas.

Quantos dedos estou lhe mostrando?"

"Isso é uma mão e esses são dedos. São quatro. São quatro?"

"Certo. E quanto é seis vezes seis?"

"Trinta e seis, é óbvio." Os pensamentos ribombavam na minha cabeça mas vinham quase sozinhos. "A soma das áreas dos quadrados... construídos sobre os catetos... é igual à área do quadrado construído sobre a hipotenusa."

"Parabéns. Acho que é o teorema de Pitágoras, mas no liceu eu tirava seis em matemática..."

"Pitágoras de Samos. Os elementos de Euclides. A desesperada solidão das paralelas que nunca se encontram."

"Parece que sua memória está em ótimo estado. A propósito, e o senhor como se chama?"

Pois foi aí que eu hesitei. E no entanto estava na ponta da língua. Depois de um segundo respondi da maneira mais óbvia. "Eu me chamo Arthur Gordon Pym." "O senhor não se chama assim."

Certamente Gordon Pym era um outro. Ele não voltou mais. Tentei chegar a um acordo com o doutor. "Podem me chamar de... Ismael?"

"Não, o senhor não se chama Ismael. Faça um esforço."

Uma palavra. Como bater contra um muro. Dizer Euclides ou Ismael era fácil, como dizer ambarabá quiqui cocó três corujas no guarda-pó. Dizer quem eu era, ao contrário, era como virar para trás e lá estava o muro. Não, não um muro, tentava explicar: "Não é que sinto alguma coisa sólida, é como andar na névoa."

"Como é a névoa?", perguntou.

"A névoa aos hirtos montes chuvizando sobe e sob o mistral grita e branqueia o mar... Como é a névoa?"

"Não me ponha em apuros, sou apenas um médico. E depois estamos em abril, não posso mostrá-la. Hoje é dia 25 de abril."

"Abril é o mais cruel dos meses."

"Não sou muito culto mas creio que é uma citação. Podia dizer que hoje é o dia da Libertação. Sabe em que ano estamos?"

"Certamente depois do descobrimento da América..."

"Não recorda nem uma data, uma data qualquer antes do... seu despertar?"

"Qualquer uma? Mil novecentos e quarenta e cinco, fim da Segunda Guerra Mundial."

"Muito pouco. Não, hoje é dia 25 de abril de 1991. O senhor nasceu, parece-me, no final de 1931, e então está chegando aos sessenta anos."

"Cinquenta e nove e meio, nem isso."

"Ótimo no que diz respeito à capacidade de cálculo. Olhe, o senhor sofreu, como dizer, um acidente. Conseguiu sair vivo, parabéns. Mas evidentemente tem alguma coisa que ainda não está bem. Uma pequena forma de amnésia retrógrada. Não se preocupe, às vezes duram pouco. Por gentileza, responda ainda algumas perguntas. O senhor é casado?"

"Diga-me o senhor."

"Sim, é casado, com uma amabilíssima senhora que se chama Paola e que esteve a seu lado dia e noite, só ontem à noite consegui obrigá-la a ir para casa, do contrário desmoronava. Agora que despertou vou chamá-la, mas terei de prepará-la e precisamos fazer ainda algumas verificações."

"E se eu a confundir com um chapéu?"

"O que disse?"

"Tem um homem que confundiu a mulher com um chapéu."

"Ah, o livro de Sacks. Um caso famoso. Vejo que é um leitor atualizado.

Mas não é o seu caso, ou já teria me confundido com uma estufa. Não se preocupe, talvez não a reconheça mas não vai confundi-la com um chapéu.

Voltemos ao senhor. E então, o senhor se chama Giambattista Bodoni. Isso não lhe diz nada?"

Agora minha memória voava como um planador entre montes e vales, pelo horizonte interminado. "Giambattista Bodoni era um célebre tipógrafo.

Mas estou seguro de que não sou eu. Eu poderia até ser Napoleão e seria como Bodoni."

"Por que disse Napoleão?"

"Porque Bodoni era mais ou menos de época napoleónica. Napoleão Bonaparte, nascido na Córsega, primeiro cônsul, desposa Josefina, torna-se

imperador, conquista meia Europa, perde em Waterloo, morre em Sanra Helena, cinco de maio de 1821, ficou como que imóvel."

"Terei que voltar aqui com uma enciclopédia, mas do que me recordo o senhor lembrou bem. Porém não lembra quem é." F, grave?

"Para ser honesto, bom não é. Mas não é o primeiro a quem acontece uma coisa assim, conseguiremos sair dessa."

Pedi-me que levantasse a mão direita e tocasse o nariz. Entendia muito bem o que era a direita, e o nariz. Centrado. Mas a sensação era novíssima.

Tocar-se o nariz é como ter um olho na ponta do indicador e olhar para o próprio rosto. Eu tenho um nariz. Gratarolo bateu em meu joelho e depois aqui e ali na perna e nos pés com uma espécie de martelinho. Os doutores mensuram os reflexos. Parece que os reflexos eram os esperados. No final, sentia-me esgotado, e creio que adormeci.

Acordei num lugar e murmurei que parecia a cabina de uma astronave, como nos filmes (que filmes, perguntou Gratarolo, todos, respondi, em geral, depois nomeei Star Trek). Fizeram-me coisas que não entendia com máquinas nunca vistas. Creio que olhavam dentro da minha cabeça, mas eu os deixava agir sem pensar, embalado pelos zumbidos suaves, e de vez em quando adormecia de novo.

Mais tarde (ou no dia seguinte?), quando Gratarolo voltou, eu estava explorando a cama. Apalpava os lençóis, leves, lisos, agradáveis de tocar; menos o cobertor, que espetava um pouco as pontas dos dedos; virava-me e batia a mão no travesseiro, deleitando-me ao ver que afundava dentro dele.

Fazia chac chac e me divertia muito. Gratarolo perguntou se conseguia levantar da cama. Com a ajuda de uma enfermeira consegui, estava em pé, embora a cabeça me girasse. Sentia os pés pressionando o pavimento, e a cabeça no alto. E assim que se está de pé. Sobre um fio esticado. Como a pequena sereia.

"Coragem, experimente ir ao banheiro e escovar os dentes. A escova de sua mulher deve estar lá." Disse que não costumava escovar os dentes com a escova de um estranho e ele observou que uma esposa não é uma estranha. No

banheiro me vi no espelho. Pelo menos estava bastante seguro de que era eu porque os espelhos, como se sabe, refletem aquilo que têm diante de si. Uma cara branca e escavada, a barba longa, duas olheiras assim. Estamos bem, não sei quem sou mas descubro que sou um monstro. Não gostaria de me encontrar de noite em uma rua deserta. Mister Hyde. Identifiquei dois objetos, um com certeza se chama dentifrício e o outro escova de dentes.

Preciso começar com o dentifrício e espremer o tubinho. Agradabilíssima sensação, deveria fazê-lo mais vezes, porém a certa altura é preciso parar, aquela pasta branca no começo faz flop, como uma bolha, mas depois sai toda, como le serpent qui danse. Não espremer mais, senão vai fazer como Broglio com os stracchini. Quem é Broglio?

A pasta tem um ótimo sabor. Ótimo, disse o duque. É um welie-rismo.

Estes são, então, os sabores: algo que lhe acaricia a língua, mas também o palato, porém quem percebe os sabores é a língua. Sabor de menta -y la bierbabuena, a las cinco de la tarde... Decidi e fiz o que todos fazem nesses casos, rapidamente e sem pensar muito: escovei primeiro para cima e para baixo, depois da esquerda para a direita, depois o céu da boca. É

interessante sentir as cerdas que entram entre dois dentes, creio que de agora em diante vou escovar os dentes todo dia, é bom. Passei as cerdas na língua também. Sente-se como um arrepio mas no final se não apertar demais é bom, e era o que eu precisava pois minha boca estava mesmo empastada.

Agora, disse comigo mesmo, é enxaguar. Derramei um pouco d'água da torneira num copo e passei na boca, alegremente surpreso com o barulho que fazia, melhor ainda jogando-se a cabeça para trás e fazendo... borbulhar? O

gargarejo é bom. Inchei as bochechas e depois tudo para fora. Cuspi tudo.

Sfrussc... catarata. Com os lábios pode-se fazer de tudo, são mobilíssimos.

Virei-me, lá estava Gratarolo me observando como se fosse um fenômeno de circo-, e perguntei se estava tudo certo.

Perfeito, disse ele. Meus automatismos, explicou, estão corretos.

"Parece que temos aqui uma pessoa quase normal", observei, "salvo que talvez não seja eu."

"Muito espírituoso, e isso também é um bom sinal. Deite-se, assim, eu ajudo. Diga-me: o que o senhor acabou de fazer?"

"Escovei os dentes, foi o senhor quem pediu."

"Certo, e antes de escovai os dentes?"

"Estava aqui nessa cama e o senhor estava falando comigo. Disse-me que estamos em abril, 1991."

"Correto. A memória a curto prazo funciona. Me diga, lembra por acaso da marca do dentifrício?"

"Não. Deveria?"

"Não, claro que não. O senhor certamente viu a marca ao pegar

O tubo, mas se tivéssemos que registrar e conservar todos os estímulos que recebemos, nossa memória seria uma barafunda. Por isso escolhemos, filtramos. O senhor fez o que todos fazem. Mas tente recordar a coisa mais significativa que lhe aconteceu enquanto escovava os dentes."

"Quando passei a escova na língua." "Por quê?"

"Porque estava com a boca empastada e depois me senti bem melhor."

"Viu? Filtrou o elemento mais diretamente associado às suas emoções, a seus desejos, a seus objetivos. O senhor tem emoções de novo."

"Bela emoção escovar a língua. Mas não me lembro de tê-la escovado antes."

"Chegaremos lá. Veja, senhor Bodoni, vou tentar lhe explicar sem palavras difíceis, mas o acidente certamente atingiu algumas zonas de seu cérebro. No momento, embora todo dia saia um novo estudo, ainda não sabemos tudo o que gostaríamos de saber sobre as localizações cerebrais. Sobretudo no que diz respeito às várias formas de memória. Ousaria dizer que se isso que lhe aconteceu acontecesse daqui a dez anos, saberíamos melhor como lidar com sua situação. Não me interrompa, eu já entendi, se tivesse acontecido cem anos atrás o senhor já estaria num manicômio, e fim da história. Hoje sabemos bem mais, porém não o bastante. Por exemplo, se o senhor não conseguisse falar eu logo saberia qual a área atingida..."

"A área de Broca."

"Muito bem. Mas a área de Broca tem mais de cem anos. No entanto o lugar onde o cérebro conserva as lembranças ainda é matéria de discussão, certamente as coisas não dependem de uma única área. Não quero entediá-lo com termos científicos, que além de tudo só aumentariam a confusão em sua cabeça - sabe quando o dentista faz alguma coisa em um dente e continuamos a tocá-lo com a língua por alguns dias?; se eu lhe dissesse, sei lá, que não estou

tão preocupado com o seu hipocampo quanto com os lobos frontais e talvez com a córtex órbito-frontal direita, o senhor tentaria se tocar bem ali, e não é

como explorar a boca com a língua. Frustrações até não acabar mais. Portanto esqueça o que acabei de lhe dizer. Ademais cada cérebro é diferente dos

outros, e nosso cérebro tem uma extraordinária plasticidade, pode acontecer que depois de algum tempo o senhor seja capaz de passar para uma outra área o que a área atingida não consegue mais fazer. Está me acompanhando, estou sendo bastante claro?"

"Claríssimo, prossiga. Mas não é mais rápido dizer que sou o desmemoriado de Collegno?"

"Está vendo como se lembra do desmemoriado de Collegno, um caso clássico? É somente de si, que não é clássico, que o senhor não lembra."

"Preferia ter esquecido o desmemoriado de Collegno e lembrado onde foi que nasci,"

"Seria um caso mais raro. Veja, o senhor logo identificou o tubinho do dentifício, mas não se lembra de que é casado - e de fato lembrar o dia do próprio matrimônio e identificar a pasta de dente dependem de duas redes cerebrais diversas. Temos diversos tipos de memória. Uma se chama implícita e nos permite executar sem esforço uma série de coisas que aprendemos, como escovar os dentes, ligar o rádio e dar um nó na gravata. Depois da experiência dos dentes estou pronto para apostar que o senhor sabe escrever, talvez até dirigir. Quando a memória implícita nos ajuda, não temos nem consciência de que recordamos, agimos automaticamente. Depois tem a memória explícita, com a qual recordamos e sabemos que estamos recordando. Mas essa memória explícita é dupla. Uma é aquela que a tendência agora é chamar de memória semântica, uma memória coletiva, aquela através da qual se sabe que uma andorinha é um pássaro e que os pássaros voam e têm penas, e que Napoleão morreu quando... quando o senhor faiou. E esta me parece que a do senhor está em ordem, por Deus!, talvez até demais, pois basta que lhe dê um input e já começa a conectar lembranças que eu definiria como escolásticas, ou a usar frases feitas. Mas essa

é a primeira que se forma, mesmo na criança; a criança aprende rapidamente a reconhecer uma máquina, ou um cão, e a formar esquemas gerais, portanto se viu um pastor alemão uma vez e lhe dissetam que é um cachorro, ela dirá cachorro mesmo quando vir um labrador. Mas por outro lado, a criança leva

mais tempo para elaborar o segundo tipo de memória explícita, que chamamos de episódica ou autobiográfica. Não é capaz, por exemplo, de recordar de imediato vendo um cachorro, de que no mês anterior esteve no jardim da avó e viu um cão e que foi ela própria quem viveu as duas experiências. É a memória episódica que estabelece um nexos entre o que somos hoje e o que fomos, senão, quando disséssemos eu, estaríamos nos referindo apenas àquilo que sentimos agora, não ao que sentíamos antes, que se perderia justamente na névoa. O senhor não perdeu a memória semântica mas a episódica, quer dizer, os episódios de sua vida. Em suma, diria que sabe tudo que os outros sabem, e imagino que se lhe perguntasse qual é a capital do Japão..."

"Tóquio. Bomba atômica em Hiroshima. O general MacArthur..."

"Chega, chega. É como se recordasse tudo aquilo que se aprende por ter lido em algum lugar ou ouvido dizer, mas não o que está associado às suas experiências diretas. Sabe que Napoleão foi derrotado em Waterloo, mas tente me dizer o que lembra de sua mãe."

"Mãe só tem uma, mãe é mãe... Mas de minha mãe não lembro.

Imagino que tive uma mãe porque sei que é uma lei da espécie, mas... aí está...

a névoa. Estou mal, doutor. É horrível. Preciso de alguma coisa para dormir de novo."

"Vou lhe dar, já exigi demais do senhor. Deite-se bem, assim, assim..."

Repito, acontece, mas tem cura. É preciso muita paciência. Mandarei que lhe tragam alguma coisa para beber, um chá por exemplo. Gosta de chá?"

"Talvezsim talvez não."

Trouxeram-me o chá. A enfermeira fez-me sentar apoiado nos travesseiros e botou um carrinho na minha frente. Jogou água fumegante numa xícara com um

envelopinho dentro. Devagar que queima, disse. Devagar como?

Cheirava a taça e sentia um cheiro, como dizer, de fumaça. Queria provar o sabor do chá, agarrei a xícara e engoli. Atroz. Um fogo, uma chama, uma bofetada na boca. Então é isso o chá fervente. Deve ser assim também com o café e a camomila de que tanto falam. Agora sei o que quer dizer queimar.

Todos sabem que não se deve tocar o fogo, mas eu não sabia em que momento se pode tocar em água quente. Tenho que aprender a entender o limite, o momento no qual antes não pode e depois pode. Mecanicamente soprei o líquido, depois mexi com a colherinha, até decidir que já podia tentar outra vez. Agora o chá estava morno e bom de beber. Não estava certo de qual era o gosto do chá, qual o do açúcar, um deveria ser áspero e o outro doce, mas qual é o doce e qual o áspero? Juntos porém me agradavam. Beberei sempre chá com açúcar. Mas não fervente,

O chá me deu uma sensação de paz e relaxamento e peguei no sono.

Acordei de novo. Talvez porque no sono eu estava coçando a virilha e o escroto. Debaixo das cobertas suei. Chagas de decúbito? Avitilha é úmida, mas passando-se a mão nela de modo demasiado enérgico, depois de uma primeira sensação de prazer violento, sente-se uma fricção desagradável. Com o escroto é melhor: passando-o por entre os dedos, delicadamente devo dizer, sem chegar a apertar os testículos, sente-se algo de granuloso e levemente peludo: é bom coçar o escroto, não é que a coceira suma logo, torna-se aliás mais forte, mas dá mais gosto de continuar. O prazer é a cessação da dor, mas a coceira não é uma dor, é um convite a se dar prazer. A comichão da carne. Transigindo-se com isso comete-se pecado. O jovem prevenido dorme

supino com as mãos cruzadas no peito para não cometer atos impuros no sono.

Coisa estranha, o prurido. E os meus colhões. Você é um escroto. Aquele sim tem os colhões roxos.

Abri os olhos. Na minha frente há uma senhora, não muito jovem, mais de cinquenta, me parece, com pequenas rugas em torno dos olhos, mas com um

rosto luminoso, ainda fresco. Algumas mechas brancas, quase imperceptíveis, quase como se ela as tivesse clareado de propósito, uma coqueteria, como quem dissesse não quero passar por uma mocinha mas porto bem a minha idade. Era bonita, mas quando jovem deve ter sido belíssima. Acarinhava minha testa.

"Yambo", disseme.

"lambo quem, senhora?"

"Você é Yambo, é assim que todos o chamam, E eu sou Paola. Sou sua mulher. Me reconhece?"

"Não senhora, desculpe, não Paola, sinto muito, o doutor deve ter lhe explicado."

"Explicou, Não sabe mais o que aconteceu com você, mas ainda sabe muito bem o que aconteceu com os outros. Como eu faço parte de sua história pessoal, não sabe mais que somos casados há mais de trinta anos, Yambo, querido. E temos duas filhas, Carla e Nicoletta, e três maravilhosos netos.

Carla casou cedo e teve dois filhos, Alessandro de cinco anos e Luca de três, Giangio, Giangiacomo, o filho de Nicoletta, também tem três. Primos gêmeos, você costumava dizer. E você foi... é... será ainda um avô maravilhoso. E foi também um bom pai."

"E... sou um bom marido?"

Paola ergueu os olhos para o céu: "Ainda estamos aqui, não? Digamos que em trinta anos de vida há altos e baixos. Você sempre foi considerado bonito..."

"Esta manhã, ontem, faz dez anos, vi uma cara horrenda no espelho."

"Com tudo o que lhe aconteceu, é o mínimo. Mas você foi, ainda é um homem bonito, tem um sorriso irresistível e algumas não resistiram. Nem você, que dizia sempre que se pode resistir a tudo menos às tentações."

"Peço desculpas."

"Veja só, como os que lançavam mísseis inteligentes sobre Bagdá e depois se desculpavam quando morriam alguns civis."

"Mísseis em Bagdá? Não está nas MU e urna noites."

"Houve uma guerra, a Guerra do Golfo, agora já acabou, ou não, talvez. O Iraque invadiu o Kuwait, os estados ocidentais intervieram. Não lembra de nada?"

"O médico disse que a memória episódica — que parece que entrou em tilt — é ligada às emoções. Talvez os mísseis sobre Bagdá tenham sido uma coisa que me emocionou."

"E como! Você sempre foi um pacifista convicto e essa guerra o deixou em crise. Quase duzentos anos atrás, Maine de Biran distinguia três tipos de memória, idéias, sensações e hábitos. Você lembra de idéias e hábitos, mas não de sensações, que no entanto são as coisas mais suas."

"Como é que sabe de todas essas coisas?"

"Sou psicóloga de profissão. Mas espere um momento: você acabou de dizer que a sua memória episódica deu tilt. Por que usou essa expressão?"

"É assim que se diz."

"Sim, mas é uma coisa que acontece no fliperama e você é... era louco por flíper, como uma criança."

"Sei o que é um fliperama. Mas não sei quem sou eu, entende? A névoa cobre o vale Padano. A propósito, onde estamos?"

"No vale Padano. Vivemos em Milão. Nos meses de inverno, da nossa casa se vê a névoa no parque. Você vive em Milão, é um livreiro e tem um antiquário de livros."

"A maldição do faraó. Se sou Bodoni e me batizaram Giambattista só podia acabar assim."

"Acabou da forma certa. Você é muito bem considerado em seu trabalho, não somos milionários mas vivemos bem. Vou ajudá-lo, pouco a pouco você vai conseguir se recuperar. Deus meu, quando eu penso, poderia nem ter acordado; os médicos foram ótimos, pegaram você a tempo. Meu amor, posso lhe dar as boas-vindas? Parece que é a primeira vez que você me vê. Pois bem, se eu o estivesse encontrando agora, pela primeira vez, casaria da mesma maneira. Está bem?"

"Você é um amor. Preciso de você. É a única que pode me contar dos meus últimos trinta anos."

"Trinta e cinco. Nos conhecemos na universidade, em Turim, você estava para se formar e eu era a caloura perdida nos corredores do Palácio Campana.

Perguntei onde era uma certa sala, você logo ficou de olho e seduziu a colegial

indefesa. Depois, entre uma coisa e outra, eu era jovem demais e você passou três anos no exterior. Em seguida fomos morar juntos dizendo que era uma experiência, mas no final fiquei grávida e nos casamos, afinal você era um

cavaleiro. Não, desculpe, também porque nos amávamos, de verdade, e você gostava da idéia de ser pai. Coragem, papai, vou fazê-lo lembrar de tudo, vai ver."

"A não ser que seja tudo um complô, que eu me chame Felicino Grimaldelli e seja arrombador, que você e Gratarolo estejam me contando um

monte de mentiras, sei lá, talvez porque sejam do serviço secreto e precisem construir uma nova identidade para me mandar espionar além do Muro de Berlim, Ipcress Files, e..."

"Não existe mais Muro de Berlim, foi posto abaixo e o império soviético está indo pelo ralo..."

"Jesus, você vira a cabeça um momentinho e olha o que aprontam. Está bem, eu estava brincando, confio em você. O que são os stracchini de Broglio?"

"O quê? O stracchino é um queijo pastoso, mas esse é o nome que dão no Piemonte, aqui em Milão se chama crescenza. O que há com os stracchini?"

"Foi quando eu estava apertando o tubo de pasta de dente. Espere. Havia um pintor chamado Broglio, que não conseguia se manter com seus quadros mas não queria trabalhar argumentando que tinha uma neurose. Parece que era uma desculpa para ser sustentado pela irmã. Finalmente os amigos lhe arranjaram um emprego numa empresa que fazia ou vendia queijos. Ele passava diante de uma grande pilha de stracchini, todos embrulhadinhos em papel-manteiga, e não resistia à tentação, por causa da neurose (dizia ele): pegava um por um e chacoalhava fazendo o stracchino espirrar fora do embrulho. Depois de ter estragado uma centena de stracchini, foi despedido.

Tudo por culpa da neurose, dizia que para ele sgnaché i strachèn* era um gozo irresistível. Por Deus, Paola, essa é uma lembrança de infância! Eu não perdi a memória de minhas experiências passadas?"

Paola pôs-se a rir. "Agora me lembro, desculpe. Claro, era uma história que aprendeu quando era pequeno. Mas que contava sempre, era como se diz uma peça do seu repertório, você divertia seus comensais com a história dos stracchini do pintor e eles a passavam adiante. No entanto infelizmente você não está recordando uma experiência sua, simplesmente sabe uma história que recitou muitas vezes e que para você virou (como dizer?) um bem público, como a história de Chapeuzinho Vermelho."

"Você está se tornando indispensável para mim. Estou contente de que seja minha mulher. Agradeço-lhe por existir, Paola."

"Deus meu, um mês atrás você diria que isso é uma expressão kitsch de telenovela..."

"Desculpe. Não consigo dizer nada que me venha do coração. Não tenho sentimentos, só ditos memoráveis." "Pobre querido."

"Bem, essa também é uma frase feita." Cretino.

Essa Paola gosta mesmo de mim.

* No dialeto milanês, esmagar os stracchini. (N. da 77)

Passei uma noite tranqüila, sabe-se lá o que Gratarolo me pôs na veia.

Despertei aos poucos, e acho que ainda estava de olhos fechados porque ouvi a voz de Paola que sussurrava, temendo me acordar: "Mas não poderia ser uma amnésia psicogênica?"

"Não se pode excluir", respondia Gratarolo, "na origem desses incidentes sempre pode haver tensões impondetáveis. Mas a senhora viu as fichas clínicas, as lesões existem."

Abri os olhos e disse bom-dia. Havia também duas mulheres e três crianças, nunca vistas antes, mas podia imaginar quem eram. Foi terrível, porque com a esposa, paciência, mas as filhas, Deus meu, são sangue do seu sangue e os netos mais ainda, e os olhos daquelas duas brilhavam de felicidade, as crianças queriam subir na cama, pegavam minha mão e me diziam oi, vovô, e eu nada. Não era nem névoa; era, como direi, apatia. Ou se diz ataraxia? Era como olhar animais no zoológico, podiam ser macaquinhos ou girafas. Claro que eu sorria e dizia palavras gentis, mas por dentro estava vazio. Ocorreu-me a palavra *sgurato*, mas não sabia o que queria dizer.

Perguntei a Paola: é um termo *piemontês* que designa aquela panela que você lava bem e depois esfrega por dentro com aquela espécie de palha de aço para deixá-la como nova, brilhante e limpa como nunca. Pois eu me sentia completamente *sgurato*. Gratarolo, Paola, as meninas estavam me enfiando na cabeça mil detalhes da minha vida, mas era como se fossem caroços de feijão, mexendo a panela eles deslizavam lá por dentro mas continuavam crus, não se diluíam em nenhum caldo, em nenhum creme, nada que fizesse o gosto palpitar, nada que eu quisesse experimentar de novo. Aprendia coisas acontecidas comigo como se tivessem acontecido com outra pessoa.

Acariciava as crianças e sentia seu cheiro sem conseguir defini-lo, exceto que era muito suave. Vinha-me à mente que há perfumes frescos como carnes de bebê. E de fato minha cabeça não estava vazia, nela volteavam memórias não minhas, a marquesa saiu às cinco no meio do caminho desta vida, Ernesto Sábato e a donzelinha vêm dos campos, Abraão gerou Isaque Isaque gerou Jacó Jacó gerou Judas e Rocco e seus irmãos, o campanário bate a meia-noite santa e foi então que vi o pêndulo, no ramo do lago de Como dormem dois pássaros de longas asas, *messieurs les anglais* je mesuis couché de bonne heure, aqui ou se faz a Itália ou se mata um homem morto, tu quo-que álea, soldado que escapa pára és belo, irmãos italianos ainda um esforço, o arado que traça o sulco é bom para outra volta, a Itália está batida mas não se rende, combateremos à sombra ed e súbito sera, três mulheres em torno ao coração e sem vento, a inconsciente azagaia bárbara à qual estendas a pequenina mão, não pedir a palavra enlouquecida de luz, dos Alpes às Pirâmides fez a guerra e usou o elmo, frescas as minhas palavras na

tarde para aqueles quatro poemetos das dúzias, sempre libera sobre asas douradas, adeus montes nascidos das águas, mas meu nome é Lúcia, ou Valentino Valentino tordilho, Guido eu gostaria que no céu descolorissem,

conheci o tremular as armas os amores, de la musique oü marchent des colombes, fresca e clara é a noite e o capitão, ilumino-me pio boi, embora o falar seja inútil, eu os vi em Pontida, em setembro iremos onde florescem os limões, aqui começa a aventura do Peleio Aquiles, tomo banho de lua diga-me o que fazes, no princípio a terra estava como imóvel, Licht mehr Licht über alies, condessa o que é então a vida? três corujas no guarda-pó. Nomes, nomes, nomes, Angelo DairOca Bianca, Lord Brummell, Píndaro, Flaubert, Disraeli, Remigio Zena, Jurássico, Fattori, Straparola e as noites agradáveis, a

Pompadour, Smith & Wesson, Rosa Luxemburgo, Zeno Cosini, Palma o Velho, Arqueoptérix, Ciceruacchio, Mateus Marcos Lucas João, Pinóquio, Justine, Maria Goretti, Taide puta das unhas merdosas, Osteoporose, Saint Honoré, Baeta Ecbatana Persépolis Susa Arbela, Alexandre e o nó górdio.

A enciclopédia me caía em cima em folhas destacadas, e me vinha de abanar as mãos como se estivesse no meio de um enxame de abelhas.

Entretanto as crianças diziam vovô, sabia que deveria amá-las mais que a mim mesmo e não sabia quem chamar de Giangio, quem de Alessandro e quem de Luca. Sabia tudo de Alexandre, o grande, e nada de Alessandro, o meu pequenino.

Disse que me sentia fraco e precisava dormir. Saíram, eu chorava. As lágrimas são salgadas. Onde, eu ainda tinha sentimentos. Sim, mas fresquinhos da hora. Aqueles de antes já não eram mais meus. Quem sabe, perguntava-me, se alguma vez fui religioso: certamente, de qualquer jeito, perdera a alma.

Na manhã seguinte, Paola também estava, Gratarolo me fez sentar numa mesinha e mostrou uma série de quadradinhos coloridos, muitíssimos.

Estendia-me um e perguntava de que cor era. Dim, dim dim, sapatinho rosa, dim, dim, dim, de que cor que é? Cor so-nequim, cor de carmim, salta fora ó garibaldim! Reconheci com segurança as seis primeiras cores, vermelho, amarelo, verde e assim por diante. Disse naturalmente que A noir, E blanc, I rouge, U vert, O bleu, voyelles, je ditais quelque jour vos naissances latentes, mas percebi que o poeta, ou quem falava em seu nome, mentia. O que quer dizer que A é preto? Aliás, era como descobrir as cores pela primeira vez: o vermelho era muito alegre, vermelho fogo, mas também muito forte - não, talvez o

amarelo fosse mais forte, como uma luz que se acendesse de repente diante de meus olhos. E o verde me dava uma sensação de paz. O problema chegou com os outros quadradinhos. O que é isso? Verde, dizia eu, mas Gratarolo insistia, que tipo de verde, em que sentido

é diferente desse outro? Hum. Paola me explicava que um era verde-malva e outro verde-ervilha. A malva é uma erva, respondia eu, e as ervilhas verduras que se comem, redondas dentto de uma vagem longa e inchada, mas nunca vira nem malva nem ervilhas. Não se preocupe, dizia Gratarolo, em inglês há mais de trinta mil termos para cores, mas em geral as pessoas sabem nomear no máximo oito, em média teconhecemos as cores do arco-íris, vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, índigo e roxo, mas já entre o índigo e o roxo as

pessoas não sabem distinguir bem. É preciso muita experiência para saber discriminar e nomear as cores, e um pintor sabe fazer isso melhor que, sei lá, um taxista, que só precisa reconhecer as cores de um sinal de trânsito.

Gratarolo me deu papel e caneta. Escreva, disse. "E que diabos devo escrever?", escrevi, e parecia que nunca fizera outra coisa, a caneta era macia e

deslizava bem sobre o papel. "Escreva o que lhe vier à mente", disse Gratarolo.

Mente? Escrevi: amor que na mente raciocina, o amor que move o sol e outras estrelas, antes só que mal acompanhado, muitas vezes o mal de viver encontrei, ai vida ai vida minha ai coração desse coração, no coração não se manda, De Amicis, dos amigos Deus me guarde, oh Deus do céu se eu fosse uma andorinha, se eu fosse fogo queimaria o mundo, viver ardendo e não sentir o mal, mal não fazer medo não ter, o medo faz noventa oitenta setenta mil oitocentos e sessenta, a expedição dos Mil, mil e não mais mil, as maravilhas do ano dois mil, é do poeta o fim a maravilha.

"Escreva alguma coisa de sua vida", disse Paola. "O que fazia aos vinte anos?" Escrevi: "Tinha vinte anos. Não permitirei que ninguém diga que essa é a mais bela idade da vida." O doutor me perguntou qual a primeira coisa que me veio à mente quando acordei. Escrevi: "Quando Gregor Samsa despertou certa

manhã encontrou-se em seu leito transformado num imenso inseto."

"Acho que já chega, doutor", disse Paola. "Não o deixe seguir demais com essas cadeias associativas, senão acaba ficando doido."

"Sim, e agora lhes pareço bem por acaso?"

Quase num repente Gratarolo ordenou: "E agora assine, sem pensar, como se fosse um cheque."

Sem pensar, tracei um "GBBodoni", com o esvoaçar final e depois um pontinho redondo sobre o i.

"Viu? Sua cabeça não sabe quem é, mas sua mão sim. Era previsível.

Vamos fazer uma outra prova. O senhor me falou de Napoleão. Como era?"

"Não consigo evocar a sua imagem. Basta a palavra."

Gratarolo perguntou a Paola se eu sabia desenhar. Parece que, sem ser um artista, eu me viro bastante bem rabiscando. Pediu-me que desenhasse Napoleão. Fiz algo do gênero.

"Nada mal", comentou Gratarolo, "desenhou o seu esquema mental de Napoleão, o tricorne, a mão no colete. Agora vou mostrar uma série de imagens. Primeira série, obras de arte."

Reagi bem: a Gioconda, a Olímpia de Manet, isso é um Picasso ou alguém que o imita bem.

"Viu como conseguiu reconhecê-los? Agora vamos para os personagens

contemporâneos."

Segunda série de fotografias, e aqui também, salvo alguns rostos que não me diziam nada, respondi de modo satisfatório: Greta Garbo, Einstein, Totó, Kennedy, Moravia, etc, e qual era a profissão deles. Gratarolo me perguntou o que tinham em comum. Serem famosos? Não, não basta, tem outra coisa. Eu hesitava.

"É que todos já morreram", disse Gratarolo.

"Como, até Kennedy e Moravia?"

"Moravia morreu no final do ano passado, Kennedy foi assassinado em Dallas, em 1963." "Coitados, sinto muito."

"Não se lembrar de Moravia é quase normal, morreu faz pouco, vê-se que não teve tempo para consolidar o acontecimento em sua memória semântica.

Mas não entendo Kennedy, que é uma história velha, de enciclopédia."

"Ele ficou muito tocado com o caso Kennedy", disse Paola. "Talvez tenha se misturado com suas memórias pessoais."

Gratarolo veio com outras fotografias. Numa havia duas pessoas, e a primeira era eu, com certeza, penteado e vestido como cristão, com o sorriso irresistível que Paola mencionara. Na outra também havia uma cara simpática, mas não sabia quem era.

"E Gianni Laivelli, seu melhor amigo", disse Paola. "Companheiros de escola desde o primário até o liceu."

"Quem são esses?", perguntou Gratarolo mostrando outra imagem. Era uma foto velha, ela com um penteado anos trinta, uma roupa branca pudicamente decotada, o nariz batatinha, mas bem miudinho, e ele com um repartido perfeito, talvez um pouco de brilhantina, um nariz pronunciado, um sorriso muito aberto. Não os reconheci (artistas? Não, pouco glamour e pouca encenação, re-cêmcasados talvez), mas senti como um aperto na boca do estômago e - não sei como dizer - um gentil delíquio.

Paola se deu conta: "Yambo, são seu pai e sua mãe no dia de seu casamento."

"Ainda estão vivos?", petguntei.

"Não, morreram já faz tempo. Em um acidente de carro."

"O senhor perturbou-se quando viu a foto", disse Gratarolo. "Certas imagens despertam alguma coisa aí dentro. Trata-se de um caminho."

"Mas que caminho, se não consigo nem repescar meu pai e minha mãe desse buraco negro do diabo", gritei. "Vocês disseram que aqueles dois eram minha mãe e meu pai, agora já sei, mas é uma recordação que vocês me deram. De agora em diante vou lembrar dessa foto, deles não."

"Quem sabe quantas vezes, nesses últimos trinta anos, o senhor também se lembrou deles porque continuava a olhar essa foto. Não pense na memória como um armazém onde deposita as recordações e depois vai pescá-las exatamente como se fixaram na última vez", disse Gratarolo. "Não quero ser técnico demais, mas a lembrança é a construção de um novo perfil de excitação neuronal. Digamos que em um certo lugar tenha lhe acontecido uma experiência desagradável. Mais tarde, quando o senhor se lembrar desse lugar, reativa aquele padrão anterior de excitação neuronal, com um perfil de excitação semelhante mas não igual àquele que foi estimulado originalmente.

Portanto ao recordar sentirá uma sensação desagradável. Em suma, recordar é reconstruir, com base também no que soubemos ou dissemos tempos depois.

É normal, é assim que lembramos. Estou lhe dizendo isso para encorajá-lo a reativar perfis de excitação, não se meter toda vez a escavar como um possessor para encontrar alguma coisa que já esteja lá, fresca como o senhor pensa tê-la guardado da primeira vez. A imagem de seus pais nessa foto é aquela que nós lhe mostramos e que vemos. O senhor precisa partir dessa imagem para recompor algo mais, e só isso será a sua lembrança. Recordar é um trabalho, não um luxo."

"As lúgubres e duradouras lembranças", recitei, "esse resto de morte que deixamos viver..?"

"Recordar é bom também", disse Gratarolo. "Alguém disse que a recordação age como uma lente convergente numa câmara escura: concentra tudo e a imagem que resulta é muito mais bela que o original."

"Tenho vontade de fumar", disse eu.

"Sinal de que o seu organismo está retomando um andamento normal.

Mas se não fumar é melhor. E quando voltar para casa, álcool com moderação, não mais de um copo à refeição. O senhor tem problemas de pressão. Do contrário não poderei deixá-lo sair amanhã."

"Vai deixá-lo sair?", perguntou Paola ligeiramente assustada.

"É o momento de acertar as contas, senhora. Do ponto de vista físico seu marido mostra bastante autonomia. Não é que vai cair das escadas porque deixei que voltasse. Mantendo-o aqui acabaremos por esgotá-lo com uma montanha de testes, sempte experiências artificiais, que agora já sabemos que resultado terão. Creio que vai lhe fazer bem voltar ao seu ambiente. As vezes ajuda mais sentir de novo o sabor de um alimento familiar, um cheiro, que sei eu? Sobre essas coisas a literatura nos ensinou mais que a neurologia..."

Não é que quisesse me fazer de sabichão, mas afinal, se só me restava aquela

maldita memória semântica, que pelo menos a usasse: "A madeleine de Proust", disse. "O sabor da infusão de tília e do bolinho o faz estremecer, sente uma alegria violenta. E reaflore a imagem dos domingos em Combray com a tia Léonie... Parece que há uma memória involuntária dos membros, as pernas e os braços estão cheios de recordações entorpecidas... E quem era aquele outro? Nada obriga as lembranças a se manifestarem como os cheiros e a chamar

"Sabe do que estou falando. Até os cientistas às vezes acreditam mais nos escritores que em suas máquinas. A senhora é quase do ramo, não é neurologista mas é psicóloga. Posso lhe dar alguns poucos livros, descrições de

alguns casos célebres, e logo entenderá quais são os problemas de seu marido.

Creio que estar junto da senhora e de suas filhas e voltar ao trabalho vai ajudá-lo mais do que ficar aqui. É suficiente que ele venha me ver uma vez por semana para acompanharmos sua evolução. Volte para casa, senhor Bodoni. Olhe ao redor, toque, cheire, leia os jornais, veja televisão, vá em busca de imagens."

"Tentarei, mas não lembro de imagens, nem de cheiros nem de sabores. Só palavras."

"Quem disse? Faça um diário com suas reações. Trabalharemos com ele."

Comecei a escrever um diário.

No dia seguinte fiz as malas. Desci com Paola. Pelo visto, o hospital tinha ar condicionado, pois logo entendi, e só então, o que é o calor do sol. A tepidez de um sol primaveril, ainda verde. E a luz: tive que apertar os olhos.

Não se pode fixar o sol: Soleil, soleil, faute éclatante...

Ao chegar ao carro (nunca dantes visto) Paola me disse para experimentar.

"Entre, engrene, depois ligue. Sempre engrenado, acelere." Como se nunca

tivesse feito outra coisa, soube instantaneamente onde colocar mãos e pés.

Paola sentou-se a meu lado dizendo que eu engatasse a primeira, tirasse o pé do pedal e apertasse de leve o acelerador, o bastante para me mover um metro ou dois e depois frear e desligar. Assim, se eu errasse, no máximo acabava em cima de uma moita do jardim. Mas foi tudo bem. Estava orgulhoso. Como desafio andei um metro em marcha a ré. Depois desci, passei a direção para Paola e partimos.

"O que está achando do mundo?", perguntou-me Paola.

"Sei lá. Dizem que os gatos, quando caem da janela e batem o nariz, não sentem mais os cheiros e, como vivem do olfato, não conseguem mais reconhecer as coisas. Eu sou um gato que bateu com o nariz. Vejo coisas, entendo com certeza do que se trata, lá embaixo as lojas, aqui uma bicicleta que passa, lá as árvores, mas não... não os sinto em meu corpo, é como se tentasse enfiar o paletó de um outro."

"Um gato que tenta enfiar um paletó com o nariz. Você ainda está com as metáforas desreguladas. Preciso contar a Gratarolo, mas vai passar."

O carro prosseguia, eu olhava ao redor, descobria cores e formas de uma cidade desconhecida.

2.0 CICIO QUE FAZ A FOLHA..

"Aonde vamos agora, Paola?"

"Para casa, nossa casa." "E depois?"

"E depois entramos, e você se põe à vontade." "E depois?"

"E depois toma uma bela chuva, e faz a barba, e se veste de-centemente,

e depois comemos, e depois... o que gostaria de fazer?"

"É justamente isso que não sei. Lembro de tudo que aconteceu depois de acordar, sei tudo sobre Júlio César, mas não consigo pensar no que vai me acontecer depois. Até hoje de manhã não me preocupava com o depois, no

máximo com o antes que não conseguia lembrar. Mas agora que estamos indo para... para alguma coisa, vejo névoa também na minha frente, não só atrás.

Não, não é uma névoa diante de mim, é como se estivesse com as pernas bam-bas e não pudesse caminhar. É como pular."

"Pular?"

"Sim, para pular é preciso dar um salto para a frente, mas para fazer isso é preciso tomar distância, e portanto dar uns passos para trás. Se não vai para trás não vai para a frente. Aí está, tenho a impressão de que para dizer o que farei preciso ter muitas idéias sobre o que fazia antes. É para mudar algo que havia antes que nos dispomos a fazer alguma coisa. Se você diz que devo fazer a barba, eu sei por quê, passo a mão no queixo, sinto que está cheio de pêlos e

preciso tirá-los. O mesmo se me diz que preciso comer, lembro que a última vez que comi foi ontem à noite, uma sopinha, presunto e pêra cozida. Mas uma coisa é decidir fazer a barba ou comer, outra é dizer o que vou fazer depois, a longo prazo, quero dizer. Não entendo o que quer dizer a longo prazo, pois me falta alguma coisa a longo prazo que existia antes. Deu para entender?"

"Está dizendo que não vive mais no tempo. Nós somos o tempo em que vivemos. Você gostava muito das páginas de Santo Agostinho sobre o tempo.

Sempre disse que ele foi o homem mais inteligente entre quantos já viveram.

Ele nos ensina muita coisa a nós psicólogos de hoje. Vivemos nos três momentos, da espera, da atenção e da memória, e um não existe sem o outro.

Você não consegue se projetar para o futuro porque perdeu o seu passado. E saber o que Júlio César fez não ajuda a saber o que você deve fazer."

Paola viu que eu contraía os maxilares. Mudou de assunto: "Está reconhecendo Milão?"

"Nunca dantes vista." Mas quando chegamos a um largo, eu disse: "Castelo Sforzesco. E depois tem o Duomo e o Cenáculo e a Pinacoteca de Brera."

"E em Veneza?"

"Em Veneza tem o Grande Canal e a ponte de Rialto e São Marcos e as gôndolas. Sei tudo o que está nos guias. Talvez nunca tenha ido a Veneza e em Milão vivo há trinta anos, mas para mim Milão é como Veneza. Ou como Viena: Kunsthistorisches Museum, o terceiro homem, Harry Lime na rota do Prater dizendo que os suíços inventaram o relógio cuco. Mentia: o relógio cuco é bávaro."

Entramos em casa. Um belo apartamento, com varandas para o parque.

Realmente vi uma extensão de árvores. A natureza é bela como dizem.

Móveis antigos, evidentemente sou uma pessoa abastada. Não sei como me mover, onde é a sala de estar, onde a cozinha. Paola me apresenta a Anita, a petuana que nos ajuda em casa, a pobrezinha não sabe se deve fazer uma festa

ou cumprimentar-me como uma visita, corre de um lado para o outro, mostra a porta do

banheiro, continua a dizer: "Pobrecito el señor Yambo, ay Jesusmaria, olhe as toalhas limpas, senhor Yambo."

Depois da agitação da partida do hospital, do primeiro contato com o sol, do trajeto, sentia-me suado. Quis cheirar minhas axilas: o cheiro do meu suor não me incomodou, não creio que fosse muito forte, fazia com que me sentisse um animal vivo. Três dias antes de voltar a Paris, Napoleão mandava um recado a Josefina dizendo-lhe que não se lavasse. Será que eu me lavava antes de fazer amor? Não ousarei perguntar a Paola e quem sabe, talvez com ela sim e com outras não — ou vice-versa. Tomei uma bela chuva de água, ensaboei o rosto e barbeei-me lentamente, havia uma loção pós-barba de aroma leve e fresco,

penteei-me. Já tenho um ar mais civilizado. Paola levou-me até o guarda-roupa: evidentemente me agradam as calças de veludo, paletós um pouco ásperos, gravatas de lã de cores pálidas (malva, ervilha, esmeralda? os nomes eu sei, mas ainda não sei aplicá-los), camisas de xadrez. Parece que também tenho um terno escuro para casamentos e funerais. "Você está bonito como antes", disse Paola, quando escolhi uma roupa informal.

Passei por um longo corredor coberto de prateleiras cheias de livros.

Olhava as lombadas, reconhecendo a maioria. Quero dizer, reconhecia títulos, Os noivos, Orlando fitrioso, O apanhador no campo de centeio. Pela primeira vez tinha a impressão de estar num iugat onde me sentia à vontade.

Retirei um volume, mas antes mesmo de olhar a capa, segurei-o pela lombada com a direita e com o polegar esquerdo fiz escorrerem as páginas rapidamente para trás. Gostava do barulho, repeti várias vezes e perguntei a Paola se não devia ver um jogador de futebol chutando a bola. Paola riu, parece que havia uns livrinhos assim que circulavam na nossa infância, uma espécie de cinema de pobre, o jogador mudava de posição a cada página, e folheando-as rapidamente ele se movia. Certifiquei-me de que todos o sabiam: queria deixar claro, não era uma lembrança, apenas uma noção.

O livro era O pai Goriot de Balzac. Sem abri-lo, disse: "Pai Goriot sacrificava-se pelas filhas, uma delas se chamava Delfina, acho eu, entram em cena Vautrin, alias, Collin, e o ambicioso Rastignac, Paris é nossa. Eu lia muito?"

"Você é um leitor incansável. Com uma memória de elefante. Sabe um monte de poesias de cor." Escrevia?

"Nada seu. Sou um gênio estéril, costumava dizer, nesse mundo ou se lê ou se escreve, os escritores escrevem por desprezo pelos colegas, para ter, de vez em quando, alguma coisa de bom para ler."

"Tenho tantos livros. Desculpe, temos."

"Aqui são cinco mil. E tem sempre o idiota de plantão que entra e diz quantos livros o senhor tem, já leu todos?" "E o que respondo?"

"Em geral: nenhum, de outra maneira por que os conservaria aqui? O senhor por acaso guarda latas de carne depois de esvaziá-las? Os cinqüenta mil que li, doeí a prisões e hospitais. E o idiota vacila."

"Estou vendo muitos livros estrangeiros. Acho que conheço algumas línguas." Os versos me vieram sem esforço: "Le brouillard indolent de l'automne est épars... Unreal City, I under the brown fog of a winter dawn, ! a crowd flowed over London Bridge, so many, 11 had not thought death had undone so many... Spätherbstnebel, kalte Träume, I überfloren Berg und Tal, ! Sturm entblättert schon die Bäume, I und sie schaun gespenstig kahl.. Pero el doctor no sabia", concluí, "que hoy es siempre todavia..."

"Curioso, em quatro poesias, três falam da névoa."

"Sabe, sinto-me numa névoa. Só que não consigo vê-la. Sei como os outros a viram: Se ilumina numa curva um esmero sol, um tufo de mimosas na brancura da névoa."

"Você era fascinado pela névoa. Dizia que nasceu dentro dela. E há anos quando topava com uma descrição da névoa num livro anotava na margem.

Depois, pouco a pouco ia fotocopiando as páginas no estúdio. Acho que vai encontrar lá o seu dossiê névoa. E depois é só esperar, ela vai voltar. Embora não seja mais como antigamente, Milão tem luz demais, muitas vitrinas iluminadas mesmo à noite, a névoa se afasta deslizando pelas paredes."

11A fulva neblina que roça na vidraça suas espáduas, a fumaça amarela que nã vidraça seu focinho esfrega, e cuja língua resvala nas esquinas do crepúsculo, pousou sobre as poças aninhadas na sarjeta, deixou cair sobre seu dorso a

fuligem das chaminés, enrodilhou-se ao redor da casa e adormeceu?

"Essa até eu sabia. Você lamentava que as névoas da sua infância não existem mais."

"Minha infância. Tem algum lugar onde guardo os livros de quando era criança?"

"Não aqui. Devem estar em Solara, na casa de campo."

Conheci então a história da casa de Solara, e de minha família. Nasci lá, por engano, durante as férias de Natal de 1931. Como o Menino Jesus. Avós maternos mortos antes que eu nascesse, avó paterna desaparecida quando eu tinha cinco anos. Sobrou o pai de meu pai, e éramos a única coisa que lhe restava. Meu avô era um estranho personagem. Na cidade onde nasci ele tinha uma loja, quase um armazém de livros velhos. Não eram livros antigos e de valor, como os meus, mas apenas livros usados e muita coisa do século XIX.

Além disso, adorava viajar, e ia freqüentemente ao exterior. Naquela época viajar para o exterior significava ir a Lugano, no máximo, no máximo, a Paris ou Munique. E lá recolhia coisas nas bancas, não somente livros mas também cartazes de cinema, figurinhas, cartões, velhas revistas. Naquela época não existiam todos esses colecionadores de nostalgias, como hoje, dizia Paola, mas ele tinha alguns clientes aficionados, ou talvez colecionasse para seu próprio prazer. Não ganhava muito, mas se divertia. E depois dos anos vinte, recebeu a casa de Solara como herança de um tio-avô. Uma casa imensa, precisa ver, Yambo, só os sótãos já parecem as grutas de Postúmia. E com muita terra ao redor, cultivada a meias, e assim seu avô obtinha o suficiente para viver sem se preocupar em vender grandes quantidades de livros.

Parece que passei ali todos os verões da minha infância, e as férias de Natal e Páscoa, e muitos outros feriados, e dois anos inteiros, entre quarenta e três e

quarenta e cinco, quando começaram nas cidades os bombardeios. As coisas de meu avô, meus livros escolares e meus brinquedos ainda deviam estar lá.

"Não sei onde, porque era como se você não quisesse mais vê-los. Suas relações com aquela casa sempre foram estranhas. Seu avô morreu de desgosto quando seus pais morreram naquele acidente de carro, mais ou menos quando você estava no liceu..."

"O que faziam meu pai e minha mãe?"

"Seu pai trabalhava numa empresa de importação, no final já era diretor."

Sua mãe era dona de casa, como faziam as senhoras de bem. Seu pai conseguira finalmente comprar um carro, uma Lancia até, mas aconteceu o que aconteceu. Você nunca foi muito explícito sobre essa história. Estava para entrar na universidade, e você e sua irmã Ada perderam de uma hora para outra toda a família que tinham."

"Tenho uma irmã?"

"Mais nova. Ficou na casa do irmão e da cunhada de sua mãe, tios que ficaram como tutores legais de vocês dois. Ada porém casou-se bem cedo, com dezoito anos, com um homem que a levou para viver na Austrália. Vocês se vêem pouco, ela vem à Itália muito de vez em quando. Os tios venderam a casa de vocês na cidade, e quase toda a terra de Solara. Com o dinheiro puderam sustentar seus estudos, mas você logo se tornou independente ao

ganhar uma bolsa para a universidade, e foi viver em Turim. A partir daí é como se tivesse esquecido Solara. Eu mesma o obriguei, depois que Carla e Nicoletta nasceram, a ir para lá no verão, tem ar puro para as meninas, mas suei sangue para reformar a ala em que ficávamos. E você ia de má vontade. As meninas adoravam, foi a infância delas, até hoje passam ali todo o tempo que podem, com as crianças. Você só voltava por causa delas, ficava dois ou três dias, mas não punha os pés naqueles que chamava de santuários, o seu quarto de antigamente, o dos avós e dos seus pais, os sótãos... Por outro lado, com todos os quartos que tem, daria para três famílias viverem sem nunca se encontrarem. Você fazia uns passeios pelas colinas mas depois

tinha sempre alguma coisa urgente que o obrigava a voltar a Milão. É

compreensível, a morte de seus pais como que dividiu sua vida em duas partes, antes e depois, e talvez a casa de Solara evocasse um mundo desaparecido para sempre, e você fez um corte. Sempre tentei respeitar sua dificuldade, embora algumas vezes o ciúme tenha me levado a pensar que era uma desculpa, que voltava a Milão sozinho para outras histórias. Mas vamos adiante."

"O sorriso irresistível. Mas por que foi se casar logo com o homem que ri?"

"Porque ria bem, e me fazia rir. Quando era pequena falava sempre de um colega de escola, e era Luigino pra cá, Luigino pra lá, todo dia voltava para casa contando o que Luigino aprontava. E minha mãe, percebendo que havia romance no ar, um dia perguntou por que gostava tanto de Luigino. E eu respondi: porque me faz rir."

As experiências recuperam-se rapidamente. Experimentei o sabor de alguns alimentos — os do hospital tinham todos o mesmo gosto. A mostarda na carne cozida é muito picante, mas a carne é filamentosa e se enfia entre os dentes. Conhecer (reconhecer?) a ação do palito de dentes. Poder remexer os lobos frontais, tirar as escórias. Paola me fez provar dois vinhos e eu disse que

o segundo era incomparavelmente melhor. Claro, disse ela, o primeiro é um vinho de mesa, serve no máximo para um assado, o segundo é um Brunello.

Bem, disse eu, minha cabeça pode estar desse jeito, mas o paladar funciona.

Passei a tarde a testar as coisas, a experimentar a pressão da mão sobre um cálice de conhaque, a ver como sai o café da cafeteira, a roçar com a língua duas qualidades de mel e três tipos de geléia (prefiro damasco), a amarrotar as

cortinas da sala de estar, a espremer um limão, a mergulhar as mãos em um

saquinho de semolina. Depois Paola me levou para um passeio rápido no

parque, acaricie a cortiça das árvores, senti o cicio que faz a folha (da amora?) nas mãos de quem a colha. Passando por um florista no largo Cairoli, Paola mandou fazer um ramalhete que parecia um arlequim, que o florista dizia que não se deve fazer, e em casa tentei distinguir o perfume de flores e ervas diversas. E viu que tudo era muito bom, disse aliviado. Paola perguntou se me sentia um Deus, respondi que citava só por citât, mas que certamente me sentia um Adão a descobrir seu jardim do Éden. Mas um Adão que aprende rápido, parece, e de fato vi sobre uma mesa algumas garrafinhas e caixas de detergente e logo entendi que não devia provar da árvore do bem e do mal.

Depois do jantar sentei-me na sala de estar. Tem uma cadeira de balanço e instintivamente deixei-me cair sobre ela. "Fazia sempre isso", disse Paola, "e tomava aí o seu whisky noturno. Creio que Gratarolo permitiria." Trouxe uma garrafa, Laphroaig, e serviu uma boa dose, sem gelo. Girei o líquido pela boca antes de engolir. "Delicioso, só que sabe um pouco a pettóleo." Paola era uma aficionada. "Sabe que depois da guerra, e só então, no começo dos anos cinqüenta, começamos a beber whisky, ai meu Deus, talvez antes os hierarcas fascistas já bebessem, em Riccione, mas as pessoas normais não. E nós começamos a beber whisky, por volta dos vinte anos, de vez em quando, porque custava caro, mas era como um rito de passagem. E nossos velhos nos olhavam perguntando como é que conseguíamos beber aquela coisa com gosto de petróleo."

"Bem, os sabores não me evocam nenhuma Combray."

"Depende dos sabores. Continue a viver e vai acabar descobrindo o sabor certo."

Em uma mesinha havia um maço de Gitanes, papier maïs. Acendi, aspirei gulosamente, tossi. Dei ainda algumas tragadas e apaguei.

Fiquei me balançando lentamente, até que comecei a ficar com sono.

Despertaram-me as badaladas de um pêndulo, e quase derramei o whisky. O

pêndulo estava dentro de mim, mas antes que pudesse identificá-las as badaladas acabaram e eu disse: "São nove horas." E depois, a Paola: "Sabe o que aconteceu? Estava dormindo, e o pêndulo me acordou. Nem ouvi distintamente as primeiras badaladas, quero dizer, não as contei. Mas assim que decidi contá-las me dei conta de que já tinham passado três, e pude contar quatro, cinco *etc.* Entendi que pude dizer quatro, e esperâ-la a quinta porque antes houve uma, duas, três, e eu de alguma forma sabia disso. Se a quarta badalada fosse a primeira de que tivesse consciência, pensaria que eram seis horas. Acho que a vida é assim também, só quando o passado nos vem à mente é que podemos antecipar o que virá. Não posso contar as badaladas de minha

vida porque não sei quantas houve anteriormenre. Por outro lado, adormeci porque fazia um tempo que a cadeira balançava. E adormeci num certo momento, porque houve momentos precedentes e porque eu me deixei levar esperando o momento seguinte. Mas não fossem os primeiros momentos me colocarem na disposição certa, se eu tivesse começado a balançar em um momento qualquer, não teria esperado o que viria. E teria ficado acordado.

Até para dormir é preciso recordar. Ou não?"

"E o efeito bola de neve. A avalanche vai em direção ao vale, mas desce cada vez mais rápido porque vai aumentando pouco a pouco e carrega atrás de si o peso daquilo que havia antes. Do contrário não haveria avalanche, seria sempre uma pequena bola de neve que não desce nunca."

"Ontem à noite... no hospital, estava entediado e comecei a cantar uma musiquinha. Saiu sozinha, como escovar os dentes... Tentei entender por que sabia aquela música. Recomecei a cantar, mas querendo, a canção não saía mais e parei numa nota. Mantive-a longamente, pelo menos cinco segundos, como se fosse uma sirene ou uma ladainha. Pois bem, depois disso não conseguia ir adiante, e não conseguia porque tinha perdido o que vinha antes.

Aí está, eu sou assim. Parei numa nota longa, como um disco empenado, e como não consigo lembrar as notas iniciais não posso acabar a música. Fico me perguntando o que, afinal, tenho que acabar e por quê. Enquanto cantava sem pensar, era eu mesmo no durar de minha memória, que naquele caso era a memória... como dizer, da minha garganta, com os antes e os depois unidos, e eu era a canção completa, e toda vez que começava minhas cordas vocais se preparavam para fazer vibrar os sons que viriam. Acho que um pianista também

faz isso, toca uma nota e já prepara os dedos para as teclas que virão depois. Sem as primeiras notas não pode chegar às últimas, desafina, e só se consegue ir das primeiras às últimas se dentro de nós já existe de alguma forma a canção completa. Eu já não sei mais a canção completa. Sou... como madeira que queima. A madeira queima, mas não tem consciência de ter sido tronco intacto, não tem como saber o que foi e quando começou a pegar fogo.

E assim ela se consome e basta. Vivo em pura perda."

"Não vamos exagerar com a filosofia", sussurrou Paola.

"Não, vamos sim. Onde guardo as Confissões de Santo Agostinho?"

"Naquela prateleira estão as enciclopédias, a Bíblia, o Corão, Lao Tze e os livros de filosofia."

Localizei as Confissões e procurei no sumário as páginas sobre a memória. Devo tê-las lido porque estavam todas sublinhadas. Chego então aos campos e aos vastos palácios da memória, quando estou lá evoco todas as imagens que quero, algumas se apresentam de imediato, outras se fazem desejar mais longamente, sendo quase que arrancadas dos escaninhos mais

secretos... Todas essas coisas a memória acolhe em sua vasta caverna, em suas sinuosidades secretas e inefáveis, no enorme palácio da minha memória recebo o céu, a terra e o mar juntos, lá me encontro a mim mesmo... A faculdade da memória é grandiosa, ó meu Deus, sua infinita e profunda complexidade inspira um sentimento como de terror, e isso é o espírito, e isso sou eu mesmo... Nos campos e nos antros, nas cavernas incalculáveis da memória, incalculavelmente povoadas de espécies incalculáveis de coisas, por todos esses lugares transcorro, vôo ora cá ora lá, sem encontrar limites em parte alguma... "Viu, Paola", disse eu, "você me contou do meu avô, da casa de campo, todos vocês tentam me restituir informações, mas para recolhê-las assim, para povoar de verdade essas cavernas, eu teria que colocar todos os sessenta anos que vivi até agora. Não, não é assim que conseguirei. Tenho que penetrar sozinho na caverna. Como Tom Sawyer."

Não sei o que Paola respondeu, pois continuava balançando a cadeira e adormeci de novo.

Acho que por pouco tempo, pois ouvi tocarem a campainha e era Gianni Laivelli. Eu e meu colega dos bancos escolares éramos como os dois Dióscuros.

Abraçou-me como um irmão, estava comovido, já sabia como tratar-me. Não se preocupe, disse, sei mais da sua vida que você mesmo. Vou lhe contar tintim por tintim. Eu disse não, obrigado, mas nesse meio tempo Paola explicou-me a nossa história. Juntos do elementar ao liceu, depois eu fui estudar em Turim e ele, em Milão, economia e comércio. Mas ao que parece não nos perdemos de vista, eu vendo livros antigos, ele ajuda as pessoas a pagar impostos, ou a não pagá-los, deveríamos ter ido cada um para o seu lado mas, ao contrário, somos como uma família, seus dois netos com os meus, e Natal e Ano-Novo passamos sempre juntos.

Não obrigado, disse eu, mas Gianni não podia ficar calado. E como lembrava, parecia não entender que eu não lembrasse. Lembra, dizia, aquele dia em que levamos um rato para a sala de aula para assustar a professora de matemática, e de quando fomos fazer o passeio a Asti para ver o Alfieri e na volta soubemos que tinha caído o avião do Torino, e aquela vez que...

"Não, não me lembro, Gianni, mas você conta tão bem que é como se lembrasse. Quem era o melhor aluno dos dois?"

"Naturalmente você em italiano e filosofia e eu em matemática, é só ver como acabamos."

"É verdade, Paola, eu sou formado em quê?"

"Letras, com uma tese sobre Hypnerotomachia Poliphili. Ilegível, ao menos para mim. Depois foi se especializar em história do livro antigo na Alemanha. Dizia que com o nome que lhe impingiram não podia fazer outra coisa, e depois tinha o exemplo do seu avô, uma vida entre alfarrábios. Na volta organizou o

antiquário de livros, primeiro num quartinho e com o pouco capital que lhe sobrara. Mas depois as coisas andaram bem."

"Você vende livros que custam mais que um Porsche, sabia?", dizia Gianni.

"Belíssimos, tê-los nas mãos e saber que têm quinhentos anos e o papel ainda faz crac crac sob os dedos como se tivesse acabado de sair da prensa..."

"Calma, calma", dizia Paola, "vamos começar a falar de trabalho nos próximos dias. Por enquanto vamos deixá-lo ganhar intimidade com a casa.

Um whisky, com gosto de petróleo?"

"Petróleo? O quê?"

"É uma história entre mim e Yambo, Gianni. Estamos recomeçando a ter nossos segredinhos."

Quando acompanhei Gianni até a porta, ele me tomou pelo braço e sussurrou em tom cúmplice: "Mas então ainda não reviu a bela Sibilla..."

Que Sibilla?

Ontem vieram Carla e Nicoletta com a família inteita, inclusive os maridos. Simpáticos. Passei a tarde com os meninos. São carinhosos, estou começando a me afeiçoar. Mas é constrangedor, a certa altura me dei conta de que os beijocava, os apertava no colo, sentia o cheiro de limpo, de leite e de talco, e me perguntei o que estava eu fazendo com aquelas crianças desconhecidas. Serei um pedófilo? Mantive-os à distância, brincamos juntos, pediram que eu fizesse o urso, o que diabos faz um avô urso, depois me pus de quatro fazendo arwf roarr roarr e eles pularam em cima de mim. Calma, já tenho uma certa idade, me dói a coluna. Luca me fez pum pum com uma pistola de água e pensei que era prudente morrer, a pança para o ar. Corri o risco de entortar a coluna, mas foi um sucesso. Ainda estou fraco e quando me levantei a cabeça girava. Você não pode

fazer isso, disse Nicoletta, sabe que sua pressão

é ortostática. Depois corrigiu: "Desculpe, não sabe mais. Bem, agora já sabe de novo,"

Continuo a viver de enciclopédia. Falo como se estivesse apoiado à parede e nunca pudesse me virar. Minhas memórias têm a profundidade de poucas semanas. As dos outros estendem-se por séculos. Uma noite dessas provei um licor de nozes. E disse: "Característico odor de amêndoas amargas." No parque vi dois policiais a cavalo: " O egüinha egüinha tordilha." Raspei a

mão contra uma quina, e enquanto chupava um arranhãozinho de nada e tentava experimentar

o sabor do meu sangue, disse: "Muitas vezes o mai de viver encontrei."

Caiu um temporal e no final regoziquei-me: "Passada é a tempestade? De hábito, vou dormir cedo e comento: "Longtemps je me suis couché de bonne heure?"

Consigo me virar com os sinais de trânsito, mas outro dia atravessei a rua num trecho que parecia tranqüilo e Paola mal teve tempo de segurar-me pelo braço para evitar um carro. "Mas calculei a distância", disse eu, "ia conseguir."

"Não, não ia, ele estava correndo."

"Ora, não sou nenhum bobo", reagi. "Sei muito bem que os automóveis atropelam os pedestres e até as galinhas, e para evitá-lo devem frear e sai uma

fumaça negra e depois é preciso descer para dar partida no carro outra vez, com a manivela. Dois homens de guar-da-pó com grandes óculos escuros, e eu com as orelhas que chegavam ao céu." De onde tirei tais imagens?

Paola me olhou. "Ouça, você sabe a que velocidade máxima pode chegar um automóvel?"

"Bem", disse eu, "até oitenta por hora..." Pois parece que agora são bem mais velozes. É evidente que conservo apenas as noções do tempo em que tirei a carteira.

Espanto-me porque, atravessando o largo Cairolí, topo a cada dois passos com um preto tentando me vender um isqueiro. Paola me levou para dar uma volta de bicicleta no parque (ando de bicicleta sem problemas) e espantei-me por ver tantos pretos ao redor de um laguinho, tocando tambor. "Mas onde estamos? Em Nova York? Desde quando tem tanto preto em Milão?"

"Há algum tempo", respondeu Paola. "Não se diz mais preto, se diz negro."

"Que diferença faz? Vendem isqueiros e vêm para cá tocar tambor porque não devem ter um tostão para ir ao bar, ou talvez não os queiram por lá, estou achando que os negros são tão discriminados quanto os pretos."

"Bem, agora é assim que se fala. Você também falava assim."

Paola notou que quando tento falar inglês cometo erros, o que não acontece quando falo alemão ou francês. "Parece óbvio", disse ela, "o francês foi absorvido em criança e ficou na sua língua como a bicicleta nas pernas, o alemão você estudou nos livros quando estava na universidade e dos livros

você sabe tudo. Já o inglês aprendeu depois, viajando, faz parte das suas experiências pessoais dos últimos trinta anos, e só colou na sua língua parcialmente."

Ainda me sinto fraco, consigo me concentrar numa coisa por meia hora, uma no máximo, depois tenho que deitar um pouco. Paola me leva todo dia à farmácia para tirar a pressão. É preciso cuidar também da dieta: pouco sal.

Comecei a ver televisão. É a coisa que menos me cansa. Vejo senhores

desconhecidos que são presidente do conselho e ministro do exterior, vejo o rei da Espanha (não era Franco?), ex-terroristas (terroristas?) arrependidos e mesmo não entendendo direito do que estão falando, aprendo um monte de coisa. De Moto eu me lembro, as convergências paralelas, mas quem o matou?

Ou caiu de avião em Ustica em cima do Banco da Agricultura? Alguns cantores enfiam argolas nos lóbulos das orelhas. E são homens. Gosto das histórias em capítulos sobre tragédias familiares no Texas, dos velhos filmes de

John Wayne. Os filmes de ação me incomodam, com metralhadoras que explodem uma sala com uma rajada, fazem saltar um automóvel, que também explode, um sujeito de camiseta que dá um soco e o outro que arrebenta a vidraça e mergulha a pique no mar, tudo junto, sala, catro, vidraça, em poucos segundos. Rápido demais, meus olhos dançam. E para que tanto barulho?

Outra noite Paola levou-me a um restaurante. "Não se preocupe, eles o conhecem, basta pedir o de sempre." Muita festa, como vai dr. Bodoni, faz um bom tempo que não o víamos, o que vamos querer de bom hoje. O de sempre.

O senhor sim, que entende das coisas, cantarolou o dono. Espaguete com vôngoles, peixe grelhado, Sauvignon, torta de maçã.

Paola teve que intervir para que eu não pedisse um bis do peixe grelhado.

"Mas por quê, se estou gostando?", perguntei. "Podemos pagar, acho, não custa uma fortuna." Paola olhou-me pensativa e depois, segurando minha mão, disse: "Escute, Yambo, você conservou todos os seus automatismos, sabe muito bem manejar garfo e faca e servir a bebida. Mas tem uma coisa que adquirimos com a experiência pessoal à medida que nos tornamos adultos. Uma criança quer comer tudo aquilo que lhe apetece, mesmo a custo de uma dor de barriga.

É a mãe que, pouco a pouco, vai lhe ensinando que precisa saber controlar seus impulsos, assim como faz com a vontade de fazer xixi. E assim a criança, que se

dependesse dela continuaria a fazer cocô nas fraldas e a comer tanta Nutella que acabaria num hospital, aprende a reconhecer o momento em que, mesmo que não se sinta farta, deve parar de comer. Tornando-nos adultos, aprendemos a parar, por exemplo, depois do segundo ou terceiro copo de vinho, porque lembramos daquela vez em que tomamos a garrafa inteira e depois não

conseguimos dormir. Portanto, você vai ter que aprender de novo a

estabelecer uma relação com a comida. Você raciocina bem e vai aprender em poucos dias. De qualquer jeito, chega de bis."

"Naturalmente, um calvados", concluiu o proprietário trazendo a torta.

Esperei pelo assentimento de Paola e respondi: "Calva sans dire." Pelo visto ele já conhecia o meu jogo de palavras, pois repetiu: "Calva sans dire." Paola perguntou o que o calvados me lembrava, respondi que era bom, mas nada além disso.

"No entanto, teve intoxicação de calvados naquela viagem à Normandia...

Paciência, deixe para lá. De qualquer forma, o de sempre é uma boa fórmula, tem um monte de lugares por aqui onde pode entrar e pedir o de sempre e assim fica mais à vontade."

"Bem, está claro que já sabe se virar com os sinais", disse Paola, "e aprendeu como andam rápido os carros. Pode tentar um passeio sozinho ao redor do castelo e depois no largo Cairolí. Tem uma sorveteria na esquina, você adora sorvete, eles vivem praticamente à sua custa. Experimente o de sempre."

Nem precisei pedir o de sempre, o sorveteiro logo encheu a casquinha com flocos, aqui está, doutor, como sempre. Se gostava de flocos, tinha toda razão,

é ótimo. É ótimo descobrir o sorvete de flocos aos sessenta anos, como é mesmo aquela piada do Gianni sobre Alzheimer? O bom é que todo dia se encontra um monte de gente nova...

Gente nova. MaJ acabei o sorvete, sem comer a casquinha até o fundo e jogando fora o último pedaço - por quê? Paola me explicou depois que era uma velha mania, desde pequeno minha mãe me ensinava que não se deve comer a ponta porque é por ali que o sorveteiro pega o sorvete com as mãos não muito limpas, coisas de um tempo em que se vendia sorvete na catrocinha — quando vi

uma mulher se aproximando. Elegante, cerca de quarenta anos, um rosto um pouco impertinente, me veio à cabeça a Dama com Arminho.

Sorriu-me já de longe e eu também preparei um belo sorriso, já que Paola diz que meu sorriso é irresistível.

Veio a meu encontro agarrando-me pelos dois braços: "Yambo, que surpresa!" Mas deve ter percebido alguma coisa no meu olhar, o sorriso não é suficiente. "Oh, Yambo, não está me reconhecendo. Envelheci tanto assim?"

Vanna, Vanna..."

"Vanna! Está cada dia mais bonita. E que acabei de sair do oculista e botaram aquela coisa para dilatar a pupila nos meus olhos, vou ficar com a

visão turva por mais algumas horas. E então, como vai, dama com arminho?"

Já devia ter lhe dito isso, pois tive a impressão de que seus olhos ficaram úmidos.

"Yambo, Yambo", sussutrou acariciando meu rosto. Sentia seu perfume.

"Yambo, nós nos perdemos. Eu sempre quis revê-lo para dizer que, mesmo tendo sido breve, talvez por culpa minha, será sempre uma doce recordação.

Foi... bonito."

"Muito", disse eu com algum sentimento e o ar de quem relembra o jardim das delícias. Interpretação sobeiba. Beijou-me o rosto, sussurrou que seu número permanecia o mesmo e se foi. Vanna. Evidentemente uma tentação à qual não conseguira resistir. Gli uo-mini, che mascazoni! Com De Sica.

Maldição, que gosto tem viver

uma história se depois não se pode, não digo contar para os amigos, mas saboreá-la de novo nas noites de tempestade, encolhido sob os cobertores?

Desde a primeira noite, sob os cobertores, Paola me fazia dormir acariciando minha cabeça. Gostava de senti-la perrinho. Era desejo?

Finalmente superei o pudor e perguntei se nós ainda fazíamos amor. "Com moderação, mais que tudo por hábito", disse ela. "Sente vontade?"

"Não sei, sabe que ainda tenho poucas vontades. Mas me pergunto se..."

"Não se pergunte. Tente dormir. Ainda está fraco. E depois, eu não gostaria por nada que fizesse amor com uma mulher que acabou de conhecer."

"Aventura no Orient Express."

"Que horror, não estamos num romance de Dekobra."

3.TALVEZ ALGUÉM TE DEFLORASSE

Sei me virar fora de casa, aprendi também a me comportar com quem me cumprimenta: mede-se o sorriso, os gestos de surpresa, a alegria ou a cortesia observando-se sorrisos, gestos e cortesias do outro. Experimentei com os condôminos, no elevador. O que demonstra que a vida social nada mais é que ficção, disse a Carla, que me dava os parabéns. Respondeu que essa história estava me deixando cínico. Evidente, se não começar a pensar que é tudo uma comédia, você dá um tiro na cabeça.

Bem, disse Paola, já é hora de ir ao escritório. Vá sozinho, assim pode falar

com Sibilla e ver o que lhe inspira o seu local de trabalho. Lembrei daquele sussurro de Gianni sobre a bela Sibilla.

"Quem é Sibilla?"

"Sua assistente, sua faz-tudo, eficientíssima, tocou os negócios nessas semanas. Telefonei-lhe hoje e estava muito orgulhosa por um certo negócio que acabara de fechar. Sibilla, não me pergunte o sobrenome porque ninguém consegue pronunciá-lo. Uma moça polonesa. Estava se especializando em biblioteconomia em Varsóvia quando o regime começou a complicar, antes da queda do Muro de Berlim. Mesmo assim conseguiu um visto para uma viagem de estudos a Roma: é bonita, até demais, e deve ter descoberto um meio de comover algum peixe grande. O fato é que uma vez aqui não voltou mais e foi procurar trabalho. Encontrou você ou você a encontrou e já se vão quase quatro anos que é sua assistente. Está lhe esperando hoje, sabe do que aconteceu e como se comportar."

Deu-me o endereço e o número do telefone do escritório, depois do largo Cairoli entrar pela rua Dante e antes da Loggia dei Mercanti - que é uma loja que se vê a olho nu - virar à esquerda e pronto, chegou. "Se tiver qualquer problema, entre num bar e ligue para ela, ou para mim, mandaremos um

destacamento de bombeiros, mas não penso que será necessário. Ah, lembre-se, você começou falando francês com Sibilla, quando ela ainda não falava italiano direito, e nunca mais pararam. Um jogo entre vocês dois,"

Tanta gente na rua Dante, é bom passar ao lado de uma série de estranhos sem ser obrigado a reconhecê-los, dá segurança, deixa perceber que também os outros, setenta por cento deles estão nas mesmas condições que você. No fundo poderia ser simplesmente alguém que acabou de chegar a essa cidade, que se sente meio sozinho mas está se ambientando. Exceto que eu acabei de chegar a esse planeta. Alguém me cumprimentou da porta de um bar, nenhuma exigência de agnição dramática, agitei a mão em sinal de saudação e deu tudo certo.

Encontrei a rua e o escritório como um escoteiro que vence a caça ao

tesouro: uma plaquinha sóbria embaixo, Studio Biblio, eu não devia ter muita imaginação, mas no fundo dá um ar sério e, afinal, como iria chamá-lo, À Bela Nápoles? Toquei, subi, no primeiro andar a porta já estava aberta e Sibilla na soleira.

"Bonjour, Monsieur Yambo... pardon, Monsieur Bodoni..." Como se fosse ela quem tivesse perdido a memória. Era realmente muito bonita. Cabelos louros lisos e longos que emolduravam o oval puríssimo do rosto. Nem um pingo de maquiagem, talvez alguma coisa nos olhos. O único adjetivo que me ocorreu foi dulcíssima (uso estereótipos, eu sei, mas é graças a eles que consigo me mover entre os outros). Vestia jeans e uma camiseta daquelas com uma inscrição, Smile ou coisa do gênero, que realçava, com pudor, dois seios adolescentes.

Estávamos ambos embaraçados. "Mademoiselle Sibilla?", perguntei.

"Oui", respondeu e em seguida, rapidamente, "ohui, houi. Entrez."

Como um delicado soluço. Emitia o primeiro oui de modo quase normal, logo depois o segundo como que inspirando, com um breve movimento da garganta e então o terceiro expirando de novo, com um imperceptível tom interrogativo. O todo fazia pensar num constrangimento infantil e ao mesmo tempo numa timidez sensual. Pôs-se de lado para deixar-me passar. Percebi um perfume educado.

Se tivesse que descrever um estúdio bibliográfico teria descrito alguma coisa de muito semelhante ao que via. Prateleiras de madeira escura

carregadas de volumes antigos e volumes antigos também na mesa quadrada, pesada. Uma mesinha com um computador num canto. Dois mapas coloridos dos lados da janela, de vidros opacos. Luz difusa, amplas luminárias verdes.

Do

outro lado de uma porta, um longo cômodo parecia um entreposto para empacotamento e expedição dos livros.

"Então você é Sibilla? Ou devo dizer Mademoiselle de tal, disseram que tem um sobrenome impronunciável..."

"Sibilla Jasnorszewska, sim, aqui na Itália é um problema. Mas o senhor sempre me chamou de Sibilla e basta." Pude vê-la sorrir pela primeira vez.

Disse que queria me ambientar, queria ver os livros mais valiosos. Aquela parede lá no fundo, disseme, e apressou-se a mostrar a prateleira certa.

Caminhava silenciosa tocando de leve o chão com o tênis. Mas talvez fosse o carpete que abafasse os passos. Sobre ti, virgem adolescente, paira como uma sombra sacra, quase que eu disse em voz alta. Mas em vez disso, disse: "Quem é Cardarelli?"

"O quê?", perguntou virando a cabeça e fazendo ondearem os cabelos.

"Nada", respondi. "Deixe-me ver."

Belos volumes de sabor vetusto. Nem todos tinham uma etiqueta na lombada indicando o que eram. Retirei um. Instintivamente abri para procurar o frontispício com o título e não encontrei. "Incunábulo, então.

Encadernação quinhentista em couro de porco com impressão a frio." Passava as mãos nas pastas experimentando um prazer tátil. "Capa ligeiramente desgastada." Folheei-o tocando as páginas com o dedo para ver se estalavam como Gianni dizia. Estalavam. "Arejado. Ah, leves manchas nas últimas folhas, traça na última página, mas não afeta o texto. Belo exemplar." Fui até o

colofão, sabendo que se chamava assim, e escandi; "Venetiis mense septembri... mil quatrocentos e noventa e sete. Mas seria..." Voltei à última página: Iamblichus de mysteriis Aegyptiorum... É a primeira edição do Jâmblico de Ficino, não?

"E a primeira... Monsieur Bodoni. Reconheceu?"

"Não, não reconheço nada, você precisa aprender isso, Sibilla.

Simplesmente sei que o primeiro Jâmblico traduzido por Ficino é de mil quatrocentos e noventa e sete."

"Peço desculpas, preciso me habituar. É que o senhor tinha tanto orgulho desse exemplar, realmente esplêndido. E disse que por ora não o queria vender, há pouquíssimos no mercado, vamos esperar que apareça em algum leilão ou catálogo americano, que eles são ótimos para fazer os preços fermentarem. Depois botamos o nosso exemplar em catálogo."

"Sou um mercador esperto, então."

"Eu dizia que era uma desculpa, que queria tê-lo um pouco consigo para olhá-lo de vez em quando. Mas como tinha resolvido sacrificar o Ortelius, posso lhe dar uma boa notícia."

"Ortelius... Qual?"

"A Plantin 1606, 166 ilustrações em cotes e o Párerгон, Encadernação de época. Estava tão contente por tê-lo desencavado comprando a bom preço toda a biblioteca do comendador Gambi. Tinha finalmente resolvido colocá-lo em catálogo. E enquanto o senhor... enquanto não estava bem consegui vendê-lo a um cliente, um novo, não me parecia um verdadeiro bibliófilo, antes um daqueles que compra como investimento porque alguém lhe disse que hoje em dia os preços dos livros aumentam rapidamente."

"Pena, exemplar desperdiçado. E... quanto?"

Parecia temerosa de dizer a cifra, pegou uma ficha e mostrou-me. "No

catálogo tínhamos posto Preço a Discutir e o senhor estava preparado para negociar. Eu disse logo o preço máximo e o sujeito nem pediu desconto, assinou o cheque e pronto. Em cima do laço, como se diz."

"Então esses são os níveis agora..." Não tinha mais noção dos preços correntes. "Parabéns, Sibilla, quanto custou para a gente?"

"Praticamente nada. Quer dizer, com o resto dos livros da biblioteca Gambi cobrimos pouco a pouco, tranqüilamente, o montante do que pagamos por tudo, a preço fixo. Providenciei o depósito do cheque no banco. E como no catálogo não tinha preço, creio que com a ajuda do dr. Laivelli, ficamos muito bem no plano fiscal."

"Então sou um daqueles que fraudam o fisco?"

"Não, Monsieur Bodoni, o senhor faz o que seus colegas fazem, em geral paga-se tudo mas em certas operações mais afortunadas dá-se, como se diz, um jeitinho. O senhor é um contribuinte noventa e cinco por cento honesto."

"De agora em diante serei apenas cinqüenta. Li em algum lugar que um cidadão deve pagar todos os seus impostos, até o último centavo." Pareceu-me humilhada. "Não se preocupe, de todo modo", disse paternalmente, "falo eu com o Laivelli." Paternalmente? Repliquei de forma quase brusca: "Agora deixe-me ver um pouco os outros livros." Ela retirou-se e foi se sentar no computador, silenciosa.

Olhava os livros, folheava-os: uma Comédia para Bernardino Benali 1491, um Liber Phisionomiae de Escoto, 1477, um Quadripartito de Ptolomeu, 1484, um Calendarium di Regiomontano de 1482 - mas para os próximos séculos eu também não estava mal, eis uma bela primeira edição do Novo teatro de Zonca e um Ramelli que é uma maravilha... Conhecia cada uma daquelas obras, como qualquer antiquário que conhece de cor os grandes catálogos, mas não sabia que possuía um exemplar.

Paternalmente? Tirava os livros e recolocava no lugar, mas na verdade pensava em Sibilla. Gianni fizera aquela insinuação, indubitavelmente maliciosa, Paola deixara para falar-me dela no último momento e usara algumas expressões quase sarcásticas, embora o tom fosse neutro, bonita até

demais, um jogo entre vocês dois, nada de particularmente áspero, mas me pareceu a ponto de dizer que era uma sonsa.

Posso ter tido uma história com Sibilla? A menina perdida que chega do Leste, curiosa de tudo, encontra um senhor maduro - mas quando ela chegou eu tinha quatro anos menos - sente sua autoridade, afinal é o patrão, sabe mais

sobre livros do que ela, ela aprende, bebe suas palavras, o admira, ele encontra

a aluna ideal, bonita, inteligente, com aquele oui oui oui soluçado e trêmulo, começam a trabalhar juntos, todos os dias e todo o dia, sozinhos naquele escritório, cúmplices em tantas pequenas e grandes trouvailles, um dia se roçam na porta, é um átimo e começa uma história. Mas como, na minha idade, você é uma menina, procure um rapaz de sua idade, por Deus, não me leve a sério, e ela, não, é a primeira vez que sinto uma coisa assim, Yambo.

Estava resumindo um filme que todo mundo conhece? Então continua como nos filmes, ou nos romances: Yambo, eu o amo, mas não posso continuar a olhar a sua mulher de frente, tão querida e gentil, você tem duas filhas, já é avô - muito obrigado por recordar que já cheiro a cadáver, não, não fale assim,

você é o homem mais... mais... mais que já conheci, os rapazes da minha idade me fazem rir, mas talvez o certo seja eu ir — espera, podemos continuar como bons amigos, basta que nos vejamos todos os dias - mas não entende que é justamente nos vendo todo dia que nunca conseguiremos ser só amigos — Sibilla, não fale assim, vamos pensar melhor. Um dia ela pára de vir ao escritório, eu telefono dizendo que vou me matar, ela diz não seja infantil, toutpasse, mas depois é ela quem retorna, não agüentou. E assim a coisa segue por quatro anos. Ou não segue?

Parece que conheço todos os clichês, mas não sei combiná-los de forma crível. Ou talvez essas histórias sejam terríveis e grandiosas justamente porque

todos os clichês se entrelaçam de modo inverossímil e ninguém mais pode desembaraçá-los. Mas quando se vive um clichê é como se fosse a primeira vez que acontece e não se sente pudor.

Seria uma história verossímil? Naqueles dias tinha a impressão de não ter mais desejos, mas assim que a vi aprendi o que é o desejo. Quero dizer, com alguém que via pela primeira vez. Imagine estar com ela, segui-la, vê-la deslizar ao redor como se caminhasse sobre a água. Naturalmente, estou falando por falar, eu jamais começaria, agora, no estado em que estou, uma história desse tipo, e depois eu seria o último dos canalhas com Paola. Para mim é como se ela fosse a Virgem Imaculada, nem com o pensamento. Muito bem. Mas e ela?

Poderia estar no auge da história, talvez quisesse chamar-me por tu ou pelo nome e basta, ainda bem que em francês se usa o vous até quando se vai para a cama, talvez quisesse pular no meu pescoço. Quem sabe quanto ela penou também durante aqueles dias, e eis que me vê chegar belo como sol, como vai Mademoiselle Sibilla, por favor deixe-me ver os livros, obrigado,

muita gentileza. E compreende que não poderá contar a verdade. Talvez seja melhor assim, é a deixa para ela encontrar um rapaz. E eu?

Que não estou nada bem está escrito nos prontuários clínicos. Mas o que estou ruminando? Com uma bela moça no escritório é óbvio que Paola faça o papel de mulher ciumenta, é só um jogo entre velhos consortes. E Gianni?

Gianni falou da bela Sibilla, talvez tenha sido ele a perder a cabeça, vem sempre ao escritório com a desculpa dos impostos e depois fica por ali fingindo-se encantado com as páginas crocantes. Foi ele quem ficou caidinho, não tenho nada com isso. E Gianni, numa idade que já cheira a cadáver ele também, que está tentando roubar, roubou a mulher da minha vida. Só rindo: a mulher da minha vida?

Pensei que conseguiria conviver com tanta gente que não reconheço, mas esse é o obstáculo mais difícil, pelo menos desde que meti na cabeça essas fantasias senis. O que me dói é que poderia lhe fazer mal. Olhe lá... Não, é natural que não se queira fazer mal à própria filha adotiva. Filha? Outro dia

sentia-me pedófilo e agora me descubro incestuoso?

E por fim, Deus meu, quem foi que disse que nós fizemos amor? Talvez tenha sido só um beijo, só uma vez, talvez uma atração platônica, um entendendo o que o outro sentia e vice-versa, mas nenhum dos dois nunca falou do assunto. Amantes da Távola Redonda, dormimos durante quatro anos com uma espada entre nós.

Oh, tenho também uma Stultifera navis, não me parece que seja primeira edição e depois não é um exemplar tão bonito. E esse De proprietatibus rerum de Bartolomeu Anglico? Todo rubricado de

cima a baixo, uma pena que a encadernação seja moderna, hábito antigo.

Falemos de negocios. "Sibilla, a Stultifera navis não é primeira edição, é?"

"Infelizmente não, senhor Bodoni, a nossa é a Olpe de mil quatrocentos e noventa e sete. A primeira também é Olpe, Basiléia, mas de 1494 e em alemão, Das Narren Shyff. A primeira edição latina, como a nossa, surge em noventa e sete, mas em março, a nossa, olhando-se o colofão, é de agosto e no meio há uma de abril e urna de junho. Mas não é tanto a data, é o exemplar: como o senhor pode ver, não é tão atraente. Não digo que seja um exemplar de ateliê gráfico, mas não é de se anunciar aos quatro ventos."

"Quanta coisa você sabe, Sibilla, o que faria sem você?"

"Foi o senhor quem me ensinou. Para deixar Varsóvia tive que me passar por uma grande javante, mas se não o encontrasse continuaria tão estúpida como quando cheguei."

Admiração, devoção. Está tentando me dizer alguma coisa? Murmuro: "Les amoureux fervents et les savants austères..." Previno-a. "Nada, nada, me ocorreu uma poesia. Sibilla, é melhor esclarecermos as coisas. Talvez com a

continuidade eu lhe pareça quase normal, mas não estou. Tudo o que me aconteceu antes, tudo, entende, tudo mesmo, é como se fosse uma lousa sobre a qual passaram uma esponja. Sou de uma imaculada negrura, se me perdoa a contradição. Precisa compreender-me, não desesperar e... ficar por perto."

Disse bem? Parecia perfeito e podia ser entendido nos dois sentidos.

"Não se preocupe, Monsieur Bodoni, entendi tudo. Estou aqui e não vou embora. Esperarei..."

Será que você é mesmo uma sonsa? Disse que vai esperar que eu fique bom, como é óbvio que todos farão, ou que espera que eu volte a lembrar daquilo? E se é assim, o que vai fazer nos próximos dias para me ajudar a lembrar? Ou queria com toda a alma que eu lembrasse, mas não fará nada porque não é uma sonsa, é uma mulher que ama e cala porque não quer me perturbar? Sofre, não deixa que percebam, pois é o ser maravilhoso que é, mas está dizendo a si mesma que essa é finalmente a ocasião certa para colocarmos a cabeça no lugar, você e eu? Sacrifica-se, não fará nada para que eu me lembre, não tentará quase tocar-me com a mão certa tarde para que eu saboreie a minha madeleine - você que, com o orgulho de todos os amantes sabe que talvez os outros não consigam me fazer ouvir o Abre-te Sésamo, mas você, só de querer poderia, bastaria roçar-me a face com seus cabelos enquanto se inclina para entregar-me uma ficha. Ou dizer de novo, quase por acaso, aquela frase banal que me disse da primeira vez, sobre a qual floreamos longamente por quatro anos, citando-a como uma fórmula mágica.

Aquela cujo significado só você e eu conhecíamos, isolados em nosso segredo?

Tipo: Et mon bureau? Mas isso é Rimbaud.

Vamos tentar pelo menos esclarecer uma coisa. "Sibilla, talvez esteja me chamando de Monsieur Bodoni porque é como se nos encontrássemos hoje pela primeira vez, mas ao contrário trabalhando juntos começamos a nos tratar por você, como acontece nesses casos. Como costumava me chamar?"

Corou, emitiu mais uma vez aquele modulado terno soluço: "Oui, oui, oui,

de fato, eu o chamava de Yambo. Você logo tentou me deixar à vontade."

Os olhos iluminados de felicidade, como se tivesse tirado um peso do coração. Porém tratar-se por você não quer dizer nada, até Gianni e a secretária — fomos outro dia a seu escritório, Paola e eu -tratam-se por você.

"E então!", disse eu com alegria. "Vamos recomeçar exatamente como antes. Você sabe, recomeçar tudo como antes pode me ajudar."

O que terá entendido? O que quer dizer para ela recomeçar como antes?

Em casa passei uma noite insone, e Paola me acariciava a cabeça.

Sentia-me um adúltero, e não fizera, nada. Por outro lado não me preocupava com Paola, mas comigo. O belo de ter amado, dizia comigo, está em recordar que amou. Tem gente que vive de uma única recordação. Eugênia Grandet, por exemplo. Mas pensar ter amado e não lembrar? Pior ainda, ter amado, talvez, não lembrar e sofrer a suspeita de não ter amado. Quem sabe, em minha vaidade não tenha levado em conta uma outra história, eu loucamente apaixonado que faço uma proposta e ela me coloca em meu lugar, com gentileza, doçura e firmeza. Depois fica porque eu sou um cavalheiro e desde aquele dia me comporto como se nada tivesse acontecido e ela, no fundo, sente-se bem no trabalho, talvez não possa se permitir perder um bom emprego, talvez tenha ficado lisonjeada com minha abordagem, nem se dá conta, mas sua vaidade feminina foi tocada, não confessa sequer a si mesma mas percebe ter um certo poder sobre mim. Uma allumeuse. Pior, essa sonsa me comeu um monte de dinheiro, me obrigou a fazer o que ela queria, é evidente que deixei tudo em suas mãos, inclusive os pagamentos e depósitos e talvez as retiradas no banco, cantei o quiquiriqui do professor Unrath, estou acabado, já não consigo escapat - talvez consiga com essa oportuna doença, há males que vêm pata o bem. Que miserável sou, como posso emporcalhar a tal ponto tudo o que toco, talvez ainda seja virgem e já estou fazendo dela uma puta. De todo modo, só a suspeita, renegada, piora as coisas: quem não lembra que amou também não sabe se aquele a quem amava era digno de seu amor.

Aquela Vanna encontrada duas manhãs antes, aquilo era claramente um caso,

um flerte, uma noite ou duas, depois talvez alguns dias de desilusão e acabou-se. Mas aqui estão em jogo quatro anos de minha vida. Yambo, estaria você se apaixonando, talvez nada antes, mas agora estaria correndo direto para a própria ruína? Só porque imagina ter sido condenado à danação um dia e quer reencontrar seu paraíso? E dizer que há loucos que bebem ou usam drogas para esquecer, ah, se eu pudesse esqueceria tudo, dizem. Só eu sei a verdade: esquecer é atroz. Existem drogas para recordar? Talvez Sibilla...

Lá vou eu de novo. Se te vejo passar a tanta imperial distância, com a cabeleira solta e toda a pessoa erguida, a vertigem consigo me arrebatava.

Na manhã seguinte, peguei um táxi e fui ao escritório de Gianni.

Perguntei-lhe abertamente o que sabia a respeito de Sibilla e eu. Pareceu cair das nuvens.

"Ora, Yambo, estamos todos um pouco caídos por Sibilla, eu, seus colegas, muitos de seus clientes. Tem gente que vai ao estúdio só para vê-la. Mas é uma

brincadeira, uma coisa de colegiais. Debochamos uns dos outros e muitas vezes de você: tenho a impressão de que há alguma coisa entre você e a bela Sibilla, dizíamos. E você ria, às vezes fazia uma cena, dando a entender coisas

do outro mundo, e às vezes dizia que parássemos, que poderia ser sua filha.

Jogos. Por isso perguntei aquela noite por Sibilla, pensei que já a tivesse revisto, queria saber sua impressão."

"Eu nunca lhe contei nada de mim e de Sibilla?"

"Por quê, houve alguma coisa?"

"Não se faça de espertinho, sabe que estou desmemoriado. Estou aqui perguntando se alguma vez lhe contei algo."

"Nada. E devo dizer que suas aventuras você me contava sempre, talvez para me dar inveja. A Cavassi, a Vanna, a americana na feira do livro de Londres, a holandêsinha bonita pela qual você foi três vezes a Amsterdã, a Silvana..."

"Nossa, quantas histórias tive?"

"Muitas. Demais para mim que sempre fui monogâmico. Mas de Sibilla, eu juro, nunca disse nada. O que andou enfiando na cabeça? Você a viu ontem, ela lhe sorriu e pensou que era impossível tê-la por perto e não ter nem um pensamentozinho. E humano, é claro que você não ia perguntar quem é essa mocréia... E depois, nenhum de nós conseguiu saber se Sibilla tem uma vida própria. Sempre serena, pronta a ajudar todo mundo como se fosse um favor particular: é possível ser sedutora justamente por não fazer muita gracinha. A esfinge de gelo." Gianni era sincero, provavelmente, mas isso não queria dizer nada. Se com Sibilla nascera a coisa mais importante de todas, a Coisa, é evidente que não contaria nada, nem a Gianni. Tinha que permanecer como um delicioso complô entre mim e Sibilla.

Ou não. A esfinge de gelo, fora do seu horário, tem sua vida, talvez já esteja com alguém, problema seu, ela é perfeita, não mistura trabalho com vida particular. Mordido de ciúmes de um rival desconhecido. Mas alguém há de te deflorar, boca de nascente, alguém que nem saberá, um pescador de esponjas terá essa pérola rara.

"Tenho uma viúva para você, Yambo", disseme Sibilla piscando o olho.

Está ganhando confiança, que bom. "Uma viúva como?", perguntei.

Explicou-me que os livreiros-antiquários da minha categoria têm algumas formas de conseguir livros. Tem o sujeito que aparece no estúdio perguntando se aquele livro vale alguma coisa, e esse valor vai depender do quanto você é honesto, mas é claro que se tenta obter algum ganho. Tem o colecionador em dificuldade, que conhece o valor do que oferece e no máximo se consegue tirar um pouquinho no preço. Um outro modo é comprar nos leilões internacionais e nesse caso só se faz um bom negócio quando se é o único a perceber o valor de

um livro, mas não é que os concorrentes sejam bobos.

Pottanto, a maigem é mínima e só se torna interessante se for possível colocá-lo no mercado com um preço muito alto. Além disso, compra-se dos colegas, porque alguém pode ter um livro que interessa pouco a seu tipo de cliente e faz um pteço mais baixo pata você que, ao contrário, conhece o apreciador fanático. Finalmente, tem o método do abutre. Descobrir as grandes famílias decadentes, com mansões antigas e biblioteca vetusta, esperar que morra o pai, o marido, o tio, e que os herdeiros não saibam como avaliar aquele monte de livros que nunca sequer abriram. Diz-se viúva por dizer, pode ser o sobrinho que quer botar a mão no mal-diro dinheiro rápido, mesmo perdendo, e melhor ainda se estiver metido com mulheres ou droga.

Então você vai ver os livros, passa dois ou três dias naquelas salas penumbrosas e decide sua estatégia.

Daquela vez era mesmo uma viúva, Sibilla recebera uma dica de alguém (são os meus segredinhos, dizia satisfeita e maliciosa) e parece que com as viúvas eu sei me virar. Pedi a Sibilla que me acompanhasse, pois sozinho corria o risco de não reconhecer o livro. Que linda casa, senhora, oh, sim, obrigada, talvez um conhaque. Depois, pronto, fuçar, bouquiner, browsing... Sibilla sussurrava para mim as regras do jogo. A norma é encontrar duzentos ou trezentos volumes que não valem nada, é fácil reconhecer as várias Pandectas e dissertações de teologia que vão acabar nas bancas da feira de SantAmbrogio, ou os duodécimos setecentistas com as Aventuras de Telêmaco e as viagens utópicas, todos com a mesma encadernação, que servem para os decoradores, que compram a metro. E

muita coisa do século XVI em formato pequeno, Cícero e retóricas a Herennius, de

pouco valor, que acabam nas banquinhas da praça Fontanella Bor-ghese em Roma, compradas pelo dobro do que valem por gente que depois se gaba de possuir edições quinhentistas. Porém, procura daqui, procura dali, eu também percebi, lá estava um Cícero, sim, mas em cursivo aldino e até uma Crônica de Nurembergue em perfeito estado, um Rolewinck, um Ars magna lucis et umbrae de Kircher, com suas esplêndidas ilustrações e apenas umas poucas páginas gastas, o que para o papel da época é raro, e mesmo um delicioso Ra-belais Chez

Jean Frédéric Bernard, 1741, três volumes in-quarto com vinhetas de Picart, esplêndida encadernação em marroquim vermelho, pastas entalhadas em ouro, nervuras e ornatos em ouro na lombada, contraguarda em seda verde com renda em ouro - que o finado encapara cuidadosamente com

papel azul para não estragar e à primeira vista eram irreconhecíveis. É

verdade

que não é a Crônica de Nurembergue, murmurava Sibilla, a encadernação é moderna, mas de conhecedor, assinada Rivière & Son. O Fossati compraria togo - digo depois quem é, coleciona encadernações.

No final tínhamos descoberto dez volumes que, bem vendidos, poderiam render por baixo pelo menos 100 milhões, a Crônica sozinha daria, no mínimo, no mínimo, cinquenta. Quem sabe por que estavam lá, o finado era tabelião e a biblioteca era um status symbol, mas devia ser sovina e só comprava quando não tinha que gastar muito. Os bons livros deve tê-los adquirido por acaso quarenta anos atrás, quando só faltavam dá-los como brinde. Sibilla me disse o que fazer nesses casos, chamei a senhora e foi como se eu tivesse feito aquilo a vida inteira. Disse que realmente havia muita coisa,

mas tudo de pouco valor. Esparramei na mesa os livros mais infelizes, páginas amareladas, manchas de umidade, acabamentos frouxos, o marroquim das pastas como se tivesse sido lixado, furos que formavam quase uma renda, olhe este, doutor, dizia Sibilla, tão acabado que não volta ao normal nem com uma prensa e eu citei a feira de Sant'Ambrogio. "Nem sei se consigo colocar todos eles, e a senhora certamente entende que se ficarem em casa as despesas de armazenagem irão às estrelas. Ofereço cinquenta milhões pelo lote inteiro."

S2

"Como pode chamá-la de lote?!" Ah, não, cinquenta milhões pela esplêndida biblioteca, seu marido levou uma vida inteira para reunila, seria uma ofensa à sua memória. Passagem para a segunda fase estratégica: "Veja bem, senhora, temos interesse no máximo nesses dez volumes. Quero deixá-la satisfeita e ofereço então trinta milhões por estes dez." A senhora calcula, cinquenta milhões por uma imensa biblioteca é uma ofensa à santa memótia do falecido, trinta por dez livros apenas é um bom negócio, para o resto há de encontrar um outro livreiro menos impertinente e mais magnânimo. Negócio fechado.

Voltamos ao estúdio felizes como duas crianças que tivessem acabado de aprontar uma travessura. "Não é desonesto?"

"Mas não, Yambo, é o que todos fazem." Ela também cita, como eu. "Na mão dos seus colegas ela conseguiria menos ainda. E depois você viu os móveis e os quadros e a pratata? É gente cheia de dinheiro que nem se interessa por livros. Trabalhamos para pessoas que realmente amam os livros."

O que faria sem Sibilla. Dura e suave, astuta como uma raposa. E recomecei a fantasiar, entrando de novo na maldita espiral dos dias anteriores.

Mas por sorte a visita à viúva me deixara esgotado. Voltei logo para casa.

Paola observou que há alguns dias eu parecia ainda mais perdido que antes, estava me cansando demais. Melhot it ao estúdio dia sim, dia não.

Eu me esforçava para pensar em outra coisa: "Sibilla, minha mulher disse que eu estava reunindo textos sobre a névoa. Onde estão?"

"Eram fotocópias horrorosas, pouco a pouco transferei tudo para o computador. Não agradeça, foi muito divertido. Espere, vou buscar a ficha."

Sabia que existiam computadores (como sabia que existem aviões), mas naturalmente era a primeira vez que tocava um deles. Foi como a bicicleta, coloquei as mãos e meus dedos lembraram sozinhos.

Reunira pelo menos cinquenta páginas de citações sobre a névoa. Devia ser muito importante para mim. Aqui está Flatland de Abbott: um país com duas dimensões apenas, onde vivem só figuras planas, triângulos, quadrados e polígonos. Como reconhecer um ao outro se não se vêem do alto e percebem somente linhas? Graças à neblina. "Onde quer que haja uma boa dose de Neblina, os objetos que estão a uma distância, digamos, de um metro, são sensivelmente menos nítidos que aqueles que estão a noventa e cinco centímetros; por conseguinte, com a experiência de uma atenta e constante

observação da maior ou menor nitidez, conseguimos inferir com grande precisão a configuração do objeto observado." Felizes esses triângulos que vagam pela bruma e vêm alguma coisa, eis um hexágono, eis um paralelogramo. Bidimensionais, porém mais afortunados que eu.

Sentia que podia antecipar de cor a maior parte das citações.

"Como pode", perguntei depois a Paola, "se esqueci tudo aquilo que me diz respeito? A coletânea foi feita por mim, como um investimento pessoal."

"Não é que você lembra", respondeu, "porque as reuniu, você as reuniu porque lembrava. Fazem parte da enciclopédia, como as outras poesias que recitou para mim no primeiro dia aqui em casa."

Seja como for, podia reconhecê-las à primeira vista. A começar por Dante:

E tal como no vale, levantando a névoa,
ao nosso olhar se configura, pouco a
pouco, o que o véu ia ocultando —
assim, seguindo pela senda obscura...

D'Annunzio tem belas páginas sobre a névoa no Noturno: "Alguém que caminha a meu lado sem rumor, como se tivesse os pés nus... A névoa entra na boca, ocupa os pulmões. Perto de Canalazzo flutua e se acumula. O

desconhecido torna-se mais cinza, mais leve; se faz sombra... Sob a casa onde fica o antiquário, desaparece de

improviso." É isso, o antiquário é como um buraco negro: o que cai lá dentro não volta mais.

Tem Dickens, o clássico início de Bleak Home: "Névoa por todo lado.

Névoa sobe o rio, que flui entre ilhotas e prados verdes; névoa desce o rio, que

escorre inquinado entre as filas de barcos e a imundície que chega à margem de uma grande (e suja) cidade..." Encontro Emily Dickinson: "Lei us go in; the fog is rising."

"Não conhecia Pascoli", dizia Sibilla. "Olha que bonito..." Agora estava realmente perto de mim para ver a tela do computador, poderia realmente roçar-me a face com os cabelos. Mas não o fez. Abandonado o francês, pronunciava o italiano com uma mole cadência eslava:

Imóveis em meio à

ligeira caligem as
árvores: longos lamentos
de vaporeira...

As coisas distantes ocultas, tu,
névoa implacável e alva tu,
fumo que ainda germinas à
alba...

Deteve-se na terceira citação: "A névoa... goteja?" Goteja.

"Ah." Parecia excitada com a nova palavra aprendida.

A névoa goteja, sopra uma brisa
enche de estridulas folhas o fosso;
e leve no ar sépia se atira o
pintarroxo; sob a névoa vibra a
cana sonora um tremor ligeiro;
sobre a névoa distante plana o
sineiro...

Boa névoa em Pirandello, e dizer que era siciliano: "A neblina se enfeitava...
Ao redor de cada lampião bocejava uma auréola." Ainda melhor a

Milão de Savinio: "A névoa é cômoda. Transforma a cidade numa enorme
bomboneira, e seus habitantes em outros tantos confeitos... Passam na névoa
mulheres e moças encapuzadas. Uma leve fumaça bafeja ao redor das narinas e
da boca entreaberta... Encontrar-se num salão que os espelhos prolongam...

Abraçar-se cheirando ainda a névoa, enquanto a névoa lá fora pesa sobre a

janela, embaçando-a discreta, silenciosa, protetora..."

As névoas milanesas de Vittorio Sereni:

Os portões escancarados no vazio sobre a tarde de névoa
ninguém que saia ou desça senão

uma rajada de smog a voz do ambulante

—paradoxal — o Tempo de Milão o álibi

e o benefício da névoa coisas ocultas

caminham cobertas movem-se para mim

divergem de mim passado como história passado
como memória: os vinte os treze os trinta e três
anos como cifras transviarias...

Recolhi de tudo. E eis King Lear ("que seja envolta na névoa que o sol levanta dos pântanos!"). E Campana? "Da brecha dos bastiões rubros corroídos, na neblina abrem-se silenciosamente as longas estradas. O vapor maldoso da neblina imiscui-se entre os palácios velando o cimo das torres, as longas estradas silenciosas desertas como depois do saque."

Sibilla encantava-se com Flaubert: "Uma dia esbranquiçado passava pela janela sem cortinas, entreviam-se as copas das árvores, e mais além a pradaria meio afogada na névoa que fumava ao luar." Ou com Baudelaire: "Ora um mar de neblina banhava os edifícios, e os agonizantes no fundo dos hospitais."

Pronunciava palavras dos outros, mas para mim era como se brotassem de uma fonte. Talvez alguém te deflorasse, boca de nascente...

Ela estava ali, a névoa não. Outros a tinham visto e dissolvido em sons.

Talvez uma dia eu pudesse penetrar de verdade a névoa, se Sibilla me conduzisse pela mão.

Já fiz alguns exames com Gratarolo, mas em geral ele aprovou o que Paola tem feito. Estimou que agora já estou quase autônomo, assim eliminam-se as primeiras frustrações.

Passei muitas noites com Gianni, Paola e as meninas jogando palavras cruzadas, dizem que era meu jogo predileto. Encontro as palavras com facilidade, sobretudo as mais abstrusas como acróstico (li-gando-me a acro) ou zeugma. Incorporando um i e um u bailarinos na abertura de duas

palavras verticais, partindo da primeira casa vermelha da primeira linha horizontal consegui a segunda, realizando enfiteuse. Vinte e um pontos multiplicados por nove, mais cinquenta de prêmio por ter usado todas as minhas sete letras, duzentos e trinta e nove pontos em um só golpe. Gianni enfureceu-se, ainda bem que você está desmemoriado, gritava. Fazia isso para me dar confiança.

Não estou apenas desmemoriado, mas talvez viva agora de memórias fictícias. Gratarolo mencionara a possibilidade de que, em casos como o meu, a pessoa inventasse retalhos de passado que nunca viveu realmente, só para ter a impressão de recordar. Terei pego Sibilla como pretexto?

De todo modo, precisava sair daquilo. Ficar no estúdio transformara-se num tormento. Disse a Paola: "Trabalhar cansa. Vejo só e sempre o mesmo pedaço de Milão, Talvez uma viagem me fizesse bem, o estúdio caminha sozinho e Sibilla já está preparando o novo catálogo. Poderíamos ir, sei lá, a Paris."

"Paris ainda é muito cansativo para você, viagem e tudo o mais. Deixe-me pensar."

"Certo, Paris, não, a Moscou, a Moscou.."

"A Moscou?"

"E, Tchecov. Você sabe que as citações são meu único farol na neblina."

4. SOZINHO SIGO PELA CIDADE

Mostraram-me inúmeras fotos de família, que obviamente não me disseram nada. Além delas, havia apenas as do tempo em que conheci Paola.

As da infância, se existem, devem estar em algum lugar em Solara.

Falei no telefone com minha irmã, em Sidney. Quando soube que eu estava mal, quis vir imediatamente, mas acabara de passar por uma operação bastante delicada e os médicos proibiram-lhe uma viagem tão cansativa.

Ada tentou evocar alguma coisa, depois desistiu e pôs-se a chorar. Pedi que, quando viesse, me trouxesse um ornitorrinco para colocar na sala de estar, sabe-

se lá por quê. Segundo o que está ao alcance de meus conhecimentos, deveria ter sido um canguru, mas evidentemente sei que cangurus em casa fazem muita sujeira.

Freqüentava o estúdio somente algumas horas por dia. Sibilla está preparando o catálogo e, naturalmente, se move muito bem entre as bibliografias. Dou uma olhada rápida, digo que está tudo ótimo e que tenho uma consulta marcada com o médico. Ela me olha sair com apreensão. Sabe que estou doente, não é normal? Ou pensa que estou querendo fugir? Não posso simplesmente dizer "não quero usar você como pretexto para refazer uma memória fictícia, meu pobre querido amor"?

Perguntei a Paola quais eram as minhas posições políticas: "Não gostaria de descobrir que sou, sei lá, nazista."

"Você é aquilo que se chama de um democrático", respondeu Paola, "mais por instinto do que por ideologia. Eu sempre disse que a política o entediava — e você, para polemizar, me chamava de la pasionaria. Era como se tivesse se refugiado nos livros antigos por medo do mundo, ou desprezo. Não, estou sendo injusta, não era desprezo, porque você se inflamava com os grandes problemas morais. Assinava apelos pacifistas e pela não-violência, se indignava com o racismo. Até se inscreveu em uma liga contra a vivisseccão."

"Animal, imagino."

"Claro. A vivisseccão humana se chama guerra."

"E sempre... fui assim, mesmo antes de encontrar você?"

"Na infância e na adolescência você resvalava. É bem verdade que nunca consegui entendê-lo nessas coisas. Sempre foi um misto de piedade e cinismo.

Se havia uma condenação à morte em algum lugar, assinava contra, mandava

dinheiro para uma comunidade antidroga, mas se lhe diziam que dez mil crianças foram mortas, digamos, em uma guerra tribal na África, dava de ombros, como quem dissesse que o mundo não deu certo e não há nada que se possa fazer. Sempre foi um homem jovial, apreciava as belas mulheres, os

bons vinhos, a boa música, mas me dava a impressão de que era como que uma crosta externa, um modo de se esconder. Quando se soltava, dizia que a história é um enigma sangrento e o mundo um erro."

"Nada poderá tirar-me da mente que este mundo é fruto de um deus tenebroso cuja sombra eu prolongo? "Quem disse isso?" "Não sei mais."

"Deve ser alguma coisa que tocou você. Mas você sempre se desdobrou quando alguém precisava de alguma coisa, quando houve a enchente em Florença, inscreveu-se como voluntário para tirar da lama os livros da Biblioteca Nacional. É isso: era piedoso com as coisas pequenas e cínico com as grandes."

"Parece justo. Cada um faz o que pode. O resto é culpa de Deus, como dizia Gragnola." "Quem é Gragnola?"

"Isso eu também não sei mais. Nota-se que antigamente eu sabia."

O que eu sabia antigamente?

Certa manhã acordei-me, fui tomar um café (descafeinado) e dei de cantar *Roma non far la stupida stasera*. Por que essa música me veio à cabeça?

Bom sinal, disse Paola, está recomeçando. Parece que toda manhã, tomando café, cantarolava alguma canção. Nenhuma razão para que me ocorresse aquela e não uma outra. As várias indagações (o que sonhou esta noite, do que lhe falaram ontem à noite, o que leu antes de dormir) nunca produziram uma explicação confiável. Talvez, sei lá, o modo de enfiar as meias, a cor da camisa,

uma latinha entrevista com o rabo do olho tenham despertado uma memória sonora.

"Só que", notou Paola, "você sempre cantava canções dos anos cinqüenta, no máximo regredia às dos primeiros festivais de San Remo, Vola colomba bianca ou Papaveri e papere. Nunca antes, nenhuma canção dos anos quarenta, ou trinta, ou vinte." Paola mencionou Sozinha sigo pela cidade, a grande canção do pós-guerra. Ela também, que naquela época era uma menina, lembrava porque tocava sempre no rádio. Claro, tinha a impressão de conhecê-la, mas não reagiu com interesse, era como se me cantassem Casta Diva e, aliás, parece que nunca fui muito fanático por ópera. Não se compa-rava com Eleonor Rigby, para citar uma, ou Que será, será, whatever will be, will be ou Sou uma mulher, não uma santa. Quanto às velhas, Paola atribuía meu desinteresse ao que ela chamava de remoção da infância.

Ela notata também, no curso dos anos, que eu era um bom conhecedor de música clássica e de jazz, ia de bom grado aos concertos, ouvia discos, mas nunca tinha vontade de ligar o rádio. No máximo ouvia como fundo musical, se outra pessoa ligasse. Evidentemente o rádio era como a casa de campo,

coisa de outros tempos. Mas na manhã seguinte, acordando e fazendo o café, cantei:

Sozinha caminho pela cidade

entre a multidão que não sabe

que não pode ver minha dor

em busca de ti, sonhando, que mais não tenho...

Tento em vão te esquecer

o primeiro amor não se esquece

um só nome, só um, se leva escrito no peito

te conheci e agora sei que és o amor,

o único amor, o grande amor.

A melodia saía sozinha. E fiquei com os olhos cheios d'água. "Mas por que justamente essa?", perguntou Paola. "Assim. Talvez porque se chamava Em busca de ti. De quem, não sei."

"Atravessou a barreira dos anos quarenta", refletiu Paola, curiosa.

"Não é isso", respondi, "é que senti alguma coisa por dentro. Como um arrepio. Como se... Sabe Flatland, você também leu. Pois bem, aqueles triângulos e quadrados vivem em duas dimensões, não sabem o que seja espessura. Agora imagine que algum de nós, que vivemos em três dimensões, os tocasse do alto. Teriam uma sensação nunca experimentada e seriam incapazes de dizer o que era. Como se alguém viesse até nós da quarta dimensão e nos

tocasse de dentro, digamos no piloro, delicadamente. O que alguém sentiria se o tocassem no piloro? Eu diria... uma misteriosa chama."

"O que quer dizer uma misteriosa chama?"

"Não sei, saiu assim."

"E o mesmo que sentiu quando viu a foto de seus pais?" "Quase. Quer dizer, não. Mas no fundo, por que não? É quase o mesmo."

"Esse sinal é interessante, Yambo, é bom anotar." Ela está sempre querendo me redimir. E eu, quem sabe, sentia a misteriosa chama pensando em Sibilla.

Domingo. "Vá dar uma volta", disse Paola, "vai lhe fazer bem. Não saia das ruas que conhece. No largo Cairoli tem uma banca de flores que em geral fica aberta mesmo nos feriados. Mande fazer um belo buquê de flores mistas, ou então de rosas, essa casa parece um funeral."

Desci até o largo Cairoli e a banca estava fechada. Perambulei um pouco pela rua Dante até a Cordusio, virei à direita em direção à Bolsa e vi que ali se

encontram no domingo todos os colecionadores de Milão. Pela rua Cordusio, bancas de selos, ao longo de toda a rua Armorari, velhos cartões-postais,

figurinhas e depois todo o cruzamento da Passagem Central ocupado por vendedores de moedas, soldadinhos, pequenas imagens sacras, relógios de pulso, até mesmo cartões telefônicos. O colecionismo é anal, eu devia saber, as

pessoas estão dispostas a colecionar de tudo, até tampinha de Coca-Cola, e no fundo cartões telefônicos custam menos que os meus incuná-bulos. Na praça Edison, à esquerda bancas de livros, jornais, cartazes publicitários e em frente

algumas que vendem quinquilharias variadas, luminárias Liberty, com toda certeza falsas, bandejas de flores com fundo preto, bailarinas de biscuit.

Numa banca havia quatro vidros cilíndricos, fechados, nos quais, numa solução aquosa (formol?), formas de cor marfim estavam em suspensão, ora redondas, ora como feijões, ligadas por filamentos branquíssimos. Eram criaturas marinhas, hoíotúrias, pedaços de polvo, corais desbotados, mas poderiam ser também o parto mórbido da fantasia teratológica de um artista.

Yves Tanguy?

O dono explicou-me que eram testículos: de cão, de gato, de galo e de um outro animal, conjuntos de rins e coisas do gênero. "Olhe, são peças de um laboratório científico do século XIX. Quarenta mil cada um. Os vidros sozinhos já valem o dobro, é coisa de pelo menos cento e cinquenta anos.

Quatro por quatro dezesseis, mas eu faço todas por cento e vinte mil. Um grande negócio."

Aqueles testículos me fascinavam. Pelo menos daquela vez era algo que não deveria conhecer por memória semântica, como dizia Giatarolo, e que também não fazia parte de minha experiência passada. Quem já viu testículos de cachorro, quer dizer, sem o próprio ao redor, em estado puro? Remexi nos bolsos, tinha quarenta mil no total e não é numa banquinha daquelas que se podem pagar com cheque.

"Levo os do cachorro."

"Pois faz mal em deixar os outros, é uma ocasião única."

Não se pode ter tudo. Voltei para casa com meus bagos de cachorro e Paola ficou pálida; "Curioso, parece mesmo uma obra de arte, mas onde vamos pôr? Na sala de estar, para que os convidados, a cada vez que oferecermos anacardos ou azeitonas de Áscoli, vomitem no tapete? No quarto? Não, desculpe. Leve para o estúdio, talvez ao lado de algum belo livro setecentista de ciências naturais."

"Pensei que fosse um achado."

"Mas você se dá conta de que é o único homem no mundo, o único na face da Terra desde Adão, que a mulher manda comprar rosas e volta para casa com um par de colhões de cachorro?"

"Se não servir para mais nada, pelo menos é coisa para o Guinness. E depois, você sabe, estou doente."

"Desculpe. Já era doido antes. Não é por acaso que pediu um ornitorrinco à sua irmã. Uma vez quis enfiar aqui dentro de casa um fliperama dos anos sessenta que custava o mesmo que um Matisse e fazia um barulho infernal."

Paola já conhecia aquela feirinha, disse, aliás, que eu também devia conhecer, certa vez encontrei lá a primeira edição do Gog de Papini, capas originais, intonso, por dez mil liras. Assim no domingo seguinte quis me acompanhar, nunca se sabe, disse, corro o risco de você voltar para casa com testículos de dinossauro e eu ter que chamar um pedreiro para alargar as portas para que possam entrar.

Selos e cartões telefônicos, não, mas me interessavam os velhos jornais.

Coisa da nossa infância, disse Paola. E eu: "Então, deixa para lá." Mas a certo ponto vi um álbum do Mickey. Peguei-o instintivamente. Não devia ser velho, era uma reimpressão dos anos setenta, como se deduzia pelo verso da capa e pelo preço. Abri na metade: "Não é um original, porque eles eram impressos em duas cores, com esfumaturas de vermelho tijolo e marrom, e esse é impresso em branco e azul."

Como e que voce sabe:

"Não sei, só sei."

"Mas a capa reproduz a capa original, veja a data e o preço, 1937, 1,50

liras."

O Tesouro de Clarabela, destacava a capa de várias cores. "E erraram de árvore", disse eu. "Em que sentido?"

Folhee o álbum depressa e fui com segurança para os quadros certos. Mas era como se não tivesse vontade de ler o que estava escrito nos balões, como se fossem escritos em outra língua ou as letras estivessem embaralhadas todas juntas. Eu recitava de memória.

"Veja, Mickey e Horácio foram com um velho mapa em busca de um tesouro sepultado pelo avô ou tio-avô de Clarabela, encalça-dos pelo asqueroso senhor Squick e pelo perverso Bafo-de-Onça. Chegaram ao local, consultaram o mapa, tinham que partir de uma árvore grande, traçar uma linha até uma árvore menor e fazer a triangulação. Escavam, escavam e não encontram nada. Até que Mickey tem uma inspiração: o mapa é de 1863, passaram-se mais de setenta anos, impossível que aquela arvorezinha já existisse, donde a árvore que agora é grande é a pequena de então, e a grande caiu, mas talvez os restos ainda estejam por aí. E de fato, procura, procura, e lá

estava um pedaço de tronco; refazem as triangulações, voltam a cavar e encontram, bem naquele ponto, o tesouro."

"Mas como você pode saber tudo isso?" "Todo mundo sabe, não?"

"Não, claro que nem todo mundo sabe", disse Paola excitada. "Essa não é a memória semântica. Essa é a memória autobiográfica. Você lembrou de uma coisa que o impressionou quando era criança! E o que evocou tudo foi a capa."

"Não, não a imagem. Talvez o nome, Clarabela."

"Rosebud."

Naturalmente compramos o álbum. Passei a noite em cima daquela história, mas não desencavei mais nada. Eu sabia de cor e isso era tudo, nenhuma misteriosa chama.

"Nunca sairei disso, Paola. Nunca penetrarei na caverna."

"Mas você lembrou num repente da história das duas árvores."

"Proust recordava pelo menos três. Papel, papel, como todos os livros desse apartamento, mais os do estúdio. Tenho uma memória de papel."

"Desfrute do papel, visto que as madeleines não lhe dizem nada. Você não é Proust, tudo bem. Zassetski também não era."

"Carneade, quem era essêi"

"Eu tinha esquecido, quem me lembrou foi Gratarolo. Com a minha profissão, não poderia desconhecer Um mundo perdido e reencontrado, um caso clássico. Só que eu li há muito tempo, por interesse acadêmico. Hoje eu reli com interesse, é um livrinho delicioso que se percorre em duas horas.

Então Luriya, o grande neuropsicólogo russo, acompanhou o caso desse Zassetski, que durante a última guerra mundial foi atingido por um estilhaço

sofrendo danos na região occipício-parietal esquerda do cérebro. Ele desperta, como você, mas num caos terrível, não consegue nem perceber a posição de seu corpo no espaço. Às vezes acha que algumas partes de seu corpo foram trocadas, que sua cabeça se tornou desmesuradamente grande, que seu tronco ficou desmesuradamente pequeno, que suas pernas deslocaram-se para a cabeça."

"Não me parece ser o meu caso. As pernas na cabeça? E o pênis no lugar do nariz?"

"Espere. Paciência, as pernas na cabeça só lhe acontecia de vez em quando.

O pior era a memória. Reduzida a retalhos, como se estivesse pulverizada, bem diferente da sua. Ele também não lembrava onde nascera nem o nome de sua mãe, mas também não sabia ler ou escrever. Lurija começa a acompanhá-lo, Zasetski tem uma vontade de ferro, aprende de novo a ler e escreve, escreve, escreve. Durante vinte e cinco anos registra não só tudo aquilo que desenterra na caverna devastada de sua memótia, mas também o que lhe acontece dia após dia. Era como se sua mão, com seus automatismos, conseguisse pôr em ordem aquilo que a cabeça não conseguia. Como se o que escrevesse fosse mais inteligente que ele. Assim reencontrou-se, no papel, pouco a pouco. Você não é ele, mas o que me impressionou é que ele refez uma memória de papel. E que levou vinte e cinco anos. Você já tem o papel, mas evidentemente não é esse que está aqui. A sua caverna está na casa de campo. Pensei muito nesses últimos dias, sabe. Você fechou à chave, categoricamente demais, os mapas de sua infância e de sua adolescência.

Talvez exista aí alguma coisa que o toca muito de perto. Agora faça-me um favor e vá para Solara. Sozinho, primeiro porque não posso deixar o trabalho, segundo porque precisa fazer tudo isso sozinho. Você e seu passado remoto. Fique lá o quanto for necessário e veremos o que acontece. No máximo, vai perder uma semana, talvez duas, e vai respirar ar puro, que mal não faz. Já telefonei para Amália." "E quem é Amália, a mulher de Zasetski?"

"Sim, a vovozinha. Ainda não lhe contei tudo sobre Solara. Desde os tempos de seu avô, que Maria e Tommaso, dito Masulu, os meeiros, estão lá porque naquele tempo a casa tinha muita terra ao redor, sobretudo vinhas e bastante gado. Maria o viu crescer e o amava do fundo do coração, assim como Amália, a filha, que deve ter uns dez anos mais que você, e fez de irmã mais velha, de babá, de tudo. Você era o ídolo dela. Quando seus tios venderam a terra, inclusive a casa de granja no alto, sobraram uma pequena vinha, o

pomar, a horta, a pocilga, a coelheira e o galinheiro. Não tinha mais sentido falar em meação e você deixou tudo para Masulu, como se fosse dele, com o pacto de que a família cuidasse da casa. Depois, Masulu e Maria se foram, Amália nunca casou - nunca foi uma grande beleza — e continuou a viver ali, vende ovos e galinhas na aldeia, o salsicheiro vem quando é preciso abater os porcos, sobrinhos ajudam com o banho de verdete nas vinhas e com a pequena

vindima, em suma, está feliz, só se sente um pouco sozinha e, portanto, fica contente quando as meninas vão com as crianças. Paga-se apenas o que se consome, ovos, frangos ou salame, mas pelas frutas e verduras não tem jeito - é coisa de vocês, diz ela. Uma mulher de ouro, uma cozinheira que você vai ver só. A simples idéia de que você ia para lá, ela não cabia mais em si, senhorzinho Yambo para cá e senhorzinho Yambo para lá, que beleza, essa doença, eu curo com a salada que ele tanto gosta, vocês vão ver..."

"Senhorzinho Yambo. Que luxo. A propósito, por que me chamam de Yambo?"

"Para Amália, você vai ser o senhorzinho mesmo que tiver oitenta anos. E quanto a Yambo, quem me explicou foi a própria Maria. Era você mesmo quem dizia, eu me chamo Yambo, o do topetinho. E virou Yambo para todos."

"Topetinho?"

"Parece que tinha um belo topete. E não gostava de Giambattista, aliás, posso entender. Mas deixemos de lado as questões de registro civil. Vá. De trem não vai dar, porque teria que fazer baldeação quatro vezes. Nicoletta vai levá-lo, ela tinha mesmo que buscar umas coisas que esqueceu no Natal, mas volta logo em seguida deixando-o nas mãos de Amália, que vai enchê-lo de mimo. Ela sabe aparecer quando se precisa dela e sumir quando se quer ficar sozinho. Há cinco anos pusemos um telefone na casa e podemos nos falar a qualquer momento. Experimente, por favor."

Pedi alguns dias para pensar. Quem falou de viagem primeiro fui eu, para fugir das tardes no estúdio. Mas queria mesmo fugir das tardes no estúdio?

Estava num labirinto. Qualquer direção que tomasse não seria a boa. E

depois, de onde eu queria sair? Quem disse Abre-te Sésamo, quero sair? Eu queria entrar, como Ali Babá. Nas cavernas da memória.

Mas Sibilla encontrou um modo de resolver meu problema. Certa tarde emitiu um soluço irresistível, cobriu-se de um leve rubor (no sangue, que tem difusões de chama em tuas faces, o cosmos cria seus risos), atormentou-se por alguns instantes diante de um maço de fichas e disse: "Yambo, você tem que ser o primeiro a saber... Vou me casar."

"Como, vai se casar?", reagi, quase a dizer: "como se permite"? "Casar. Lembra quando um homem e uma mulher trocam alianças e outros jogam arroz?"

"Não, quero dizer... vai me deixar?"

"E por quê? Ele trabalha num escritório de arquitetura, mas ainda não ganha tanto assim, teremos que trabalhar os dois. E depois, como eu poderia deixá-lo?"

Enterrava-lhe o punhal no coração e girava duas vezes. Fim do Processo, aliás, fim do processo. "E é uma coisa que... já dura há muito tempo?"

"Não, não muito. Nos encontramos algumas semanas atrás, sabe como são essas coisas. É um bom rapaz, vai conhecê-lo."

Como são essas coisas. Talvez antes já houvesse outros bons rapazes, talvez tenha aproveitado o meu acidente para pôr um ponto final numa situação insustentável. Talvez tenha se atirado no primeiro que passou, um salto no escuro. E nesse caso eu lhe fizera mal duas vezes. Mas quem lhe fez mal, imbecil? Está acontecendo tudo como sempre acontece, é jovem, encontra alguém de sua idade, apaixona-se pela primeira vez... Pela primeira vez, certo?

Mas alguém há de te deflorar, boca de nascente, e lhe será graça e fortuna não ter te buscado...

"Preciso lhe dar um belo presente."

"Mas tem tempo. Nós decidimos ontem à noite, mas quero esperar que você fique bom, assim posso tirar uma semana de férias sem remorso."

Sem remorso. Que delicadeza.

Como era mesmo a última ficha sobre a névoa? Quando chegamos à estação de Roma, na noite da Sexta-Feira Santa, e ela se afastou no carro em meio à névoa, tive a impressão de tê-la perdido para sempre, sem conserto.

A história acabava por si só. Não importa o que tivesse acontecido antes, tudo apagado. Lousa estalando de negra. De agora em diante, só como uma filha.

Sendo assim eu podia partir. Devia, aliás. Disse a Paola que iria para Solara. Ficou feliz.

"Vai ver que se sentirá bem."

"Rombo, rombinho, que príncipe és — se fosse por mim não ia querer — mas êa bruxa da minha mulher— da minha mulher que tudo quer."

"Você é mesmo perverso. Para o campo, para o campo."

Aquela noite, enquanto Paola fazia na cama as últimas recomendações antes da partida, acariciei-lhe o seio. Arrulhou com ternura e senti algo que se assemelhava ao desejo, mas misturado a doçura e talvez reconhecimento. Fizemos amor.

Como com a escova de dentes, meu corpo evidentemente armazenara a memória de como se fazia. Foi uma coisa calma, em ritmo lento. Ela teve seu

orgasmo primeiro (sempre assim, disseme depois), eu logo depois. No fundo, para mim era a primeira vez. Realmente, é bom como dizem. Não estava surpreso: era como se já soubesse e, com o corpo, descobrisse só agora que era verdade.

"Nada mau", disse abandonando-me de costas, "agora entendi por que as pessoas querem tanto."

"Jesus!", comentou Paola, "tive que desvirginar meu próprio marido aos sessenta anos."

"Antes tarde do que nunca."

Mas não pude evitar, adormecendo com a mão de Paola na minha, de perguntar-me se com Sibilla seria a mesma coisa. Imbecil, murmurava eu perdendo consciência, isso você nunca vai saber.

Parti. Nicoletta dirigia e eu a observava, de perfil. A julgar pelas minhas fotografias da época do casamento, o nariz era o meu e também o formato da boca. Eta realmente minha filha, não me empurraram o fruto de uma culpa.

(Abrindo-se levemente o decote, divisei de repente em seu colo um medalhão de ouro com um Y finamente entalhado. Meu bom Deus, disse, quem te deu isso? Sempre o tive comigo, meu Senhor, e já o tinha quando criança fui enjeitada nas escadarias das Clarissas de Saint-Auban, disse ela.

O

medalhão da duquesa tua mãe! exclamei eu. Tens talvez quatro pequenos sinais em forma de cruz sobre o ombro esquerdo? Sim, meu Senhor, mas como pode o senhor saber disso? Mas então, então tu és minha filha e eu teu pai!

Pai, meu pai! Não, não perde agora, casta inocente, os sentidos. Vamos sair da estrada!)

Não falávamos, mas já notara anteriormente que Nicoletta é de natureza lacônica, e naquele momento com certeza sentia-se constrangida, temia mencionar alguma coisa que eu tivesse esquecido e não queria me perturbar.

Eu perguntava apenas as direções que tomávamos: "Solara fica na fronteira entre Langhe e Monferrato, é um lugar belíssimo, você vai ver, papai." Gostei de ouvi-la chamándome papai.

No começo, ao sairmos da auto-estrada, via sinais que me falavam de cidades conhecidas, Turim, Asti, Alessandria, Casale. Em seguida, fomos nos afastando por estradas secundárias onde os painéis citavam nomes nunca ouvidos de cidadezinhas. Depois de alguns quilômetros de planície, passada uma valera, entrevi de longe o perfil azulado de algumas colinas. Mas de repente, o perfil sumiu, tínhamos em nossa frente uma muralha de árvores, e

o carro avançou seguindo por um corredor frondoso que me fazia pensar em uma floresta tropical. *Que mefont maintenant tes ombrages et tes ktcsi*

Todavia, passado o corredor com a impressão de seguir sempre em terreno plano, já estávamos em um vale coroado por colinas dos lados e atrás.

Evidentemente, havíamos entrado no Monferrato com uma imperceptível e contínua subida, as alturas tinham nos circundado sem que eu me desse conta e já entrávamos em um outro mundo, em uma festa de vinhedos ainda jovens.

Eram, vistos à distância, cocorutos de várias alturas, alguns que mal despontavam entre os cumes mais baixos, outros mais escarpados, muitos pontilhados de construções, igrejas ou casarios e espécies de castelos, que se encastoavam neles com invasiva desproporção e, em vez de completá-los com suavidade, davam-lhes como que um empurrão para o céu.

Depois de cerca de uma hora de viagem entre aquelas colinas, onde a cada volta se abria uma nova paisagem, como se passássemos de repente de uma região a outra, vi a certa altura um painel que dizia Mongardello. Disse: "Mongardello. Depois Corseglio, Monte-vasco, Castelletto Vecchio, Lovezzolo, chegamos, não?"

"Como é que você sabe?"

"Todo mundo sabe", disse eu. Mas evidentemente não era verdade, em que enciclopédia se fala de Lovezzolo? Estaria começando a penetrar a caverna?

5.0 TESOURO DE CLARABELA

Por que depois de adulto não ia de bom grado a Solara, realmente eu não entendia à medida que me aproximava dos locais da minha infância. Não era tanto Solara em si, pouco mais que uma grande aldeia que mal tocamos, deixando-a em seu vale em meio a vinhedos sobre colinas baixas, mas o que vinha depois, quando se começava a subir. A certa altura, depois de várias curvas, Nicoletta adentrou uma estradinha secundária e fomos adiante pelo menos dois quilômetros ao longo de uma faixa de terra larga o suficiente para deixar passar dois carros e que descaía de ambos os lados mostrando duas paisagens diferentes. A direita, a região de Monferrato, feita de picos suavíssimos enfeitados de fieiras que brandamente se multiplicam, verdes contra um céu límpido de início de verão, na hora em que (eu sabia) exaspera-se o demônio meridiano. Do outro lado eram já os primeiros sinais das Langhe, de relevos mais crus e menos modulados, como uma fila de cadeias, uma depois da outra, cada qual em perspectiva marcada por tintas diversas até desmaiai no azulecer das mais distantes.

Descobria aquela paisagem pela primeira vez e, todavia, eu a sentia minha e tinha a impressão de que, se desabalasse numa corrida louca pelos vales, saberia onde pôr os pés e onde ir. Num certo sentido, era como ter conseguido dirigir, saindo do hospital, aquele automóvel que nunca vira antes. Sentia-me em casa. Eia presa de uma indefinida alegria, de uma desmemoriada felicidade.

A faixa de terra continuava em subida pelo flanco de uma colina que surgira de repente e, depois de uma alameda de castanheiros-da-índia, eis a casa. Paramos em uma espécie de pátio salpicado de canteiros floridos e entrevia-se

atrás da construção, um pouco mais alta, uma colina onde ficava aquele que devia ser o pequeno vinhedo de Amália. Chegando era difícil distinguir a forma daquele casarão com grandes janelas no primeiro andar, que apresentava um vasto corpo central, com uma bela porta de carvalho encaixada num arco sob um balcão bem na frente da alameda, e duas alas laterais menores e de entrada mais modesta. Não se percebia o quanto a casa se estendia para trás, em direção à colina. O pátio se abria, às minhas costas,

sobre as duas paisagens que eu acabara de admirar, e com cento e oitenta

graus de visual, pois a alameda de chegada elevava-se pouco a pouco e a estrada percorrida desaparecia lá embaixo sem impedir a vista.

Foi uma rápida impressão, pois entre altos gritos de júbilo logo apareceu uma mulher que, pelo que me fora descrito, só podia ser Amália, de pernas curtas, algo robusta, de idade incerta (como preanunciara Nicoletta, entre os vinte e os noventa anos), com rosto de castanha seca iluminado por uma alegria incontida. Em suma, cerimônia de boas-vindas, beijos e abraços, pequenas gafes, logo seguidas de um gritinho abafado por uma mão levada rapidamente à boca (lembra, senhorzinho Yambo, isso e aquilo, reconhece, não é, e por aí vai, com Nicoletta que lhe fazia caretas às minhas costas).

Um turbilhão, pouco espaço para raciocinar ou perguntar, apenas o tempo de descer as bagagens e levá-las para a ala esquerda, que era onde Paola e as meninas se instalavam, e onde eu também iria dormir, a não ser que quisesse ficar no corpo central, dos avós e da minha infância, que ficava sempre fechado, mas como um santuário ("sabe que eu vou de quando em quando para limpar o pó e arejar, mas só de vez em quando, para evitar que se formem maus cheiros, mas sem perturbar aqueles quartos que para mim são como uma igreja"). No térreo, porém, os salões vazios ficavam abertos, pois ali

estendiam-se as maçãs, os tomates e muitas outras coisas boas para amadurecer e se conservar à sombra. De fato, dando alguns passos naqueles corredores sentia-se o perfume pungente de temperos e frutas e verduras e sobre uma mesa comprida já estavam os primeiros figos, os primeiros realmente, e não pude me recusar a provar um e a confirmar que aquela árvore era mesmo prodigiosa - mas Amália gritava "como aquela árvore, aquelas árvores são cinco,

o senhor sabe, e cada uma mais bonita que a outra!" Desculpe, Amália, estava distraído; imagine, com todas as coisas importantes que o senhorzinho Yambo tem na cabeça — obrigado, Amália, quem dera eu tivesse mesmo tanta coisa na cabeça, o problema é que sumiram, puff", numa bela manhã de fim de abril, e uma figueira ou cinco para mim é a mesma coisa.

"Já tem uva na vinha?", perguntei, querendo me mostrar ativo de mente e sentimentos.

"Mas a uva agora são cachos miudinhos que parecem um pequenino na barriga da mãe, embora este ano com o calor tudo tenha amadurecido mais

cedo, e vamos esperar que chova. Terá tempo de vê-la, a uva, porque vai querer ficar até setembro. Então o senhor esteve um pouco doente e a senhora Paola me disse que tenho que levantar o senhor, coisas saudáveis e nutritivas.

Para hoje à noite preparei aquilo que gostava quando era rapazinho, a saladinha com um banhozinho de azeite e molho de tomate, pedacinhos de aipo e cebolinha cortada fininha e todas as ervas que Deus manda, e tenho o pãozinho branco de que gostava, aquele bom de mergulhar no molho; o bichinho para fazer ajtuccia. E depois um franguinho dos meus, não os do aviário, engordados com porcaria, ou, se preferir, coelho com alecrim.

Coelho? Coelho, já vou logo dar uma pancada na nuca do mais bonito, pobre bestezinho, mas é a vida. Oh, senhor, é verdade que Nicoletta já vai embora?

Que pecado. Não importa, ficamos nós dois e pode fazer o que quiser que eu não mero o nariz. Só vai me ver de manhã quando trago o café com leite e na hora da comida, o resto do tempo o senhor faz e desfaz como bem entender."

"E então, papai", disse Nicoletta enquanto carregava as coisas que viera buscar, "Solara parece longe, mas atrás da casa tem um atalho que leva diretamente à cidade, cortando todas as curvas da estrada. Tem uma descida um pouco íngreme, mas com uma espécie de escadaria, e depois já se está na planície. Quinze minutos para ir e vinte para voltar na subida, mas você sempre disse que é bom para o colesterol. Na cidade encontrará jornais e cigarros, porém se pedir a Amália, ela vai às oito da manhã, vai de qualquer jeito para as coisas dela e para a missa. Mas tem que escrever num papel o nome do jornal, e todo

dia, senão ela esquece e corre-se o risco dela razer o mesmo número de Gente ou de Stop por sete dias. Realmente não precisa de mais nada? Queria ficar, mas mamãe diz que vai lhe fazer bem ficar sozinho entre suas velhas coisas."

Nicoletta partiu, Amália mostrou meu quarto e de Paola (cheiro de lavanda). Arrumei minhas coisas, vesti umas roupas confortáveis que recolhi por ali, inclusive sapatos acalcanhados que tinham pelo menos vinte anos, de proprietário rural mesmo, e fiquei meia hora na janela olhando as colinas da vertente langhiana.

Na mesa da cozinha estava um jornal do período natalino (tínhamos estado lá pela última vez para as festas) e comecei a ler enquanto servia um copo de moscatel, colocado num balde de água gelada do poço. Desde o fim de novembro as Nações Unidas haviam autorizado o uso da força para liberar o Kuwait dos iraquianos, acabavam de partir para a Arábia Saudita as primeiras

tropas americanas, falava-se de uma última tentativa americana de negociar em Genebra com os ministros de Saddam para convencê-lo a se retirar. O jornal me ajudava a reconstruir alguns acontecimentos e eu o lia como se trouxesse as últimas notícias.

De repente percebi que de manhã, na tensão da partida, não fora ao banheiro. Fui então para o banheiro, ótima ocasião para acabar de ler o jornal,

e pela janela avistei a vinha. Colheu-me um pensamento, melhor, uma vontade antiga: fazer as necessidades entre as fileiras de árvores. Coloquei o jornal no bolso e abri, não sei se por acaso ou por virtude de um radar interno,

um portãozinho na parte de trás da casa. Do lado da ala de serviço havia cercados de madeira e, pelos pios e grunhidos que se ouviam, deviam ser o galinheiro com as coelheiras e as pocilgas. No fim do horto ficava a trilha para subir à vinha.

Amália tinha razão, as folhas das vinhas ainda estavam pequenas e os grãos pareciam contas. Mas eu me sentia numa vinha, com terra sob as solas gastas e tufo de mato entre uma fileira e outra. Procurei instintivamente os pessegueiros com os olhos, mas não os vi. Esrranho, lera em algum tomance que entre as

fileiras de videitas -mas é preciso caminhar descalço com o calcanhar um pouco caloso, desde pequeno - há pêssegos amarelos que só crescem em vinhas, que se partem com a pressão do polegar e o caroço sai quase sozinho, limpo como depois de um tratamento químico, exceto por algum verme branco e gordo na polpa, grudado por um fiozinho. Depois é comer quase sem sentir o veludo da casca, que faz correr um arrepio da língua até a virilha. Por um segundo, senti o arrepio na virilha.

Acocorei-me, no grande silêncio meridiano, rompido apenas por algumas vozes de pássaros e pelo chiado das cigarras, e defequei.

Sitty season. He read on, seated me calm above his own rising smell. Os seres humanos apreciam o perfume dos próprios excrementos, mas não o cheito alheio. No fundo fazem parte de nosso corpo.

Experimentava uma satisfação antiga. O movimento calmo do esfíncter entre todo aquele verde evocava confusas experiências precedentes. Ou é um instinto da espécie. Tenho tão pouco de individual e tanto de específico (tenho uma memória de humanidade, não de pessoa) que talvez estivesse simplesmente gozando de um prazer já experimentado pelo homem de Neandertal. Ele devia ter menos memória do que eu, não sabia sequer quem era Napoleão.

Quando acabei, colheu-me o pensamento de que deveria me limpar com folhas, devia ser um automatismo. Mas tinha comigo o jornal e arranquei a

página dos programas de televisão (de todo modo eram de seis meses antes e, de qualquer jeito, em Solara não tem televisão).

Levantei-me e olhei minhas fezes. Uma bela arquitetura em caracol ainda fumegante. Borromini. Devia estar com o intestino em forma, pois todo mundo sabe que só devemos nos preocupar se as fezes estão moles demais ou mesmo líquidas.

Pela primeira vez via o meu cocô (na cidade você se senta na privada e

depois puxa logo a descatga sem olhar). Agora eu já o chamava de cocô, creio que é assim que as pessoas chamam. O cocô é a coisa mais pessoal e reservada que temos. O resto todos podem conhecer, a expressão do rosto, o olhar, os gestos. Mesmo o corpo nu, na praia, no médico, quando se faz amor. Até os pensamentos, porque em geral são expressos, ou adivinhados pelos outros através da maneira como você olha ou se mostra embaraçado. Claro, há também os pensamentos secretos (Sibilla, por exemplo, mas seja como for eu me traí, em parte, com Gianni e quem sabe ela não intuiu alguma coisa, quem sabe não está se casando por isso mesmo), mas em geral até os pensamentos se manifestam.

O cocô, ao contrário, não. Salvo um brevíssimo período de sua vida, quando a mamãe troca as suas fraldas, ele é só seu. E como o meu cocô daquele momento não devia ser tão diferente daquele que produzi no decorrer de minha vida pregressa, eis que naquele momento eu me reconectava com o eu mesmo dos tempos esquecidos e vivia a primeira experiência capaz de reunir com as inúmeras outras precedentes, mesmo aquelas dos tempos de menino, quando fazia minhas necessidades nas vinhas.

Talvez se olhasse bem em torno encontrasse ainda os restos dos cocôs feitos então e, triangulando da forma correta, o tesouro de Clarabela.

Mas parava por aqui. O cocô ainda não era a minha infusão de tília - e bem que eu gostaria de ver: como pretendia levar adiante a minha recherche com o esfíncter? Para reencontrar o tempo perdido, se precisa é da asma, não da diarreia. A asma é pneumática, é sopro

(mesmo dificultoso) do espírito: é para os ricos que podem se permitir quartos atapetados de cortiça. Os pobres, nos campos, não seguem com a alma, seguem com o corpo.

E no entanto, não me sentia deserdado mas contente, quero dizer, estava realmente feliz, de modo nunca experimentado depois do despertar. Os caminhos do Senhor são infinitos, disse a mim mesmo, passam até mesmo pelo buraco do traseiro.

O dia terminou assim. Vagabundeei um pouco pelos quartos da ala esquerda, vi aquele que devia ser o quarto dos netos (um grande aposento com três camas, bonecas e velocípedes ainda abandonados pelos cantos), no quarto

de dormir estavam os últimos livros deixados por mim na mesinha-de-cabeceira, nada de particularmente significativo. Não me arrisquei a entrar na ala antiga. Calma, preciso ganhar intimidade com o lugar.

Comi na cozinha de Amália, entre velhos tabuleiros, mesas e cadeiras ainda dos pais dela e o cheiro das cabeças de alho penduradas nas traves. O

coelho estava excelente, mas a salada valia toda a viagem. Deliciava-me mergulhando o pão naquele molhinho rosado maculado de áreas oleosas, mas era o prazer da descoberta, não da recordação. De minhas papilas eu não podia espetar nenhuma ajuda, eu já sabia. Bebi bastante: o vinho daquelas bandas vale todos os vinhos franceses juntos.

Fui apresentado aos animais da casa: um velho cachorro despelado, Pippo, ótimo para a guarda, conforme garantia Amália, embora inspirasse pouquíssima confiança, velho, cego de um olho e abobalhado como parecia, e três gatos. Dois eram intratáveis e tinosos, o terceiro era uma espécie de angora preto, de pêlo basto e macio, que sabia pedir comida com gtaça, arranhando minhas calças e acenando com um ronronar sedutor. Gosto de todos os animais, acho (não me inscrevera em uma liga contra a vivisseção?), mas na simpatia instintiva ninguém manda. Preferi o terceiro gato e foram para ele os melhores bocados. Perguntei a Amália como se chamavam os gatos e ela respondeu que os gatos não se chamam, pois não são

cristãos como os cães. Perguntei se podia chamar o gato preto de Matu e ela respondeu que sim, se não me era bastante fazer psss, psss, psss, mas estava com ar de quem achava que a gente da cidade, até o senhorzinho Yambo, tinha grilos na cabeça.

Os grilos (os de verdade) faziam um grande alarido lá fora e fui para o pátio ouvi-los. Olhei o céu esperando descobrir figuras conhecidas.

Constelações, só constelações de adas astronômico. Reconheci a Ursa Maior, mas como uma daquelas coisas de que tanto ouvira falar. Viera até lá para aprender que as enciclopédias têm razão. Rerum in interiore horninem e encontrarás o Larousse.

Disse a mim mesmo: Yambo, você tem uma memória de papel. Não de neurônios, de páginas. Talvez um dia inventem uma dana-ção eletrônica que permita ao computador viajar através de todas as páginas escritas do início do mundo até hoje, e passar de uma para outra com um toque de dedos, sem que

ninguém possa entender mais onde se encontra e quem é, e então todos serão como você.

A espera de ter tantos companheiros de desventura, fui dormir.

Mal acabara de deitar quando ouvi que alguém me chamava.

Convidava-me da janela com um "pssst, pssst" insistente e ciciante. Quem poderia me chamar de fora, pendurado nas persianas? Escancarei-as de uma só vez e vi fugir na noite uma sombra esbranquiçada. Conforme explicou Amália na manhã seguinte, era um mocho: quando as casas estão desabitadas aqueles bichos gostam de fazer morada não sei se no forro ou nas calhas, mas assim que percebem que tem gente por lá mudam de refúgio. Pena. Porque aquele mocho em fuga na noite me fez sentir de novo aquela à qual, com Paola, dera o nome de misteriosa chama. Aquele mocho, ou um da congregação, evidentemente me pertencia, já me acordara em outras noites e em outras fugira na escuridão, fantasma desajeitado, ciulan-dario. Ciulandariói Aquela palavra eu também não podia ter lido nas enciclopédias. Portanto, vinha de dentro, ou de antes.

Dormi sonos agitados e a certa altura despertei com uma forte dor no peito. De início pensei em infarto — sabe-se que é assim que começa -, depois levantei e sem pensar fui buscar a bolsa de medi-g i

camentos que Paola me deu e tomei um Maalox. Maalox, donde, gastrite.

Tem-se um ataque de gastrite quando se come algo que não se deveria comer.

Na verdade, eu apenas comi demais: Paola disse que devia me controlar, enquanto estava por perto, ficava em cima como um cão de guarda, agora precisava aprender a fazer isso sozinho. Amália não ajudaria, segundo a tradição camponesa comer muito faz sempre bem, só se fica mal quando não liá o que comer. Quanta coisa eu ainda tinha que aprender.

6.0 NOVÍSSIMO MELZI

Desci até a cidade. Um pouco difícil subir de volta, mas foi um belo passeio, e tonificante. Ainda bem que trouxe comigo alguns maços de Gitanes, porque lá só tinha Marlboro Light. Gente do campo.

Contei a Amália a história do mocho. Não riu quando eu disse que pensei que fosse um fantasma. Ficou séria: "Os mochos não, são bichos bons que não fazem mal a ninguém. Mas lá embaixo - e apontava a vertente langhiana — lá embaixo ainda existem metsche. O que são masché! Quase tenho medo só de falar, mas você devia saber, porque o meu pobre pai sempre lhe contava essas histórias. Mas pode ficar tranquilo que aqui elas não vêm, preferem assustar os camponeses ignorantes, não os senhores que talvez conheçam a palavra justa para fazê-las fugir com os cabelos em pé. As masche são bruxas, mulheres más que só andam de noite. E se tiver neblina ou tempestade, melhor ainda, sentem-se em seu ambiente."

Não quis dizer mais nada, mas como falou em neblina, perguntei se lá tinha muita.

"Muita? Jesus, Maria, por demais. Às vezes não dá para ver nem o começo da alameda aqui da porta de casa, mas o que estou dizendo, daqui não vejo nem a frente da casa e quando tinha alguém lá de noite, mal e mal se entrevia a luz que vinha de uma janela, como se fosse uma vela. E mesmo quando não chega até aqui, rem que ver a cena lá pelos lados das colinas. Pode ser que não se veja nada até certo ponto, mas de repente alguma coisa desponta, um burrico, uma igreja, e depois branco e mais branco atrás, Como se tivessem derramado um

balde de leite lá embaixo. Se ainda estiver aqui em setembro pode ser que já dê para ver, porque nessas bandas, neblina, a não ser entre junho e agosto, tem sempre. Lá embaixo na cidade tem o Salvatore, um napolitano, um napulu que veio trabalhar aqui vinte anos atrás, sabe, na terra deles é a maior miséria, e ainda não se acostumou, diz que lá neles faz tempo bom até a Epifania. Só vendo as vezes em que já se perdeu pelos campos, que quase, quase caía na torrente e foram buscá-lo à noite com lanternas. É, deve ser gente boa, não digo que não, mas não são como nós." Eu recitava em silêncio:

E olhei o vale: desaparecido todo!
submerso! Um grande mar plano,
cinza, sem ondas, sem praias, unido. E
tinha apenas, cá e lá, o estranho
vozeio de gritos curtos e selvagens:
pássaros naquele mundo vão
dispersos. E alto, no céu, esqueletos
de choupos, como suspensos, e sonhos
de destroços e de silenciosas
ermitagens.

Mas no momento os destroços e ermitagens, se existiam, estavam ali, em pleno sol e nem por isso menos invisíveis, pois a névoa, eu a trazia dentro de mim. Ou quem sabe deveria procurá-los à sombra? O momento era chegado.

Eu rinha que entrar na ala central.

Disse a Amalia que queria ir sozinho, ela sacudiu a cabeça e entregou as chaves. Parece que são muitos cômodos e Amalia mantém todos fechados porque nunca se sabe, sempre pode aparecer algum mal-intencionado.

Deu-me, portanto, um molho de chaves grandes e pequenas, algumas enferrujadas, dizendo que conhecia todas de cor, mas se eu realmente queria ir por conta própria, teria que me virar e experimentar todas elas a cada vez.

Como quem dissesse: "Tome, já que faz birra como quando era pequeno."

Amália deve ter passado por lá de manhã cedo. No dia anterior, as persianas estavam fechadas e agora estavam entreabertas, o suficiente para deixar entrar um pouco de luz nos corredores e nos quartos e para ver onde colocava os pés. Embora Amália viesse arejar de vez em quando, tinha um cheiro de fechado. Não era ruim, era como se transpirasse dos móveis antigos, das traves do teto, dos panos brancos estendidos sobre as poltronas (Lenin não deveria estar sentado ali?).

Deixemos de lado a aventura, as várias tentativas com as muitas chaves, que eu me sentia como o carcereiro-chefe de Alcatraz. A escada de acesso dava numa sala, uma espécie de antecâmara bem mobiliada, com poltronas à Lenin, justamente, e algumas horríveis paisagens a óleo, de estilo oitocentista,

bem emolduradas na parede. Anda não conhecia o gosto de meu avô, mas Paola o descrevera como um colecionador curioso: não poderia gostar daqueles borrões. Daí só podiam ser coisas de família, talvez exercícios pictóricos de algum bisavô ou bisavó. Ademais, na penumbra daquele

ambiente, não eram notados, eram como manchas nas paredes, e talvez fosse justo que lá estivessem.

A sala dava, de um lado, para o único balcão da fachada e, do outro, para dois corredores que deslizavam ao longo dos fundos da casa, amplos e sombrios, as paredes quase completamente cobertas de velhas estampas coloridas. No corredor da direita havia peças de Imagerie d'Epinal, representando acontecimentos históricos, Bombardement d'Alexandrie, Siège et bombardement de Paris par les Prussiens, Les grandes journées de la Révolution Française, Prise de Pékin par les Alliés, as outras eram espanholas, uma série de pequenos seres monstruosos, Los Orreliis, uma Colécion de monos filarmónicos, um Mundo al revés e duas daquelas escadas alegóricas com as várias idades da vida, uma para os homens e outra para as mulheres, o berço e as crianças com andadeiras no primeiro degrau e assim por diante até a idade adulta no topo, com personagens belos e radiosos sobre um pódio olímpico; depois, a lenta descida de figuras cada vez mais velhas, que se reduziam, no último degrau, como queria a Esfinge, a

seres com três pernas, dois trêmulos palitos arqueados e uma ben gala, ao

lado da imagem da morte que espera.

A primeira porta dava para uma vasta cozinha à moda antiga, com uma grande estufa e uma imensa lareira de onde pendia ainda uma caldeira de cobre. Tudo mobiliário de outros tempos, talvez já herdados pelo tio-avô de meu avô. Agora era antiquariato. Através dos vidros transparentes da cristaleira, eu via pratos com flores, bules, taças de café com leite. Busquei instintivamente um porta-jornais e, portanto, sabia que devia estar por ali. E

estava, pendurado num canto perto da janela, de madeira com pirogravuras de grandes papoulas chamejantes sobre um fundo amarelo. Se durante a guerra faltava carvão e lenha, a cozinha devia ser o único lugar aquecido e sabe-se lá

quantas noites passei naquele aposento...

Depois vinha o banheiro, ele também em estilo antigo, com uma banheira enorme de metal e torneiras tecurvas que pareciam fontes. O lavabo também parecia uma pia de água benta. Tentei abrir a torneira e, depois de uma sequência de soluços, jorrou uma coisa amarela que só começou a clarear depois de dois minutos. Vaso e descarga me fizeram pensar nas Termas Reais do final do século XIX.

Além do banheiro, a última porta levava a um quarto com uns poucos móveis de madeira esverdeada decorada com borboletas, e uma caminha de criança, onde, contra o travesseiro, sentava-se uma boneca Lenci, afetada como só uma boneca de pano em estilo novecentista pode ser. Era certamente o quarto de minha irmã, como testemunhavam também alguns vestidinhos num armário, mas parecia ter sido esvaziado de qualquer outro móvel e fechado para sempre. Cheirava apenas a umidade.

Depois do quarto de Ada, o corredor acabava em um armário no fundo: abri, senti um cheiro forte de cânfora e lá estavam, bem ordenados, lençóis bordados, cobertores e um gibão.

Retornei pelo corredor até a antecâmara e emboquei pela parte esquerda.

Aqui, nas paredes, havia gravuras alemãs, muito bem-feitas, Zur Geschichte der Kostüme, esplêndidas mulheres de Bornéus e belas javanesas, mandarins chineses, eslavos de Sebenico com cachimbos tão longos quanto os bigodes, pescadores napolitanos e malfeitores romanos com bacamartes, espanhóis de Segóvia e Alicante, mas também vestes históricas, imperadores bizantinos, papas e cavaleiros feudais, templários, damas do século XIV, mercadores judeus,

mosqueteiros do rei, ulanos, granadeiros napoleónicos. O gravurista alemão representou cada um com as vestes das grandes ocasiões, de modo que, assim, não apenas os poderosos se exibiam, sobrecarregados de enfeites, armados de pistolas de coronhas ara-bescadas, armaduras de desfile, dalmáticas suntuosas, como também o africano mais miserável e o popular mais deserdado mostravam-se

com lenços multicoloridos na cintura, mantos, chapelões emplumados, turbantes variegados.

Talvez, antes dos muitos livros de aventuras, eu tenha explorado a policromática pluralidade das raças e povos da terra naquelas gravuras, com molduras quase lineares, muitas já desbotadas por anos e anos de luz do sol, que a meus olhos se transformavam em epifanias do exótico. "Raças e povos da terra", repeti em voz alta, e pensei numa vulva peluda. Por quê?

A primeira porta era da sala de jantar, que no fundo comunicava-se também com a sala de estar. Dois aparadores falso século XV, com portinholas de vidros multicoloridos, em círculo e losango, algumas cadeiras Savonarola dignas de La Cena delle BefFe e um lampadário em ferro batido sobre a longa mesa. Disse comigo mesmo "capão e massa real", mas não sabia por quê. Mais tarde perguntei a Amália por que na mesa da sala de jantar deveria ter capão e massa real, e o que era massa real. Explicou que, no Natal, a cada ano que o Senhor mandava a esse mundo, o almoço de Natal tinha que ter capão com mostarda doce e picante, e antes dele, massa real, que eram bolinhas amarelas para mergulhar no caldo do capão e que depois se desfaziam na boca.

"Como era boa a massa real, é um crime que não se faça mais, talvez porque tenham despachado o rei, pobre criatura ele também, bem que eu gostaria de dizer duas palavrinhas ao Ducel"

"Amália, não tem mais Duce e isso até quem perdeu a memória sabe..."

"Eu não entendo nada de política, mas sei que ele foi mandado embora uma vez, mas depois voltou. Ouça o que eu digo, ele está por aí em algum lugar e um dia desses, quem pode saber... De qualquer forma, o senhor seu avô, que Deus o tenha em sua glória, fazia questão do capão e da massa real, senão não era Natal."

Capão e massa real. Ocorreram-me por causa da forma da mesa, do lampadário que devia iluminar aqueles pratos no fim de dezembro? Não lembrei o gosto da massa real, só o nome. Como naquele jogo que se chamava Alvo: mesa liga-se com cadeira ou refeição ou sopa. A mim, trazia-me à lembrança a massa real, sempre por associação de palavras.

Abri a porta de um outro vão. Era um quarto de casal e tive um momento de hesitação antes de entrar, como se fosse um lugar proibido. As silhuetas dos

móveis pareciam imensas na penumbra e a cama, ainda com dossel, parecia um altar. Seria o quarto de dormir de meu avô, onde não se devia colocar os pés? Teria morrido ali, consumido pela dor? E eu, estive lá para dar-lhe um último adeus?

O quarto seguinte também era de dormir, mas com um mobiliário de época indefinível, um pseudobarroco, sem ângulos e todo curvas, e curvas eram as umbreiras laterais do grande guarda-roupa espelhado e da cômoda.

Fiquei com um nó na garganta, como quando vi, no hospital, a foto de meus pais em seu casamento. A misteriosa chama. Quando tentei descrever o fenômeno para o doutor Gratatolo, ele perguntou se era como uma extra-sístole. Pode ser, respondi, mas acompanhada de uma quentura que sobe pela garganta - então não, disse Gratarolo, as extra-sístoles não são assim.

É que eu acabava de ver um livro, pequeno, encadernado em marrom, sobre o mármore da mesinha-de-cabeceira da direita, e fui direto abri-lo, dizendo

comigo mesmo "riva lafilotea". Como se dissesse, em dialeto, que alguma coisa está chegando, arriva... o quê?

Tive a sensação de que aquele mistério vinha me acompanhando há anos, com a pergunta em dialeto (mas eu falava dialeto?) La riva? Sa câ Yè clã rivaí O

que será que chega? Uma filotea, um trólebus, um bonde que segue de noite, um teleférico misterioso?

Abri o livro com a sensação de quem está cometendo um sacrilégio, e era La Filotea, uma antologia de preces, meditações pias, com a lista das feriados e calendário dos santos, do sacerdote milanês Giuseppe Riva, de 1888. O livro estava quase desconjuntado e as folhas desfaziavam-se sob os dedos só de tocar.

Reacondicionei-o piedosamente (seja como for, é meu ofício tratar com cuidado os livros antigos), mas vi que na lombada estampava-se em uma cunha vermelha, em letras de ouro já desbotadas, "Riva La Filotea . Devia ser o livro de orações de alguém, que eu nunca ousara abrir mas que, com aqueles dizeres ambíguos, sem distinção entre autor e título, anunciava para mim a chegada iminente de alguma inquietante diligência ligada por uma antena a um fio elétrico.

Em seguida, virei-me e vi que nas laterais curvas da cômoda abriam-se duas portinholas: com o coração batendo, apressei-me a abrir a da direita, olhando ao redor como se temesse ser visto. Dentro havia três prateleiras, também com a superfície curva, mas vazias. Sentia-me perturbado como se estivesse cometendo um furto. Talvez se tratasse de um antigo furto: costumava remexer naquelas prateleiras porque talvez contivessem alguma coisa que eu não deveria tocar, ou ver, e o fazia escondido. Agora eu podia ter

certeza, por uma dedução quase policial: aquele era o quarto de meus pais, a Filotea era o livro de orações de minha mãe, naqueles escaninhos da cômoda eu ia pôr as mãos em algo íntimo, sei lá, velhas correspondências, ou um porta-moedas, ou envelopes de fotografias que não podiam ir para o álbum de família...

Mas se aquele era o quarto de meus pais e como Paola disse que nasci aqui,

na casa de campo, era também o quarto onde vim ao mundo. Que alguém não lembre o quarto onde veio ao mundo é natural, mas aquele que lhe mostraram por anos a fio dizendo que nasceu ali, naquela cama, onde certas noites quis dormir entre mamãe e papai, onde sabe-se lá quantas vezes, já desmamado, quis sentir o perfume do seio que o aleitou, aquele quarto deveria ter deixado pelo menos um traço em meus malditos lobos. Não, também naquele caso meu corpo conservara apenas a memória de alguns gestos muitas vezes repetidos, e só. Como quem diz que, se quisesse, poderia repetir por instinto o movimento de sucção da boca que aferra o mamilo, mas depois tudo estaria acabado, sem saber dizer de quem era o seio e qual o sabor do leite.

Vale a pena ter nascido, se depois você não lembra? E, tecnicamente falando, teria eu nascido? Eram os outros que o diziam, como sempre. Pelo que sabia, nasci em fins de abril, aos sessenta anos, num quarto de hospital.

O senhor Pipino, nascido velho e morto menino. Que história era aquela?

Donde, o senhor Pipino nasce em uma couve aos sessenta anos, com uma bela batba branca, dá início a uma série de aventuras, rejuvenescendo cada dia um pouco até tornar-se criança, depois lactente, e apaga-se ao lançar o seu primeiro (ou último) vagido. Devo ter lido essa história em um livro da minha infância. Não, impossível, teria esquecido junto com o resto, talvez a tenha visto citada, talvez há quarenta anos, em uma história da literatura infantil -eu

não sabia tudo da infância de Vittorio Alfieri e nada da minha?

Em todo caso, tinha que me lançar à reconquista de meu registro civil ali, à sombra daqueles corredores, para poder pelo menos morrer em cueiros vendo enfim o rosto de minha mãe. Oh, Deus! E se me inspirasse vendo o rosto de uma parteira gorda, com bigodes de diretora escolar? Garcia 1'Orca.

No fundo daquele corredor, depois de um escabelo sob a última janela, havia duas portas, uma no fundo e uma à esquerda. Abri a da esquerda e entrei num amplo gabinete, aquoso e severo. Uma mesa de mogno, dominada por uma luminária verde, daquelas de biblioteca nacional, era iluminada por duas janelas de vidros coloridos que davam para a parte de trás da ala esquerda, talvez a mais

silenciosa e reservada da casa, e que ofereciam uma paisagem soberba.

Entre as duas janelas, o retrato de um velho senhor, com bigodes brancos, posando como quem ainda se oferece a um Nadar camponês. Impossível que a foto já existisse quando meu avô estava vivo, uma pessoa normal não mantém o próprio retrato diante dos olhos. Meus pais não poderiam tê-la colocado, visto que meu avô morreu depois deles e justamente por causa da dor de seu falecimento. Talvez os tios, ao liquidarem a casa da cidade e os campos em torno de Solara, tivessem reorganizado aquele quarto como um cenotáfio. De fato, nada revelava que tivesse sido um local de trabalho, um local habitado.

A sobriedade era morruária.

Nas paredes uma outra série de Images d'Epinal, com inúmeros soldadinhos em uniformes azuis e vermelhos, Infanterie, Cuirassiers, Dragons, Zouaves.

Chamou-me atenção a biblioteca, ela também de mogno: deslizava ao longo de três paredes, mas estava praticamente vazia. Em cada prateleira enfileiravam-se dois ou três livros, para decoração, justamente como fazem os maus arquitetos, que arranjam para o cliente um pedigree de falsa cultura, deixando espaço para vasos La-lique, fetiches africanos, pratos de prata, garrafas de cristal. Mas ali não se viam nem mesmo essas peças de quinquilharia cara: apenas velhos atlas, uma série de revistas francesas em papel patinado, o Novíssimo Melzi de 1905, dicionários de francês, inglês, alemão e espanhol. Impossível que meu avô, livreiro e colecionista, vivesse diante de uma biblioteca vazia. Mas, de fato, eis que numa prateleira, em uma moldura prateada, via-se uma foto, tirada evidentemente de um canto do aposento, quando o sol entrava pelas janelas e iluminava a escrivaninha: meu avô estava sentado com um ar levemente surpreso, em mangas de camisa (mas de colete), quase submerso entre dois montes de livros que obstruíam a mesa.

Atrás dele, as prateleiras cheias de livros, e entre os livros pilhas de jornais amontoados em desordem. No canto, no chão, entreviam-se outras pilhas, talvez revistas, e caixas cheias de outro tipo de papelada que parecia amontoadas ali só para não ser jogada fora. Pronto, assim devia ser o quarto de meu avô quando era vivo, o armazém de um salvador de todo tipo de material tipográfico, que outros jogariam no lixo, a estiva de um navio fantasma que

transportava documentos esquecidos de um mar para outro, um lugar onde alguém poderia se perder se começasse a remexer cada pilha ou calhamaço.

Onde foram parar todas aquelas maravilhas? Evidentemente, vândalos respeitosos deram sumiço em tudo aquilo que poderia causar desordem, tudo fora. Tudo vendido a algum miserável depenador de velhinhos? Quem sabe, foi depois de toda aquela faxina que resolvi não ver mais aqueles quartos, que decidi esquecer Solara? No entanto, naquele quarto, ano após ano, devo ter passado horas e horas com meu avô, descobrindo com ele sabe-se lá que portentos. Também aquele último pilar do meu passado me fora subtraído?

Saí do escritório e entrei no quarto do fundo do coiredor, bem menor e menos austero: móveis mais claros, feitos talvez por um marceneiro local, à antiga, suficientes para um rapazola. Uma cama num canto, muitas estantes praticamente vazias, salvo uma fila de belas encadernações vermelhas. Em uma mesinha de estudante, bem ordenada com uma pasta preta no centro e outra luminária verde, havia um exemplar gasto do Campanini Carboni, o dicionário de latim. Em uma parede, presa por dois preguinhos, uma imagem que provocou outra misteriosíssima chama. Era a capa de uma partitura musical, ou o reclame de um disco, Varrei volare, mas eu sabia que remetia a um filme. Reconhecia George Formby, seu sorriso eqüino, sabia que cantava acompanhando-se ao uquelele, e podia revê-lo entrando com uma moto já fora de controle num palheiro, saindo do outro lado no meio de um alarido de galinhas, enquanto na mão do coronel caía um ovo, um belo ovinho pra ti - e depois via Formby desabar em parafuso com um avião de outros tempos, no qual se enfiara por engano, e cair de novo de cabeça - ah, quanta risada, de morrer de rir, "já vi ttês vezes, já vi três vezes", estava quase gritando. "O

cinema mais engraçado que já vi", repetia comigo mesmo, e dizia cinema, com acento no e, como evidentemente ainda se dizia naquela época, pelo menos no interior.

Era com certeza, o meu quarto, dormitório e pequeno escritório, mas, exceto aquele pouco, o resto estava vazio, como se fosse o quarto do grande

poeta na casa natal, um donativo na entrada e uma encenação que fizesse sentir o perfume de uma inevitável imortalidade. Aqui foi composto Canto de agosto, Ode aos Termópilas, Elegia ao barqueiro moribundo... E ele, o Grande? Ele não existe mais, consumido pela tísica na idade de vinte e três anos, bem

naquela cama, e veja o piano, ainda aberto como foi deixado por Ele no último dia passado nessa terra, está vendo? Sobre o lá central ainda se vê a

mancha de sangue que lhe caiu dos lábios pálidos enquanto tocava o Prelúdio da gota d'água. Esse quarto só faz recordar a sua breve passagem terrena, vergado sobre seus suadíssimos papéis. Mas c os papéis? Estão guardados na Biblioteca do Colégio Romano e só se pode vê-los com autorização do Avô. E

o Avô? Morto.

Furibundo, voltei ao corredor e debrucei-me na janela do pátio chamando Amália. Mas será possível, perguntei, que nesses quartos não existam mais nem livros nem outra coisa, que no meu quarto não se vejam nem brinquedos?

"Mas senhorzinho Yambo, só ficou nesse quarto até os dezesseis, dezessete anos. E queria que os brinquedos ainda estivessem guardados? E por que lhe vieram à cabeça agora, cinqüenta anos depois?"

"Deixe estar. Mas, e o escritório de meu avô? Devia estar cheio de coisas.

Onde foram parar?"

"Lá em cima no sótão, tudo no sótão. Lembra dele? Parece um cemitério, a mim me dá tristeza, só subo para espalhar os pratinhos com leite. Por quê?

Ora, porque assim os três gatos da casa ficam com vontade de subir, e uma vez lá, divertem-se caçando os ratos. Foi uma idéia do senhor seu avô: tem muito papel no sótão, é preciso manter os ratos bem longe, porque no campo, o senhor sabe, por mais que se faça... À medida que o senhor ia crescendo, as coisas de antes iam parar no sótão, como as bonecas de sua irmã. E depois, quando seus tios meteram a mão aqui dentro, bem, não é que eu queira criticar, mas poderiam pelo menos deixar as coisas onde estavam. Nada, foi como fazer obras para as festas. Tudo despachado para o sótão.

É claro que o andar onde o senhor está agora se transformou num cemitério e quando voltou com a senhora Paola, ninguém quis mexer e por isso resolveram ir para a outra ala, mais acanhada, porém mais fácil de manter arrumada, e a senhora Paola deixou-a como um lugar de cristão..."

Se esperávamos encontrar na ala principal a caverna de Ali Babá com todas as suas ânforas cheias de moedas de ouro, diamantes grandes como nozes e tapetes voadores prontos para decolar, estávamos redondamente enganados, Paola e eu. As salas do tesouro estavam vazias. Seria necessário subir ao sótão

para trazer de volta tudo o que descobrisse, devolvendo-as então a seu estado original? Sim, mas precisaria lembrar como era o estado original e, ao contrário, eu estava fazendo toda aquela ciranda justamente para lembrar.

Voltei ao escritório de meu avô e vi, em cima de uma mesinha de canto, um tocadiscos. Não um velho gramofone, mas um tocadiscos com caixa incorporada. Pelo desenho devia ser dos anos cinqüenta, só para setenta e oito rotações. Então meu avô gostava de ouvir discos? Será que os colecionava, como todas as outras coisas? E onde estavam? No sótão, eles também?

Comecei a folhear as revistas francesas. Eram revistas de luxo, de margens desenhadas e ilustrações em cores de estilo pré-raphaelita, pálidas damas em colóquio com cavaleiros do Santo Graal. E contos e artigos, eles também emoldurados por volutas líricas, e páginas de moda, já em estilo art déco, com senhoras filiformes, cabelos curtos e roupas de chifon ou seda bordada, de cintura baixa, colos nus e amplos decotes nas costas, lábios sangrentos como uma ferida, longas piteiras das quais saíam preguiçosas volutas de fumaça azulada, chapeuzinhos com véu. Esses artistas menores sabiam desenhar o cheiro de pó-de-arroz.

As revistas alternavam um retorno nostálgico a um Liberty que mal terminara com a exploração daquilo que estava na moda, e talvez a alusão a belezas apenas desusadas conferisse uma pátina de

nobreza às propostas da futura Eva. Mas foi numa Eva de pouco tempo atrás, evidentemente fora de moda, que me detive com o coração aos pulos. Não era a misteriosa chama, era taquicardia das boas, soluços de nostalgias do presente.

Era um perfil feminino com longos cabelos dourados, um odor velado de anjo decaído. Recitei mentalmente:

E longuíssimos lírios de sacro palor

Morriam-te nas mãos qual círios evanescentes.

Emanavas dos dedos perfumes languescents No hálito esmorecido de suprema dor. De tuas claras vestes pouco a pouco partia O amor, e a agonia.

Por Deus, devo ter visto aquele rosto, quando menino, rapazola, adolescente, talvez ainda no limiar da fase adulta, e ficou-me impresso no coração. Era o perfil de Sibilla. Onde, conhecia Sibilla de um tempo imemorial, um mês atrás, no estúdio, eu só a reconhecera. Mas o reconhecimento, ao invés de gratificar-me, levar-me a ternuras renovadas, agora me encrespava a alma. Porque naquele momento eu me dava conta de que ver Sibilla simplesmente trouxera à vida um camafeu da minha infância.

Talvez já tivesse feito isso da primeira vez que a vi: pcnsci-a imediatamente como objeto de amor, assim como era objeto de amor aquela imagem. Em seguida, quando a reencontei depois do despertar, atribuí a nós dois uma história que era apenas uma fantasia de quando ainda usava calças curtas.

Entre mim e Sibilla nada havia além daquele perfil?

E se nada além daquele rosto houvesse entre mim e todas as mulheres que conheci? Se não tivesse feito mais que seguir o rosto visto no escritório de meu

avô? De repente, a busca a que me dedicava naqueles quartos assumia um outro valor. Não era apenas a tentativa de recordar o que acontecera antes de deixar Solara, mas também de compreender por que fiz o que fiz depois de Solara. Mas seria mesmo isso? Não vamos exagerar, dizia-me, na verdade você viu uma imagem que evocou uma mulher encontrada ontem. Talvez

essa figura lembre Sibilla só porque é esbelta e loura, outra pessoa poderia pensar, sei lá, em Greta Garbo ou na moça da porta ao lado. É você que ainda está afogueado e, como o sujeito da piada (contada por Gianni quando lhe disse dos testes no hospital), vê sempre aquilo em todas as manchas de tinta que o médico mostra.

Mas, em suma, veio aqui para reencontrar seu avô e só pensa em Sibilla?

Chega de revistas, posso vê-las depois. Logo fui atraído pelo Novíssimo Melzi de 1905, 4.260 gravuras, 78 tabelas de nomenclatura figurada, 1.050

retratos, 12 cromolitogravuras, Antonio Vallardi, Milão. Mal o abri e, à vista daquelas páginas amareladas de caracteres em corpo 8 e pequenas figuras no início dos verbetes mais importantes, fui logo procurando aquele que sabia que precisava encontrar. As torturas, as torturas. E, de fato, lá estava ela, a página com os vários tipos de suplício, a fervura, a crucifixão, o aguilhão, com

a vítima içada e depois largada com os glúteos sobre uma almofada de pontas de ferro afiladas, o fogo, com a tostadura das plantas dos pés, a grelha, o entetramento, a pira, a fogueira, a roda, o esfolamento, o espeto, a serra, paródia atroz de um espetáculo de prestidigitação, com o condenado em uma caixa e dois carnífaces com uma grande lâmina dentada, salvo que aqui, no final, o sujeito era realmente serrado em dois pedaços, o esquartejamento, quase como o precedente, exceto que nesse caso uma lâmina acionada a manivela deveria, presume-se, dividir o infeliz na longitudinal, e depois o arrastamento, com o culpado ligado ao rabo de um cavalo, o torniquete nos pés e, o mais impressionante de todos, o empalamento - e na época não devia saber nada das florestas de empalados ardentes, à luz dos quais o voivoda Drácula fazia sua ceia, e assim por diante, trinta tipos de tortura, uma mais cruel que a outra.

As torturas... Fechando os olhos, logo depois de chegar àquela página, poderia citar uma por uma, e o suave horror, a calma exaltação que experimentava eram os meus daquele momento, não os de um outro que eu já não conhecia.

Quanto devo ter me demorado nessa página. Mas quanto também nas outras, algumas coloridas (e chegava a elas sem nem precisar da ordem alfabética, como se seguisse a memória de meus dedos): os cogumelos, carnosos, e mais belos dentre todos os venenosos, a tinoxosa dourada de chapéu vermelho pontilhado de branco, o agárico sanguíneo de um amarelo pestífero, o bolero maléfico, a rossola como um lábio carnoso aberto numa careta; e depois os fósseis, com o megatério, o mastodonte e o moa; os instrumentos antigos (o ramsinga, o olifante, a trombeta, o alaúde, a rabeca, a harpa eólica e

a harpa de Salomão); as bandeiras de todo o mundo (com países que se chamam China e Cochinchina, Malabar, Congo, Tabor, Marates, Nova Granada, Saara, Samoa, Sandwich, Valáquia, Moldávia); os veículos com o ônibus, o faeton, o fiacre, o landau, o cupê, o cabriole, a sege, a diligência, o

carro etrusco, a biga, a torre elefantina, a carroça, a berlinda, o palanquim, a liteira, o trenó, a polia, a carreta; os veleiros (e eu que acreditava ter absorvido

de sabe-se lá qual história de aventuras de mar termos como bergantim, mezena, contramezena, belvedere, gávea, mastro, mastro de vante, periquito, joanete, traquete, buja e bujarrona, pau de surriola, a pique, gurupês, gávea, murada, vela a barlavento timoneiro do diabo, casco de mil bombardeiras, com mil trovões, solta o papa-figo, todos a bombordo, irmãos da Costa!); e mais, as armas antigas, a maça dasatada, o flagelo, a espada de justiceiro, a cimitarra, o punhal de três lâminas, a adaga, a alabarda, o arcabuz, a roda, a bombarda, o aríete, a catapulta; e a gramática da heráldica, campo, faixa, mastro, banda, barra, partido, quebrado, trinchado, aquartelado, agremiado...

Aquela foi a primeira enciclopédia da minha vida e devo tê-la folheado longamente. As margens das páginas estavam gastas, muitos verbetes sublinhados, aqui e ali viam-se rápidas anotações laterais numa caligrafia infantil, na maioria transcrições de termos difíceis. Aquele volume fora usado até o osso, lido e relido e amassado, e muitas folhas estavam se soltando.

Formou-se aqui o meu primeiro saber? Espero que não, escarneci depois de ler alguns verbetes, e justamente os mais sublinhados:

Platão. Ins. filés, grego, o maior dos filós, da antigüidade. Foi discíp. de Sócrates, cuja doutrina desposa nos Diálogos. Reuniu uma bela coleção de objetos ant. 429-347 a. C.

Baudelaire. Poeta paris., extravagante e artificial na arte.

Evidentemente é possível liberar-se também da má educação. Depois disso cresci em idade e sabedoria e, na universidade, li Platão quase todo. Ninguém jamais confirmou que tivesse reunido uma coleção de objetos antigos. Mas e se fosse verdade? E se essa fosse para ele a coisa mais importante, sendo o resto um

ganha-pão para permitir-se tal luxo? Na verdade aquelas torturas existiram e não acredito que os livros de história que circulam nas escolas as ensinem, o que é ruim, precisamos saber de que somos feitos, nós, estirpe de Caim. Cresci então pensando que o homem fosse irremediavelmente mau e a vida um conto cheio de som e fúria? Por isso Paola dizia que eu dava de ombros quando morria um milhão de crianças na África? Teria sido o Novíssimo Melzi a me fazer desconfiado da natureza humana? Continuava a folheá-lo:

Schumann (Rob.) Cél. compôs, alemão. Escreveu o Paraíso e a Peri, muitas Sinfonias, Cantatas, *etc.* 1810-1856 — (Clara). Distinta pianista, viúva do preced. 1819-1896.

Por que viúva? Em 1905, ambos estavam mortos há tempos, por acaso se diz que Calpúrnia era a viúva de Júlio César? Não, era a mulher, mesmo que tenha sobrevivido a ele. Por que somente Clara é viúva? Mas, santo Deus, o Novíssimo Melzi também era sensível a maledicências e foi depois da morte do marido, talvez antes mesmo, que Clara teve uma relação com Brahms.

Leiam-se as datas (o Melzi, como o oráculo de Delfos, não diz e não esconde, apenas insinua), Robert morre quando ela tinha apenas trinta e sete anos, destinada a viver outros quarenta. O que deveria fazer nessa idade uma bela e distinta pianista? Clara pertence à história como viúva, e o Melzi registrava isso. Como a história de Clara chegou ao meu conhecimento? Talvez o Melzi tenha desencadeado em mim uma curiosidade a respeito daquela "viúva". Quantas palavras sei porque as aprendi ali? Por que ainda sei, com adamantina certeza, e em meio à minha tempestade cerebral, que a capital de Madagascar é Antananarivo? Lá encontrei termos com o sabor de fórmula mágica, vita, beijamão, benjoim, baba-ovo, cerasta, crivador, dogmática, galiosso, bernardo-eremita, inescurecível, sujeirada, morcela, pasto, aposte-moso, donzelona, aldrabar, espelho, versuto, Ádrasto, Alóbrogos, Ritchu, Kafiristão, Dongola, Assurbanípal, Filopátor.

Folhee os atlas: alguns eram velhíssimos, antes mesmo da guerra de 1914-18, e na África, com uma cor cinza-azulada, ainda se viam as colônias alemãs. Devo ter freqüentado muitos atlas a vida inteira — não acabara de vender um Ortelius? Mas ali alguns nomes exóticos assumiam um ar familiar, como se devesse partir daqueles mapas para recuperar outros mapas. O que uma a minha

infância à DeutschOstafrika, às Nederlandsch-Indie e sobretudo a Zanzibar? De todo modo era indubitável que cm Solara uma palavra evocava outra. Conseguiria subir por essa cadeia até a palavra final? E qual? "Eu"?

Voltei a meu quarto. Tive a impressão de saber uma coisa sem nenhuma hesitação. No Campanini Carboni não tem a palavra merda. Como se diz em latim? O que exclamava Nero quando ao pendurar um quadro esmagava o * Em italiano, em sua própria casa, confundido com di sé, de si. {Ar. da 77)

dedo com o martelo? Qualis artifex pereói Para um menino esses eram problemas sérios, e a cultura oficial não dava respostas. Então recorria-se aos

dicionários não-esco-lásticos, acho eu. Elá estava, o Melzi registrava merda, merdeiro, merdícola, merdocco, "emplastro para arrancar pêlos, usado especialmente pelos judeus" - devo ter me perguntado quantos pêlos teriam os judeus. Tive como que um lampejo e ouvi uma voz: "O dicionário da minha casa diz que uma pitaña é um mulher que faz o seu comércio da sé.*" Alguém, um colega de escola, desencavou em outro dicionário aquilo que não havia nem no Melzi, tinha nos ouvidos o verbete proibido em forma semidialecal (a palavra devia ser pütännnd) e aquele "fazer comércio da sé" deve ter me intrigado por muito tempo. O que poderia haver de tão proibido em comerciar, como dizer, sem intermediário ou contador, em casa? E claro, a puta do prudente dicionário fazia comércio de si, mas meu informante traduzira mentalmente da única maneira que resgatava para ele o sentido de uma alusão maligna, daquelas que se ouvia em casa: "Espertinha, aquela lá, faz todo o seu comércio em casa..."

Revi alguma coisa, o lugar, o menino? Não, era como se reemergissem frases, seqüências de palavras escritas numa história lida tempos atras.

FLitus

voeis.

Os livros encadernados não podiam ser meus. Certamente peguei-os com meu avô ou talvez meus tios os tenham transferido do escritório para meu quarto por razões cenográficas. A maior parte eram cartonnés da Collection Hetzel, a obra completa de Verne, encadernação vermelha com frisos dourados, capas multicoloridas com enfeites em ouro... Talvez tenha aprendido o meu francês naqueles livros, e mais uma vez fui direto às imagens mais memoráveis, o capitão Nemo que vê o polvo gigante pela grande escotilha do Nautilus, a aeronave de Robur, o Conquistador, cheia de antenas tecnológicas, a bola que desaba sobre a Ilha Misteriosa {Vamos subir de novo? — Não, ao contrário, vamos descer! — Pior ainda, senhor Ciro, vamos desabar!}, o enorme projétil apontado para a lua, as grutas do centro da terra, Keraban, o obstinado e Miguel Strogoff... Quem sabe quanto me inquietaram essas figuras que emergiam sempre de um fundo escuro, delineadas com finos traços negros alternados a feridas esbranquiçadas, um universo desprovido de zonas cromáticas campidas de modo homogêneo, uma visão toda feita de arranhões, esfriamentos, reflexos embaçados por ausência de traço, um mundo visto por um animal com uma tetina bem particular, talvez vejam assim os bois e os cães, ou as lagartixas. Um mundo espiado à noite atrás de uma veneziana de tiras finíssimas. Eu entrava no mundo claro-escuro da ficção através dessas incisões: levantava os olhos do livro, saía,

o sol a pino me feria, e de volta paia baixo, como um subáqueo que mergulha em profundidades onde não se distinguem mais as cores. Teriam feito filmes coloridos a partir de Verne? O que seria Verne sem aqueles talhos, aquelas abrasões que só geram luz lá onde o instrumento do gravador escavou ou deixou em relevo a superfície?

Meu avô mandou encadernar outros volumes do mesmo período, mas salvando as velhas capas ilustradas, O menino de Paris, O conde de Montecristo, Os Três Mosqueteiros e outras obras-primas do romantismo popular.

Lá estava, em duas edições, a italiana Sonzogno e a francesa, O capitão

Satanás ou Les ravageurs de la mer de Jacolliot. Mesmas gravuras, sabe-se lá em que versão eu li. Sabia que a certa altura deviam acontecer duas cenas terríveis, primeiro o cruel Nadod que, com um único golpe de acha, fende a cabeça do bom Harald e mata seu filho Olaus, depois no final o justiceiro Guttur que agarra a cabeça de Nadod e põe-a a apertá-la gradualmente com as mãos poderosas, até que cérebro do miserável espirra até o teto. Nessa ilustração os olhos da vítima e do algoz quase saltam das órbitas.

A maior parte dos acontecimentos tem lugar em mares gelados cobertos de névoa boreal. São céus de madrepérola, que as incisões tornam nevoentos em contraste com a brancura dos gelos. Uma cortina de vapores cinzentos, uma nuança leitosa mais evidente que nunca... Uma poeira branca bem fina, semelhante a cinzas, desceu sobre a canoa... Das profundezas do oceano ergue-se um fulgor luminoso, uma luz irreal... Um aguaceiro de cinzas brancas, com fendas momentâneas entre as quais adivinha-se um caos de formas incertas... E uma figura humana infinitamente maior em suas dimensões que qualquer outro habitante da terra, envolta num sudário, o rosto de um candor imaculado de neve... Não, o que estou dizendo, essas são memórias de outra história. Parabéns, Yambo, você tem uma bela memória de curto prazo. Não foram essas as primeiras imagens, ou as primeiras palavras que recordou no momento em que despertava no hospital? Deve ser Poe. Mas se essas páginas de Poe imprimiram-se tão a fundo em sua memória coletiva, não será porque, quando criança, você viu, em particular, os mares pálidos do capitão Satanás?

Fiquei lendo (relendo?) o livro até a noite, percebi que comecei de pé e depois me acocorei com as costas contra a parede, o livro nos joelhos, imêmore do tempo, até que Amália veio me despertar daquele transe, gritando: "Mas vai fazer mal aos olhos, era o que a sua pobre mãe sempre dizia!"

Meu nosso senhor, em vez de passear lá fora, que hoje a tarde foi uma beleza que nem se fala. E não apareceu nem para almoçar ao meio-dia. Vamos, vamos, que já é hora de jantar!"

Acabava de repetir portanto um rito antigo. Estava exausto. Comi como um menino que precisa fortalecer o sangue e crescer, depois fui tomado por um sono enorme. Fim geral, dizia Paola, sempre leio antes de dormir, mas naquela noite nada de livros, como se fosse uma ordem de minha mãe.

Adormeci logo e sonhei terra e mares do Sul feitos de tiras de creme distribuídas por longos filamentos sobre um prato de geléia de amora.

7. OITO DIAS NUM SÓTÃO

O que fiz nos últimos oito dias? Li, a maior parte do tempo no sótão, mas a lembrança de um dia confunde-se com a de outro. Sei apenas que li de modo desordenado e furioso.

Não li tudo de fio a pavio. Certos livros, certos fascículos percorri como se sobrevoasse uma paisagem, e ao passar por eles já sabia o que estava escrito. Como se uma única palavra evocasse outras mil, ou florescesse num resumo encorpado, como aquelas flores japonesas que desabrocham na água.

Como se alguma coisa fosse sozinha se depositar em minha memória para fazer companhia a Édipo e Hans Castorp. Outras vezes o curto-circuito era ativado por um desenho, três mil palavras para uma imagem. Em outras lia lentamente, saboreando uma frase, um trecho, um capítulo, descobrindo talvez as mesmas emoções provocadas pela primeira e esquecida leitura.

Inútil falar da gama de misteriosíssimas chamuscas, leves taquicardias, rubores súbitos que moitas daquelas leituras suscitavam por um breve instante - para depois dissolver-se assim como vieram, deixando lugar a novas ondas de calor.

Ao longo de oito dias, acordava cedo para usufruir da luz, subia e lá ficava até o poente. Ao meio-dia Amália, que da primeira vez se assustou ao não me encontrar, trazia um prato de pão e salame, ou

queijo, duas maçãs e uma garrafa de vinho ("Senhor, Senhor, vai que essa criatura me adoce de novo e depois o que vou dizer à senhora Paola, faça pelo menos por mim: pare, senão vai ficar cego!"). Depois ia embora chorando e eu bebia quase toda a garrafa, continuando a fuçar papéis em estado de embriaguez, e fica evidente porque não consigo mais juntar o antes com o depois. As vezes,

descia com os braços cheios de livros e ia me enfiar em qualquer lugar, para não me tornar prisioneiro da água-furtada.

Antes de subir telefonei para casa, para dar notícias. Paola queria saber das minhas reações e fui cuidadoso: "Estou me acostumando com os lugares, o tempo é esplêndido, faço passeios ao ar livre, Amália é um amor." Perguntou se já visitara o farmacêutico da cidadezinha para medir a pressão. Devia fazê-lo a cada dois ou três dias. Com tudo aquilo que passei, não podia brincar.

E sobretudo os comprimidos, pela manhã e à noite.

Com algum remorso, mas com um sólido álibi profissional, telefonei logo depois para o estúdio. Sibilla ainda estava ocupada com o catálogo. Eu poderia ver as provas dentro de duas ou três semanas. Com muitos e paternais encorajamentos, desliguei.

Perguntei-me se ainda sentia alguma coisa por Sibilla. É estranho, mas os primeiros dias em Solara projetaram tudo em uma perspectiva diversa. Sibilla se transformava agora em uma lembrança distante da infância, enquanto aquilo que, pouco a pouco, eu desencavava das neblinas do passado se transformava no meu presente.

Amália explicou que se sobe ao sótão pela ala esquerda. Imaginava uma escada em caracol, de madeira, mas, em vez disso, eram degraus de pedra, cômodos e praticáveis. Do contrário, pensei depois, como teriam feito para transportar para cima tudo o que jogaram lá?

Pelo que lembrava, eu nunca estivera num sótão antes. Nem num porão, a bem dizer, mas existem idéias difusas sobre porões, subterrâneos, escuros, úmidos, frescos em todo caso, de se ir com uma vela. Ou uma tocha. O

romance gótico é rico de subterrâneos onde, lúgubre, gira Ambrósio, o Monge. Subterrâneos naturais como as cavernas de Tom Sawyer. O mistério da escuridão. Todas as casas têm um porão, nem todas têm um sótão, sobretudo na cidade, onde têm um ático. Mas realmente não há literatura sobre sótãos? E o

que é então Oitos dias num sótão? O título me vem à lembrança, mas só ele.

Mesmo não os percorrendo todos de uma vez, percebe-se que os sótãos da casa de Solara cobrem as três alas: entra-se por um espaço que vai da fachada aos fundos do edifício, mas depois abrem-se passagens mais esreitas e surgem anteparos, tabiques colocados para dividir os setores, traçados definidos por estantes de metal ou velhos baús, vielas de um labirinto sem fim.

Aventurei-me por um corredor à esquerda, virei ainda uma ou duas vezes, e vi-me diante da porta de entrada.

Sensações imediatas. Antes de mais nada, o calor, como é natural num desvão, depois a luz: provém em parte de uma série de trapeiras que podem ser vistas quando se olha a fachada, mas na maioria obstruídas do interior por uma montoeira de coisas empilhadas sobre elas, tanto que muitas vezes o sol mal consegue se infiltrar, formando lâminas amarelas nas quais agitam-se infinitos corpúsculos revelando que, também na penumbra circunstante, dança uma multidão de mónadas, sémens, átomos primordiais empenhados em escaramuças brownianas, corpos primigenios fervilhantes no vácuo -

quem falava deles, Lucrécio? Às vezes essas fendas vão relampear nos vidros de alguma cristaleira desmontada, ou de uma penteadeira que, de outro ângulo visual, parece uma superfície opaca qualquer apoiada na parede. E, aqui e ali, clarabóias embaçadas por decênios de detritos incrustados no exterior, mas ainda capazes de formar uma área mais clara sobre o pavimento.

Enfim, a cor dominante. A cor do sótão, dada pelas traves, pelas arcas amontoadas cá e lá, pelas caixas de papelão, pelos restos de caixotaria desmontada, é uma cor de marcenaria, feita de várias nuanças de marrom, do amarelado da madeira não envernizada às doçuras do bordo e às tonalidades mais sombrias de cômodas com o verniz já gasto, passando pelo marfim dos papéis que transbordam das caixas.

Se um porão anuncia os infernos, um sótão promete um paraíso meio passado, onde corpos mortos se entregam em uma poeirenta claridade, um elísio vegetal que, na ausência de verde, dá a sensação de um bosque tropical

ressecado, um canavial artificial onde se mergulha numa suavíssima sauna.

Pensava que os porões simbolizassem a acolhença do útero materno, com suas umidades amnióticas, mas eis que aquele útero aéreo fazia as vezes com seu calor quase medicamentoso. E naquele dédalo luminoso, onde bastava retirar um par de telhas para se encontrar a céu aberto, flutuava um cheiro cúmplice de fechado, um odor de silêncio e quietude.

Por outro lado, depois de um certo tempo, eu já nem sentia o calor, tomado como estava pelo frenesi de descobrir tudo. Porque meu tesouro de Clarabela certamente estava ali, só que precisava escavar longamente e não sabia por onde começar.

Tive que romper muitas teias de aranha: os gatos se octipavam dos ratos, como disse Amália, mas Amália não pensou nas aranhas. Se não invadiram tudo, foi por seleção natural, uma geração morre, suas teias se desmancham e assim por diante de estação em estação.

Comecei a remexer algumas prateleiras, arriscando-me a derrubar a caixaria que ali se amontoava. Evidentemente, meu avô também colecionava caixas, sobretudo de metal e multicoloridas. Caixas de lata desenhada, os biscoitos Wamar com cupidos em balanços, a caixinha dos comprimidos Arnaldi ou a de bordas douradas e motivos vegetais da brilhantina Coldinava, a bomboneira das penas para caneta Perry, o cofre suntuoso e lúcido dos lápis Presbítero, todos ainda alinhados e intonsos como uma douda cartucheira, e finalmente a lata do chocolate em pó Talmone, com os Dois Velhos — ela que oferece ternamente a bebida digestiva a um ancestral sorridente, ancien regime, ainda vestido de culottes. Identifiquei espontaneamente nos dois velhotes os meus avós, que provavelmente mal conheci.

Depois caiu-me entre as mãos uma outra caixa, estilo fim-de-século XIX, do Efervescente Brioschi. Deliciados, alguns cavalheiros bebericam cálices d'água de mesa servidos por uma graciosa garçõete. As primeiras a se lembrar foram minhas mãos. Pega-se o primeiro envelopinho, com um pó branco e fino,

despeja-se lentamente no gargalo da garrafa cheia de água da bica e agita-se um pouco o recipiente para que o pó se dissolva bem e não fique grudado no gargalo; pega-se em seguida o segundo envelopinho, com um pó granulado de pequeníssimos cristais, e despeja-se também, dessa vez rapidamente, pois tudo começa a ferver e é preciso fechar com presteza a tampa de mola, esperando que o milagre químico se cumpra naquele caldo primordial, entre borbulhas e tentativas do líquido de extravasar a guarnição de borracha. Por fim a tempestade se acalma e a água frisanse está pronta para ser bebida, água de mesa, vinho das crianças, mineral feita em casa. Disse comigo mesmo: água vichi.

Mas depois das minhas mãos uma outra coisa se ativou, quase como naquele dia, diante do Tesouro de Clarabela. Procurava uma outra caixa, certamente de época posterior, que tantas vezes abri antes de nos sentarmos à mesa. O desenho seria um pouco diferente: sempre os mesmos cavalheiros, sempre experimentando a água maravilhosa em longas taças de champanhe, mas em sua mesa via-se nitidamente uma caixa igualzinha à que se tinha nas mãos; e naquela caixa esravam desenhados os mesmos cavalheiros que bebiam diante de uma mesa onde aparecia uma outra caixa de água de mesa, ela também com dois cavalheiros que... E assim para sempre, sabia que bastaria uma lente ou um microscópio para ver mais caixas desenhadas nas caixas, en abîme, como caixinhas chinesas, como a matrios-ka. O infinito, percebido pelos olhos de um menino antes de ouvir falar do paradoxo de Zenão. A corrida para atingir uma meta inatingível, nunca jamais a tartaruga ou Aquiles chegariam à última caixa, aos últimos cavalheiros e à última criada.

Aprende-se ainda criança a metafísica do infinito e o cálculo infinitesimal, só

não se sabe ainda o que se está intuindo, e poderia ser a imagem de um Regresso Sem Fim, ou, ao contrário, a horrível promessa do Eterno Retorno e do volver de idades que se mordem as caudas, pois alcançada a última caixa, se uma última houvesse, talvez no fundo daquele vórtice se descobrisse a si mesmo com a caixa do início nas mãos. Por que resolvi ser livreiro-antiquário senão para remontar a um ponto fixo, o dia em que Gutenberg imprimiu a primeira Bíblia na Mogúncia? Pelo menos você sabe que antes não havia nada, ou melhor, havia uma outra coisa, e sabe que pode parar, senão não seria mais um livreiro e sim um decifrador de manuscritos. Escolhe um ofício que o compromete apenas com cinco séculos e meio porque quando criança fantasiava sobre o infinito das

caixas da água vichi.

Todo o material acumulado no sótão não caberia no escritório de meu avô nem em qualquer outro lugar da casa, donde, mesmo quando o escritório estava cheio de calhamaços, muita coisa já estava lá em cima. Foi lá, portanto,

que fiz muitas das minhas explorações infantis, lá em cima estava a minha Pompeia, de onde desenterrava restos remotos que remontavam a antes de meu nascimento. Como estava fazendo agora, lá eu farejava o passado. E, portanto, ainda estava celebrando uma Repetição.

Ao lado da caixa de lata havia duas outras de papelão, cheias de maços e caixas de cigarros. Até aquilo ele juntava, meu avô, e certamente não lhe custara pouco esforço surrupiá-los de viajantes, sabe-se onde e de onde, porque naquele tempo o colecionismo de coisas mínimas não estava organizado como hoje. Eram marcas nunca ouvidas, Mjin Cigarettes, Makedonia, Turkish Atika, Tiedemanns Birds Eye, Calypso, Cirene, Kef Orientalske Cigaretter, Aladdin, Armiro Jakobstad, Golden West Virginia, El Kalif Alexandria, Stambul, Sasja Mild Russian Blend, embalagens suntuosas, com imagens de paxás e quedivas e odaliscas orientais, como nos Cigarillos Excelsior De La Abundancia, ou marinheiros ingleses arrumadíssimos em branco e azul, com a barba cuidada de um rei George talvez quinto, e em seguida algumas caixas que eu tinha a impressão de reconhecer, como se as tivesse visto nas mãos de senhoras, o branco-marfim dos Eva, os Serraglio e, por fim, os maços de papel achatados e amassados dos cigarros populares, como Africa ou Milit, que ninguém pensou em conservar e devemos agradecer a sei lá quem por se dignar a recolher um da lixeira para futura memória.

Demorei-me pelo menos dez minutos sobre o restolho achatado e retalhado de 10 Sigarette Macedónia, Lire 3, murmurando: "Duilio, o Macedónia está te deixando os dedos amarelos..." De meu pai ainda não soubera nada, mas agora estava seguro de que fumava aqueles Macedónia, talvez justamente aqueles daquele maço, e que minha mãe reclamava dos dedos amarelos de nicotina, "amarelos como uma pastilha de quinino".

Adivinhar a imagem paterna através de uma pálida tonalidade de tanino não era muito, mas o suficiente para justificar a viagem a Solara.

Reconheci também as maravilhas da caixa ao lado, atraído por uma acidez de perfume barato. Ainda encontráveis, mas caríssimos, eu os vi umas poucas semanas antes nas bancas de Cordusio: eram os pequenos calendários

de barbearia, tão insuportavelmente perfumados que ainda conservam algum cheiro cinqüenta e tantos anos depois, uma sinfonia de cocotes, de damas em crinolina mas sem cinta, de belezas em balanços, de amantes perdidos, de dançarinas exóticas, de rainhas do Egito... Os Penteados Femininos através dos Séculos, as Damas Talismã, O Firmamento Italiano com Maria Denis e Vittorio De Sica, Sua Majestade a Mulher, Salomé, Almanaque Perfumado Estilo Império com Madame Sans Gene, Tout Paris, o Grand Savon Quinquine, sabonete universal para toalete, anti-séptico, preciosíssimo nos climas quentes, contra escorbuto, febres maláricas, eczema seco (sic) — com o monograma de Napoleão, só Deus sabe por quê, mas na primeira imagem aparece o Imperador recebendo de um turco a notícia da grande invenção e dando sua aprovação. E também um calendariozinho com o Vate D'Annunzio - os barbeiros não tinham pudor.

Farejava com alguma reserva, como um intruso no reino proibido. Os pequenos calendários de barbearia poderiam excitar morbosamente a fantasia de um menino, talvez me fossem proibidos. Talvez no sótão pudesse compreender alguma coisa sobre a formação da minha consciência sexual.

O sol batia a pique sobre as clarabóias e eu não era recompensado. Vira muitas coisas, mas não um objeto que tivesse sido verdadeira e somente meu.

Andei ao acaso e fui atraído por um caixote fechado. Abri e estava cheio de brinquedos.

Nas semanas precedentes, observara os brinquedos de meus netos, todos de plástico colorido, a maioria eletrônicos. De uma lancha nova que lhe dei de presente, Sandro logo me dissera que não jogasse fora a caixa, pois a bateria devia estar lá dentro. Meus brinquedos de antigamente eram de madeira e lata.

Sabres, pequenos fuzis que atiravam tampas de cortiça, um capacetezinho colonial do tempo da conquista da Etiópia, uma armada inteira de soldadinhos de chumbo, e outros maiores de material frágil, uns já sem cabeça, outros sem braço, outros ainda só com o espeto de ferro em torno do qual segurava-se aquela espécie de argila pintada. Devo ter vivido dias e dias com aqueles fuzis

e heróis mutilados, presa de furores guerreiros. Na época, um menino tinha que, forçosamente, ser educado no culto à guerra.

Embaixo ficavam as bonecas de minha irmã, que talvez tivessem sido de minha mãe, que recebera por sua vez de minha avó (deve ter havido um tempo em que se herdavam os brinquedos): carnação de porcelana, boquinha de rosa e faces afogueadas, vestidinho de organza, olhos que ainda se moviam languidamente. Uma, quando a sacudi, ainda repetiu mamãe.

Revirando entre um fuzil e outro, reencontrei uns soldadinhos curiosos, chatos, de madeira entalhada, quepe vermelho, jaqueta azul e calças longas, vermelhas com uma tira amarela, montados sobre rodinhas. Os traços não eram marciais, mas grotescos, com narizes de batata. Pensei que um deles era o capitão La Patata do regimento dos Soldadinhos de Bengodi. Tinha certeza de que se chamavam assim.

Por fim retirei uma rã de lata que, apertando-lhe a barriga, ainda emitia um cra-cra apenas perceptível. Se não quer os caramelos de leite do dr.

Osimo, pensei, certamente vai querer ver a rã. O que rinha a ver o dr. Osimo com a rã? A quem pretendia mostrá-la? Breu total. Precisava refletir melhor.

Olhando e tocando a rã, veio-me espontaneamente dizer que Angelo Urso tinha que morrer. Quem era Angelo Urso? Que relação tinha com a rã de lata?

Sentia alguma coisa vibrar, estava certo de que tanto a rã quanto Angelo Urso me ligavam a alguém, mas na aridez de minha memória puramente verbal não tinha outros pontos de apoio. Mas murmurei dois versos: "Vai começar o desfile, / capitão La Patata." Depois mais nada: estava de novo no presente, no silêncio avelã do sótão.

No segundo dia Matü veio me fazer uma visita. Enquanto eu comia, pulou nos meus joelhos e ganhou umas cascas de queijo. Depois da garrafa de vinho, agora já de lei, fui andando ao acaso até ver dois grandes armários oscilantes plantados diante de uma trapeira por meio de uns calços rudimentares de madeira inseridos para mantê-los mais ou menos na vertical. Tive uma certa

dificuldade para abrir o primeiro, sempre a ponto de desabar em cima de mim, e assim que consegui, uma chuva de livros caiu a meus pés. Não conseguia deter aquela ruína, parecia que aqueles mochos, morcegos, corujas aprisionados há séculos, aqueles gênios da garrafa, só esperavam que um imprudente lhes desse uma vingativa liberdade.

Entre aqueles que se acumulavam sobre meus pés e aqueles que tentava retirar a tempo de evitar a queda, era toda uma biblioteca que eu descobria -

que digo, provavelmente o estoque da velha loja de meu avô que os tios liquidaram na cidade.

Nunca conseguiria ver aquilo tudo, mas já fulgurava em agnições que se iluminavam e se apagavam num instante. Eram livros em línguas diversas e de épocas diversas, alguns títulos não me suscitavam nenhuma chama, pois pertenciam ao repertório do já conhecido, como muitas velhas edições de romances russos, salvo que, apenas folheando as páginas, fui surpreendido por um italiano esquisito, devido - como diziam os frontispícios - a senhoras com duplo sobrenome que, evidentemente, traduziam os russos do francês, pois todos os personagens tinham nomes com desinências em ine, como por exemplo, Myskine e Rogozyne.

Muitos daqueles volumes, só de tocar as folhas, esfarinhavam-se em minhas mãos, como se o papel, depois de decênios de escuridão sepulcral, não conseguisse suportar a luz do sol. De fato, não suportava o toque dos dedos e

por anos a fio prostrara-se à espera de dividir-se em retalhos miúdos, esfarinhando-se em lâminas finas nas margens e nos cantos.

Fui atraído pelo Martin Eden de Jack London e maquinalmente procurei a última frase, como se meus dedos soubessem que estaria lá, Martin Eden, no cúmulo da glória, mata-se deslizando para o mar da escotilha de um transatlântico, sente a água que lhe penetra lentamente nos pulmões, compreende alguma coisa num último lampejo de lucidez, talvez o sentido da vida, mas "mal o soube, deixou de sabê-lo".

Deve-se realmente almejar a última revelação se, uma vez percebida, mergulha-se na escuridão? Essa redescoberta lançou como que uma sombra sobre o que estava fazendo. Talvez devesse parar, visto que a sorte já me dera o esquecimento. Mas agora que já começara, não podia deixar de continuar.

Passei o dia a folhear cá e lá, intuindo às vezes que grandes obras-primas que pensava ter absorvido na minha memória coletiva e adulta foram abordadas pela primeira vez nas adaptações para crianças da "Scala d'Oro".

Soavam familiares as líricas de O Cestinho, poesias para a infância de Angiolo Silvio Novaro: O que diz a garoinha de março que bate argentina nas telhas velhas do teto e nos secos cavacos do horto? Ou, Primavera vem dançando, vem dançando a tua porta, vais dizer o que ela porta? Guirlandas de borboletas, campainhas de bom-dia. Saberá então o que eram bons-dias e cavacos? Mas imediatamente depois caíram diante dos meus olhos as capas da série do Fantomas, que me falavam do Enforcado de Londres, da Vespa vermelha e da Gravata de cânhamo, com suas histórias obscuras de perseguições pelos esgotos de Paris, de donzelas

emergindo de tumbas, de corpos esquartejados, cabeças decepadas, e a figura do príncipe do crime de fraque, sempre pronto a ressuscitar e dominar com sua risada zombeteira uma Paris noturna e subterrânea.

E junto com Fantomas, lá estava a série de Rocambole, outro senhor do crime, onde, na abertura da primeira página de As misérias de Londres, lia-se a seguinte descrição:

No ângulo sudoeste de Wellclose-square há uma estradinha de cerca de três metros de largura; a meio caminho ergue-se um teatro, cujos melhores lugares

são vendidos a doze soldos, e se entra na platéia por um penny. O ator principal é um negro. Lá se fuma e se bebe durante o espetáculo. As prostitutas que sobem aos camarotes estão descalças; a platéia é composta de ladrões.

Não consegui resistir ao fascínio do mal e dediquei a Fantomas e Rocambole o resto da jornada, entre leituras erráticas e fulgurantes, misturadas às histórias de mais um criminoso, este porém um cavalheiro, Arsène Lupin, e de outro ainda mais fidalgo, o elegantíssimo Barão, aristocrático ladrão de jóias de múltiplos disfarces, com uma imagem exageradamente anglo-saxônica - de um desenhista italiano e anglofilo, creio eu.

Vibrava diante de uma bela edição de Pinóquio, ilustrada por Mussino em 1911, com as páginas desbeijadas e manchadas de café com leite. Todos sabem o que conta Pinóquio, de Pinóquio me ficou uma imagem jovialmente fantástica e sei lá quantas vezes contei a história a meus netos para entretê-los. Mesmo assim, senti um estremecimento diante de ilustrações aterrorizantes, trabalhadas em duas cores únicas, amarelo e preto ou verde e preto, que em suas volutas liberty me assaltavam com a barba fluvial do Come-fogo, com os inquietantes chapéus azuis da fada, com as visões noturnas dos Assassinos e com o esgar do Pescador Verde. Teria me encolhido sob as cobertas, nas noites de temporal, depois de ter visto aquele Pinóquio? Algumas semanas antes, quando perguntava a Paola se todos aqueles filmes de violência e de mortos-vivos na televisão não faziam mal às crianças, ela disse que um psicólogo lhe contou que em toda a sua carreira nunca encontrara uma criança neurotizada por um filme, exceto uma vez, e essa criança, irremediável e profundamente ferida, fora arruinada por Branca de Neve de Walt Disney.

Por outro lado, descobri que até o meu nome provinha de visões assim terríveis. Lá estavam As aventuras de Topetinho de um tal Yambo, e de Yambo eram também outros livros de aventuras, ainda com desenhos art nouveau e cenografias obscuras, castelos que se delineavam sobre um pico, negros na noite escura, bosques fantasmagóricos com lobos de olhos chamejantes, visões submarinas de um Verne caseiro e póstumo, e Topetinho, menino miúdo e gracioso de afoito topete de fábula: "Um topete imenso lhe dava um ar curioso e o fazia parecido com um espanador. E ele gostava, sabem, do seu topete!" Ali nascera o Yambo que sou e que desejei ser. A bem da verdade, melhor do que me

identificar com Pinóquio.

Assim foi a minha infância? Ou pior? Porque, remexendo ainda, trouxe à luz {envolvidos no papel azul dos pacotes de açúcar e fechados com elástico) vários anos do Jornal Ilustrado das Viagens e das Aventuras de Terra e Mar. Eram fascículos semanais e a coletânea de meu avô tinha números dos primeiros decênios do século, além de algumas cópias francesas do Journal des Voyages.

Muitas capas representavam prussianos ferozes que fuzilavam zuavos valorosos, mas na maioria eram aventuras de desapiedada crueldade nos países mais distantes, coolies chineses empalados, virgens seminuas ajoelhadas diante de um sombrio conselho dos dez, filas de cabeças decapitadas enfiadas em mastros agudos diante dos contrafortes de alguma mesquita, massacres de crianças cometidos por batedores tuaregues armados de cimitarras, corpos de escravos dilacerados por tigres imensos -

parecia que a tábua das torturas do Novíssimo Melzi servira de inspiração a desenhistas perversos, presas de um inatural frenesi de emulação: era um resumo do Mal sob todas as suas formas.

Diante de tamanha abundância, ancilosado pelas minhas estadas no sótão, levei os fascículos para o salão das maçãs no térreo, pois naqueles dias o calor tornara-se insuportável, e tive a impressão de que as maçãs

alinhadas na grande mesa estivessem todas mofadas. Mas entendi depois que o cheiro de mofo vinha justamente daquelas páginas. Como podiam ter cheiro de umidade depois de cinquenta anos na atmosfera seca do sótão?

Talvez nos meses frios e chuvosos o sótão não fosse assim tão seco, absorvendo umidade dos telhados, ou quem sabe aqueles fascículos tivessem ficado por dezenas de anos, antes de chegarem lá, em algum porão com água escorrendo pelas paredes, onde meu avô os desencavara (ele também devia cortejar viúvas) tão úmidos que não perdetam o cheiro nem sob o calor que os transformara em pergaminho. Só que, enquanto lia histórias atrozes de vinganças cruéis, o mofo não me lembrava sentimentos de crueldade, mas sim os Reis Magos e o Menino Jesus. Por quê, quando é que tive contato com os Reis Magos, e o que tinham os Reis Magos a ver com os massacres no mar dos Sargaços?

No momento, todavia, meu problema era outro. Tendo lido todas aquelas histórias, tendo certamente visto todas aquelas capas, como podia aceitar que a primavera vem cantando? Seria uma capacidade inata de separar o universo dos bons sentimentos familiares daquelas aventuras que falavam de um mundo cruel criado sob o modelo do Grand Guignol, um universo de dilaceramentos, esfola-duras, fogueiras e enforcamentos?

O primeiro armário estava completamente vazio, embora eu não tivesse podido ver tudo. No terceiro dia tentei o segundo, menos abarrotado. Lá os livros estavam alinhados com muita ordem, não como se tivessem sido jogados raivosamente pelos tios, dedicados a acomodar coisas das quais pretendiam se desfazer, mas por meu avô, tempos antes. Ou por mim. Eram livros mais adequados à infância e talvez pertencessem à minha biblioteca particular.

Retirei toda a coleção da Biblioteca dos meus Meninos, de Salani, cujas capas reconhecia e cujos títulos recitava antes mesmo de retirar o volume, com a mesma segurança com que distinguia nos catálogos dos colegas ou na biblioteca da última viúva os livros mais conhecidos, a *Cosmographia* de Münster ou o *De sensu rerum et magia* de Campanella: O Moço que veio do mar, A herança do cigano, As aventuras de Flor-de-sol, A tribo dos coelhos selvagens, Os fantasmas maliciosos, Os prisioneiros de Casabella, A carreta pintada, A torre do norte, O bracelete indiano, O

segredo do homem de ferro, O circo Barletta...

Livros demais, se ficasse no sótão eu ficaria torto como o corcunda de Notre-Dame. Peguei uma braçada deles e desci. Podia ir para o escritório, sentar no jardim mas, ao contrário, obscuramente, eu queria outra coisa.

Passando pelos fundos da casa, andei para a direita, lá onde no primeiro dia ouvira grunhirem os porcos e cacarejarem as galinhas. Lá, nos fundos da ala de Amália, havia um pátio como os de antigamente, onde as galinhas ciscavam, e mais adiante viam-se as coelheiras e os estábulos.

No térreo havia um grande salão cheio de utensílios agrícolas, ancinhos, podões, enxadas, baldes para a cal, velhas tinas.

No fundo do pátio, uma vereda levava a um pomar, realmente rico e fresquíssimo, e a primeira tentação foi subir numa árvore e ler sentado a cavalo num galho. Talvez tenha feito isso quando menino, mas aos sessenta anos a prudência nunca é demais e depois meus pés já estavam me levando para outra parte. Emboquei por uma escadinha de pedra por entre o verde e desci para um espaço circular,

circundado de muretas recobertas de hera. Bem na frente da entrada, contra o muro, havia uma fonte, com uma água clata que cantava descendo. Soprava um vento leve, o silêncio era completo, acocórame em uma saliência de pedra, entre a fonte e o muro, dispondo-me para a leitura. Algo me levava até lá, onde talvez eu costumasse ir, justamente com aqueles livros. Aceitei a escolha dos espíritos que me animavam e mergulhei nos meus livrinhos.

Frequentemente, lembrava a história inteira a partir de uma única ilustração.

Percebi que alguns deles, pelo desenho bem anos quaianta e pelo nome do autor, eram italianos, como O teleférico misterioso ou Saettino, puro sangue milanês, e muitos inspiravam-se em sentimentos patrióticos e nacionalistas. Mas a maior parte era traduzida do francês, escritos por uns certos B. Bernage, M. Goudareau, E. De Cys, J. Rosmer, Valor, P. Besbre, C.

Péronnet, A. Bruyère, M. Catalany - uma lista de ilustres desconhecidos cujo nome de batismo talvez fosse desconhecido até do editor italiano. Meu avô também tinha alguns originais, publicados na Bibliothèque de Suzette. As edições italianas saíam com um ou mais decênios de atraso, e as ilustrações remetiam, no mínimo, aos anos vinte. Como leitor-criança devo ter respirado um clima amavelmente sazornado e tanto melhor: tudo se projetava em um mundo de ontem, imaginado por senhores que tinham todo o ar de serem senhoras e que escreviam para juvenzinhos de boa família.

No fim parecia que aqueles livros contassem todos a mesma história: em

geral, três ou quatro rapazolas de nobre linhagem (com os pais, sabe-se lá por quê, sempre em viagem alhures) chegam para ficar com um tio num antigo castelo ou num estranho domínio agrícola e topam com apaixonantes e misteriosas aventuras por criptas e torreões, descobrindo em seguida um tesouro, as manobras de um intendente infiel e o documento que restitui a uma família decaída as propriedades usurpadas por um primo desleal. Gaio final, celebração da coragem dos rapazes, observações bonachonas dos tios ou dos avós sobre os perigos da temeridade, mesmo que generosa.

Que as histórias tinham ambientação francesa, era fácil de perceber pelas blusas e tamancos dos camponeses, mas os tradutores haviam realizado milagres de equilíbrio para verter os nomes para o italiano e dar a entender que a história se desenrolava em alguma região local, a despeito da paisagem e da arquitetura, ora da Bretanha, ora da região de Auvergne.

Havia duas edições daquele que era evidentemente o mesmo livro (de M.

Bourcet), mas, na edição de 1932, ele se intitulava *O herdeiro de Ferlac* (e os nomes dos personagens eram franceses) e na edição de 1941 já se transformara em *O herdeiro de Ferralba*, com os protagonistas caseiros. Era claro que nesse meio tempo alguma disposição superior ou uma censura espontânea impuseram a italianização das histórias.

Mas eis que finalmente se explica a expressão que me passou pela cabeça quando entrava no sótão: fazia parte dessa série o título *Oito dias num sótão* (e também o original, *Huit jours dans un grenier*), deliciosa história de meninos que hospedam por uma semana, no sótão de sua casa, uma menina fugida de casa, Nicoletta - não sabia se o amor pelo sótão me viera daquela leitura ou se encontrara o livro justamente passeando pelo sótão. E por que dei o nome de Nicoletta à minha filha?

No sótão, Nicoletta ficava com o gato Matü, uma espécie de angora negríssimo e majestoso, e aí está de onde viera a idéia de ter um Matú só para mim. Os desenhos representavam meninas pequeninas e bem-vestidas, as vezes com rendas, cabelos louros e lineamentos delicados, e assim também as mães, cabelos curtos e bem-cuidados, cintura baixa, saia até os joelhos com tríplice

volan, seio aristocrático pouquíssimo pronunciado.

Nos dois dias junto à fonte, quando a luz desmaiava e eu mal podia distinguir as figuras, pensava que nas páginas da Biblioteca dos meus Meninos eu educara meu gosto pelo fantástico, mas vivendo num país em que, mesmo que o autor se chamasse Catalany, os protagonistas tinham que se chamar Liliana ou Maurizio.

Seria isso a educação nacionalista? Será que eu compreendia que aqueles meninos, que me eram apresentados como pequenos e corajosos compatriotas de meu tempo, viveram em um ambiente estrangeiro decênios antes do meu nascimento?

De volta ao sótão no final daquelas férias junto à fonte, descobri um pacote amarrado com barbante contendo cerca de trinta fascículos (sessenta centavos cada um) com as aventuras de Buffalo Bill. Não estavam organizados na ordem de publicação e a visão da primeira capa provocou-me uma descarga de chamas misteriosas. O medalhão de brilhantes: Buffalo Bill, com os punhos amarrados para trás, está para lançar-se com olhar sombrio contra um fora-da-lei de camisa avermelhada, que o ameaça com uma pistola.

Mas à medida que lia este número 11 da série, ocorriam-me outros títulos, O pequeno mensageiro, As grandes aventuras da floresta, Bob, o selvagem, Don Ramiro, o escravagista, A estância maldita...

Espantou-me que a capa estampasse Buffalo Bill — O herói da pradaria, enquanto o cabeçalho no interior dizia Buffalo Bill — O herói italiano da pradaria. A situação - ao menos para um livreiro-antiquário — era clara: bastava ver o primeiro número de uma nova série, de 1942, onde uma vistosa nota em negrito dizia que William Cody chamava-se na verdade Domênico Tombini, natural da Emília-Romana (como

o Duce, embora a nota passasse púdicamente por cima dessa prodigiosa coincidência). Em 1942, já tínhamos entrado em guerra - creio eu - contra os Estados Unidos e isso explicava tudo. O editor (Nerbini, de Florença) imprimira as capas numa época em que William Cody podia tranqüilamente ser americano, depois ficou decidido que os heróis tinham que ser sempre e unicamente

italianos. Nada havia a fazer senão manter, por razões econômicas, a velha capa em cores, recompondo apenas a primeira página.

Curioso, disse comigo mesmo, adormecendo com a última aventura de Buffalo Bill: eu era alimentado com material aventuroso francês e americano, mas naturalizado. Se essa era a educação nacionalista que os meninos recebiam durante a ditadura, tratava-se de educação bastante amena.

Não, não era amena. O primeiro livro que peguei no dia seguinte foi Rapazes da Itália no mundo, de Pina Ballario, com ilustrações modernas, nervosas, em um jogo de fundos pretos e vermelhos.

Alguns dias antes, em meu quartinho, quando vi os livros de Verne e Dumas tive a sensação de tê-los lido encolhido em um balcão. Não dei importância ao fato, fora apenas um lampejo, uma simples impressão de déjà vu. Agora, porém, lembrava que no centro da ala de meu avô realmente se abre um balcão e pelo visto foi ali que consumi aquelas aventuras.

Para experimentar o balcão, decidi ler Rapazes da Itália no mundo lá, e assim fiz, tentando até sentar-me com as pernas penduradas para baixo, enfiadas nos interstícios da grade. Mas minhas pernas, atualmente, já não passavam por aquelas passagens. Fiquei horas assando ao sol, até que o astro dobrou a fachada, tornando a área mais temperada. Mas assim podia sentir o sol andaluz, ou o que entendia por isso, embora a história se passasse em Barcelona. Um grupo de jovens italianos emigrados para a Espanha com a família era surpreendido pela rebelião anti-republicana do generalíssimo Franco, só que na minha história os usurpadores eram os milicianos vermelhos, embriagados e sanguinários. Os jovens italianos retomam seu orgulho fascista, percorrem impávidos de camisa negra uma Barcelona tomada por rebeliões nas ruas, salvam o galhardete da Casa dos Fasces, fechada pelos republicanos, e o corajoso protagonista consegue converter até o padre, socialista e beerrão, ao verbo do Duce. Uma leitura que poderia me fazer arder de orgulho lictório. Eu me identificava com esses rapazes da Itália,

com os pequenos parisienses do tal Bernage ou com um senhor que ao fim e ao cabo ainda se chamava Cody e não Tombini? Quem habitava meus sonhos de

criança? Os rapazes da Itália ou a menininha do sótão?

Um retorno ao sótão deu-me ainda duas outras emoções. Antes de mais nada, A ilha do tesouro. Reconhecer o título era óbvio, trata-se de um clássico, mas esquecera a história, sinal de que se tornara parte de minha vida.

Levei duas horas para percorrê-lo num só fôlego, mas a cada capítulo lembrava do que viria em seguida. Estava de volta ao pomar, onde entrevira, ao fundo, moitas de avelã selvagem e lá, sentado no chão, alternava a leitura com um punhado de avelãs. Com uma pedra, quebrava três ou quatro de cada vez, soprava os fragmentos de casca e enfiava o butim na boca. Não tinha o barril de maçãs em que Jim se enfiara para espiar os conciliábulos de Long John Silver, mas na verdade devo ter lido aquele livro assim, beliscando frutas secas como se faz nos navios.

A história era a minha. Com base num tênue manuscrito, lá vamos nós em busca do tesouro do capitão Flint. Já no final, fui pegar uma garrafa de grapa que vi na cristaleira de Amália, alternando aquela história de piratas com longos goles. Quinze homens no caixão do morto, io-ho-ho, e uma garrafa de rum.

Depois da Ilha descobri a História de Pipino nascido velho e morto menino, de Giulio Granelli. Tal como viera à minha memória alguns dias atrás, só que o livro contava de um cachimbo ainda quente, abandonado numa mesa ao lado da estatueta em argila de um velhinho, que resolvia dar calor àquela coisa morta para dar-lhe à vida e nascia um pequeno velhinho. Puer senex, um lugar-comum antiquíssimo. No final, Pipino morre infante no berço e ascende aos céus por obra de fadas. Era melhor como eu lembrava, Pipino nascia velho numa couve e morria lactente em outra. De qualquer modo, a viagem de Pipino até a infância era a minha. Talvez, voltando ao momento do nascimento, eu também me dissolvesse no nada (ou no Todo) como ele.

Paola ligou à noite, preocupada porque eu não dava mais sinais de vida.

Trabalho, trabalho, disse eu, não se preocupe com a pressão, tudo normal.

Mas no dia seguinte lá estava eu de novo remexendo no armário, encontrando todos os romances de Salgari, com capas floreadas, onde entre volutas delicadas apareciam, sombrio e desapiedado, o Corsário Negro, de cabeleira corvina e bela boca vermelha finamente desenhada sobre o rosto melancólico, o Sandokan de Dois Tigres, com sua cabeça feroz de príncipe malaio enxertada em um corpo felino, a voluptuosa Surama e os prafios dos Piratas de Malásia. Meu avô recolhera também algumas traduções espanholas, francesas e alemãs.

Era difícil dizer se estava descobrindo alguma coisa ou simplesmente ativando minha memória cartácea, pois de Salgari sempre se fala até hoje, e críticos sofisticados dedicam-lhe grandes artigos prolixos e gotejantes de nostalgia. Até meus netinhos cantavam "Sandokan, Sandokan" nas semanas anteriores, parece que viram na televisão. Eu poderia escrever um verbete para uma pequena enciclopédia sobre Salgari mesmo que não tivesse vindo a Solara.

Naturalmente devo ter devorado aqueles livros em criança, mas se havia memória individual a ser reativada, confundia-se com a memória geral. Os livros que talvez tenham marcado mais profundamente a minha infância eram os que remetiam sem sobressaltos a meu saber adulto e impessoal.

Sempre guiado pelo instinto li grande parte de Salgari nas vinhas (mas depois levei alguns volumes para o quarto, com os quais transcorri as noites seguintes). Entre as parreiras também fazia muito calor, mas as labaredas solares conciliavam-me com desertos, pradarias e selvas em chamas, mares tropicais em cujas costas navegavam pescadores de trepang, e entre vinhas e árvores que despontavam nas bordas da colina, alçando os olhos de vez em quando para enxugar o suor, entrevi baobás, pombos colossais como os que circundavam a cabana de Giro-Batol, mangues, palmeiras de polpa farinhosa com sabor de amêndoa, o baniano sagrado da floresta negra, quase ouvia o som do mmsinga e esperava ver despontar entre as filas de parreiras um belo babirussa para assar no espeto entre dois galhos forquilhados espetados no chão. Gostaria que Amália preparasse para o jantar um blaciang, tão apreciado pelos malaios, mistura de camarões e peixe triturados, deixados apodrecer ao sol e depois salgados, com um cheiro que até Salgari dizia imundo.

Que delícia. Talvez por isso, como disse Paola, gostasse tanto da cozinha chinesa, especialmente barbatanas de fiúzo, ninhos de andorinha (colhidos em meio ao guano) e abalone, que mais gostoso é quanto mais souber a podre.

Mas, à parte o blaciang, o que acontecia no mundo quando um rapaz da Itália no mundo lia Salgari, onde muitas vezes os heróis eram de cor e os brancos malvados? Eram odiosos não somente os ingleses, mas também os espanhóis (quanto devo ter execrado o marquês de Montelimar). Porém, se os três corsários, Negro, Vermelho e Verde eram italianos, e ainda por cima condes de Ventimiglia, outros heróis chamavam-se Carmaux, van Stiller ou Yanez de Gomera. Os portugueses deviam parecer bons porque eram um pouco fascistas, mas não eram fascistas também os espanhóis? Talvez meu coração pulsasse pelo valoroso Sambigliong, que disparava canhonadas de pregaria, sem que me perguntasse de que ilha da Sonda viesse. Kammamuri e Suyodhana podiam ser um bom e o outro mau embora ambos fossem indianos.

Salgari deve ter confundido bastante os meus primeiros contactos com a antropologia cultural.

Em seguida retirei do fundo do móvel revistas e volumes em inglês.

Muitos números do Strand Magazine, com todas as aventuras de Sherlock Holmes. Na época eu certamente não falava inglês (Paola me disse que aprendi já adulto), mas por sorte havia muitas traduções. No entanto, a maioria das edições italianas não era ilustrada, portanto, eu talvez lesse em italiano para depois buscar as figuras correspondentes no Strand.

Carreguei o Holmes completo para o escritório de meu avô. Seria mais adequado reviver em um ambiente civilizado aquele universo da lareira de Baker Street, onde distintos senhores sentavam-se empenhados em distintas conversações. Tão diferente dos subterrâneos úmidos e das macabras cloacas em que deslizavam os personagens dos feuilletons franceses. As poucas vezes em que Sherlock Holmes aparecia com uma pistola apontada contra um criminoso, era sempre com a perna e o braço direito esticados, em pose quase estátuária, sem perder o aplomb, como convém a um gentleman.

Chamou-me a atenção o retorno quase obsessivo de imagens de Sherlock Holmes sentado, com Watson ou outros, num compartimento ferroviário, em um brougham, em frente ao fogo, em uma poltrona coberta de tecido branco, em uma cadeira de balanço à luz talvez esverdeada de uma luminária, diante de um baú recém-aberto ou de pé enquanto lê uma carta ou decifra uma mensagem cifrada. Aqueles figuras me diziam de te fabula narratur.

Sherlock Holmes era eu, naquele mesmo momento, empenhado em retrair e recompor eventos remotos dos quais nada sabia anteriormente, em casa, fechado, talvez até (verificando todas aquelas páginas) em um sótão. Ele também, como eu, imóvel e isolado do mundo, a decifrar puros signos. Ele conseguia então fazer reemergir o que fora removido. Conseguiria eu também?

Pelo menos tinha um modelo.

E como ele tinha que lutar com e na névoa. Bastava abrir ao acaso Um estudo em vermelho ou O signo dos quatro:

Era uma tarde de setembro e ainda não eram sete horas, mas o dia foi tétrico e uma névoa densa e úmida caía sobre a grande cidade.

Nuvens cor de lama amoleciam tristemente sobre ruas lamacentas. Ao longo do Strand os faróis nada mais eram que manchas brumosas de luz difusa que lançavam um débil resplendor circular sobre o calçamento lodoso. A reverberação amarela das vitrinas flutuava no ar cheio de vapores, espargindo uma claridade limoenta e móvel ao longo da grande avenida apinhada. Havia, a meu ver, algo de misterioso e fantasmático naquela procissão sem fim de rostos que se insinuavam através das estreitas lâminas de luz — rostos tristes e alegres, frenéticos e felizes.

Era uma manhã opaca e nevoenta. Um véu acinzentado pendia dos tetos das casas e surgia como o reflexo do cinza lodoso das ruas. Meu amigo estava de ótimo humor e andava tagarelando sobre os violinos de Cremona e as diferenças entre um Stradivari e um Amati. Quanto a mim, ia silencioso, pois aquele tempo monótono e o melancólico caso em que estávamos empenhados deprimiam-me a alma.

Por contraste, à noite, na cama, abri Os tigres de Mompracem de Salgari:

Na noite de 20 de dezembro de 1849 um violentíssimo furacão assanhava-se sobre Mompracem, ilha selvagem, de fama sinistra, covil de formidáveis piratas, situada nos mares da Malásia a poucas centenas de milhas das costas ocidentais de Bornéu. Pelo céu, empurrado por um vento irresistível, negras massas de vapor corriam como cavalos desenfreados misturándose em continuidade e, de quando em quando, deixavam cair sobre as sombrias fortalezas da ilha furiosos aguaceiros... Quem velaria naquela hora e com semelhante temporal, na ilha dos sanguinários piratas?... Um aposento daquela habitação está iluminado, as paredes cobertas de pesados tecidos vermelhos, de veludos e brocados de grande valor, mas aqui e ali amarrotados, rasgados, manchados, e o pavimento desaparece sob uma alta camada de tapetes da Pérsia, fid-gurantes de ouro... No meio está uma mesa de ébano entalhada de madrepérola, c adornada com frisos de prata, carregada de garrafas e copos do mais puro cristal; nos cantos erguem-se grandes estantes, em. grande-parte arruinadas, abarrotadas de vasos transbordantes de braceletes de ouro, brincos, anéis, medalhões, preciosas decorações sacras contorcidas ou achatadas, pérolas provenientes sem dúvida das famosas pesqueiras do Ceilão, esmeraldas, rubis e diamantes que cintilam corno incontáveis sóis sob os reflexos de uma lamparina dourada pendurada no teto... Naquele quarto tão estranhamente decorado está sentado um homem em uma poltrona manca: de estatura alta, esbelto, de musculatura potente, de lineamentos enérgicos, másculos, orgulhosas e de uma beleza estranha.

Quem era o meu herói? Holmes, que lia uma carta diante da lareita, educadamente atônito por efeito da sua solução a sete por cento, ou Sandokan, que se lacerava furiosamente o peito pronunciando o nome da adorada Marianna?

Reuni depois outras edições em brochura, impressas em papel de má qualidade, que eu provavelmente acabei de estragar, amarrotan-do-as em múltiplas releituras, escrevendo meu nome nas margens de muitas páginas.

Alguns livros estavam completamente desencader-nados, as páginas juntas por milagre, outros foram remendados provavelmente por mim mesmo colando uma lombada nova com papel de embrulho e cola de marceneiro.

Não suportava mais ler nem os títulos, e havia oito dias que estava naquele sótão. Eu sabia, tinha que reler tudo de fio a pavio, mas quanto tempo levaria?

Calculando que aprendera a soletrar no final de meu quinto ano de vida e que vivera entre aqueles achados pelo menos até os anos do liceu, seriam necessários pelo menos dez. anos, o que é bem diferente de oito dias. Sem contar que muitos outros livros, sobretudo os ilustrados, me foram contados por meus pais e meu avô quando ainda era analfabeto.

Se queria refazer-me entre aqueles papéis, a mim mesmo por inteiro, acabaria por me transformar em Funes el Memorioso, reviveria momento por momento todos os anos da infância, cada sussurrar de folhas ouvido à noite, cada perfume de café-com-leite sentido de manhã. É demais. E se restassem apenas e sempre e ainda palavras, a confundir ainda mais os meus neurônios doentes sem acionar a troca desconhecida que daria livre curso a minhas lembranças mais verdadeiras e escondidas? Que fazer? Lenin na poltrona branca da sala de estar. Talvez eu tenha errado tudo, e errou tudo Paola também: sem voltar a Solara permaneceria somente perdido, voltando, podia sair de lá louco.

Recoloquei devolta todos os livros nos dois armários, depois decidi abandonar o sótão. Mas no trajeto descobri uma série de caixas que traziam uma etiqueta, escrita em bela caligrafia quase gótica: "Fascismo", "Anos 40", "Guerra",... Com certeza eram caixas organizadas ainda por meu avô. Outras caixas pareciam mais recentes, os tios devem ter usado sem critério embalagens vazias encontradas lá em cima, Azienda Vinícola Fratelli Bersano, Borsalino, Cordial Cam pari, Telefunken (tinha rádio em Solara?)

Não conseguia abri-las. Precisava sair dali e fazer um passeio lá em cima nas colinas, voltaria depois. Estava exausto. Talvez tivesse febre.

Aproximava-se a hora do poente e Amália já chamava aos gritos anunciando *wnafinanziera** de lambe os beijos. As primeiras vagas sombras, que invadiam os ângulos mais escondidos do sótão, pto-metiam-me a cilada de algum Fantomas esperando que eu desabasse para cair em cima de mim, amarrar-me com uma corda e suspender-me sobre o abismo de um poço sem fundo. Mais que outra coisa qualquer para mostrar a mim mesmo que já não era o menino que

gostaria de voltar a ser, demorei-me impavidamente dando uma olhada na área menos iluminada. Até que fui assaltado de novo por um cheiro de mofo antigo.

Puxei para perto de uma clarabóia, por onde chegavam ainda as últimas luzes do entardecer tardio, uma grande caixa cuidadosamente tampada com papel de embrulho. Descartada a empoeirada cobertura, caíram-me nas mãos duas camadas de musgo, musgo de verdade, embora seco - tanta penicilina que dava para mandar de volta pra casa em uma semana toda a colônia da Montanha mágica, e adeus belas conversações entre Naphta e Settembrini.

Eram como torrões herbosos, colhidos com o terriço subjacente que os mantinha unidos, e se os colocasse um ao lado do outro poderia fazer um gramado vasto como a mesa de meu avô. Não sei por que milagre, talvez uma área de umidade que se criara sob a proteção de papel, graças a tantos invernos

e dias em que o teto do sótão era batido por chuva, neve e granizo, o musgo conservara alguma coisa de sua acridez pungente.

" Preparado a base de molho madeira, trufas, cogumelos e miúdos. (N. da T.)

Sob o musgo, embalados com palha, a ser retirada pouco a pouco para não quebrar o que envolviam: uma cabana de madeira ou papelão, rebocada com gesso colorido, com o teto de palha prensada, de palha e madeira um moinho, com a roda que ainda girava no vazio, e muitas casinhas e castelos de papelão pintado, que deviam servir de fundo para a cabana em perspectiva, a uma certa altura. E por fim, entre aparas de palha, lá estavam as estátuas, os pastores com

o cordeirinho nos ombros, o amolador, o moleiro com dois burricos, as camponesas com cestos de frutas na cabeça, dois pífaros, um árabe com dois camelos, e os Reis Magos - ei-los - também eles mais cheirosos de mofo do que de incenso e mirra, o boi, José, Maria, o berço, o Menino, dois anjos de braços

escancarados, engessados numa glória que já durava pelo menos um século, o cometa dourado, uma tela enrolada que no interior era azul pontilhado de estrelas, uma pequena bacia de metal forrada de cimento de modo a formar o leito de um riachinho, com dois furos de saída e de entrada para a água, e, o que me fez atrasar o jantar mais meia hora para pensar a respeito, uma estranha máquina feita de um cilindro de vidro do qual partiam longos tubos de borracha.

Um presépio completo. Não sabia se meu avô e meus pais eram crentes (talvez minha mãe, pois tinha a Filoteu na mesinha-de-cabeceira), mas certamente na época do Natal alguém reexumava aquela caixa e, numa das salas do andar de baixo, fazia-se o presépio. Comoção de presépio: pensei que era isso que estava sentindo, mas temia que fosse reação a um outro lugar-comum. E no entanto aquelas estatuazinhas recordavam não um outto nome, mas uma imagem, não vista no sótão, mas que devia estar em algum lugar, vívida como chegava a mim naquele instante.

sul tappeto delia neve, misterioso paitorelto

O que significava para mim o presépio? Entre Jesus e Fantomas, entre Rocambole e o Cestinho, entre o mofo dos Reis Magos e aquele dos empalados do Grão-vizir, com quem eu estava?

Compteendi que aqueles dias no sótão foram mal empregados: reli páginas que folheara aos seis ou doze anos, outras aos quinze, comovendo-me a cada vez com histórias diferentes. Não é assim que se reconstrói uma memória. A memória amalgama, corrige, ttransfor-ma, é verdade, mas raramente confunde as distâncias cronológicas, uma pessoa deve saber muito bem se uma situação qualquet lhe aconteceu sete ou dez anos antes, eu também distinguia o dia do despertar no hospital do dia da partida para Solara, e sabia muito bem que entre um e outro houve uma maturação, um mudar de opiniões, um confronto de experiências. Mas, ao contrário, naquelas três semanas eu absorvera tudo como se, menino, tivesse engolido tudo de uma só vez e num só fôlego - e, claro, tinha a impressão de estar entorpecido por causa uma beberagem inebriante.

Tinha, portanto, que renunciar àquela grande bouffe de velhos papéis, recolocar as coisas em ordem e bebericar segundo o fluir do tempo. Quem poderia me apontar o que tinha lido aos oito e não aos treze anos? Pensei um pouco e entendi: eta impossível que entre todas aquelas caixas não estivessem os meus livros e cadernos escolares. Aqueles eram os documentos a descobrir, bastava seguir a sua lição, deixando-me guiar pela mão.

No jantar interroguei Amália sobre o presépio. F>a importante, e como, para o seu avô. Não, não era de igreja, mas o presépio era como a massa real, sem ele

não havia Natal, e se não existissem os netinhos, ele o teria montado para si mesmo. Começava a trabalhar no início de dezembro, olhando bem no sótão, certamente encontrará toda a armação em que se aplicava a tela do céu, com muitas lampadinhas por dentro da boca de cena para fazer brilharem as estrelas. "Que lindo o presépio do senhor seu avô, todo ano me dava vontade de chorar. E a água escorria de verdade no rio, tanto que uma vez transbordou e molhou todo o musgo, que ficou fresquinho, fresquinho naquele ano, e o musgo desabrochou em tantas florezi-nhas azuis que foi o verdadeiro milagre do Menino, até o padte veio ver e não acreditava em seus próprios olhos."

"Mas como fazia para a água escorrer?"

Amália ficou vermelha e borbotoou alguma coisa, depois se decidiu: "Na caixa do presépio, em que depois da Epifania eu ajudava a guardar tudo, deve haver ainda uma coisa, como um garrafão de vidro sem gargalo. Viu? Pois bem, talvez nem se use mais aquilo, era uma máquina, com a sua licença, para fazer o clister. Sabe o que é clistet? Ainda bem, assim não preciso explicar que tenho vergonha. Então, ao senhor seu avô lhe veio a boa idéia de botar embaixo do presépio a máquina do clister e, girando-se os tubos do modo certo, a água saía e depois voltava para baixo. Um espetáculo, eu lhe digo, bem melhor que cinema."

8. QUANDO O RÁDIO

Depois de oito dias no sótão, decidi descer até a cidadezinha e tirar a pressão no farmacêutico. Alta, dezesseis. Gratarolo despachou-me do hospital com o compromisso de mantê-la em treze, e treze estava quando parti para Solara. O farmacêutico dizia que, tendo sido tirada logo depois de descer a colina até a cidade, é claro que estava alta. Se tivesse tirado de manhã assim que levantasse, estaria mais baixa. Histórias. Eu sabia o motivo: vivera dias e dias como um possesso.

Telefonei para Gratarolo, perguntou-me se fizera alguma coisa que não devia e tive que admitir que catregava caixas, bebia pelo menos uma garrafa por refeição, fumava vinte Gitanes por dia, além de infligir-me muitas doces taquicardias. Repreendeu-me: estava em convalescença, se a pressão subisse às estrelas o acidente poderia se repetir e talvez eu não conseguisse escapar de

fininho como da primeira vez. Prometi que iria me cuidar, ele aumentou a dose dos comprimidos e acrescentou outros para eliminar sal através da urina.

Pedi que Amália salgasse menos a comida, e ela disse que durante a guerra para conseguir um quilo de sal tinha que dar saltos mortais e ainda dois ou três

coelhos em troca, logo o sal é uma graça de Deus que, quando falta, as coisas já não têm gosto de nada. Eu disse que o médico me proibira e ela rebareu que os doutores estudam tanto e depois ficam mais burros que os outtos e que não se deve dar ouvidos a eles - bastava olhar para ela, que nunca tinha visto um médico em sua vida e que aos setenta completos se desancava todo o santo dia em mil trabalhos, e não tinha nem ciática como os outros. Paciência, eliminaria o seu sal com minhas urinas.

Antes precisava interromper as visitas ao sótão, fazer um pouco de movimento, distrair-me. Telefonei a Gianni: queria saber se tudo aquilo que lera naqueles dias dizia alguma coisa a ele também. Parece que tivemos

experiências diferentes - ele não tinha um avô colecionador de material fora de moda - mas foram muitas as leituras comuns, mesmo porque emprestavamos livros um ao outro. Sobre Salgari desafiemo-nos por meia hora em trivial games, como num programa televisivo. Como se chamava o grego, alma danada do rajá de Assam? Teotokris. Qual era o sobrenome da bela Honorata, que o Corsário Negro não podia amar porque era filha de seu inimigo? Van Guld. E com quem se casa Darma, a filha de Tremal-Naik? Sir Moreland, filho de Suyodhana.

Tentei também com Topetinho, mas não dizia nada a Gianni. Lia mais histórias em quadrinhos, e se refez metralhando-me com uma rajada de títulos. Eu também devo ter fido quadrinhos, e alguns nomes que Gianni citava soavam familiares, o Bando Aéreo, Raio contra Flattavion, Mickey e Mancha Negra, sobretudo Cino e Flanco, heróis de Tim Tyler's Luck... Mas não encontrara nem sombra deles no sótão. Talvez meu avô, que amava Fantomas e Rocambole, considerasse os quadrinhos uma porcaria que estraga as crianças. E Rocambole, não?

Teria crescido sem quadrinhos? Era inútil impor-me longas interrupções e repousos forçados. Estava se reativando em mim o frenesi da busca.

Paola me salvou. Naquela mesma manhã, por volta de meio-dia, chegou de surpresa, com Carla, Nicolerta e as três crianças. Não se convenceu muito com meus poucos telefonemas. Um passeio no campo só para um abraço, disse, voltaremos antes do jantar. Mas eia me sondava, me examinava.

"Você engordou", disse. Ainda bem que não estava pálido, com todo o sol que peguei no balcão e na vinha, mas devo ter ficado um pouco mais pesado.

Disse que eram os jantarezinhos de Amália, e Paola prometeu chamá-la de volta à ordem. Não lhe disse que ficava há dias enrodilhado em algum canto, sem me mover por horas e horas.

Um belo passeio, é do que precisamos - disse ela - e lá fomos nós com toda a família para o Conventinho, que conventinho não era mas apenas uma capela que se perfilava a poucos quilômetros em uma elevação. A subida era contínua e, portanto, quase imperceptível, salvo umas poucas dezenas de metros no final, e enquanto tomava fôlego, incitava os meninos a recolher um buquezinho de rosas e violetas. Fazendo-se de rabugenta, Paola me convidava a sentir os perfumes e parar de citar os Poetas — mesmo porque o Poeta mentia, como todos os de sua espécie, as primeiras tosas só florescem depois que as

violetas já saíram de férias e de todo modo rosas e violetas não podem ser amarradas no mesmo buquê, é ver para crer.

Para mostrar que não lembrava apenas de trechos de enciclopédia, desencavei algumas das histórias aprendidas naqueles dias, e os meninos caracolavam a meu redor de olhos esbugalhados, pois eles nunca tinham ouvido aquelas histórias antes.

Para Sandra, o maiorzinho, contei A ilha do tesouro. Disse como, partindo da hospedaria "Ao Almirante Benbow", embarquei na His-paniola, com Lord Trelawney, o dr. Livesey e o capitão Smollett, mas parece que os dois que lhe

eram mais simpáticos eram Long John Silver, por conta da perna de pau, e aquele infeliz do Ben Gun. Ele arregalava os olhos excitado, entrevia

piratas à espreita entre os arbustos e dizia mais, mais, e no entanto acabou-se, pois uma vez conquistado o tesouro do capitão Flint a história chegava ao fim.

Em compensação cantamos longamente Quinze homens no caixão do morto... Io-ho-ho, e uma garrafa de rum...

Para Giangio e Luca dei o meu melhor evocando as trapalhadas de Giannino Stoppani do Jornalzinho de Cian Burrasca. Quando enfiei o bastão no fundo do vaso da arruda de tia Bertina e pesquei o dente do senhor Venanzio, eles não pararam mais de rir daquilo que podiam entender aos três anos, e talvez minhas histórias tenham agradado mais a Carla e Nicoletta, para quem, triste sinal dos tempos, ninguém nunca contara nada de Gian Burrasca.

Mas para elas achei mais fascinante contar como, nas vestes de Rocambole, para eliminar meu mestre na arte do crime, Sir William, hoje cego, mas ainda testemunha embaraçosa de meu passado, eu o derrubava e enfiava em sua nuca uma longa haste afiada, fazendo desaparecer depois a pequena mancha de sangue que se formara entre seus cabelos, de modo que todos pensassem em um ataque apoplético.

Paola gritava que não devia contar tais histórias às crianças, e que por sorte hoje em dia já não se encontram desses alfinetes pela casa, do contrário ainda acabavam experimentando com o gato. Mas estava intrigada antes por eu ter contado todas aquelas histórias como se tivessem acontecido comigo.

"Se faz isso para divertir os meninos", dizia-me, "é uma coisa, do contrário está se identificando demais com aquilo que lê e isso é pegar emprestada a memória de outra pessoa. Tem clareza da distância entre você e essas histórias?"

"Mas veja isso", dizia eu> "desmemoriado sim, mas doido não, é para as crianças."

"Espero", disse. "Mas você veio até Solara para se encontrar a si mesmo, porque se sentia oprimido por uma enciclopédia feita de Homero, Manzoni ou Flaubert, e entrou na enciclopedia da paraliteratura. Ainda não é um ganho."

"É, é sim", respondi, "antes de tudo porque Stevenson não é paraliteratura, depois porque não é culpa minha se o tal sujeito que quero encontrar devorava paraliteratura e finalmente foi você mesma, com a história do tesouro de Clarabela, quem me mandou para cá."

"É verdade, desculpe. Se sente que lhe serve de alguma coisa, vá adiante."

Mas com cautela, não se deixe intoxicar por tudo o que lê," Para mudar de assunto perguntou sobre a pressão. Menti: disse que acabara de tirar e que estava em treze. Ficou feliz, pobre querida.

Na volta do passeio, Amalia preparara uma bela merenda e água fresca com limão para todos. Depois eles se foram.

Comportei-me bem naquela noite e fui dormir com as galinhas.

Na manhã seguinte voltei a percorrer os quartos da ala antiga que, pensando bem, visitara muito apressadamente. Entrei de novo no quarto de meu avô, que mal olhara, presa de um temor reverente. Lá também estavam a cômoda e o grande guarda-roupa espelhado, como em todos os quartos de dormir de antigamente.

Abri e tive a grande surpresa. No fundo, quase escondidos pelas roupas penduradas, que conservavam um odor de naftalina defunta, havia dois objetos. Um gramofone e um rádio. Ambos estavam cobertos pelas folhas de uma revista, que recolhi: era Radiocorriere, uma publicação dedicada à programação de rádio, um numero dos anos quarenta.

No gramofone ainda estava um velho setenta e oito rotações, coberto por

uma camada de sujeira. Levei meia hora para limpá-lo, cusindo no lenço. O

título dizia Amapola. Coloquei o gramofone na cômoda, girei a manivela e da corneta saíram uns sons confusos. Mal se reconhecia a melodia. O velho aparelho estava em estado de demência senil, nada a fazer. É bem verdade que já devia ser coisa de museu quando eu era menino. Se queria ouvir música daquele tempo, tinha que usar o tocadiscos do escritório. Mas e os discos, onde estavam? Precisava perguntar a Amália.

O rádio, embora protegido, em cinqüenta anos acumulara, é claro, um bocado de pó, tanto que dava para escrever em cima com o dedo. Era um belo Telefunken cor de mogno (eis o porquê da embalagem encontrada no sótão), com o alto-falante forrado por um tecido de fios grossos (que talvez servisse para que a voz soasse melhor).

Ao lado do alto-falante, o dial com as estações, escuto e ilegível, e embaixo três botões. Era evidentemente um rádio de válvula, e agitando-o ouvia-se alguma coisa chacoalhar lá dentro. Ainda tinha o fio com a tomada.

Levei-o para o escritório, deposei com cuidado na mesa e liguei na tomada. Quase milagre, sinal de que naqueles tempos se construía coisas sólidas: a luzinha que iluminava o dial, embora fraca, ainda funcionava. O

resto não, evidentemente as válvulas estavam arruinadas. Pensei que em algum lugar, talvez em Milão, poderia descobrir um daqueles apaixonados que sabem reativar esses receptores, dispondo de um estoque de peças antigas, como os mecânicos que consertam automóveis de época usam as peças boas dos carros enviados para o ferro-velho. Depois pensei no que diria um daqueles velhos eletricitas cheio de bom senso popular: "Não quero roubá-lo. Olhe que, se fizer isso funcionar, o senhor não vai ouvir o que ouvia antigamente, mas o que

transmitem agora, e portanto custa menos comprar um rádio novo." Diabo de homem. Eu estava jogando uma partida perdida já de início. Um rádio não é um livro antigo, que se abre e se encontra exatamente o que foi pensado, dito e

impresso há cinqüenta anos. Aquele rádio me permitiria ouvir, ainda mais rascante, essa horripilante música rock ou como quer que a chamem hoje. É

como querer sentir de novo o toque frisante da água vichi bebendo San

Pellegrino recém-comprada no supermercado. Aquela caixa quebrada me prometia sons perdidos para sempre. Conseguir ressuscitá-los como as palavras congeladas de Pantagruel... Mas se minha memória cerebral poderia um dia retornar, aquela feita de ondas hertzianas era irrecuperável. Solara não podia me ajudar com som algum, exceto o rumor ensurdecedor de seus silêncios.

Lá estava, no entanto, o quadrante luminoso com os nomes das estações, amarelas as ondas médias, vermelhas as curtas, verdes as longas, nomes sobre os quais eu devia conjecturar longamente, movendo o ponteiro e tentando ouvir sons inusitados de cidades mágicas como Stuttgart, Hilversum, Riga, Tallin. Nomes nunca antes ouvidos, que talvez associasse a Macedónia, Turkish Atika, Virgínia, Al Kalif e Istambul. Sonhei mais debruçado sobre um atlas ou sobre aquela lista de estações com seus sussurros? Mas havia nomes domésticos como Milão e Bolzano. Comecei a cantarolar:

Quando a rádio transmite de Turim, diz essa noite te espero em Valentim,
mas de

repente se muda de programa quer dizer:

atenção, mamãe me chama. Rádio Bolonha,

meu coração te sonha, Rádio Milão, te ouço com paixão, Rádio San Remo,
esta noite nos veremos...

Os nomes das cidades eram mais uma vez palavras que recordavam outras palavras.

O aparelho devia ser, a olho, dos anos trinta. Na época, um rádio devia custar caro e com certeza entrou para a família só num determinado momento, como símbolo de status.

Queria conseguir saber o que se fazia com um rádio nos anos trinta e quarenta. Liguei de novo para Gianni,

No começo disse que eu tinha que pagá-lo por empreitada, visto que o usava como mergulhador para ttazer à superfície ânforas submersas. Mas depois acrescentou com voz comovida: "E, o rádio... Chegou aqui só em 1938.

Custavam caro, meu pai era um empregado, mas não como o seu, trabalhava numa pequena empresa e ganhava pouco. Vocês saíam de férias no verão, nós ficávamos na cidade e íamos tomar a fresca à noite nos jardins públicos, e sorvete uma vez por semana. Meu pai era um homem taciturno. Naquele dia quando voltou para casa, sentou-se à mesa, comeu em silêncio e depois, no final, apareceu com um embrulho de doces. Como, se não é domingo?

perguntou minha mãe. E ele: assim, me deu vontade. Comemos os doces e depois, coçando a cabeça, ele disse: Mara, parece que nesses meses as coisas foram bem e hoje meu patrão me deu mil liras de presente. Minha mãe quase teve uma coisa, levou a mão à boca e gritou: oh, Francesco, então vamos comprar um rádio! Assim. Naqueles anos circulava Se pudesse ter mil liras por mês. A letra era a história de um pequeno empregado que sonhava com um salário de mil liras para comprar todo tipo de coisa para a mulherzinha jovem e bonita. Donde, mil liras eram um bom salário, talvez mais que o do meu pai, mas de qualquer forma, foi como um décimo-terceiro que ninguém esperava. Assim o rádio entrou lá em casa. Deixe-me pensar, era um Phonola.

Uma vez por semana tinha o concerto operístico Martini e Rossi e num outro dia a comédia. Tallin e Riga, ah se ainda estivessem no meu rádio de agora, que

só tem números... Depois, com a guerra, a única peça que tinha aquecimento era a cozinha, o rádio foi para lá e de noite, com o volume baixinho, baixinho,

do contrário podíamos acabar na prisão, escutávamos a Rádio Londres.

Fechados em casa com os vidros cobertos de papel azul, aquele de pacote de açúcar, por causa do blecaute. E as canções! Quando voltar, se quiser, eu posso

cantar todas elas, até os hinos fascistas. Sabe que não sou saudosista, mas às vezes me bate uma vontade de cantar hinos fascistas, para me sentir de novo como naquelas noites ao lado do rádio... Como era mesmo a publicidade?

Rádio, a voz que encanra."

Pedi-lhe que parasse. É verdade que eu mesmo perguntara, mas agora ele estava poluindo a minha tabula rasa com as suas memórias. Precisava reviver aquelas noites sozinho. Devem ter sido diversas: ele tinha um Phonola e eu um

Telefunken e talvez ele sintonizasse em Riga e eu em Tallin. Mas era mesmo possível pegar Tallin e depois ouvir falar em estoniano?

Desci para comer e, dane-se o Gratarolo, bebi, mas só para esquecer. Logo eu, esquecer. Mas tinha que apagar as excitações da última semana e fazer vir a vontade de dormir à sombra vespertina, estendido na cama com Os tigres de Mompracem, que na época talvez me mantivesse desperto até a madrugada, mas que nas duas últimas noites revelara-se benéficamente soporífero.

Porém, entre uma garfada para mim e um bocado para Matú, tive uma idéia simples mas luminosíssima: o rádio transmite o que se põe no ar agora, mas num gramofone pode-se ouvir o que havia num disco de então. São as palavras congeladas de Pantagruel. Para ter a impressão de ouvir o rádio de cinquenta anos atrás eu precisava dos discos.

"Os discos?", resmungou Amália. "Mas pense antes em comer, não em discos que toda essa coisa boa vai ficar atravessada e vira tóxico e depois só o

médico! Os discos, os discos, os discos... Mas santa poíenta, eu não estou no sótão! Quando os senhores seus tios jogaram tudo fora, eu ajudei e... espere, espere... disse a mim mesma que aqueles discos que estavam no escritório, se eu tivesse que carregar lá pra cima, iam acabar escapando da minha mão e quebrando escada abaixo. E então eu enfiei... enfiei... desculpe, sabe, não é que

não tenha mais memória, embora na minha idade fosse justo, mas já se passaram cinquenta anos completinhos e não é que fiquei aqui cinquenta anos pensando sempre nesses discos. Ah, sim, que cabeça! Devo ter enfiado todos eles na arca que fica na frente do escritório do senhor seu avô!"

Pulei a fruta da sobremesa e subi para identificar a arca. Não tinha feito muito caso durante a minha primeira visita: abri e lá estavam os discos, um em cima do outro, todos bons velhos setenta e oito rotações com a capa de proteção. Amália colocara lá dentro assim como vinham, e tinha de tudo.

Levei meia hora para transportá-los para a mesa do escritório e comecei a colocá-los em alguma ordem na estante. Meu avô deve ter sido um amante da

boa música, tinha Mozart e Beethoven, árias de óperas (até um Caruso) e muito Chopin, mas também partituras de canções da época.

Consultei o velho Radiocorriere: Gianni tinha razão, havia um programa semanal de música lírica, as comédias, algum raro concerto sinfônico, os jornais radiofônicos e, de resto, música ligeira, ou melódica, como se dizia então.

Precisava ouvir as canções, aquele deve ter sido o ambiente sonoro em que cresci - talvez meu avô ficasse no escritório ouvindo Wagner, e o resto da família ouvisse cançonetas no rádio.

Logo descobri Se pudesse ter mil liras por mês, de Innocenzi e Soprani.

Meu avô anotara em muitas capas uma data, não sei se era do lançamento da canção ou da aquisição do disco, mas podia calcular aproximadamente o ano em que a canção já, ou ainda, seria executada no rádio. Nesse caso, o ano era 1938, Gianni lembrara bem, a canção surgiu quando na casa dele estavam comprando o Phonola.

Tentei ativar o tocadiscos. Ainda funcionava: o alto-falante não era um prodígio, mas talvez fosse justo que tudo crocitasse como antigamente. Assim, com o dial iluminado como se o aparelho estivesse vivo, eu ouvia uma transmissão do verão de 1938:

Se pudesse ter mil liras todo mês,

sem exagero com certeza ia
encontrar toda a felicidade!

Um modesto emprego, não tenho altivez,
só quero trabalhar para um dia achar
toda a tranqüilidade!

Uma casinha na periferia,
uma mulherzinha,
jovem e graciosa, tal como és.

Se pudesse ter mil liras todo mês,
compraria de tudo e entre tanta coisa
as mais belas seriam para ti'

Perguntara-me nos dias anteriores como seria dividido o eu de um menino exposto a mensagens de glória nacional enquanto, por outro lado, imaginava as névoas de Londres, onde encontrava Fantomas que lutava contra Sandokan em meio a uma chuva de maçãs pontiagudas que afundava os peitos e destroçava braços e pernas dos compatriotas educadamente perplexos de Sherlock Holmes - e agora ficava sabendo que, na mesma época, o rádio propunha como ideal de vida um contador sem grandes pretensões, almejando apenas a tranqüilidade de uma periferia. Mas isso talvez fosse uma exceção.

Precisava reorganizar todos os discos, e por data, quando houvesse uma.

Queria percorrer, ano após ano, a formação de minha consciência através dos sons que ouvia.

No curso da arrumação, como um forçado, entre uma série de amor amor, traga-me tantas rosas, não tu já não és minha menina, menina enamorada, há

uma igreja de amor oculta no coração das flores, volta, pequetita minha, toca só para mim oh violino cigano, tu divina música, uma hora apenas te queria, florinha do prado e tintintirintin, entre execuções das orquestras de Cinico Angelini, Pippo Barzizza, Amberto Semprini e Gorni Kramer, em discos que se chamavam Fonit, Carisch, A Voz do Dono, com o cãozinho que ouvia com o focinho levantado os sons que saiam da corneta de um gramofone, topei com discos de hinos fascistas, que meu avô reunira com um barbante, como se os quisesse proteger, ou segregar. Meu avô era fascista ou antifascista, ou nenhum dos dois?

Varei a noite ouvindo coisas que não me soavam estranhas, embora de algumas canções viessem apenas as letras, e de outras só a melodia. Não podia desconhecer um clássico como Juventude, acho que era o hino oficial de toda festividade, mas também não podia ignorar que, provavelmente num curto intervalo de tempo, meu rádio me apresentava também O pingüim enamorado, cantado, como recitava a capa do disco, pelo Trio Lescano.

Tinha a impressão de conhecer aquelas vozes femininas há muito tempo.

Conseguiam cantar em trio com intervalos de terça e de sexta, criando um efeito de aparente cacofonia que resultava agradabilíssimo ao ouvido. E

enquanto os rapazes da Itália no mundo me ensinavam que o máximo privilégio era ser italiano, as irmãs Lescano me contavam das tulipas da Holanda.

Decidi alternar hinos e canções (provavelmente era assim que me chegavam através do rádio). Passei das tulipas ao hino dos Balilia* e mal coloquei o disco, segui o canto como se recitasse de memória. O hino exaltava aquele jovem corajoso (fascista antecipado, visto que, como sabem as enciclopédias, Giovan Battista Perasso vivera no século XVIII) que lançara uma pedra contra os austríacos desencadeando a revolta de Gênova.

Enquanto na trincheira soa a hora

de batalha chega primeiro a
chama negra que terrível se
espalha. Com a bomba na mão, e
a fé no coração avança, vai bem
longe cheio de glória e valor.

Juventude, Juventude primavera

de beleza

da vida na aspereza teu canto
ressoa e vai.

De Orsini tenho a bomba com o
punhal do tétor, quando o obus
ribomba não me treme o coração,
minha esplêndida bandeira
defendo com honra é uma chama
toda negra que incendeia o coração.

Redonda no céu de maio

como um queijo de Holanda sobe a

luz em viagem

e seu raio nos manda... Falam de

amor

as tuli, tuli, tuli, tulipas murmuram

em coro

as tuli, tuli, tuli, tulipas... Ouve o

canto delicioso

no encanto suspiroso Falam de

amor

as tuli, tuli, tuli, tulipas. Delicioso
coração

as tuli, tuli, tuli, tulipas, c dc mim
te ralarão as maravilhosas tuli, tuli,
tuli, tuli,

tuli, tulipas!

Juventude, Juventude,

primavera de beleza

da vida ria aspereza teu

canto ressoa e vai

Por Benito Mussolini

Eia Eia Alalá.

* 1 Iipocorístico de Battista, de Giovan Battista Perasso. Durante o fascismo, meninos entre 8 e 14 anos organizados em grupos paramilitares. (N. da T.)

Zune a pedra, o nome estrila, do
menino de Portoria e o intrépido
Baiilla se agiganta na História.
Era bronze o morteiro que na
lama mergulhou mas o moço foi
um aceiro e sua Mãe libertou.

Fero o olhar, fonte a passada
claro o grito do valor. Aos
inimigos, a pedrada aos amigos
todo o amor.

Somos nuvem de semente, somos
chama de coragem: por nós canta
a nascente, por nós brilha e ri maio.
Mas se um dia a batalha

dos heróis for realidade nós

seremos a metralha da Santa
Liberdade.

Quando tudo cala e lá no céu
a lua brilhar, com o mais doce
e caro miau, chamo Maramao.

Vejo tantos

gatos nos telhados
a perambular, mas até eles sem
ti são tristes como eu.

Maramao por que morreste? Pão
e vinho não faltavam, as saladas
abundavam e uma casa tinhas tu.

As gatinhas apaixonadas ainda
ronronam por ti mas a portas
estão fechadas e dentro não
respondes tu.

Maramao... Maramao... fazem os
bichanos em coro: Maramao...
Maramao... rnao, mao, mao, mao,
mao...

Ao fascismo não deviam desagradar os gestos terroristas, e na minha versão de Juventude ouvi também De Orsini tenho a bomba — com o punhal do terror, e se me lembto bem, Orsini tentou assassinar Napoleão III.

Mas, enquanto eu ouvia a noite caiu, e do horto ou da colina ou do jardim provinha uma cheiro forte de lavanda e de outras ervas que não conheço (tomilho? manjerição? acho que nunca fui bom em botânica - e depois eu continuo sendo aquele que, enviado a comprar rosas, voltou para casa com tesrículos de cachorro — talvez fossem tulipas de Holanda). Recendiam também as outras flores que Amália me ensinara a reconhecer, dalias ou zínias?

E apareceu Matü, esfregando-se em minhas pernas e ronronando. Vi um disco com um gato na capa e coloquei-o no lugar do hino dos Balilla, abandonando-me àquela trenodia felina, Maramao, por que morreste?

Mas será que os Balilla cantavam Maramao? Talvez devesse voltar aos hinos do regime. Matü certamente não se importaria se eu mudasse de canção.

Sentei-me comodamente, coloquei-o nos joelhos coçando-lhe a orelha direita, acendi um cigarro e fiz uma Jidl immersion no universo de um Balilla.

Depois de uma hora de audição minha mente era um empasto de frases heróicas, de incitações ao assalto e à morte, de juras de obediência ao Duce, até o sacrifício supremo. Fogo de Vesta que fora do templo irrompe com asas e chamas a mocidade uma máscula juventude vai combater com romana vontade não nos importamos um dia sequer com a galé não nos importa a triste sorte para preparar essa gente forte que não se importa de morrer agora o mundo sabe que a camisa negra se usa para combater e morrer pelo Duce e pelo Império eia eia alalá salve o rei Imperador nova lei o Duce deu ao Mundo e a Roma o novo Império eu te saúdo e sigo para Abissínia cara Virgínia mas voltarei te mandarei da África a linda flor que nasce sob o céu do Equador Nice Savóia Córsega fatal Malta baluarte de romanidade Tunísia nossa costas montes e mares soa a liberdade.

E eu, preferia Nice italiana ou mil liras por mês, cujo valor conhecia? Um menino que brinca com fuzis e soldadinhos quer libertar a Córsega fatal e não maramaorJejar entre tulipas e pinguins enamorados. Todavia, Balilla à parte, eu ouvia O pingüim enamorado enquanto lia O capitão Satana, e imaginava pingüins nos mares gelados do Norte? E seguindo A volta ao mundo em 80 dias, via Phileas Phogg viajando entre campos de tulipas? E

como eu harmonizava Rocambole com seu alfinete e a pedra de Giovan Battista Perasso? Tulipa era de 1940, quando a guerra começou: naquela época eu certamente cantava Juventude também, mas quem me garantia que eu não teria lido o capitão Satana, e Rocambole, em 1945, com a guerra acabada, quando dos cantos fascistas já se perdera qualquer vestígio?

Precisava realmente recuperar meus livros escolares a qualquer custo. Lá teria finalmente sob os olhos as minhas verdadeiras primeiras leituras, e as canções com data me diriam com que sons eu as acompanhava, e talvez se esclarecesse a relação entre não ligamos para a triste sorte e os massacres com os quais o Jornal Ilustrado das Viagens e das Aventuras me tentava.

Inútil impor-me alguns dias de trégua. Na manhã seguinte precisava voltar ao sótão. Se meu avô era metódico, os livros de escola não deviam estar longe das caixas dos livros infantis. Se os tios não tivessem colocado tudo em desordem.

No momento, estava cansado de chamamentos à glória. Cheguei à janela.

Enquanto o perfil das colinas delineava-se contra o céu, a noite sem lua estava

pontilhada de estrelas. Por que me viera à mente aquela expressão desgastada pelo uso? Vinha de uma canção, com certeza. Estava olhando o céu da forma como o ouvira cantado outrora.

Comecei a remexer entre os discos e escolhi todos aqueles que, no título, faziam pensar na noite e nalgum espaço sideral. O tocadiscos de meu avô já era daqueles que permitiam empilhar vários discos uns sobre os outros de modo que, acabado um, caísse o outro no prato. Exatamente como se o rádio cantasse sozinho, sem que eu tivesse que girar a manivela. Dei a partida e me deixei embalar, debruçado no parapeito, diante do céu estrelado sobre mim, ao som de tanta boa música ruim que alguma coisa dentro de mim tinha que despertar.

Esta noite em que brilham mil estrelas... Uma noite, com as estrelas e você... Fale-me, fale-me sob as estrelas, diga-me as coisas mais lindas no doce

encanto do amor... Lá sob o céu das Antilhas, onde as estrelas são centelhas, descem em mil os eflúvios do amor... Sob um céu de estrelas quero te olhar, sob um céu de estrelas te quero beijar... Com você, sem você, cantamos às estrelas e à lua, quem sabe não chega para mim a boa fortuna... Lua marinheira, o amor é belo se não se sabe, Veneza a lua e tu, contigo sozinhos na noite, contigo cantarolando uma canção... Céu d'Hungria, suspif de nostalgia, com infinito amor penso em ti... Vou flanando para onde o céu é sempre azul, ouço os pássaros que esvoaçam sobre as árvores e lá de cima gorjeiam...

Devo ter colocado o último disco por engano, não tinha nada a ver com o céu, era uma voz sensual, como de um saxofone no cio, que cantava:

Lá em Capocabana — lá em Capocabana a mulher é rainha a mulher é soberana...

Perturbou-me o rumor de um motor distante, talvez um carro que passava no

vale, senti um sinal de taquicardia e disse comigo: "É Pipetto!" Como se alguém se apresentasse pontualmente no momento esperado, e mesmo assim sua vinda me inquietasse. Quem era Pipetto? É Pipetto, dizia, mas eram apenas, mais uma vez, meus lábios a recordar. Somente flatus voeis. Quem era Pipetto eu não sabia. Ou melhor, alguma coisa em mim sabia, só que essa coisa se enfurnava, sonsa, na região ferida de meu cérebro.

Ótimo tema para a Biblioteca dos meus Meninos, O segredo de Pipetto.

Seria talvez a adaptação italiana de, sei lá, O segredo de Lan-tenaà.

Eu me angustiava com o segredo de Pipetto e talvez não houvesse segredo algum, exceto aqueles que um rádio sussurrou para alguém noite adentro.

9. MAS PIPPO NÃO SABE

Houve outros dias (cinco, sete, dez?) cujas recordações se fundem, e talvez seja bom, pois aquilo que me sobrou era, como dizer, a quintessência de uma montagem. Liguei testemunhos disparatados, cortando, colando, ora por seqüência natural de idéias e emoções, ora por contraste. O que restou não é mais o que vi e senti durante aqueles dias, e nem o que poderia ter visto ou sentido em criança: era o figmentum, a hipótese elaborada sessenta anos depois sobre o que eu poderia ter pensado aos dez. Pouco que permitisse dizer "sei que aconteceu assim", muito para reexumar, em folhas de papiro, daquilo que presumivelmente podia ter experimentado então.

Voltei ao sótão, e já estava começando a ficar com medo de que não tivesse sobrado nada das coisas da escola, quando meus olhos caíram sobre uma grande caixa, fechada com fita adesiva, na qual estava escrito "Primário e Ginásio Yambo". Tinha até uma outra com "Primário e Ginásio Ada", mas eu não precisava reativar a memória de minha irmã. Já tinha trabalho demais com a minha.

Queria evitar outra semana de pressão alta. Chamei Amália e pedi ajuda para

transportar a caixa para o escritório de meu avô. Depois pensei que devo ter feito o primário e o ginásio entre trinta e sete e quarenta e cinco e resolvi

levar também as caixas em que estava escrito "Guerra", "Anos 40" e "Fascismo".

No escritório, esvaziei tudo e organizei em prateleiras diversas. Livros do primário, manuais de história ou de geografia do médio e também muitos cadernos com meu nome, ano e classe. Havia muitos jornais. Parece que meu avô, da guerra da Etiópia em diante, conservara os números importantes, aquele com o histórico discurso do Duce pela conquista do Império, outro com a declaração de guerra de 10 de junho de 1940, e assim por diante, até o lançamento da bomba atômica em Hiroshima e o fim da guerra. Depois vinham cartões-postais, cartazes, opúsculos, algumas revistas.

Resolvi seguir adiante com o método de um historiador, controlando os testemunhos por confronto recíproco. Vale dizer que, se lia os livros e cadernos da quarta série do primário, 1940-41, folheava os jornais dos mesmos anos e, na medida do possível, punha no tocadiscos as canções dos mesmos anos.

Disse a mim mesmo que, se os livros eram do governo, do governo deviam ser também os jornais, e todos sabem, por exemplo, que o Pravda dos tempos de Stalin não dava aos bons soviéticos as notícias certas. Mas tive que mudar de idéia. Embora obtusamente propagandísticos, os jornais italianos, mesmo em tempo de guerra, permitiam que se entendesse o que estava acontecendo.

A distância no tempo meu avô estava me dando uma grande lição, civil e historiográfica também: é preciso aprender a ler nas entrelinhas. E nas entrelinhas ele lia, sublinhando não tanto os títulos em letras garrafais, mas antes os artigos menores, as notas e tópicos, as notícias que poderiam escapar de uma primeira leitura. Um Corriere della Sera de 6-7 de janeiro de 1941

dizia no título: "Na frente de Bardia a batalha é contínua e muito acirrada."

Em meia coluna, o boletim de guerra (um por dia e listando burocraticamente até o número dos aviões inimigos abatidos) dizia com destaque que "outras bases caíram depois de uma forte resistência de nossas tropas, que inflingiram ao adversário perdas notáveis". Outras bases? Pelo contexto

entendia-se que Bardia, na África Setentrional, caíra em mãos inglesas.

Ainda assim, meu avô assinalou na margem, com tinta vermelha, como em muitos outros números, "RL, perdida B., 40.000 pris." RL queria dizer, evidentemente, Rádio Londres e meu avô confrontava as notícias da Rádio Londres com as oficiais. Não somente perdera-se Bardia, mas 40.000 soldados nossos foram feitos prisioneiros pelo inimigo. Como se vê, o Corriere não mentia, no máximo supunha como evidentes as partes sobre as quais era reticente. O mesmo Corriere, em 6 de fevereiro, intitulava: "Conta-ataques das nossas tropas na frente norte da África Oriental." Qual era a frente norte da África Oriental? Enquanto em muitos números do ano anterior, quando se dava notícia das primeiras penetrações na Somália Britânica e no Quênia, apareciam mapas precisos para mostrar onde estávamos avançando vitoriosamente, naquela notícia sobre a frente norte não havia mapa, e só verificando num atlas se entendia que os ingleses tinham penetrado na Eritreia.

O Corriere de 7 de junho de 1944 anunciou vitoriosamente em nove colunas: "A artilharia da defesa germânica bate as unidades aliadas nas costas da Normandia." O que faziam alemães e aliados nas costas da Normandia? É

que 6 de junho foi o famoso Dia D, início da invasão, e o jornal, que não poderia ter falado disso no dia anterior, dava a coisa por subentendida, mas precisava que o marechal von Rundstedt não se deixara surpreender e a praia estava cheia de cadáveres inimigos. Ninguém poderia dizer que não era verdade.

Eu podia proceder com método e reconhecer a sucessão dos fatos reais graças à imprensa fascista lida como se deve, e como provavelmente todos faziam. Acendi o dial do rádio, liguei o tocadiscos e revivi. Naturalmente era como reviver a vida de um outro.

Primeiro caderno de escola. Naqueles tempos ensinava-se antes de mais nada a traçar linhas e só se passava para as letras do alfabeto quando se era capaz de encher uma página com linhas bem alinhadas, todas retas. Educação da mão e do pulso: a caligrafia valia alguma coisa quando a máquina de escrever só existia nos escritórios. Passei para o Livro da primeira série, "compilado pela senhorita Maria

Zanetti, ilustrações de Enrico Pinochi", Libreria dello Stato, Ano XVI.

Eia! Eia!

Be... be... beije-me, menina, na bo...
boquinha pequenina; dê-me tan tan tantos
beijos sem parar. Tarataratarataratatá.

Bi... bi... bibelô, bonequinha,

Be... be..., bela e manhosinha.

Que ten ten tentação para mim e você!

Tereteretereteretc.

BR, A: BA; BE, E: BE. Solettra
comigo, meu bem. BE, O;
BO; BR, U: BU. São tão
deliciosas essas sílabas de
amor.

Nas páginas dos primeiros ditongos, depois de io, ia, aia, vinham Eia!Eia!
e um feixe lictório. O alfabeto era ensinado ao som de "Eia, Eia, Alalá!", que
eu

saiba, um grito dannunziano. Para o B havia palavras como Benito, e uma
página dedicada a Balilla. No exato momento em que meu rádio tocava uma
outra sílabação, be, be, beije-me menina. Como terei aprendido o B, visto que o

meu Giangio ainda confunde B com o V e diz berme ao invés de verme?

Balilla e os Filhos da Loba. Uma página com um menino de uniforme, camisa negra e uma espécie de bandoleira branca cruzada no peito com um M no centro. "Mario é um homem", dizia o texto.

Filho da Loba. É 24 de maio. Guglielmo veste o belo uniforme de Filho da Loba. "Papai, eu também sou um soldadinho do Duce, não é?

Serei um Balilla, usarei o galhardete, terei um mosquete, vou me transformar num Vanguardista. Eu também quero fazer os exercícios, como os soldados de verdade, quero ser o mais corajoso de todos, quero merecer muitas medalhas..."

Logo depois uma página que parecia com as imagens d'Epinal, mas não eram zuavos ou couraçados franceses, mas os uniformes das várias formações juvenis fascistas.

CAMICIE NERE.

Para ensinar o som gl o livro dava como exemplo gagliardetto, battaglia, mitraglia.* A uma criança de seis anos. Aquelas para quem a primavera vem cantando. Porém na metade do silabário ensinava-se alguma coisa sobre o Anjo da Guarda:

Caminha um menino pela longa senda, só,
tão só, e não sabe onde anda...

ueno o menino e grande a campanha:
mas um Anjo o vê, e o acompanha.

Aonde me conduziria o Anjo? Lá onde canta a metralha? Que eu saiba,

firmara-se há tempos, entre Igreja e Fascismo, uma Conciliação, e portanto, agora tinham que nos educar para que nos tornássemos Balilla, mas sem esquecer dos Anjos.

Será que eu também desfilava de uniforme pelas ruas da cidade? O rádio agora cantava um hino marcial que evocava a imagem de um desfile de jovens Camisas Negras, mas logo em seguida o panorama mudava e pelas ruas passava

* Em português, respectivamente: lb c galhardete, batalha, metralha. {N. da 77)

o tal de Pippo, pouco dotado pela mãe natureza e por seu alfaiate pessoal, já que usava a camisa sobre o colete. Pensando no cachorro de Amália, vi aquele passante com o rosto desanimado, pálpebras caídas sobre dois olhos aquosos, o sorriso estúpido e desdentado, duas pernas desarticuladas e os pés chatos. Mas se tinha pernas e pés devia ser um outro Pippo;* tinha a impressão de que tinha

algo a ver com o tesouro de Clarabela, mas não conseguia vê-lo. E que relação havia entre esse Pippo e Pippetto?

O Pippo da canção usava a camisa sobre o colete. Mas as vozes do rádio não pronunciavam "camisa", mas "camisaá"... {sobre o capote veste o jaleco — e sobre o colete a camisaá...) Devia ser para fazer a letra se enquadrar com a música. Tinha a sensação de ter feito a mesma coisa, mas em outro contexto.

Cantei de novo Juventude, que ouvira na noite anterior, mas dizendo Por Benito e Mussolini, Eia, Eia, Alalá. Não cantávamos Por Benito Mussolini, mas Por Benito e Mussolini. Aquele e era evidentemente eufônico, servia para dar maior energia ao Mussolini. Por Benito e Mussolini, sobre o colete a camisaá.

* Pippo é também o nome italiano de Goofy, o Pateta, companheiro de aventuras de Mickey e Donald. (N. da T.)

Fogo de Vesta

que fora do tempo irrompes, com
asas e chamas a juventude vai. Tochas

ardentes

no ar e nas tumbas somos as
esperanças

da nova era.

Duce, Duce,

quem não saberá morrer? O
juramento quem renegará? Despe a
espada!

Quando quiseres galhardetes ao

vento

todos iremos a ti. Armas e bandeiras

dos antigos heróis, pela Itália, oh
Duce,

faz balançar ao sol.

E vai, a vida vai, consigo nos leva

e nos promete o porvir.

Uma máscula juventude

com romana vontade combaterá

Virá, esse dia virá, em que a grande
Mãe

dos heróis nos chamará pelo Duce,
oh Pátria,

pelo Rei, á nós! te daremos a glória

c império no além-mar!

Mas Pippo, Pippo não sabe

que quando passa ri toda a cidade

e as costureirinhas,

das vitrinas,

lhe fazem mil carinhas.

Mas ele com grande seriedade

saúda a todos, se inclina e se vai,

se acha belo

como um Apolo

e salrita como um gato.

Sobre o capote veste o jaleco

e sobre o colete a camisa.

Sobre o sapato veste a meia

lhe falta um botão

com um barbante segura o calção.

Mas Pippo, Pippo não sabe

e sério, sério se vai pela cidade,

se acha belo

como um Apolo

e saltita tomo um galo.

Mas quem passava pelas ruas da cidade, os Balilla ou Pippo? E nós, de quem ríamos? Perceberia o regime na história de Pippo uma sutil alusão?

Talvez fosse a sabedoria popular que nos consolava com lengalengas quase infantis daquela retórica do heroísmo que tínhamos que suportar a todo instante?

Quase pensando em outra coisa, cheguei a uma página sobre a névoa.

Uma imagem: Alberto e seu pai, duas sombras que se recortam contra outras sombras, todas negras, perfiladas juntas contra um céu cinzento, no qual emergem, de um cinza um pouco mais escuro, as silhuetas da casa citadina. O texto me dizia que na névoa as pessoas parecem sombras. Era assim a névoa?

Aquele cinza do céu não deveria envolver, como leite ou água com anis, também as sombras humanas? Segundo o que dizia a coletânea das minhas citações, na névoa as sombras não se recortam contra, mas nascem de, confundem-se com - a névoa faz ver sombras mesmo onde não há nada e nada lá onde em seguida sombras vão emergir... O livro da primeira série do primário mentia, portanto, também sobre a névoa? De fato, terminava com uma invocação ao belo sol para que viesse esgarçar a névoa. Dizia que a névoa era fatal, mas indesejável. Mas como me ensinavam que a névoa era má, se dela depois me ficou uma obscura nostalgia?

Obscura, escuro, blecaute. Palavras que chamam palavras. Durante a guerra, dissera-me Gianni, a cidade mergulhava na escuridão para não ser identificada pelos bombardeios inimigos, e nem um riozinho de luz devia transparecer das janelas das casas. Se era assim, deviam bendizer a névoa que estendia sobre nós o seu manto protetor. A névoa era boa.

É certo que o livro da primeira série, que trazia a data de 1937, não poderia falar do blecaute. Falava apenas de névoa tediosa, como aquela que subia aos hirtos montes. Folheei os livros das séries seguintes, mas não havia alusões à guerra nem no da quinta, que era de 1941 — e a guerra começara um ano atrás. Ainda era uma edição dos anos precedentes, e falava somente de heróis da guerra da Espanha e da conquista da Etiópia. Não era bonito que os livros escolares falassem dos incômodos da guerra e eles nos subtraíam ao presente para celebrar as glórias passadas.

No livro da quarta série, 1940-41, e estávamos no outono do primeiro ano de guerra, só havia histórias das ações gloriosas da Primeira Guerra Mundial, com imagens que mostravam nossos soldados no Castro, nus e musculosos como gladiadores romanos.

Mas outras páginas ofereciam, para conciliar o Balilla com o Anjo, contos sobre a noite de Natal cheios de doçura e bondade. Como só perderíamos a África Oriental no final de 41, quando aquele livro já circulava nas escolas, neles ainda campeavam as nossas orgulhosas tropas coloniais e o que eu via era um Dubat somali, em seu belo uniforme característico das milícias paramilitares, adequado aos costumes daqueles indígenas que estávamos civilizando: torso nu exceto por uma faixa branca que se amarrava à cartucheira. Poesia de comentário, A águia legionária alça o vôo I sobre o mundo: só Deus poderá detê-la. Mas a Somália já caíra em mãos inglesas desde fevereiro, talvez enquanto eu lia aquela página. Eu sabia, no momento em que lia?

De qualquer modo, no mesmo silabário lia-se também o Cestinho reciclado: Adeus estrépito de trovão! Adeus furia de procela! I Em fuga as nuvens vão I e limpo o céu se revela., I Consolado o mundo amaina. ! Sobre cada aflita cousa / como um bálsamo repousa I a paz amiga e serena.

E a guerra em curso? No livro da quinta série havia, ao contrário, uma meditação sobre as diferenças raciais, com um capitulozinho sobre os judeus e a atenção que se devia dar a esta estirpe infida, que "astutamente infiltrando-se entre os arianos... inoculava nos povos nórdicos um novo espírito feito de mercantilismo e de sede de lucro". Nas caixas descobri também alguns números

de A Defesa da Raça, uma revista nascida em 1938, e não sei se meu avô jamais permitiu que me caísse nas mãos (mas como se sabe, antes ou depois comecei a remexer em tudo). Havia fotos de aborígenes comparadas às de um macaco, outras que mostravam o resultado monstruoso do cruzamento entre uma chinesa e um europeu (mas eram fenômenos de degeneração que, parece, aconteciam somente na França). Falava-se bem da raça japonesa e destacavam-se os estigmas indeclináveis da raça inglesa,

mulheres com papada, cavalheiros rubicundos com nariz de bêbado e uma vinheta mostrava uma mulher com o elmo britânico, impudicamente coberta apenas com umas folhas do Times arranjados em tutu: a mulher olhava-se no espelho e Times ao contrário virava Semit. Quantos aos judeus propriamente ditos, não havia o que escolher: era uma reunião de narizes aduncos e barbas incultas, de bocas porcinas e sensuais com os dentes salientes, de crânios braquicéfalos, zigomas marcados e olhos tristes de Judas hie-rosolimitano, com ventres incontinentes de fiúzo de fraque, com a corrente do relógio de ouro sobre o colete, as mãos rapaces tesas sobre as riquezas dos povos proletários.

Meu avô, acho eu, inseriu entre aquelas páginas um cartão de propaganda no qual um semita repugnante, tendo como fundo a Estátua da Liberdade, estendia as mãos aduncas para quem olhava. Seja como for, sobrava para todos, pois um outro cartão postal mostrava um negro bêbado com chapéu de caubói que alisava com manoplas

como garras o umbigo da Vénus de Miio. O desenhista esquecera que declaráramos guerra também à Grécia e, portanto, o que deveria nos importar se aquele bruto bolinava uma helénica mutilada, cujo marido andava por aí de saíote e com um pompom no sapato?

Em contraposição, a revista mostrava os perfis puros e viris da raça itálica, e se Dante e alguns conãottieri não tinham um nariz propriamente pequeno e reto, falava-se naqueles casos de "raça aquilina". Se depois disso eu ainda não

estivesse totalmente convencido da pureza ariana de meus compatriotas, em meu livro de leitura havia uma impressionante poesia sobre o Duce {Quadrado é o mento e mais quadrado o peito. I O passo de coluna que caminha. / A voz que morde como água em jato) e a comparação entre os traços másculos de Júlio

César e os de Mussolini (que César, ademais, fosse para a cama com seus legionários eu só ficaria sabendo depois, pelas enciclopédias).

Os italianos eram todos belos. Belo Mussolini que aparecia na capa de um número de Tempo, revista ilustrada, a cavalo com a espada desembainhada (era uma foto, verdadeira, e não uma invenção alegórica - andaria ele por aí com a espada na mão?), celebrando a entrada em guerra; bela a camisa negra que ora proclamava Odiai o inimigo, ora Venceremos!, belas as espadas romanas apontadas para o perfil da Grã-Bretanha, bela a mão rural que abaixava o polegar para urna Londres em chamas, belo o orgulhoso legionário que se recortava contra as ruínas da Amba Alagi destruída garantindo: Nós voltaremos]

Otimismo. O rádio continuava a cantar que era alto assim, era gordo assim, e se chamava Bombólo, tentou dançar, deu de balançar, e levou um tombo-ô, e rolou pra cá, e quicou pra lá, igual uma bola-á, por sorte fatal caiu num canal mas ficou na tona-á.

Mas eram belas sobretudo, nas várias revistas e cartazes publicados, as moças de pura raça italiana, de seio generoso e curvas macias, esplêndidas máquinas de fazer filhos, opostas às ossudas e ano-réxicas misses inglesas e à mulher-crise de plutocrática memória. Belas as senhoritas que apareciam empenhadas no concurso Cinquenta liras por um sorriso, belas as senhoras procazes, com o traseiro bem marcado na saia-galeote, que atravessavam com passo falcado um cartaz publicitário, enquanto o rádio me garantia que serão belos os olhos celestiais, serão belos os olhos negros, mas é das pernas, das pernas é que eu gosto mais.

Com o rostinho meio empoadado e o mais

belo sorriso descuidado segues pelo
caminho mais freqüentado com tua caixa
de novidades. Oh, bela pequenina que

passa cada marina borboleteando faceira

entre a gente cantarolando

sempre alegremente. Oh, bela
pequenina, és rão menininha que ficas
vermelhinha se alguém de repente
joga uma lábia de melaço, fá/
olhinhos de mormaço, cumprimenta e
segue em frente.

las onde vais bela da bicicleta tão

depressa pedalando com fervor mas
pernas esbeltas, torneadas, lindas em
mim já semearam

no coração esse ardor. Mas onde
vais cos cabelos ao vento o coração

contente e o sorriso

encantador... Se quiseres, e quando
quiseres, checaremos ao limite do amor.

Quando vemos uma moça

a passear o que fazemos? A

seguimos e com olhar astuto

procuramos

adivinhar tudo que tem da
cabeça ao pc Belos serão os olhos
negros e belos serão os azuis mas as
pernas mas as pernas é o que me
agrada mais. Belos serão os olhos
azuis e o narizinho arrebitado mas
as pernas mas as pernas é o que me

agrada mais

:ora quando nasce o sol

Abruzzo todo ouro... as opulentas

camponesas descem pelos vales em
flor. Oh, camponesa bela, tu és a
Soberana, nos teus olhos mora o sol
e das violetas mora a cor de
todos os vales em flor!... Se

cantas tua voz e uma
harmonia de paz, que se
difunde e diz: "se queres viver feliz debes viver entre nós!..."

Belíssimas eram as moças das canções, quer as belezas italianas e muito rurais, "as opulentas camponesas", quer as belezas urbanas como a "bela pequena" milanesa que, com o rostinho meio empoado, girava pelo caminho mais freqüentado, ou as belezas de bicicleta, símbolo de uma feminilidade ousada e inovadora, de pernas esbeltas, torneadas, lindas.

Feios, obviamente, os inimigos e alguns exemplares do Balilla, hebdomadário para os jovens da Juventude Italiana do Lictótio, traziam desenhos de De Seta com histórias que zombavam do inimigo, sempre animalescamente caricaturados: Por medo da guerra I Rei Jorginho da Inglaterra I pede ajuda e proteção I ao ministro Churchillão, e depois intervêm os dois outros malignos, Rusevelticho e o terrível Stalinin, o orco rubro do Kremlin.

Os ingleses eram maus porque usavam o Lei, a terceira pessoa do singtdar, enquanto os bravos italianos deveríamos usar apenas, mesmo nas relações interpessoais, o italianíssimo Vós (Vuoí). Pelo pouco que se sabe das línguas estrangeiras, são os ingleses e franceses que usam o Vós iyou, vous), o Lei é muito italiano, no máximo um resíduo espanholesco, mas como éramos unha e carne com os espanhóis franquistas... Por outro lado, o Sie alemão é um Lei, nunca um Vós, De qualquer forma, talvez por escasso conhecimento do estrangeiro, assim ficou decidido nos altos escalões, e meu avô conservou recortes muito explícitos e bastante restritivos sobre o assunto. Teve até a argúcia de conservar o último número de uma revista feminina, Lei, que anunciava que, a partir do número seguinte, passaria a se chamar Annabella.

Era evidente que o título da revista não representava um apelativo dirigido à leitora ideal ("perdoe-me Lei, senhora"), mas uma referência ao público feminino (falamos de Ela, Ella, Lei, não de lui, ele). Mas tanto fizeram que o Lei, mesmo com outra função gramatical, transformou-se em tabu.

Perguntava-me se o episódio teria feito rir também as leitoras de então, porém o fato aconteceu e todos o digeriram.

E havia também as belezas coloniais, pois os tipos negróides eram semelhantes a macacos e os abissínios eram corroídos por doenças múltiplas, exceção feita à bela abissínia. E o rádio cantava Carinha negra, bela abissínia,

confia e espera que a hora se aproxima, quando estaremos perto de ti, nós te daremos outra lei e outro Ré.

O que se deveria fazer com a bela abissínia era o que diziam as vinhetas de De Seta, aquele do Churchillão, em que se viam legionários italianos que compravam jovens negras seminuas num mercado de escravos, expedindo-as depois para a pátria como um pacote postal para os amigos.

Vorfei ipsdirt ad un mia «mico queshe rieerdo d«H'AFRICA ORIENTALE...

Mas as belezas femininas da Etiópia eram fantasiadas desde o início da campanha em um canto triste, nostálgico e devidamente caravaneiro: Seguem - as caravanas do rio Tigre para uma estrela que doravante - brilhará e mais resplenderá de amor.

E eu, nesse vórtice de otimismo, o que pensava? Os meus cadernos dos primeiros cinco anos me diziam. Bastava olhar as capas, que já convidavam a pensamentos de ousadia e vitória. Salvo alguns, de um papel branco e robusto (deviam ser os mais caros), que traziam no centro o retrato de algum dos Grandes desse mundo (devo ter caraminholido era torno do rosto enigmático e sorridente e do nome de um senhor chamado Shakespeare, pronunciando-o certamente como se escreve, visto que recalcara as letras com a caneta, como quem as quisesse interrogar ou memorizar), o resto eram imagens do Duce a cavalo, de heróicos combatentes em camisa negra que lançavam bombas à mão contra o inimigo, de torpedeiros levíssimos que afundavam enormes encouraçados inimigos, de mensageiros de sublime espírito de sacrifício que, as mãos trituradas por uma granada, continuavam a correr sob o crepitar da metralhadora levando a mensagem entre os dentes.

Nosso professor (por que professor e não professora? Não sei, veio-me assim, "senhor professor") ditou os trechos fundamentais do histórico discurso do Duce no dia da declaração de guerra, 10 de junho de 1940, inserindo, segundo as noticiais dos jornais, as reações da multidão oceânica que o ouvia na praça Venezia:

Combatentes de terra, do mar e do ar! Camisas negras da revolução e das legiões! Homens e mulheres da Itália, do Império e do reino da Albânia!

Escutai! Uma hora marcada pelo destino bate no céu de nossa pátria. A hora das decisões irrevogáveis. A declaração de guerra já foi entregue (aclamações, gritos altíssimos de "Guerra! Guerra!") aos embaixadores da Grã-Bretanha e da França. Saímos em campo contra as democracias plutocráticas e reacionárias do Ocidente que, em todos os tempos, dificultaram a marcha e muitas vezes puseram em risco a própria existência do povo italiano...

Segundo as leis da moral fascista, quando se tem um amigo marcha-se com ele até o fim (gritos de Duce! Duce! Duce!). Foi o que fizemos e faremos com a Alemanha, com seu povo, com suas maravilhosas Forças Armadas.

Nesta vigília de um evento de alcance secular, volvemos nosso pensamento à Majestade do rei Imperador (a multidão prorrompe em grandes aclamações endereçadas à Casa Savóia) que, como sempre, interpretou a alma da pátria. E

saudamos de viva voz o Führer, o chefe da grande Alemanha aliada (o povo aclama longamente, dirigindo-se a Hitler). A Itália, proletária e fascista, está

pela terceira vez de pé, forte, orgulhosa e compacta como nunca (a multidão grita numa só voz: "Sim"). A palavra de ordem é uma só, categórica e exigente para todos. Ejá revoa acendendo os corações dos Alpes ao Oceano Índico: vencer!E venceremos! (o povo prorrompe em altíssimas aclamações).

Deve ter sido naqueles meses que o rádio pôs no ar Vencer, fazendo eco às palavras do Chefe:

Temperada por mil paixões a voz da Itália ecoou! "Centúrias, coortes,

legiões, de pé que a hora soou"! Avante juventude! Cada amarra, cada obstáculo superaremos! Rompamos a

escravidão que nos sufoca prisioneiros em nosso mar! Vencer! Vencer! Vencer! E venceremos no céu, na terra, no mar! É a palavra de ordem de uma vontade suprema Vencer! Vencer! Vencer!

a qualquer custo! nada nos deterá! Nossos corações exultam na ânsia de obedecer! Nossos lábios juram: ou vencer ou morrer!

Como terei vivido o início da guerra? Como uma bela aventura, iniciada ao lado do camarada germânico. Chamava-se Richard e, em 1941, o rádio me dizia: Bem-vindo, camarada Richard... Como eu via, naqueles anos de glória, o camarada Richard (que a métrica nos obrigava evidentemente a pronunciar à francesa, Richard, e não à alemã, Richard) era o que mostrava um cartão postal no qual ele aparecia ao lado do camarada italiano, ambos de perfil, ambos másculos e decididos, com o olhar fixo no limiar da vitória.

Mas o meu rádio, depois de Camarada Richard, já transmitia (eu estava convencido de que ouvia uma transmissão direta) uma outra canção. Era em alemão, uma nênia triste, quase uma marcha fúnebre que me parecia ritmada com imperceptíveis estremecimentos de minhas vísceras, cantada por uma voz feminina profunda e rouca, desesperada e pecadora: Vor der Kaserne, vor dem großen Tor / stand eine Laterne und steht sie noch davor...

Meu avô tinha o disco, mas naquela época eu não poderia ter seguido a canção em alemão.

De fato, ouvi logo em seguida o disco em italiano, mas a tradução era mais uma paráfrase ou uma adaptação.

Todas as noites sob o lampião
junto da caserna estava a te
esperar. Mesmo esta noite

esperarei e todo o mundo
esquecerei, por ti Lili Marlene,
por ti Lili Marlene.

Quando na lama

devo caminhar

sob a mochila

me sinto vacilar.

O que será então de mim?

Mas eu sorrio e penso em ti,

em ti Lili Marlene,

em ti Lili Marlene.

Lá onde a letra italiana não dizia, as palavras alemãs faziam surgir aquele lampião em meio à névoa, Wenn sich die späten Nebel drehn, enquanto a névoa fumega. Mas naquela época, em todo caso, não poderia compreender que, sob o lampião (provavelmente o meu problema era como podiam acender o lampião durante o blecaute e basta), aquela voz triste na névoa era a daquelapitana, a mulher que fazia o próprio comércio de si. Por isso, anos depois, anotei, de Corazzini: Túbido e triste na solitária / via, diante da porta

do prostíbulo I enfraquece o bom incenso do turíbulo, I quem sabe é a névoa que faz opaco o ar.

Lili Marlene apareceu não muito depois do excitado Camarada Richard.

Ou éramos mais otimistas que os alemães, ou alguma coisa sucedera nesse meio tempo, o pobre camarada entristecera e, cansado de caminhar na lama, sonhava somente em estar de novo sob aquele lampião. Mas estava me dando conta de que a própria seqüência das canções de propaganda poderia me dizer qual foi o caminho que levou do sonho da vitória àquele do seio acolhedor de uma puta tão desesperada quanto seus clientes.

Depois dos primeiros entusiasmos, nos habituáramos não somente ao blecaute e, imagino, aos bombardeios, mas também à fome. Se não fosse assim, recomendaríamos ao pequeno Balilla, em 1941, que cultivasse em seu próprio alpendre uma hortazinha de guerra, no mínimo para garantir meia dúzia de legumes, mesmo no menor espaço? E por que Balilla não recebe mais notícias do pai na frente?

Caro Papai te escrevo e minha mão

quase treme, tu compreendes.

Há tantos dias estás distante

e onde vives já não dizes.

As lágrimas que banham minha face

são lágrimas de orgulho, acredita.

Vejo que um belo sorriso abres,

o teu Balilla estreitas nos braços.

Eu também luto, também faço minha guerra,
com fé, com honra e disciplina

quero que germine a minha terra

e cuido da horta toda matina...

A pequena horta de guerra!

E peço a Deus

que vele por ti, papai dos sonhos meus.

Cenouras pela vitória. Por outro lado, vi num caderno uma outra página em que o professor nos fazia anotar que nossos inimigos ingleses eram o povo das cinco refeições. Devo ter pensado que eu também fazia cinco refeições, café-com-leite pão e geléia, lanche às dez na escola, almoço, merenda e jantat,

mas talvez nem todas as crianças tivessem a sorte que eu tinha, e um povo que come cinco vezes por dia tinha que suscitar ressentimento em quem era obrigado a cultivar tomates no alpendre.

Derrete-se a neve,

a bruma, a neblina, os torpes

ingleses que pernoitam na cantina

sugando garrafas chupando pastilhas
perguntam aos ratos quando o tempo
vai mudar. Abril não chega

com o vôo de pombas lança dos
céus

chuva de bombas, lança torpedos
em golpes seguros é o Abril da Ttília

que glória nos trará... Malvada

Inglaterra

perderás a guerra a nossa vitória

sobre tua cabeça, fera está.

Voltaremos! Agora vem o bom, agora
vem o bom, ilhazinha de pescador ao
norte voltarás. Agora vem o bom,
agora vem o bom, Inglaterra,
Inglaterra o teu fim marcado está.

Pregada sobre o palmeiral vela
imóvel a lua, a cavalo na duna está o
antigo minarete. Repiques, carros,
bandeiras, estouros, sangue, diga lá o
que sucede, cameleiro? Ra saga de
Djarabub!

Coronel não quero pão dê-me
chumbo para o mosquete pois a terra
dessa trincheira por hoje me bastará.
Coronel não quero água dê-me o
togo destruidor pois o sangue do meu
peito minha sede aplacará. Coronel
não quero troca aqui ninguém vai
recuar não cederemos nem um metro
se a morte não nos levar.

Coronel não quero encómios eu
morri por minha Terra. Mas o Um da
Inglaterra começa em Djarabub!

Mas então, por que os ingleses eram tão magros? Por que num dos cartões-postais selecionados por meu avô, sobre a escrita Caluda! aparecia um inglês maligno que tentava espionar notícias militares que o incauto camarada italiano deixava escapar, talvez no bar? Mas como era possível, se todo o povo como um só homem apresentara-se às armas? Havia italianos que faziam papel de espiões? Os subversivos não foram derrotados pelo Duce, como explicavam os textos do livro de leitura, com a Marcha sobre Roma?

Várias páginas dos cadernos falavam da vitória agora iminente. Mas enquanto eu ia lendo, caiu no prato do tocadiscos uma canção muito bonita.

Contava da última resistência de uma de nossas posições no deserto, Djarabub, e a história daqueles sitiados, finalmente vencidos pela fome e pela falta de munição, atingia dimensões épicas. Uns dias atrás vi na televisão, em Milão, um filme colorido sobre a resistência de Davy Crockett e Jim Bowie no forte de Álamo, Nada é mais exaltante que o topos do forte assediado. Imagino que cantei aquela elegia triste com a emoção de um menino que acompanha, hoje em dia, um western.

Cantava que o fim da Inglaterra começaria em Djarabub, mas a canção devia me lembrar Maramaopor que morreste, pois era a celebração de uma derrota — e quem o dizia eram os jornais de meu avô: o oásis de Djarabub caiu em Cirenaica, depois de uma forte resistência, justamente em março de 41. Eletrizar um povo com uma derrota me parecia um recurso bastante extremo.

E essa outra canção, do mesmo ano, que prometia a vitória? Agora vem o bom! Prometia-se o bom para abril, quando já teríamos perdido Adis Abeba.

De todo modo, "agora vem o bom" se diz quando o tempo está ruim e se acredita que agora vai melhorar. Por que deveria (em abril) vir o bom? Sinal de que o inverno, durante o qual a canção fora cantada pela primeira vez, prometia um revés da fortuna.

Toda a propaganda heróica que nos alimentava aludia a uma frustração. O que queria dizer o refrão "Voltaremos!", senão que se previa, se confiava, se esperava voltar lá onde a derrota já era fato?

E de quando era o hino dos batalhões M?

Batalhões do Duce, Batalhões da
morte, criados para a vida, na
primavera abre-se a partida, os

continentes são chama eflor! Para
vencer nos bastam os leões de
Mussolini armados de valor.

Batalhões da morte,

Batalhões da vida,

recomeça a partida,

sem ódio não há amor.

"M" vermelho igual sorte,

laço negro à esquadrilha

a morte nós a temos sob a vista

com duas bombas e na boca uma flor.

Segundo as datas de meu avô, devia ser de 1943 e ainda falava de uma outra primavera, de dois anos depois (em setembro firmamos o armistício). À

parte a imagem, que deve ter me fascinado, da morte afrontada com duas bombas e uma flor na boca, por que a partida devia reabrir a primavera, por que devia recomeçar? Esteve então parada? E mesmo assim nos faziam cantar, em espírito de imarcescível confiança na vitória final.

O único hino otimista que o rádio propôs foi a Canção dos submarinistas: "Andar pelo vasto mar sonando na cara de Dona Morte e do Destino..." Mas

aquelas palavras me remetiam a outras e fui em busca da canção Mocinhas não olhem os marinheiros.

Essa com certeza não me faziam cantar na escola. Evidentemente era transmitida pelo rádio. O rádio transmitia tanto o hino dos submarinistas, quanto o apelo às senhoritas, embora em horários diferentes. Dois mundos.

Resvalam em ondas negras

na densa escuridão das

torreras feras

os olhares arcnros estão.

Calados e invisíveis partem os
submergireis! Corações e motores

de assaltadores contra a
Imensidão!

Andar

pelo vasto mar

rindo na cara de Dona Morte

e do Destino! Golpear e

sepultar

todo inimigo que se encontrai

no caminho! Assim vive o
marinheiro no fundo coração do
mar sobranceiro! O inimigo c a
adversidade pouco imporum, ele sabe que
vencerá.

Sabe-se lá por que hoje em dia

as moçoilas São doidinhas pelos
marinheiros... Não sabtíro que c preciso
desconfiar, entre o fazer e o falar tem no meio o mar...

Mocinhas, não olhem os marinheiros
porque, porque

poderão aprontar cerros salseiros porque, porque...

Conjugam o verbo amar Enquanto lhes
ensinam a nadar Depois as deixam se
afogar.

Mocinhas, não olhem os marinheiros
porque, porque...

Ouvindo também as outras canções, parecia que a vida escorria em dois

binários, de um lado os boletins de guerra, do outro, a contínua lição de otimismo e alegria difundida à farta por nossas orquestras. Começava a Guerra da Espanha, e os italianos morriam de um lado e do outro, enquanto o Chefe nos mandava mensagens ardentes nos preparando para um conflito ainda maior e mais sangrento? Luciana Dolliver cantava (que dulcíssima chama) não esqueças minhas palavras, menina não sabes o que é o amor, a orquestra Barzizza tocava garota enamorada, esta noite te sonhei, sobre o peito adormecida, e tu sorrias enquanro todos repetiam florin, florindo, o amor é lindo perto de ti. O regime celebrava a beleza camponesa e as mãos profiláticas impondo um imposto ao celibato? O rádio avisava que o ciúme não está mais na moda, é uma loucura que não se usa mais.

Explodia a guerra, tínhamos que vedar as janelas e ficar grudados no rádio?

Alberto Rabagliati sussurrava abaixa teu rádio por favor se queres ouvir palpar meu coração. Começava mal a campanha em que deveríamos "quebrar a espinha da Grécia" e nossas tropas começavam a morrer na lama?

Nada de medo, não se faz amor quando chove.

Pippo realmente não sabia? Quantas almas tinha o regimento? Acirrava-se sob o sol africano a batalha de El Alamein e o rádio tocava quero viver assim com o sol na cara e feliz eu canto, beatamente. Entrávamos em guerra contra os Estados Unidos, nossos jornais celebravam o bombardeio japonês de Pearl Harbor e as ondas sonoras diziam que sob o céu do Havaí, se uma noite lá passares, e o paraíso sonhares (mas talvez o público do rádio não soubesse que Pearl Harbor ficava no Havaí e que o Havaí era território americano), Paulus rendia-se em Stalingrado entre montanhas de cadáveres de ambas as partes, e nós ouvíamos tenho uma pedrinha no sapato, ai, que me faz tanto mal.

Começava o desembarque aliado na Sicília e o rádio (com a voz de Alida Valli!) nos lembrava que o amor não, o amor não pode desaparecer junto com o ouro dos cabelos. Acontecia a primeira incursão aérea contra Roma e Jone Caciagli gorjeava noite e dia sós, tão sós, com as mãos nas tuas mãos até a aurora de amanhã.

Não esquecer minhas palavras
menina não sabes o que é o amor
É uma coisa linda como o sol Mais que o
sol dá calor. Encta nas veias suavemente
Depois chega ao peito lentamente.

Nascem os primeiros machucados Com

os primeiros sonhos dourados

Mas o amor não

o meu amor não pode

perder-se ao vento com as rosas

é tão forte que não cederá,

não fenecerá.

Eu o protegerei,

eu o defenderei

de todas as insídias venenosas

que querem arrancar-me o amor

pobre amor.

Menina apaixonada Esta noite te sonhei
Sobre o peito aconchegada E sorrias, tu.
Menina apaixonada Tua boca cu beije
Com o beijo te despertei Não re
esqueças, tu.

Floriu, florindo O amor é lindo perto de
ti! Me faz sonhar e me faz tremer Nem
sei por quê. Margarida em flor o que é
a vida Se não tem amor que o coração
faz palpar? Flor de verbena, se
alguma pena o amor nos traz faz como
vento sopra um momento depois passa
e vai! Mas quando estás comigo sou
feliz porque... Florin, florindo, O amor
é lindo i de ti.

O ciúme já saiu de moda E uma
loucura que não se usa mais: Tendo o

coração contente estilo século vinte a
juventude gozarás. Se estás triste,
bebe um Whisky and Soda e no
amor não pensarás: vive o mundo

alegremente sempre sorridente e
mais feliz serás.

Os aliados desembarcavam em Anzio e no rádio causava furor Besame, besame mucho, acontecia o massacre das Fossas Ardeatinas e o rádio nos alegrava com Crapapelada e Onde está Zazá, Milão era martirizada pelos bombardeios e Radio Milano transmitia A cadu-quice do Biffi Scala...

E eu, eu, como vivia essa Itália esquizofrênica? Acreditava na vitória, amava o Duce, queria morrer por ele? Acreditava nas frases históricas do Chefe que o professor ditava: é o arado que traça o sulco, mas é a espada que o defende; seguiremos firmes, se avanço, sigam-me, se retrocedo, matem-me?

Encontrei uma redação feita em sala de aula, num caderno da quinta série primária, 1942, Ano XX da Era Fascista:

TEMA - "Jovens, deveis ser por toda a vida a guarda de nova heróica civilização que a Itália está criando" {Mussolini}.

DESENVOLVIMENTO — Eis que avança na estrada poeirenta uma coluna de garotos.

São os Balilla que, orgulhosos e galhardos sob o tépido sol da nascente primavera, marcham disciplinados e obedientes aos comandos secos que vêm de seus oficiais; são os rapazes que aos vinte anos deixarão a pena para empunhar o mosquete e defender a Itália das insídias inimigas. Esses Balilla que vemos desfilando pelas ruas aos sábados e estudando debruçados nas carteiras escolares nos outros dias, irão se transformar na idade certa nos fiéis e incorruptíveis guardiões da Itália e de sua civilização.

Quem poderia imaginar, vendo desfilar as legiões da "Marcha da Juventude", que aqueles jovens imberbes, muitos deles ainda Vanguardistas, já regaram com

seu sangue as areias ardentes da Marmárica? Quem imaginaria, vendo esses rapazes alegres e sempre prontos para brincar, que em poucos anos poderão até morrer no campo de batalha com o nome da Itália nos lábios?

Meu persistente pensamento sempre foi este: quando for alto serei um soldado. E agora que pelo rádio sei dos infinitos atos de coragem, de heroísmo e de abnegação realizados por nossos valorosos soldados, esse desejo enraizou-se mais ainda em meu coração e nenhuma força humana será capaz de erradicá-lo.

Sim! Serei soldado, combaterei e se a Itália quiser, morrerei por sua nova, heróica, santa civilização, que trará bem-estar ao mundo e que Deus quis que se realizasse na Itália.

Sim! Os alegres e brincalhões Balilla se transformariam quando grandes em leões se um inimigo ousasse profanar nossa santa civilização. Lutariam como feras irrefreáveis, cairiam e tornariam a se levantar para lutar ainda, e venceriam fazendo triunfar ainda uma vez a Itália, a imortal Itália.

E com a lembrança animadora das glórias passadas e a esperança nas glórias futuras, que serão construídas pelos Balilla, meninos de hoje, soldados de amanhã, a Itália continua o seu glorioso caminho para a alada vitória.

Eu realmente acreditava ou repetia frases feitas? O que diziam os meus pais quando trazia tais textos, com ótimas notas, para casa? Talvez acreditassem também, pois absorveram frases semelhantes já antes do fascismo. Como todo mundo sabe, não nasceram e cresceram em um clima nacionalista, no qual se exaltava o primeiro conflito mundial como um batismo purificador, não diziam os futuristas que a guerra era a única higiene do mundo? E entre os livros do sótão caiu-me nas mãos um velho exemplar de Cuore, de De Amicis, onde, entre os heroísmos do pequeno patriota paduano e os atos generosos de Garrone, li uma página em que o pai de Enrico assim escreve ao filho elogiando o Régio Exército:

Todos esses jovens cheios de força e de esperanças podem ser chamados de um dia para o outro a defender o nosso País, e podem, em poucas horas, ser dilacerados pelas balas e pelas metralhadoras. Cada vez que ouvires gritar numa festa: viva o Exército, viva a Itália, imagina, além dos regimentos que passam, um campo coberto de cadáveres e alagado de sangue e então o viva ao exército sairá do mais profundo de teu coração e a imagem da Itália vai te parecer mais severa e maior.

Portanto não era só eu, também os mais velhos foram educados para conceber o amor à própria terra como tributo de sangue e para não se horrorizarem mas se excitarem diante de um campo alagado de sangue. Por outro lado, cem anos antes já não cantava o suavíssimo Poeta Oh, venturosas, caras e benditas as antigas eras que a morte pela Pátria corriam as gentes a fartai

Compreendi por que os massacres do Jornal Ilustrado das Viagens e das Aventuras não deviam soar tão exóticos para mim, pois no culto do horror éramos criados. E não se tratava de um culto apenas italiano, pois no próprio Jornal Ilustrado eu li sobre outras exaltações guerreiras e redentoras através do

banho de sangue, pronunciadas por heróicos poilus franceses, que faziam da vergonha de Sedan o seu mito de ódio e de vingança, como nós fatiamos de Djarabub. Nada excita mais ao holocausto que o rancor de uma derrota. Assim éramos ensinados a viver, pais e filhos, contando uns aos outros como era belo morrer.

Mas quanto eu queria realmente morrer e o que sabia da morte?

Justamente no livro de leitura da quinta série havia um conto, Loma Valente.

As páginas eram as mais gastas de todo o volume, o título estava marcado com uma cruz a lápis, muitos trechos sublinhados. Era um episódio heróico da Guerra da Espanha: um batalhão de Flechas Negras está assentado diante de um morro, uma loma em espanhol, duro e áspero, que oferece pouca área de ataque. Mas um pelotão é comandado por um atleta moreno de vinte e quatro anos, Valente, que em sua pátria estudava letras e escrevia poesias, mas que vencera também os Lictoriais de pugilato e se alistara como voluntário na Espanha, onde havia "combate também para os pugilistas e os poetas". Valente comanda o

ataque consciente do perigo, o conto descreve as várias fases dessa heróica empresa, os vermelhos ("malditos, onde estão? por que não aparecem?") disparam com todas as suas armas, torrencialmente "como se jogassem água num incêndio que se espalha e se aproxima". Valente dá uns poucos passos para conquistar o cume e um tiro seco e repentino na testa lhe enche os ouvidos de um terrível estrondo:

Depois, escuridão. Valente tem o rosto sobre a relva. A escuridão é menos fechada: é vermelha. O olho do herói mais próximo da terra vê dois ou três fios de relva grossos como troncos.

Aproxima-se um soldado, sussurra para Valente que o morro foi conquistado. Por Valente agora falava o autor: "O que significa morrer? É a palavra, em geral, que faz medo. Mas quem morre, e sabe disso, não sente nem calor nem frio nem dor." Sabe apenas que cumpriu com seu dever e que a loma que conquistou portará seu nome.

Pelo tremor que acompanhou minha releitura adulta compreendi que aquelas poucas páginas contaram-me pela primeira vez a verdadeira morte.

Aquela imagem de fios de relva grossos como troncos parecia morar em minha mente desde tempos imemoriais, pois lendo eu quase os via. Tinha, aliás, a impressão de ter repetido várias vezes, criança, como um rito sagrado, uma descida ao horto onde me estirava sobre o ventre, com o rosto quase esmagado contra a relva cheirosa, para ver de verdade aqueles troncos. Aquela leitura foi

a queda no caminho de Damasco que me marcou talvez para sempre. Eram os mesmos meses em que eu escrevera a redação que tanto me tinha perturbado.

Possível tanta duplicidade? Ou quem sabe eu li a história depois da redação e a partir daquele momento tudo mudou?

Cheguei ao fim de meus anos de primário, que se concluíam com a morte de Valente. Os livros do ginásio eram menos interessantes, falando dos sete reis de Roma ou dos polinômios e, fascista ou não, você tem que dizer mais ou menos as mesmas coisas. Mas havia alguns cadernos de "Crônicas" do ginásial.

Houve algumas reformas nos programas e não se exigiam mais redações com tema fixo, éramos evidentemente estimulados a contar episódios de nossas vidas. E mudara também a professora, que lia cada crônica e, com um lápis vermelho, escrevia não uma nota, mas um comentário crítico sobre o estilo ou a criatividade. Por certas desinências das observações ("fui surpreendida pela vivacidade com que...") percebia-se que lidávamos com uma mulher.

Certamente uma mulher inteligente (talvez a adorássemos, pois lendo aquelas mensagens em vermelho sentia que ela devia ser jovem e linda e, só Deus sabe por quê, amante de lírios-do-vale), que tentava nos estimular a ser sinceros e originais.

Uma das crônicas mais elogiadas era essa, com data de dezembro de 1942.

Tinha então onze anos, mas a redação foi escrita apenas nove meses depois da anterior.

CRÔNICA - O copo inquebrável.

Minha mãe comprou um copo inquebrável. Mas de vidro mesmo, vidro de verdade, e isso me deixava fascinado porque, quando tal fato teve lugar, o autor dessas linhas tinha apenas poucos anos e suas faculdades mentais ainda não estavam suficientemente desenvolvidas para que pudesse imaginar que um copo, um copo em tudo semelhante aos que caem e fazendo trinnl (proporcionando uma boa dose de pescoções), pudesse ser inquebrável.

Inquebrável! Parecia uma paktvra mágica. Experimentei uma, duas, três vezes e o copo caía, quicava com um estrondo dos diabos e parava intacto.

Certa tarde vieram uns conhecidos e oferecemos chocalatinhos (note-se que então tais guloseimas existiam, e em profusão). Com a boca cheia (não lembro se de "Gianduia" ou "Strelia" ou "Caffarel-Prochet"), vou até a cozinha e volto com o famoso copo na mão.

"Senhoras e senhores", exclamo com voz de proprietário de circo chamando os passantes para o espetáculo, "apresento-lhes um copo mágico, especial, inquebrável. Vou jogá-lo no chão e vocês verão que não quebra", e acrescento com ar grave e solene, "PERMANECERÁ INTACTO." jogo e... nem preciso dizer, o copo voa em mil pedaços. Sinto o rubor subir, olho alucinado aqueles cacos que, tocados pela luz do lampadário, brilham como pérolas... e rompo em prantos.

Fim da minha história. Tentava agora analisá-la como se fosse um texto clássico. Falava de uma sociedade pré-tecnológica, na qual um copo inquebrável era uma raridade e um único é adquirido como prova. Quebrá-lo não era apenas uma humilhação, mas também um vulnus nas finanças familiares. História, portanto, de uma derrota completa e acabada.

Meu conto, de 1942, evocava o período anterior à guerra como uma época feliz, em que os chocalatinhos ainda eram acessíveis, e ainda por cima de marca estrangeira, e recebiam-se convidados num salão ou sala de jantar à luz de um lampadário. O apelo que fazia à assembléia não imitava os históricos apelos do balcão do Palácio Venezia, mas tinha o tom grotesco do pregoeiro que talvez tivesse ouvido no mercado. Evocava uma aposta, uma tentativa de vitória, uma imarcescível segurança para depois, num belo anticlímax, reverter a situação e reconhecer a derrota.

Uma das primeiras histórias realmente minhas, não a repetição de clichês escolares e nem a reevocação de algum belo romance de aventuras. A comédia de uma promissória não honrada. Naqueles cacos que, colhidos pelo lampadário, luziam (falsamente) como pérolas, eu celebrava, aos onze anos, o meu *vanitas vanitatum*, e professava um pessimismo cósmico.

Transformara-me no narrador de uma falência, da qual representava o frágil correlato objetivo. Tornara-me existencialmente, embora ironicamente, amargo, radicalmente cético, impermeável a qualquer ilusão.

Como se podia mudar assim no arco de nove meses? Um crescimento

natural, é certo, crescendo fica-se esperto, mas era mais que isso: o desengano

de promessas de glória não cumpridas (talvez eu também lesse, ainda na cidade, os jornais sublinhados por meu avô), o encontro com a morte de Valente, o ato heróico que se resolvia na visão daqueles terríveis troncos de cor verde pútrido, último anteparo a me separar dos infernos e do cumprimento do destino natural de todo mortal.

Em nove meses tornara-me lúcido, de uma lucidez sarcástica e ausente.

E todo o resto, as canções, os discursos do Duce, as meninas apaixonadas e a morte encarada com duas bombas e uma flor na boca? A julgar pelos cabeçalhos dos cadernos do ginásio, fiz a primeira série, na qual escrevi aquela

crônica, ainda na cidade, as duas seguintes já em Solara. Sinal de que a família

decidira retirar-se definitivamente para o campo, pois também para nós chegavam os primeiros bombardeios. Tornara-me cidadão de Solara na onda da lembrança daquele copo quebrado, e as outras crônicas, da segunda e da terceira séries, eram apenas recordações dos bons tempos passados, quando ao ouvir uma sirene sabia-se que era a fábrica e comentava-se apenas "é meio-dia, papai deve estar chegando", contos de como seria bom poder voltar a uma cidade pacificada, fantasias sobre Natais dantan. Abandonara as divisas de Balilla e transformara-me num pequeno decadente já consagrado à busca do tempo perdido.

E como vivi aqueles anos entre 43 e o fim da guerra, aqueles mais sombrios, com a luta da Resistência e os alemães não mais como camaradas?

Nada nos cadernos, como se falar no horrído presente fosse tabu, e os professores nos encorajassem a não fazê-lo.

Faltava-me um elo, talvez muitos. A certa altura eu mudara, mas não sabia por quê.

10. A TORRE DO ALQUIMISTA

Sentia-me ainda mais confuso do que estava quando cheguei. Pelo menos antes eu não lembrava de nada, zero absoluto. Agora continuava sem lembrar, mas aprendera demais. Quem fui eu? Simultaneamente o Yambo da escola e da educação pública, que evoluía por arquiteturas lictórias, cartões de propaganda, cartazes murais, canções; aquele de Salgari e Verne, do capitão Satanás, das ferocidades do Jornal Ilustrado das Viagens e das Aventuras, dos delitos de Rocambole, do Paris Mystérieux de Fantomas, das névoas de Sherlock Holmes e ainda aquele do Topetinho e do copo inquebrável?

Telefonei perplexo para Paola, disse da minha perturbação e ela riu.

"Yambo, para mim são somente memórias confusas, conservei a imagem de algumas noites num abrigo antiaéreo, acordavam-me de repente e íamos para baixo, eu tinha uns quatro anos. Mas desculpe, deixe-me fazer um pouco de psicologia: uma criança pode viver em mundos diferentes, como fazem as nossas, que aprendem a ligar a televisão, assistem ao telejornal, mas em seguida querem ouvir histórias e folheiam livros ilustrados com monstros verdes de olhos bons e lobos que falam. Sandro fala sempre dos dinossauros, que viu em algum desenho animado, mas não espera encontrá-los na esquina de casa. Eu conto a história de Cinderela mas depois ele levanta da cama e, sem que os pais percebam, espia a televisão da porta e vê os marines que matam dez amarelos com uma só rajada de metralhadora. As crianças são muito mais equilibradas que nós, distinguem muito bem entre fábula e realidade, têm um pé aqui e outro lá, mas não se confundem nunca, exceto algumas crianças doentes que vêem o Super-Homem voando, amarram uma toalha nos ombros e se jogam da janela. Mas são casos clínicos e a culpa é quase sempre dos pais. Você não era um caso clínico, e lidava muito bem com Sandokan e os livros de escola."

"Sim, mas qual era para mim o mundo imaginário? O de Sandokan ou o do

Duce que acariciava os Filhos da Loba? contei daquela redação, não? Mas aos dez anos eu queria realmente lutar como uma fera desembestada e morrer pela Itália imortal? Quero dizer, aos dez anos, quando certamente existia censura, mas os bombardeios também já estavam sobre as nossas cabeças. E

em 1942 nossos soldados morriam como moscas na Rússia."

"Mas Yambo, quando Carla e Nicoletta eram pequenas, e há pouco com os netos, você dizia que as crianças são interesseiras. Isso você devia lembrar porque aconteceu outra vez há algumas semanas: Gianni veio à nossa casa quando os meninos ainda estavam e Sandro lhe disse: 'Fico tão contente quando vem aqui, tio Gianni.' 'Viu como ele gosta de mim?', comentou ele. E

você: 'Gianni, crianças são puxa-sacos. Ele sabe que você sempre tem chicletes. E isso é tudo.' As crianças são puxa-sacos. E você também era. Só queria ganhar uma boa nota e escrevia o que agradava ao professor. Traduzido por Totó, que você sempre considerou um mestre de vida: puxa-saco se nasce, e eu, modestamente, nasci."

"Você simplifica demais. Uma coisa é puxar o saco do tio Gianni, outra é fazer o mesmo com a Itália imortal. E depois, como é que um ano depois eu já era um mestre de ceticismo, escrevendo, com aquela história do copo, alegorias de um mundo sem propósito -porque era isso que eu queria dizer, posso senti-lo."

"Simplesmente porque mudou de professor. Um novo professor pode liberar o espírito crítico que um outro não permitia que se desenvolvesse. E

depois, naquela idade, nove meses de diferença é um século."

Alguma coisa deve ter acontecido naqueles nove meses. Percebi isso ao retornar ao escritório de meu avô. Remexendo ao acaso, enquanto tomava um café, tirei da pilha de revistas um semanário humorístico do final dos anos trinta, o Bertoldo. O número era de 1937, mas devo ter lido com atraso, porque antes não seria capaz de apreciar aqueles desenhos filiformes e aquele humor tresloucado. Mas agora estava lendo um diálogo (publicavam um por semana na coluna de abertura, à esquerda) que talvez tivesse me impressionado justamente

no decorrer daqueles nove meses de profunda transformação:

Passou Bertoldo por todos aqueles senhores e logo foi sentar-se junto do Grão-duque Trombone que, benevolente por natureza e amante das pilhérias, com tal propósito começou amavelmente a interrogá-lo.

GRÃO-DUQUE. - Bom-dia, Bertoldo, como era a cruzada?

BERTOLDO - Nobre.

GRÃO-DUQUE — EU ópera?

BERTOLDO - Elevada.

GRÃO-DUQUE - E o impulso?

BERTOLDO - Generoso.

GRÃO-DUQUE -E O ímpeto de solidariedade humana?

BERTOLDO - Comovente.

GRÃO-DUQUE - E o exemplo?

BERTOLDO — Luminoso.

GRÃO-DUQUE - E a iniciativa?

BERTOLDO - Corajosa.

GRÃO-DUQUE — E a oferta?

BERTOLDO - Espontânea.

GRÃO-DUQUE — E o gesto?

BERTOLDO - Excepcional.

Riu o Grão-duque e, reunindo a seu redor todos os Senhores da Corte, ordenou o Tumulto dos Ciompi (1378), depois do qual retornaram todos os cortesãos a seus lugares e assim o Grão-duque e o aldeão retomaram a conversação,

GRÃO-DUQUE - Como é o trabalhador?

BERTOLDO - Rude.

GRÃO-DUQUE - Ea vinha?

BERTOLDO - Simples, mas sã.

GRÃO-DUQUE - Ea região?

BERTOLDO — Fértil e ensolarada.

GRÃO-DUQUE - Ea população?

BERTOLDO - Hospitaleira.

GRÃO-DUQUE - E o panorama?

BERTOLDO - Magnífico.

GRÃO-DUQUE — E OS arredores?

BERTOLDO - Encantadores.

GRÃO-DUQUE — Ea mansão?

BERTOLDO - Senhoril.

Riu o Grão-duque e, reunindo a seu redor todos os cortesãos, ordenou a Tomada da Bastilha (1789) e a Derrota de Montaperti (1266), depois das quais, retornaram todos os cortesãos a seus lugares e assim o Grão-duque e o aldeão retomaram a conversação...

O diálogo zombava ao mesmo tempo da língua dos poetas, dos jornais e da retórica oficial. Se eu era mesmo um menino esperto, depois daqueles diálogos não poderia mais escrever redações como a de março de 1942. Estava pronto para o copo inquebrável.

Eram apenas hipóteses. Sabe-se lá quanta coisa me aconteceu entre a redação heróica e a crônica desiludida. Decidi suspender de novo as pesquisas e leituras. Desci até a cidadezinha: já não havia mais Gitanes e tive que me adaptar aos Marlboro Light - melhor assim, fumaria menos já que não gosto deles. Voltei ao farmacêutico para tirar a pressão. Talvez a conversa com Paola

tenha me acalmado, mas o fato é que estava com 14. Melhorava.

Na volta me deu vontade de comer uma maçã e entrei na sala de baixo da ala central. Perambulando entre frutas e hortaliças, vi que vários salões do térreo foram transformados em armazém e que num quarto no fundo havia um amontoado de espreguiçadeiras. Levei uma delas para o jardim. Sentei de frente para a paisagem, folheei os jornais, percebi que estava muito pouco interessado no presente, virei a cadeira e fiquei olhando a fachada da casa e a

colina atrás dela. Disse comigo mesmo, o que estou procurando, o que quero, não bastaria ficar aqui e olhar a colina que é tão bonita, como dizia aquele romance, como era mesmo o nome? Erguer três pavilhões, oh, Senhor, um para ti, um para Moisés e um para Elias, e vegetar sem passado, sem futuro.

Talvez seja assim o paraíso.

Mas o poder diabólico do papel levou a melhor. Depois de um pouco, comecei a fantasiar sobre a casa, imaginando-me como um herói da Biblioteca dos meus Meninos diante do castelo de Ferlac ou de Ferralba, em busca da cripta ou do celeiro onde jazia o pergaminho esquecido. Aperta-se o centro de uma rosa esculpida num emblema, a parede se abre e aparece uma escada em caracol...

Via as trapeiras no teto, depois o primeiro andar com as janelas da ala de meu avô, agora todas escancaradas para iluminar minhas peregrinações. Sem me dar conta eu as estava contando. No centro fica o balcão da sala de estar.

À

esquerda três janelas, da sala de jantar, do quarto de meus avós e do quarto de

meus pais. À direita a da cozinha, a do banheiro e a do quarto de Ada.

Simétrico. À esquerda não se vêem as janelas do escritório de meu avô e do meu quartinho, pois abrem-se no fundo do corredor, lá onde a fachada já faz ângulo com a nossa ala e as janelas dão para as laterais.

Tomou-me uma sensação de mal-estar. Como se meu senso de simetria

ficasse perturbado, O corredor da esquerda acaba sobre o meu quarto e o escritório de meu avô, mas o da direita pára logo depois do quarto de Ada.

Donde, o corredor da direita é mais curto que o da esquerda.

Amália estava passando e pedi que descrevesse as janelas da sua ala. "Fácil", disse ela, "no térreo tem onde comemos, o senhor sabe,

aquela janelinha é do banheiro, que o senhor seu avô mandou fazer especialmente para nós porque não queria que fôssemos nas moitas como os outros camponeses, santa alma. O resto, que são na verdade aquelas duas outras janelas lá, é um armazém com as ferramentas de trabalho e dá até para entrar por trás. No andar de cima tem a janela do meu quarto, e ali as outras duas são o quarto de meus pobres pais e a sala de jantar deles, que deixei tal como eram e não abro nunca em sinal de respeito."

"Então a última janela é a sala de jantar, que acaba no ângulo entre a sua ala e a de meu avô", disse eu. "Por certo que sim", con-fitmou Amália, "o resto são os cômodos da ala dos patrões."

Tudo parecia tão natural que não perguntei mais nada. Mas fui dar uma volta atrás da ala direita, na área do quintal e do galinheiro. Logo se vê a janela

posterior da cozinha de Amália e depois o portão desengonçado pelo qual passei uns dias atrás, e se entra no depósito que também visitei. Só que dessa vez percebi que o depósito é longo demais, ou seja, continua além do ângulo feito pela ala direita com o corpo central: em outras palavras, o depósito prossegue sob a parte final da ala de meu avô, para dar, por fim, na vinha, e isso pode ser visto de uma janelinha que deixa entrever as primeiras elevações da colina.

Nada de extraordinário, disse comigo mesmo, mas o que tem a mais no primeiro andar, em cima desse pedaço, já que os quartos de Amália param na esquina entre as duas alas? Em outras palavras, o que tem lá em cima correspondendo ao espaço ocupado à esquerda pelo escritório de meu avô e pelo meu quartinho?

Saí para o quintal e olhei para cima. Viam-se três janelas, como são três do outro lado (duas do escritório e uma do meu quarto), mas todas as três tinham os batentes fechados. Em cima, as habituais trapeiras do sótão, que como eu já sabia continuavam sem interrupção ao longo de toda a casa.

Chamei Amália, que estava lidando no jardim, e perguntei o que havia atrás daquelas três janelas. Nada, respondeu com o ar mais natural do mundo.

Como nada? Se tem janela tem que ter alguma coisa, e não é o quarto de Ada, cuja janela dá para o pátio. Amália tentou cortar a conversa: "Eram coisas do senhor seu avô. Não sei de nada."

"Amália, não me faça fazer papel de burro. Como se chega lá em amar

"Não se chega, não tem mais nada. As masche devem ter carregado."

"Eu já disse para não me fazer de bobo. Deve se subir até lá pelo seu andar térreo ou por alguma outra maldita parte!"

"Não blasfeme, eu lhe suplico, que de maldito só o diabo. O que quer que eu diga, o senhor seu avô me fez jurar que não diria nada daquilo e eu não perjuro um juramento senão o diabo me carrega mesmo."

"Mas quando é que jurou, e o quê?"

"Jurei naquela tarde que depois, de noite, chegaram as Brigadas Negras e o senhor seu avô disse, para mim e para minha mãe, jurem que não sabem de nada e não viram nada, aliás, não vou deixar que vejam nada do que eu e Masulu, que era meu pobre pai, fazemos porque se as Brigadas Negras aparecem depois e lhes torram os pés, vocês não vão resistir e vão acabar dizendo alguma coisa, e assim é melhor que não saibam de nada, aquilo lá é gente tuim que sabe fazer falar uma pessoa até depois de lhe cortarem a língua."

"Amália, se ainda havia Brigadas Negras foi há quase quarenta anos atrás, meu avô e Masulu já morreram, estão mortos também os Brigadas Negras, o juramento já não vale mais nada!"

"O senhor seu avô e meu pobre pai estão bem mortos mesmo porque são sempre os melhores que vão embora primeiro, mas aqueles outros eu não sei não porque é uma raça infeliz que não morre nunca."

"Amália, não existem mais Brigadas Negras, a guerra acabou e desde aquele dia ninguém mais queima os pés dos outros."

"Se o senhor diz, para mim é um evangelho, mas o Pautasso que estava nas Brigadas Negras e eu lembro bem dele, tinham uns vinte anos naquele tempo, ainda está vivo, está em Corseglio e uma vez por mês vem a Solara para umas questões lá dele, pois montou em Corseglio uma fábrica de tijolo e fez dinheiro, mas aqui na cidade tem gente que não esqueceu o que ele fez e muda de lado quando ele passa. Talvez não queime mais os pés de ninguém, mas resta que um juramento é um juramento e nem o padre pode me dar absolvição."

"Quer dizer que nem para mim, que ainda estou doente, e minha mulher confiava que com você logo ficaria melhor, você não diz nada, olhe que eu posso piorar."

"Que o Senhor me faça cair seca aqui mesmo se quero lhe fazer mal, senhorzinho Yambo, mas um juramento é um juramento, não?"

"Amália, de quem sou neto, eu?"

"Do senhor seu avô, como a própria palavra diz."

"E de meu avô sou o herdeiro universal, dono de tudo que se vê por aqui, certo? E se você não me diz como se entra lá em cima, é como se roubasse o que

é meu."

"Que o Senhor me dê uma lambada nesse exato momento se quero roubar alguma coisa de seu, onde já se viu uma coisa dessas, eu, que me matei por essa casa a minha vida inteira, para que fique como um bisü, uma verdadeira jóia!"

"Além disso, como eu sou o herdeiro de meu avô, tudo o que digo agora é como se fosse ele e eu a desobrigo solenemente desse juramento. Está bem assim?"

Tinha posto três argumentos muito convincentes na mesa: minha saúde, meus direitos de propriedade e a descendência direta, com todos os privilégios da primogenitura, Amália não conseguiu resistir e cedeu. O senhorzinho Yambo valerá mais que o padre e que as Brigadas Negras, pois não?

Amália conduziu-me ao primeiro andar da ala central, até o fundo do corredor da direita, lá onde ele acaba, depois do quarto de Ada, no armário com cheiro de cânfora. Pediu que a ajudasse a deslocar o móvel pelo menos um pouco e mostrou que atrás dele havia uma porta murada. Por ali entrava-se antigamente para a Capela, pois na casa, quando ainda vivia aquele tio-avô que deixara tudo para meu avô, funcionava uma capela, não muito grande, mas o suficiente para se ouvir a missa aos domingos com a família; o padre vinha da aldeia. Depois, quando meu avô o sucedeu, o qual, embora gostasse do presépio, não era de igreja, a capela ficou abandonada. Tiraram os bancos de lá para colocá-los cá e lá pelos salões da parte de baixo e eu, visto

que ninguém a usava, pedi a meu avô que me deixasse arrastar para lá algumas estantes do sótão para colocar minhas coisas - e ia sempre me esconder ali, sabe Deus fazendo o quê. Tanto que depois, quando o padre de Solara ficou sabendo da coisa, pediu para levar pelo menos as pedras consagradas do altar, para evitar sacrilégios, e meu avô deixou que levasse também uma estátua da Madona, as ampolas, a patena e o tabernáculo.

Certa tarde adiantada, já era o tempo em que ao redor de Solara giravam os partigiani e a cidadezinha era controlada em turnos por eles e pelas Brigadas Negras e naqueles meses de inverno era a vez das Brigadas Negras, estando os partigiani entocados lá embaixo nas Langhe, alguém veio dizer a meu avô que precisava esconder quatro rapazes que estavam sendo caçados pelos fascistas.

Pelo que entendi, talvez não fossem partigiani, mas debandados que passavam por ali justamente para se juntar à resistência lá tia montanha.

Nós não estávamos com nossos pais, tínhamos ido visitar o irmão de minha mãe, refugiado em Montarsolo. Estavam só o meu avô, Masufu, Maria e Amália e meu avô fez as duas mulheres jurarem que jamais fariam do que estava acontecendo, melhor, mandou-as direto para a cama. Só que Amália fez

de conta que ia se deitar e ficou espiando de algum lugar. Os rapazes chegaram por volta das oito, meu avô e Masulu mandaram que fossem para a Capela, trouxeram alguma coisa de comer e depois foram buscar tijolos e uns baldes com cimento e sozinhos, embora não fossem do ofício, muraram a porta e puseram na frente alguns móveis que estavam em outro lugar. Mal tinham acabado, chegaram as Brigadas Negras.

"Precisava ver que caras. Por sorte o comandante era uma pessoa distinta, até usava luvas, e com seu avô comportou-se com toda a educação, é claro que já tinham lhe dito que era proprietário de terras, e cachorro não morde cachorro. Fuçaram de cá e de lá, chegaram a subir até o sótão, mas era evidente que tinham pressa e faziam a coisa mais para dizer que tinham feito, mesmo porque ainda tinham muitas casas a visitar onde pensavam que seria mais provável que nós, camponeses, tivéssemos escondido alguns dos nossos.

Não descobriram nada, o tal que usava luvas desculpou-se pelo incômodo, disse viva o Duce, seu avô e meu pai, que não eram bobos, deram viva ao Duce também, e amém."

Por quanto tempo os quatro clandestinos ficaram lá em cima? Amália não sabia, se fizera de muda e surda, só sabia que durante alguns dias Maria e ela tiveram que preparar cestas com pão, salame e vinho e depois, um certo dia, basta. Quando nós voltamos, meu avô disse simplesmente que o pavimento da capela estava cedendo, que mandara colocar reforços provisórios e que os

pedreiros fecharam a entrada para evitar que as crianças fôssemos remexer por lá e nos machucássemos.

Está certo, disse eu a Amália, o mistério está explicado. Mas se entraram, os clandestinos tinham que poder sair e Masulu e seu avô tinham que entregar o que comer durante aqueles dias. Logo, uma vez murada a porta, deve ter ficado alguma outra, secreta.

"Juro que nunca me perguntei se eles entravam e por qual buraco. Tudo que o senhor seu avô fazia para mim estava bem-feito. Fechou? Fechou e para mim a capela não existia mais e, aliás, continua a não existir e se o senhor não

me fizesse falar era como se estivesse completamente esquecida. E depois, por que o senhor falou em secreta?"

"Não, a passagem, o acesso por onde podiam entrar e sair."

"Ah, talvez passassem a comida pela janela, eles puxavam a cesta com uma corda, e saíram por lá também, uma noite qualquer. Não?"

"Não, Amália, senão uma janela teria ficado aberta e dá para ver que estão todas fechadas por dentro."

"Eu sempre disse que o senhor era o mais inteligente de todos. Isso nem me passou pela cabeça, veja só. E então por onde será que meu pai e o senhor seu avô passavam?"

"Pois é, that is the question O
que?"

Com um atraso de quarenta e cinco anos, é certo, mas Amália acabava de apontar o X do problema, E eu teria que resolvê-lo sozinho. Girei ao redor da

casa inteira para descobrir uma portinhola, um buraco, uma grade, percorri de novo salas e corredores da ala central, térreo e primeiro andar, revistei como um brigadista negro o térreo e o primeiro andar da ala de Amália. Nada.

Não precisava ser um Sherlock Holmes para chegar à única resposta possível: entrava-se na capela também pelo sótão. A capela levava ao sótão por uma escadinha só dela, cuja saída no sótão estava encoberta. À prova de brigadista, mas não de Yambo. Imagine se, na volta de viagem, quando meu avô nos disse que a capela não existia mais, eu ia me conformar, ainda mais tendo deixado por lá coisas que eram importantes para mim. Explorador de desvãos como eu era, devia conhecer bem a passagem e continuei freqüentando a capela, com mais gosto, aliás, que antes, porque tinha se transformado no meu esconderijo: uma vez lá, ninguém me encontrava mais.

Só restava subir de novo ao sótão para explorar a ala direita. Um temporal caía bem naquela hora e portanto não fazia muito calor. Podia fazer sem tanto esforço um trabalho que não era pouco, porque se tratava de tirar do lugar tudo que estava lá amontoado e na ala de serviço não havia objetos de coleção, mas porcaria, velhas portas, traves salvas de alguma reforma, rolos de velhos arames farpados, penteadeiras quebradas, montes de cobertas velhas mal embrulhadas com barbante e lona, masseiras e bancos imprestáveis, carunchados há séculos e amontoados uns em cima dos outros. Quando deslo-cava as coisas, pedaços de madeira caíam em cima de mim, arranhei-me com pregos enferrujados e nada de passagem secreta.

Depois matutei que não devia procurar uma porta, nenhuma porta deveria se abrir nas paredes porque davam para o exterior de todos os quatro lados, lados longos e lados curtos. Então, se porta não havia, haveria um alçapão.

Burrice não ter pensado nisso antes, era o que acontecia até na Biblioteca dos meus Meninos. Não eram as paredes que eu devia inspecionar, mas o chão.

Fácil de falar, o chão era pior que as paredes, tive que escalar ou pisotear um pouco de tudo, mais madeira em desordem, reposteiros de algum leito ou cama de armar já destruídos, feixes de hastes de ferro de construção, a velhíssima canga de algum boi, até uma sela de cavalo. E no meio de tudo isso, grumos de

moscas mortas, ainda do ano anterior, que fugiram para lá no primeiro frio e depois não conseguiram resistir. Para não falar das teias de aranha que corriam de uma parede à outra, como tendas outrora suntuosas de uma casa mal-assombrada.

As trapeiras iluminavam-se com relâmpagos muito próximos e o ambiente foi se fazendo escuro — embora afinal não tivesse chovido e o temporal tenha se descarregado em outro lugar. A torre do alquimista, o mistério do castelo, as prisioneiras de Casabella, o mistério de Morande, a Torre do Norte, o segredo do homem de ferro, o velho moinho, o mistério de Acquaforte... Santa paz, eu estava no meio de uma verdadeira tempestade, um raio podia derrubar o teto sobre minha cabeça, e eu vivia tudo isso como um livreiro-anti-quário.

O Solar do Antiquário, eu poderia escrever outra história assinando Bernage ou Catalany.

Por sorte, a certa altura tropecei: debaixo de uma camada informe de quinquilharia havia um degrau. Abri uma clareira, ralando as mãos, e lá estava o Prêmio para o menino corajoso: o alçapão. Por ali passaram meu avô, Masulu e os fugitivos, e por ali sabe-se lá quantas vezes passei eu também, revivendo aventuras já sonhadas em cima de tantas folhas de papel. Que infância maravilhosa!

O alçapão não era grande e dava para puxar com facilidade, embora tenha levantado uma nuvem de fina poeira, pois nos interstícios estavam acumulados quase cinquenta anos de pó. O que deveria haver debaixo de um alçapão? Uma escada, elementar meu caro Watson, e nem tão inacessível, sequer para minhas pernas já emperradas por duas horas de dobra e estica -

certamente naquela época fazia tudo de uma vez só, mas, mesmo caminhando para os sessenta

anos, lá estava eu me comportando como se ainda fosse um menino capaz de roer as unhas dos pés (juro que nunca pensei nisso, mas me parece normal que, na cama e no escuro, tentasse cometer meu próprio dedão, nem que fosse como desafio).

Em resumo, desci. Era uma escuridão quase completa, mas estriada por algum fio de luz que passava pelos batentes que hoje em dia mal fechavam. Na escuridão o espaço parecia imenso. Fui logo abrir as janelas: a capela, como era de se prever, é grande como o escritório de meu avô e meu quarto juntos.

Lá estavam os restos de um altar de madeira dourada, dilapidados, e contra o altar ainda estavam apoiados quatro colchões: as camas dos fugitivos, com certeza, mas deles não havia nenhum outro vestígio, sinal de que a capela fora freqüentada depois disso, pelo menos por mim.

Ao longo da parede oposta às janelas vi estantes de madeira não envernizada cheias de papel impresso, jornais ou revistas em pilhas de altura desigual, como se se tratasse de coleções diversas. No meio, uma mesa grande e comprida com duas cadeiras. Ao lado daquela que deveria ser a porta de entrada (marcada pela alvenaria selvagem construída em uma hora por meu avô e Masulu, com a argamassa que desbordava entre os tijolos - conseguiram nivelar a parte do corredor com a colher de pedreiro, mas não a de dentro), havia um interruptor de luz. Liguei sem muita esperança e, de fato, não acendeu nada, embora do teto pendessem a distância regular algumas lâmpadas com suas cúpulas brancas. Talvez em cinquenta anos os ratos tivessem roído os fios, se é que conseguiram chegar até lá pelo alçapão - mas os ratos, como se sabe... Pode ser que meu avô e Masulu tivessem estragado tudo ao murar a porta.

Àquela hora, a luz do dia bastava. Sentia-me como Lord Carnavon que, depois de milênios, põe os pés na tumba de Tutankamon e o único problema era não ser mordido por algum escaravelho misterioso que tivesse ficado ali à espreita por milênios. Lá dentro tudo estava como eu provavelmente deixara da última vez. Não deveria, aliás, abrir muito as janelas, só aquele pouco para

enxergar, para não perturbar aquela atmosfera adormecida.

Ainda não ousara olhar o que havia nas estantes. Fosse o que fosse, era coisa minha e só minha, senão teria ficado no escritório de meu avô e meus tios teriam jogado no sótão. A esta altura dos fatos, para que procurar lembrar? A memória é uma solução menos pior para os humanos, para quem o tempo escorre, e o que passou, passado está. Gozava do privilégio de um início ab ovo. Estava

refazendo as coisas que fazia então, como Pipino, saía da velhice para chegar à minha primeira juventude. Daquele momento em diante teria que lembrar apenas o que me aconteceria depois, de todo modo seria igual ao que me aconteceu então.

Na capela o tempo parara, melhor dizendo, rodara para trás, assim como se coloca para o dia anterior os ponteiros de um relógio, e não importa que marquem as quatro como hoje, basta saber (e eu sabia) que aquelas eram as quatro de ontem, ou de cem anos atrás. Assim deveria se sentir Lord Carnavon.

Se a Brigada Negra me descobrisse aqui agora, pensaria que estou no verão de mil novecentos e noventa e um, mas eu (somente eu) saberia que estava no verão de mil novecentos e quarenta e quatro. E até mesmo aquele oficial com luvas teria que descobrir a cabeça, pois estaria entrando no Templo do Tempo.

11. LÁ EM CAPOCABAMA

Passei muitos dias na capela e quando chegava a noite descia catregando uma braçada de coisas para examinar no escritório de meu avô, sob a luminária verde, o rádio ligado (eu agora acreditava nisso) para fundir o que ouvia com o que lia.

As estantes da capela continham, não encadernados, mas dispostos em pilhas ordenadas, as revistinhas e álbuns de quadrinhos da minha infância.

Não era coisa de meu avô, as datas começavam em 1936 e terminavam em

1945.

Talvez, como imaginei ao falar do assunto com Gianni, meu avô fosse um homem de outros tempos, preferindo que eu lesse Salgari ou Dumas. E eu, para reafirmar meus direitos à fantasia, mantinha aquelas coisas fora de seu alcance. Mas se algumas publicações remontavam a 1936, quando eu ainda não estava na escola, isso significava que, se não era mesmo o meu avô, outra pessoa comprava as revistinhas para mim. Talvez tenha se estabelecido uma tensão entre meu avô e meus pais, "por que o deixam ler essas porcarias?" — e eles transigiam, pois também leram algumas daquelas coisas quando crianças.

De fato, na primeira pilha estavam alguns anos do *Corriere dei Piccoli* e os números de 1936 tinham os dizeres "Ano XXVHI" - não da Era Fascista, mas da fundação. Logo, o *Corriere dei Piccoli* existia desde os primeiros anos do século, e alegrara a infância de meu pai e minha mãe - talvez sentissem mais prazer em contá-lo para mim do que eu sentia ouvindo-os.

Em todo caso, folhear o *Corrierino* (chamei-o assim automaticamente) era como reviver aquelas tensões percebidas nos dias anteriores. Com absoluta indiferença, o *Corrierino* falava de glórias fascistas e de universos fantásticos

povoados de personagens fabulosos e grotescos. Oferecia novelas ou quadrinhos sérios de absoluta ortodoxia lictória e páginas de quadrinhos que eram, ao que se saiba, de origem americana. Única concessão à tradição, foram eliminados os balões ou aceitos apenas como decoração: todas as histórias do *Corrierino* tinham apenas longas legendas nos contos sérios e quadrinhos para as histórias cômicas.

Aqui começa a aventura do senhor Buonaventura, e certamente alguma coisa me dizem as peripécias daquele senhor de inverossímeis calças brancas quase trapezóides que toda vez, como prêmio por sua intervenção absolutamente casual, recebia um milhão (no tempo das mil libras por mês) e na história seguinte aparecia indigente de novo, à espera de um novo golpe de sorte. Talvez dilapidasse, como o senhor Pampurio que arquicontente - a cada capítulo - quer

mudar de apartamento. Estas pareciam ser, pelo estilo ou pela assinatura do desenhista, histórias italianas, como as de Formichino e Cicalone, de Sor Calógero Sorbara que para partir se prepara, de Martin Muma, mais levinho que uma pluma, que voava transportado pelo vento, do professor Lambiçchi que inventara a portentosa arquitinta que espalmada dava vida às imagens, com a casa sempre invadida pelos mais incômodos personagens do passado, ora um furioso Orlando Paladino, ora um rei das cartas do baralho, irritado e vingativo por ter sido retirado de seu reino no País das Maravilhas.

Mas eram certamente americanas as paisagens nas quais se movia o Gato Félix, os moleques coloniais de Os sobrinhos do Capitão, Happy Hooígan, Pafúncio e Marocas (onde, no interior do Chrysler Building, os personagens dos quadrinhos saíam das molduras).

Era incrível que o Corrierino me oferecesse até as aventuras do soldado Marmittone (vestido exatamente como os meus soldadinhos de Bengodi!) que, pot azat genético ou pela estupidez de generais engaloados de bigodes estilo Risorgimento, acabava toda vez na prisão.

Pouquíssimo marcial e lictório era Marmittone. E no entanto podia conviver com outras histórias que contavam, em tom não grotesco mas épico, de jovens heróis italianos que lutavam para civilizar a Etiópia (em O último

rãs, os abissínios resistentes à invasão eram chamados de "parasitas") ou, como em O herói de Villahermosa, uniam-se às tropas franquistas contra os desalmados republicanos, todos de camisa vermelha. Naturalmente, esta última história não contava que, se italianos combatiam ao lado dos falangistas, outros italianos lutavam do outro lado, nas Brigadas Internacionais.

Ao lado da coleção do Corrierino, havia a do Vittorioso, um semanário, com seus grandes álbuns coloridos, publicadas a partir de 1940.

Portanto, por volta dos oito anos, eu tinha pretensões à literatura adulta, em quadrinhos.

Aí também era a esquizofrenia total, e passava-se de deliciosas histórias em Zoolândia, com personagens como Giraffone, o peixe

Apolino e o macaquinho Jojò, ou das aventuras herói-cômicas de Pippo, Pertica e Palia, ou de Alonzo Alonzo, dito Alonzo, preso por furto de girafa, a celebrações das glórias do passado de nosso país e a histórias inspiradas diretamente na guerra em curso.

As que mais me tocaram foram as histórias de Romano, o legionário, pela precisão quase técnica das máquinas bélicas, aviões, tanques, torpedeiros e submarinos.

Já alertado pela revisitação do conflito nos jornais de meu avô, aprendera a controlar as datas. Por exemplo, o conto Com destino a

A.O.I. iniciava em 12 de fevereiro de 1941. Em janeiro, os ingleses atacaram a Eritreia e em 14 de fevereiro ocupariam Mogadíscio, na Somália, mas, em suma, parecia que a Etiópia ainda estava solidamente em nossas mãos e que era justo deslocar o herói (que combatia então na Líbia) para a frente africana oriental. Ele era enviado em missão confidencial pelo duque de Aosta, então comandante das forças na África Oriental, para levar uma mensagem secreta, e partia para a África Setentrional atravessando o Sudão anglo-egípcio.

Estranho, visto que o rádio já existia, ainda mais que, no final, fica-se sabendo

que a mensagem não era nada secreta, pois dizia "Resistir e vencer", como se o duque de Aosta estivesse se divertindo. Em todo caso, Romano partia com seus amigos e vivia várias aventuras com tribos selvagens, tanques ingleses, duelos aéreos e tudo aquilo que permitisse que o desenhista desenferujasse metais oxidados.

Nos números de março, quando os ingleses já tinham penetrado amplamente na Etiópia, o único que parecia não saber de nada era Romano, que em seu caminho divertia-se na caça ao antílope. Em 5 de abril Adis Abeba era evacuada, os italianos recompunham-se em Galla Sidamo e em Amara e o duque de Aosta

se entrincheirava em Amba Alagi. Mas Romano continuava, direto como um raio, concedendo-se até mesmo a captura de um elefante.

Provavelmente, ele e seus leitores pensavam que ainda devia ir a Adis Abeba, onde, no entanto, já estava de volta o Negus derrubado cinco anos antes. É

bem verdade também que, no número de 26 de abril, um tiro de fuzil arrebentou o rádio de Romano, mas isso era sinal de que antes ele tinha um e não dá para entender, portanto, como não estava a par de todos esses acontecimentos.

Em meados de maio, os sete mil soldados de Amba Alagi, desprovidos de víveres e munição, rendiam-se, e com isso o duque de Aosta foi feito prisioneiro. Os leitores de Vittorioso podiam não saber disso, mas pelo menos o pobre duque de Aosta deveria ter se dado conta. Contudo, muito ao contrário, Romano o alcança em Adis Abeba no dia 7 de junho, encontrando-o fresco como uma rosa e

radiante de otimismo. De fato, o duque lê a mensagem e afirma: "Certo, resistiremos até a vitória final."

É claro que os quadrinhos foram desenhados meses antes, porém, mesmo diante da sucessão dos acontecimentos, a redação do Vittorioso não teve a coragem de interromper os capítulos. Seguiram em frente acreditando que os jovens continuariam ignorando as várias e funestas notícias - e talvez fosse assim mesmo.

A terceira coleção era de Mickey, um hebdomadário que, ao lado das histórias de Walt Disney, publicava também as peripécias de corajosos Balilla, como O grumete do submarino. Mas foi justamente em alguns exemplares de Mickey que pude discernir os acontecimentos de 1941, quando, em dezembro, Itália e Alemanha declararam guerra aos Estados Unidos - fui controlar nos jornais de meu avô e era isso mesmo. Eu achava que, a certa altura, os americanos tivessem se cansado das travessuras de Hitler e tivessem entrado em guerra, mas não, foram Hitler e Mussolini que declararam guerra a eles, pensando talvez que pudessem pô-los fora de combate em poucos meses, com a

ajuda dos japoneses. Como era evidentemente difícil mandar um punhado de SS ou de Camisas Negras para ocupar Nova York, começaram alguns anos antes com a guerra aos quadrinhos e desapareceram com os balões, substituídos por legendas sob os desenhos. Depois, como vi em outras revistinhas, havia tempos tinham sumido no nada os personagens americanos, substituídos por imitações italianas e por fim, creio que foi a ultima e dolorosa

barreira a ser superada, Mickey foi assassinado. De uma semana para a outra, sem nenhum aviso, a mesma aventura de Mickey continuava como se nada tivesse acontecido, mas o protagonista agora era um tal Toffolino, humano, não mais animal, sempre com quatro dedos na mão como os animais antropomórficos de Disney, e seus amigos continuavam a se chamar Mimma, em vez de Minnie, e Pippo. Como recebi então aquele desmoronamento de todo um mundo? Talvez com a maior tranqüilidade, dado que de um momento para outro os americanos tornaram-se malvados. Mas estaria consciente, então, de que Mickey era americano? Devo ter vivido uma ducha escocesa de golpes de cena e, enquanto me excitava com os golpes de cena das histórias que lia, aceitava como óbvios os golpes de cena da História que vivia.

Depois de Mickey vinham alguns anos de Avventuroso, e aí tudo mudava.

O primeiro número era de 14 de outubro de 1934.

Eu não podia tê-lo comprado, tinha na época menos de três anos, e não diria que minha mãe e meu pai compraram para mim, pois suas histórias não eram nada infantis, eram quadrinhos americanos concebidos para um público adulto, embora não totalmente desenvolvido. Portanto, eram números que rastreei mais tarde, trocando por outras revistinhas. Mas certamente

comprados por mim, alguns anos depois, eram alguns álbuns em formato grande, com capas coloridíssimas nas quais se viam várias cenas das histórias do interior, como um "a seguir" cinematográfico.

Tanto o hebdomadário quanto os álbuns devem ter me aberto os olhos para um novo mundo. A começar pela primeira aventura, na primeira página do primeiro número de Avventuroso, intitulada A destruição do mundo. O herói era

Flash Gordon que, graças a uma confusão armada por um certo doutor Zarkov, acabava no planeta Mongo, dominado por um ditador cruel e impiedoso, Ming, de nome e traços diabolicamente asiáticos. Mongo: arranha-céus de cristal que se erguiam sobre plataformas espaciais, cidades submarinas, reinos que se estendiam ao longo das árvores de uma imensa floresta e personagens que iam dos Homens Leão aos Homens Falcão e aos Homens Magos da rainha Uraza, rodos vestidos com sincrética desenvoltura, ora com vestes que evocavam uma Idade Média cinematográfica, como vários Robin Hood, ora com lorigas e elmos mais bárbaros, mas também (na corte) com uniformes de couraceiros ou ulanos ou dragões de opereta de início de século. E todos, bons e maus, eiam incongruentemente dotados tanto de armas brancas ou flechas quanto de prodigiosos fuzis de raio fulminante, assim como suas parafernálias podiam ir do carro armado ao foguete interplanetário de ponta aguçada e cores gritantes de carrinho bate-bate de parque de diversões.

Gordon era bonito e louro como um herói ariano, mas a natuteza da sua missão deve ter me fascinado. Até então, que heróis eu conhecia? Dos livros escolares às revistinhas italianas, eram portentos que se batiam pelo Duce e sob seu comando anelavam a morte; nos romances oitocentistas de meu avô, se é que os lia na época, eram fora-da-lei que lutavam contra a sociedade, quase sempre por interesse pessoal ou vocação para a maldade — salvo talvez o conde de Montecristo, que de qualquer modo queria se vingar dos males sofridos por ele e não pela comunidade. No fundo, mesmo os três mosqueteiros, que estavam do lado dos bons e não ciam desprovidos de um senso de justiça particular, faziam o que faziam por espírito de corpo, os homens do Rei contra os do Cardeal, por algum benefício ou por uma patente de capitão.

Gordon não, batia-se pela liberdade contra um déspota, talvez na época eu pensasse que Ming era como o terrível Stalin, o ogro vermelho do Kremlin, mas não podia deixar de reconhecer em seus traços também aqueles do Ditador da casa, dotado de indiscutível poder de vida e morte sobre seus fiéis.

Logo, creio que tive em Flash Gordon a primeira imagem de um herói — é verdade que só podia dizê-lo agora, relendo, não na época — de uma guerra de libertação combatida em um Alhures Absoluto, fazendo explodirem asteroides fortificados em galáxias distantes.

Folheando os outros álbuns, num crescendo de misteriosas chamadas que me faziam devorar um fascículo depois do outro, descobria heróis dos quais meus livros nunca me falaram. Ciño e Franco, com as camisas azul-claro da Patrulha do Marfim, em uma sinfonia de cores pálidas, exploravam a selva para conter as tribos indóceis, é bem verdade, mas também, em grande parte, para deter os mercadores de marfim e de escravos que exploravam as populações coloniais (quantos brancos maus contra homens bons de pele negra!), entre caçadas apaixonantes tanto aos traficantes quanto aos rinocerontes, cujas carabinas não faziam bang-bang ou até pum-pum como nos nossos quadrinhos, mas crack-crack, e aquele crack ficaria de alguma forma

impresso naqueles lobos frontais que eu tentava desenredar, pois ainda ouvia aqueles sons como uma promessa exótica, o indicador que me apontava um mundo diferente. Ainda uma vez, mais que as imagens eram os rumores, ou melhor ainda, sua transcrição alfabética que tinham o poder de evocar a presença de um indício que ainda me escapava.

Arf arf bang crack blam buzz cai spot ciao clamp splash crackle crunch gosh grunt honk honk cai meow mumble pant plop pwutt roaaar dring rumble blomp sbam buizz scranquete slam pufr slurp smack sob gulp spranck blomp squit swoom bum thump plack clang tomp smash trac uaaaagh vroom giddap yuk spliff augh zing slap zoom zzzzzz sniff...

Rumores. Eu os via todos, folheando revistinha após revistinha.

Educara-me desde pequeno ao flatus voeis. Entre os vários rumores, "sguiss" me veio à cabeça e minha testa ficou perolada de suor. Olhei minhas mãos, e tremiam. Por quê? Onde eu li aquele som? Ou, quem sabe, seria o único que não li, mas ouvi?

Sentime quase em casa ao encontrar os álbuns do Fantasma, fora-da-lei do bem, envolto de modo quase homoerótico em seu collant vermelho, o rosto mal coberto por uma mascarazinha que deixava entrever o branco ferino dos olhos, mas não a pupila, fazendo-o ainda mais misterioso. Deve ter realmente enlouquecido de amor a bela Diana Palmer, que chegou algumas vezes a beijá-lo, percebendo com um frêmito a musculatura de herói sob o tecido da malha que ele nunca abandonava (às vezes, ferido por um tiro de arma de fogo, era

tratado por seus acólitos selvagens com uma bandagem de cirurgião, sempre sobre aquela sua malha, certamente à prova d'água, visro que continuava aderente mesmo quando ree-mergia depois de uma longa imersão nos mares escaldantes do sul).

Mas aqueles raros beijos eram momentos encantados, pois Diana logo lhe seria roubada, ora por um equívoco, ora por um pretendente rival, ora por seus outros compromissos de bela viajante internacional, e ele não podia segui-la ou fazê-la sua esposa, acorrentado como estava a um juramento ancestral, condenado à própria missão: proteger as populações da selva de Bengali dos malfeitos de piratas nativos e aventureiros brancos.

De modo que, depois ou ao mesmo tempo que vinhetas e canções que ensinavam como submeter os bárbaros e ferozes abissínios, encontrei um herói que vivia fraternalmente com os pigmeus bandar e com eles combatia os colonialistas malvados - e Guram, o bruxo bandar, era muito mais culto e sábio do que as duvidosas figuras de pele pálida que ele ajudava a derrotar, não um Dubat fiel, mas parceiro e sócio com direitos plenos naquela máfia benevolmente justiceira.

Depois vinham outros heróis que não pareciam particularmente revolucionários (se é que, nos dias anteriores, podia imaginar dessa forma o meu crescimento político), como Mandrake o Mágico, que, ao contrário, parecia usar seu servo negro Lotar, apesar de tratá-lo como amigo, como guarda-costas e escravo fiel. Mas Mandrake, que derrotava os maus com golpes de magia e com um gesto transformava a pistola do adversário em banana, era um herói burguês, sem uniformes negros ou vermelhos, mas

sempre impecável de fraque e cartola. E herói burguês era também o Agente Secreto X9, que não perseguia os inimigos de um regime, mas bandidos e barões ladrões, sempre em socorro dos contribuintes, de trench coat, paletó e gravata, com pequenas e garbosas pistolas de bolso, que às vezes apareciam gentilíssimas entre as mãos de senhoras louras vestidas de seda com o decote adornado de plumas e cuidadosamente maquiadas.

Um outro mundo, que deve ter arruinado a língua que a escola esforçava-se para que eu usasse com correção, pois as traduções anglicizantes eram de um italiano aproximativo (dizia um personagem de Mandrake: "Este é o reino de Said... Se não me engano, ele pode ser nos espiando!" - e a capa da

primeira ou de uma das primeiras revistas de Mandrake nomeava o herói epônimo como "Mandrache"). Mas o que importa? É claro que nessas revistas ruins de gramática eu encontrava heróis diferentes daqueles que a cultura oficial propunha e talvez naquelas vinhetas de cores vulgares (mas tão hipnóticas!) tenha me iniciado numa visão diversa do Bem e do Mal.

Álbuns de Ouro com as primeiras peripécias de Mickey, que se desenvolviam em um contexto urbano que não podia ser o meu (e não sei se naquela época eu entendia o que eram a cidadezinha e a grande metrópole americanas). Mickey e o bando dos soldados (ah, o inefável senhor Tubi!), Mickey e o gorila Espectro, Mickey na casa dos fantasmas, Mickey e o Tesouro de Clarabela (lá estava ele, finalmente, igual ao exemplar de Milão, mas nas cores ocre e marrom), Mickey agente da polícia secreta - não porque ele fosse policial ou sicário, mas porque aceitava por dever cívico envolver-se em uma história de espionagem internacional e vivia aventuras terríveis na Legião Estrangeira, perseguido pelo desleal Escovinha e pelo pérfido Bafo-de-Onça - O Mickey, hip, hip, hurra, no deserto morrerá...

Mais lido que todos os outros, a julgar pelo estado periclitante do meu exemplar, o Mickey jornalista', era impensável que o regime deixasse passar uma história sobre a liberdade de imprensa, mas percebe-se que, para os censores de Estado, histórias de animais não poderiam ser realistas e perigosas. Onde foi que ouvi "é a imprensa, beleza, e não há nada que você possa fazer"? Mas deve ter sido depois.

Em todo caso, Mickey ergue com escassos recursos o seu Eco do Mundo - o primeiro número sai com horríveis erros de impressão - e continua impávido a publicar ali the news tbats fit to print, mesmo que gângsteres sem escrúpulos e políticos corruptos tentem detê-lo por todos os meios. Quem, até então, ousara me falar de uma imprensa livre, capaz de subtrair-se a qualquer censura?

Alguns mistérios da minha esquizofrenia infantil começavam a se esclarecer.

Lia os livros escolares e os quadrinhos, e provavelmente era nos quadrinhos que construía, com muito esforço, uma consciência civil. Por isso, com certeza, conservei esses cacos de minha história desmoronada mesmo depois da guerra, quando algumas páginas dos jornais de lá chegaram às minhas mãos (talvez trazidas pelas tropas americanas), com as tirinhas coloridas de domingo apresentando novos heróis, como Li'l Abner ou Dick Tracy. Creio que nossos editores de antes da guerra não ousavam publicá-los porque o traço era ultrajosamente modernista e evocava aquela que os nazistas chamavam de arte degenerada.

Já crescido em idade e sabedoria, teria me aproximado de Picasso sob a influência de Dick Tracy?

Com certeza não estimulado pelos quadrinhos da época, à exceção de Gordon. As reproduções, talvez extraídas diretamente de publicações americanas, e sem pagar direitos, eram mal impressas, muitas vezes com traços confusos e cores duvidosas. Para não falar de outras páginas, depois da proibição das importações de terras inimigas, nas quais o Fantasma apatecia de malha verde, mal imitado por um desenhista nosso, e com outras características civis. Para não falar dos heróis autárquicos, provavelmente inventados para fazer frente ao panteão de Avventuroso, estouvadamente desenhados, mas ao fim e ao cabo simpáticos, como o gigante Dick Fulmine, de maxilar voluntarioso e mussoliniano, que ao som de punhos destruía malfeitores de origem certamente não-ariana, como o negro Zambo, o sul-americano Barreira e, mais tarde, um Mandrake mefistofeli-zado, maligno e criminoso, Flattavion, cujo nome evocava raças malditas embora imprecisas, e que substituía a cartola do mágico americano por um chapelão e uma capa de pós-lida rural. "Adiante lindos pombinhos, mostrem-se", gritava Dick Fulmine a seus inimigos, todos com chapéu e paletó amarfanhados, e dá-lhe punhos vingadores. "Mas esse cara é um demônio", diziam os marranos, até que da escuridão surgia o quarto arquiiinimigo de Fulmine, Máscara Branca, que o atingia na nuca com uma marreta ou um saco de areia, e Fulmine desmoronava dizendo "Acc...!" Mas por pouco tempo, pois embora acorrentado em um calabouço com a água subindo ameaçadoramente, com um esforço dos músculos libertava-se do estorvo e logo depois já capturava e entregava ao comissário (um homenzinho de cabeça redonda e bigodinho mais de bancário que hitlerista) o bando inteiro devidamente embrulhado.

A água que sobe no calabouço devia ser um topos dos quadrinhos de todo país. Sentia como uma brasa no peito e peguei o álbum Juventus O cinco de espadas — último episódio do Alferes da Morte. Um homem vestido como cavaleiro, um capuz vermelho em forma de tubo que lhe cobria toda a cabeça e se alargava em

uma grande capa escarlate, as pernas abertas, os braços para o alto, acorrentado pelos pulsos e tornozelos à parede de uma cripta na qual alguém abrira um veio d'água subterrâneo destinado a submergi-lo pouco a pouco.

Mas em apêndice a esses mesmos álbuns havia outras histórias em capítulos, de estilo mais intrigante. Uma intitulava-se Nos mares da China e os protagonistas eram Gianni Martini e seu irmão Mino. Deve ter parecido estranho para mim que dois jovens heróis italianos vivessem aventuras em uma área onde não havia colônias, entre piratas orientais, patifes de nomes exóticos e mulheres belíssimas de nomes ainda mais exóticos, como Drusília e Burma. Mas com certeza percebi a singular qualidade do desenho. Nas poucas tirinhas americanas obtidas talvez com os soldados em 45, vi depois que a história se chamava Terry and the Pirates. As páginas italianas eram de 1939

e, portanto, impusera-se desde então a italianização das histórias estrangeiras.

Na minha pequena coletânea de material estrangeiro, notei ademais que naqueles anos os franceses traduziam Flash Gordon como Guy l'Eclair.

Não conseguia mais me afastar daquelas capas e daquelas estampas. Era como estar numa festa e ter a impressão de reconhecer todo mundo, experimentando uma sensação de déjà-vu a cada rosto que se encontra, mas sem poder dizer quando se conheceu cada um e quem é - e com a tentação de exclamar a todo instante, como vai, meu velho, estendendo a mão, mas logo recolhendo com medo de estar cometendo uma gafe.

Constrangedor revisitar um mundo onde se chega pela primeira vez: como se sentir veterano na casa dos outros.

Não li em seqüência, nem segundo as datas nem segundo as séries e personagens. Saltitava, voltava, passava dos heróis do Corrierino aos de Walt Disney, punha-me a comparar uma narrativa patriótica com as histórias de Mandrake em luta contra o Cobra. E foi justamente voltando ao Corrierino, à história do último rás, com o heróico Mario contra Rás Aitü, que deparei com uma estampa que fez meu coração parar e senti algo de muito semelhante a uma ereção - ou melhor, algo de mais liminar, como deve acontecer a quem sofre de impotentia coeundi. Mario foge de Rás Aitü levando consigo Gemmy, uma mulher branca, esposa ou concubina do Rás, que já compreendeu que o futuro da Abissínia está nas mãos salvadoras e civilizatórias dos Camisas Negras, Aitü, furioso com a traição da mulher má (que, ao contrário, finalmente tornara-se boa e virtuosa), dá ordens de queimar a casa em que os dois fugitivos se escondem. Mario e Gemmy conseguem escapar para o telhado e de lá Mario divisa uma eufórbia gigante.

"Gemmy", diz ele, "abrace-me e feche os olhos!"

Não é concebível que Mario tivesse intenções maliciosas, sobretudo num momento daqueles. Mas Gemmy, como toda heroína de quadrinhos, estava vestida com uma túnica, uma espécie de peplo que lhe descobria os ombros, os braços e parte do colo. Conforme documentam os quatro quadros dedicados à fuga e ao perigoso salto, como todos sabem, os peplos, especialmente os de seda, deslizam

primeiro até o tornozelo, depois até a panturrilha e, se uma mulher se agarra ao

pescoço de um Vanguardista e tem medo, o aperto transforma-se num abraço espasmódico, com seu rosto, certamente perfumado, contra a nuca suada dele.

Assim, no quarto quadro Mario agarra-se a um ramo da eufórbia, preocupado apenas em não cair nas mãos do inimigo, mas Gemmy, sentindo-se segura, abandona-se e, como se a saia tivesse uma fenda, a perna esquerda estende-se nua

até o joelho, descobrindo a bela panturrilha enobrecida e afunilada por um salto

agulha, enquanto da outra vê-se apenas o tornozelo - mas como a perna se ergue com faceirice em ângulo reto com a coxa bem torneada, a roupa (talvez por efeito

do vento escaldante das montanhas) adere umidamente a seu corpo, tornando evidentes a curva calipígia e os torneamentos da perna inteira. Impensável que o

desenhista não estivesse consciente do efeito erótico que estava criando e certamente remetia-se a alguns modelos cinematográficos ou mesmo às mulheres de

Gordon, sempre envoltas em roupas elegantíssimas adornadas de pedras preciosas.

Não sabia dizer se aquela era a imagem mais perturbadora que já vira, mas certamente (se o Corrierino era de 20 de dezembro de 1936) foi a primeira. Nem era

possível descobrir se aos quatro anos eu já experimentava alguma reação física, um

rubor, um suspiro de adoração, mas, com certeza, para mim aquela imagem foi a primeira revelação do eterno feminino, a ponto de eu me perguntar se depois dela consegui curvar-me sobre o seio de minha mãe com a inocência de anres.

Uma perna que surge de uma longa e suave veste quase transparente e põe em relevo as curvas do corpo. Se aquela foi uma imagem primordial, teria deixado uma marca?

Comecei a repassar páginas e páginas já examinadas, procurando com os olhos os mínimos indícios em cada margem, pálidas marcas de dedos suados, amassados, dobraduras nos cantos superiores da folha, leves abrasões da superfície como se tivesse passado o dedo por ali muitas vezes.

E encontrei uma série de pernas nuas que transpareciam nas fendas de muitas roupas feminis: abertos em fendas os trajes das mulheres de Mongo, seja Dale Arden, seja Aurora, filha de Ming, seja as odaliscas que alegravam os

festins imperiais; fendidos os luxuosos négligés das senhoras com quem o Agente Secreto X9 topava, fendidas as túnicas das túrbidas donzelas do Bando Aéreo, desbaratado em seguida pelo Fantasma, fendido adivinhava-se o negro

vestido de gala da sedutora Dragon Lady de Terry e os piratas... Certamente sonhei com aquelas mulheres lascivas, já que as que apareciam nas revistas italianas mostravam pernas desprovidas de mistério, sob uma saia que chegava ao joelho e sobre pesados saltos de cortiça. Mas as pernas, mas as pernas...

Quais despertaram em mim os primeiros impulsos, as das belas pequenas e das belezas caseiras de bicicleta ou as das mulheres de outros planetas e de remotas me-galópoles? Era óbvio que devem ter me seduzido antes as belezas inatingíveis que aquelas das mocinhas ou das senhoras maduras da porta ao lado. Mas quem poderia garantir?

Se alimentei fantasias sobre a vizinha de porta ou sobre as jovens que brincavam nos jardins embaixo de casa, é um segredo meu, sobre o qual a indústria editorial não teve, nem deu, notícia.

No fim da pilha de quadrinhos havia uma série de números esparsos de uma revista feminina, Novelia, com certeza lida por minha mãe. Longas histórias de amor, algumas refinadas ilustrações, com mulheres esbeltas e cavalheiros de perfil britânico, e fotos de atrizes

e atores. Tudo era marrom trabalhado em mil nuances, assim como eram marrons os caracteres dos textos. As capas formavam uma galeria de belezas da época eternizadas em primeiríssimo plano e, diante de uma delas, meu coração encolheu-se como que tocado por uma língua de fogo. Não pude resistir ao impulso de inclinar-me sobre aquele rosto e pousar meus lábios sobre os seus. Não experimentei nenhuma sensação física, mas era o que certamente fazia, furtivo, em 1939, aos sete anos, já dominado, é certo, por algumas inquietudes. Aquele rosto parecia com Sibilla? Com Paola? Com Vanna, a dama com arminho, com as outtas, cujos nomes Gianni sussurrou zombeteiro, a Cavassi, a livreira americana na Feira do Livro em Londres, Silvana ou a holandêsinha bonita pela qual fui especialmente a Amsterdã?

Talvez não. Devo ter formado, através das muitas imagens que me arrebataram, uma figura ideal e, se pudesse ter na minha frente

todos os rostos das mulheres que amei, poderia extrair deles um perfil arquetípico, uma Idéia nunca alcançada, mas perseguida a vida inteira. O que havia de semelhante entre o rosto de Vanna e o de Sibilla? Talvez mais do que se poderia pensar à primeira vista, talvez o jeito malicioso de um sorriso, o modo de deixarem transparecer os dentes enquanto sortiam, o gesto com que arrumavam os cabelos. Até o modo como moviam as mãos bastaria...

A mulher que eu acabava de beijar em efígie era de matéria diversa. Se a tivesse encontrado agora não me dignaria a dirigir-lhe um só olhar. Tratava-se de uma fotografia, e fotos sempre parecem datadas, não têm a leveza platônica de um desenho, que permite adivinhar. Nela não beijei a imagem de um objeto de amor, mas a prepotência do sexo, a evidência de lábios marcados por uma maquiagem vistosa. Não era um beijo fremente e ansioso, era o modo selvagem de reconhecer a presença da carne. Aquele episódio deve ter sido esquecido rapidamente, como algo de turvo e proibido, enquanto a Gemmy abissínia surgia como uma figura perturbadora, mas gentil, uma graciosa princesa distante, para olhar e não tocar.

Mas então por que conservei aquelas revistas maternas? Provavelmente, já entrando na adolescência, talvez já no liceu, ao voltar a Solara minha preocupação fosse recuperar aquilo que então me parecia ser um passado remoto, e dediquei as auroras da juventude a refazer os passos perdidos da infância. Já estava condenado à recuperação da memória, só que naquela época era um jogo com todas as minhas madeleines à disposição, e agora, ao contrário, um desafio desesperado.

Na capela eu compreendi, portanto, algo sobre minha descoberta e da liberdade e da escravidão da carne. Bem, foi também uma maneira de fugir da servidão dos desfiles em uniforme e ao império assexuado dos Anjos da Guarda.

Mas seria mdo? À exceção do presépio do sótão, por exemplo, ainda não havia nada que me falasse de meus sentimentos religiosos e me parecia impossível que um menino, mesmo educado numa família laica, não nutrisse algum. E não descobri nada que me reconduzisse aos acontecimentos de 1943 em diante. Quem sabe não foi exatamente entre 1943

e 1945, quando a capela já estava murada, que decidi esconder ali os testemunhos mais íntimos de uma infância que já se dissipava, desfocada na ternura da lembrança: estava vestindo a toga viril, entrando na idade adulta no meio do turbilhão dos anos mais negros, e decidi guardar numa cripta um passado ao qual resolvi dedicar minhas nostalgias de adulto.

Entre os muitos números de Cino e Franco caiu em minhas mãos uma coisa que fez com que me sentisse no limiar de uma revelação finalmente decisiva. A revista, de capa multicolorida, intitulava-se *A misteriosa chama da*

rainha Loana. Lá estava a explicação para as misteriosas chamadas que me agitavam desde o despertar, e a viagem a Solara finalmente ganhava um sentido.

Abri a revista e topei com a história mais boba que uma mente humana podia conceber. Era uma narrativa desarticulada que fazia água por todos os lados, os episódios eram repetitivos, as pessoas ardiavam em amores repentinos, sem razão, Cino e Franco ora se mostravam fascinados com a rainha Loana, ora a viam como um ser maléfico.

No centro da África com dois amigos, Cino e Franco chegam a um reino misterioso onde uma rainha igualmente misteriosa guarda uma misteriosíssima chama que garante vida longa e mesmo a imortalidade, visto que Loana reina sobre uma tribo selvagem, sempre lindíssima, há dois mil anos.

Loana entrava em cena a certa altura e não era nem atraente nem perturbadora: lembrava antes certas paródias de variedades de priscas eras, vistas recentemente na televisão. Pelo resto da história, até que se jogasse por

mal de amor num abismo sem fundo, Loana andava de cá para lá naquela entediante narrativa sem fascínio nem psicologia. Tudo o que queria era casar com um amigo de Cino e Franco que se parecia (duas gotas d'água) com um príncipe que, dois mil anos antes, ela amara, mas que mandara matar e em seguida embalsamar porque recusava seus favores. Não se entendia por que Loana precisava de um sócio moderno (que, além do mais, também não a queria, pois se apaixonara à primeira vista por sua irmã), já que podia reviver

o amante mumificado com sua misteriosa chama.

Entre outras coisas, como eu já vira em outras histórias em quadrinhos, tanto as mulheres quanto os homens satânicos (como Ming com Dale Arden) nunca queriam possuir, violentar, aprisionar em seu harém, unir-se carnalmente com o objeto de seu desejo. Queriam sempre casar. Hipocrisia protestante dos originais americanos ou excesso de verecúndia imposto aos tradutores italianos por um governo católico empenhado em uma batalha demográfica?

Voltando a Loana, seguiam-se várias catástrofes finais, a misteriosa chama apagava-se para sempre e adeus imortalidade para os nossos protagonistas, de nada valia tanto empenho para chegar até lá, mesmo porque no final parecia que não ligavam a mínima para a chama. E dizer que começaram toda aquela tempestade para encontrá-la: talvez as páginas disponíveis tivessem chegado ao fim, a história precisava terminar de algum modo e os autores já não ati-nassem como e por que teriam começado.

Em resumo, uma história bobíssima. Mas evidentemente deu-se comigo o mesmo que já acontecera com o senhor Pipino. Você lê quando criança uma história qualquer, depois a faz crescer na memória, transforma, sublima e acaba elegendo como mito uma história desprovida de qualquer substância.

De fato, o que fecundara minha memória adormecida não era, evidentemente, a história em si, mas o título. Uma expressão como a misteriosa chama enfeitiçara-me, para não falar no doce nome de Loana, embora na verdade não passasse de uma lambisgóia mimada fantasiada de devadássi. Vivi todos os

anos de minha infância - e talvez até depois - cultivando não uma imagem, mas um som. Esquecida a Loana "histórica", continuei a seguir a aura oral de outras chamadas misteriosas. E anos depois, com a memória revirada, reativei o nome de uma chama para definir o brilho de delícias esquecidas.

A névoa estava sempre e ainda dentro de mim, perfurada de tanto em tanto pelo eco de um título.

Remexendo daqui e dali, desencavei um álbum encadernado em tecido, de

formato oblongo. Bastava abri-lo para ver que se tratava de uma coleção de selos. Certamente minha, pois trazia na primeira página o meu nome e a data em que provavelmente comecei a colecionar, 1943. O álbum era de feitura quase profissional, com folhas móveis, e organizado por países, em ordem alfabética. Os selos colavam-se com uma lingüeta mas alguns, dos correios italianos daqueles anos, com os quais talvez tivesse começado a minha estação filatélica encontrando-os em envelopes ou cartões-postais, eram espessos, com o verso áspero, engrumado com alguma coisa. Via-se que, no início, costumava grudá-los em um caderno qualquer, usando goma arábica. Depois evidentemente aprendi como se faz e tentei salvar aquele esboço de coleção mergulhando as folhas do caderno em água: os selos desgrudaram, mas conservaram as marcas indeléveis de minha ignorância.

Um volume do Catálogo Yvert e Tellier, de 1935, era testemunha de que eu realmente aprendera como se fazia. É provável que fizesse parte da pacotilha de meu avô. Óbvio que, para um colecionador sério de 1943, o catálogo já era obsoleto, mas evidentemente tornou-se precioso para mim, que através dele tomava conhecimento, não dos preços atualizados ou das últimas emissões, mas do método, do modo de catalogar.

Onde eu conseguia selos naqueles anos? Era meu avô quem me dava ou já se podia adquiri-los no comércio, em envelopes com peças sortidas, como acontece até hoje nas bancas entre a rua Armorari e o Cordusio, em Milão? É

provável que investisse todo o meu minguado capital em alguma papelaria da cidade que vendia justamente para colecionadores ainda verdes e, portanto, aquelas peças que para mim pareciam fabulosas eram moeda corrente. Talvez naqueles anos de guerra, bloqueadas todas as transações internacionais - e a certa altura até mesmo as domésticas —, circulasse no mercado, a baixo preço, algum material de valor, vendido por um aposentado que precisasse comprar manteiga, um frango, um par de sapatos.

Aquele álbum deve ter sido para mim, mais que um objeto venal, um receptáculo de imagens oníricas. Um ardente fervor assaltava-me a cada figura. Bem diferente dos velhos atlas. Naquele álbum imaginava os mares azuis emoldurados de púrpura da DeutschOstafrika; entre um intricado de linhas de tapete árabe via, em fundo verde-noite, as casas de Bagdá; sobre um campo azul

emoldurado de rosa admirava o perfil de Jorge V, senhor das Bermudas; em tons de tijolo cozido fascinava-me o rosto do barbudo paxá ou sultão ou rajá de Bijawar State, talvez um dos príncipes indianos de Salgari, de

ecos salgarianos certamente enriquecia-se o pequeno retângulo verde-ervilha da Labuan Colony, talvez lesse sobre a guerra iniciada por Danzica enquanto manejava o selo tirante a vinho com a estampilha Danzig, lia five rupies no selo do estado do Indore, imaginava esttanhas pirogas indígenas que se desenhavam sobre o fundo cor de aleli de uma peça das Ilhas Salomão Britânicas. Fazia fantasias sobre uma paisagem da Guatemala, sobre o rinoceronte da Libéria, sobre outra embarcação selvagem que dominava o grande selo (menor o estado, maior o selo, eu ia aprendendo) de Papua, e me perguntava onde ficariam o Saatgebiel ou a Suazilândia,

Viajava pelo vasto mundo - naqueles anos em que estávamos como que contidos por barreiras intransponíveis, espremidos entre dois exércitos em luta - só através de selos. Até mesmo os contatos ferroviários estavam interrompidos, talvez só se pudesse ir de Solara à cidade de bicicleta, e eu transvoava do Vaticano a Porto Rico, da China a Andorra.

A última taquicardia assaltou-me diante de dois selos das ilhas Fiji. Não eram mais bonitos ou mais feios que os outros. Um deles representava um selvagem, o outro trazia o mapa das ilhas Fiji (como será que eu pronunciava?). Talvez tenham me custado longas e árduas trocas e amava-os acima de todos os outros, talvez tocado pela precisão do mapa geográfico que me falava de ilhas do tesouro, talvez tivesse aprendido com aqueles retângulos os nomes nunca ouvidos daqueles territórios. Mas parece que Paola disse que eu tinha uma idéia fixa: queria um dia ou outro ir às Fiji, consultava os folhetos das agências de viagem, mas adiava sempre, pois se tratava de chegar ao outro lado do globo e ir até lá por menos de um mês não fazia sentido.

Continuava fixado nos dois selos e veio-me espontaneamente de cantar a canção escutada alguns dias antes, Lá em Capocabana. E com a canção retornou o nome de Pipetto. O que ligava os selos à canção e esta ao nome, só ao nome, de Pipetto?

O segredo de Solara era que, a cada passo, eu chegava ao limiar de uma

revelação e parava à beira de um precipício com a garganta invisível sob a névoa. Como o Vallone, disse a mim mesmo. O que era o Vallone?

12. AGORA VEM O BOM

Perguntei a Amália se sabia alguma coisa sobre o Vallone. "Claro que sei", respondeu, "o Vallone... Espero realmente que não tenha inventado de ir até lá, porque já era perigoso quando era pequeno, mas agora que, falando com sua licença, não é mais um rapazola vai acabar se matando. Olhe que eu telefono para a senhora Paola, hein?"

Tranqüilizei-a. Só queria saber o que era.

"O Vallone? É só olhar pela janela de seu quarto e vai ver lá longe o topo de um monte onde se vê San Martino, que é uma cidadezinha, mas que cidadezinha, uma aldeia de cem pessoas para dizer muito, tudo gente ruim se quer saber, com um campanário maior que a aldeia, que criam tanta história porque têm lá o corpo do Beato Antonino, que parece uma carranca, com a cara preta como a drügia, estrume se me desculpa a palavra, e embaixo do hábito despontam os dedos que parecem galhos, e meu pobre pai dizia que faz cem anos tiraram de dentro da terra um corpo qualquer que já cheirava mal e colocaram debaixo de um vidro para arrancar uns trocados dos peregrinos, mas mesmo assim ninguém aparece por lá, sei bem o que as pessoas podem fazer com o Beato Antonino que, aliás, não é nem santo das nossas bandas, foram achá-lo no calendário botando o dedo onde caísse."

"Mas e o Vallone?"

"O Vallone é porque para chegar a San Martino tem que passar por uma estrada toda em subida que até hoje os carros penam para subir. Não é uma estrada como as nossas, cristãs, que vão rodeando a colina e, volta após volta,

chegam ao topo. Quem dera. Não, sobe toda reta, ou quase, e por isso é tão

difícil. E sabe por que é assim? Porque o lado onde passa a estrada é onde o monte San Martino tem umas árvores e algumas vinhas, e tiveram que fazer reforços para poder cultivá-las sem despençar até o vale com o traseiro no chão. Mas nos outros lados o monte desce como um abismo, que é só sarça e moitas e pedras que a pessoa não sabe onde enfiar os pés, e isso é o Vallone, que alguns até morreram por se arriscar por lá sem saber o bicho feio que é. E

ainda vai no verão, porque quando chega a neblina é melhor pegar uma corda e se enforçar de uma vez numa trave do sótão que andar pelo Vallone, pelo menos se morre logo. E mesmo que alguém tenha coragem de ir, chega lá em cima e tem as mascheT

Era a terceira vez que Amália me falava das masche, mas a cada pergunta era como se tentasse se esquivar e eu não entendia se era por um sacro temor ou porque, ao fim e ao cabo, nem ela sabia muito bem o que era. Deviam ser bruxas, velhinhas solitárias na aparência, mas que quando descia a noite se reuniam nas vinhas e em lugares malditos como o Vallone para fazer feitiços com gatos pretos, cabras ou serpentes. Ruins feito veneno, divertiam-se enfeitando quem as olhava atravessado e arruinando-lhes a colheita.

"Certa vez, uma delas se transformou em gato, entrou numa casa daqui e carregou uma criança. Então um vizinho, que temia pelo seu filhinho, passou várias noites ao lado do berço com um machado, e quando o gato entrou cortou fora a sua pata de um só golpe. Então lhe veio um pensamento ruim e foi até uma velha que esrava perto dali e viu que da manga do vestido não saía nada e perguntou como era possível, e a velha só dando umas desculpas, que tinha se machucado com a foice arrancando ervas daninhas, mas ele disse deixa eu ver aqui e ela não tinha mão. O gato era ela, e assim foi pega pelo pessoal da aldeia e queimada." "Mas é verdade?"

"Verdade ou não, era o que minha avó contava, embora algumas vezes meu avô tenha voltado para casa gritando as mascbe, as masche porque voltando da taberna com o guarda-chuva nas costas, de vez em quando sentia que alguém o pegava pelo cabo e ele não podia seguir, mas minha avó disse: cale a boca, malfadado é o que você é, bêbado como um gambá, vai de um lado a outro do caminho enfiando você mesmo o cabo nos ramos das árvores, que masche que nada, e toma pancada. Não sei se todas essas histórias são verdadeiras, mas certa

vez teve um padre em San Martino que tinha lá suas práticas, porque era maçom como todos os outros padres, e ele se entendia bem com as masche, de forma que se você desse uma esmola para a igreja ele fazia um esconjuro e você ficava tranqüilo por um ano. Um ano, hein, depois outra esmola."

Mas o problema do Vallone, explicou Amália, era que eu, lá pelos doze, treze anos, subia até lá com um bando de delinqüentes como eu, que faziam guerra com os outros de San Martino e queriam surpreendê-los subindo por aqueles lados. Coisa que, se ela me visse, me trazia de volta para casa nas costas, mas eu era escorregadio como uma serpente e ninguém nunca sabia onde estava enfiado.

Deve ser por isso que pensando num limiar e num abismo me veio à lembrança o Vallone. Naquele caso também era apenas uma palavra. No meio da manhã já não pensava mais no Vallone. Telefonaram da cidade avisando da chegada de um pacote registrado para mim. Desci para pegá-lo. Vinha do estúdio e eram as provas do catálogo. Aproveitei para passar no farmacêutico: a pressão subira de novo para dezessete. Foram as emoções da capela. Decidi passar o dia tranqüilamente e as provas eram uma boa ocasião. Mas foram justamente as provas que quase fizeram minha pressão chegar a dezoito, e talvez tenham até conseguido.

O céu estava coberto e ficava-se bem no jardim. Recostado e à vontade, comecei a revisar. Os verbetes ainda não estavam diagramados, mas os textos eram impecáveis. Estávamos nos apresentando para a *rentrée* de outono com uma boa oferta de livros de qualidade. Admirável Sibilla.

Estava passando sobre uma edição aparentemente boa de obras de Shakespeare, quando parei num título: Mr. William Shakespeares Comedies, Histories & Tragedies. Published according to the True Originall Copies. Quase tive um enfarte. Sob o retrato do Bardo, o editot e a data: "London, Printed by Isaac Iaggard and Ed. Blount. 1623". Verifiquei a colação, as medidas (realmente, 34,2 por 22,6 centímetros, eram margens muito generosas): raios, com mil trovões, sakka-roa, mas aquele era o in-fólio de 1623 que nunca foi encontrado!

Todo antiquário, e acho que todo colecionador, sonha de vez em quando com a velhota de noventa anos. É uma velhinha com um pé na cova, não tem um tostão nem para comprar remédio e vem lhe dizer que quer vender uns livros de seu bisavô que estão no porão. Você vai ver, mais por escrúpulo, lá encontra uma dezena de volumes de pouco valor e, de repente, topa com um in-fólio mal encadernado, com a capa em pergaminho gastíssimo, coifas desaparecidas, juntas periclitantes, cantos comidos por ratos, muitas manchas de umidade. Chamam atenção as duas colunas em gótico, você conta as linhas, são quarenta e duas, corre para ver o colofão... É a Bíblia de 42 linhas de Gutenberg, o primeiro livro que se imprimiu no mundo. O último exemplar que ainda circulou pelo mercado (os outros agora estão guardados e vigiados em célebres bibliotecas) bateu não sei quantos bilhões recentemente num leilão e foi comprado por banqueiros japoneses, creio eu, que logo trataram de trancafiá-lo num cofre. Um novo exemplar, ainda circulando livremente, não teria preço. Pode-se pedir o que bem se entender, um exorbitantilhão de bilhões.

Você olha para a velhinha, percebe que com dez milhões de libras ela já ficaria contente, mas a consciência lhe dói: você oferece cem, duzentos milhões, com os quais poderá se regalar durante os poucos anos que lhe restam de vida. Depois, naturalmente, já em casa e com as mãos tremendo, não saberá mais o que fazer. Para vender o livro deve mobilizar os grandes leiloeiros que comeriam sabe-se lá que fatia do butim e a outra metade iria para os impostos; quer guardá-lo para si, mas não poderia mostrá-lo a ninguém porque, se o boato corresse, acorreriam ladrões do mundo inteiro à sua porta, e que gosto haveria em ter aquela coisa maravilhosa e não poder matar de inveja os outros colecionadores. Se pensa em fazer um seguro, desmaia. O que fazer? Dá-lo em gestão para a Prefeitura: que o coloquem, sei lá, numa sala do Castelo Sforzesco, numa vitrina blindada com quatro gorilas armados vigiando noite e dia. Mas assim você só poderia olhar o seu livro no meio de uma multidão de desocupados que quer ver de perto a coisa mais rara do mundo. E você, faz o quê, dá uma cotovelada no vizinho e diz que o livro é seu? Vale a pena?

É então que se pensa não em Gutenberg mas no in-fólio de Shakespeare.

Serão alguns bilhões a menos, mas só é conhecido pelos colecionadores, seria mais fácil tanto guardá-lo quanto vendê-lo. O in-fólio de Shakespeare: sonho número dois de todo bibliófilo.

Quanto Sibilla estava pedindo por cie? Fiquei pasmo: um milhão, como um livrinho qualquer. Será possível que não percebera o que tinha entre as mãos? E quando foi que apareceu no estúdio, e por que não me disse nada?

Despedida, está despedida, murmurava com raiva.

Telefonei perguntando se ela se dava conta do que era o item 85 do catálogo. Parecia cair das nuvens, era uma coisa de 1600, nem muito bonita de se vet, ela, aliás, estava toda contente por ter conseguido vendê-la logo depois

de me mandar a prova, com apenas vinte mil liras de desconto e agora precisava retirá-la do catálogo, pois não era nem uma daquelas coisas que se deixa assim mesmo e se põe embaixo "vendido", só para mostrar que dispõe de peças de nível. Estava para comê-la viva quando ela começou a rir e disse que eu não devia deixar a pressão subir.

Era uma brincadeira. Inseriu aquele verbete para ver se eu estava lendo as provas com atenção e se minha memória culta ainda funcionava. Ria como uma menina, orgulhosa de sua astúcia - que entre outras coisas repetia algumas pilhérias célebres em uso entre nós, fanáticos: existem catálogos que entraram eles próprios em antiquariato justamente por oferecerem um livro impossível, ou inexistente, enganando até mesmo os especialistas.

Isso é coisa de moleque, disse eu ainda, mas já estava relaxando. "Você vai me pagar. Mas o resto dos verbetes está perfeito, não há necessidade de mandá-lo de volta, não tenho correções a fazer. Pode prosseguir, e obrigado."

Relaxe: as pessoas não pensam, mas para um homem como eu e no estado em que me encontro, até uma brincadeira inocente pode significar o golpe fatal.

Foi o tempo de terminar o telefonema com Sibilla, e o céu tornou-se lívido: estava chegando um outro temporal, dessa vez de verdade. Com uma luz daquelas eu estava liberado da obrigação ou da tentação de ir até a capela.

Todavia, podia passar uma hora no sótão, ainda iluminado pelas trapeiras, só

para continuar a remexer.

Fui premiado com outra caixa, sem inscrições, confeccionada pelos tios, cheia de revistas ilustradas. Levei tudo para baixo e pus-me a folhear sem empenho, como se faz na sala de espera de um dentista.

Olhava as figuras de algumas revistas de cinema, com muitas fotos de atores. Havia naturalmente filmes italianos, aqui também em plena e pacífica esquizofrenia, de um lado filmes de propaganda como O assédio do Alcazar e Luciano Serra, piloto; do outro, películas com cavalheiros de smoking, mulheres viciosíssimas em liseuses cândidas e uma decoração de luxo, com telefones brancos ao lado de leitos voluptuosos - numa época em que, imagino, os telefones ainda eram todos pretos e grudados na parede.

Mas havia também fotos de filmes estrangeiros e senti algumas vaguíssimas chamadas ao ver o rosto sensual de Zarah Leander ou de Christine Sonderbaum em Cidade de ouro.

Por fim, muitos filmes americanos, com Fred Astaire e Ginger Rogers que dançavam como libélulas, e o John Wayne de No tempo das diligências.

Nesse meio tempo, reativara aquele que agora chamava de meu rádio, ignorando hipocritamente o gramofone que o fazia cantar, e identifiquei entre os discos alguns títulos que me sugeriam alguma coisa. Meu Deus, Fred Astaire dançava e beijava Ginger Rogers, mas naqueles mesmos anos Pippo Barzizza e sua orquestra tocavam melodias que eu conhecia, pois fazem parte da educação musical de todos. Aquilo era jazz, mesmo que italianizado: o disco intitulado Serenità era uma adaptação de Mood índigo, aquele outro que se contrabandeava como Con stile era In the mood, e Tristezza di San Luigi (qual, IX ou Gonzaga?) era Saint Louis Blues. Todos sem letra, menos a de São Luís, bem sem graça, para não denunciar a origem de uma música tão pouco ariana.

Em suma, entre jazz, John Wayne e os quadrinhos da capela, minha infância transcorrerá aprendendo que devia maldizer os ingleses e defender-me dos negrões americanos que queriam emporcalhar a Vénus de Milo e, ao mesmo

tempo, bebendo as mensagens que me chegavam da outra margem do oceano.

Do fundo da caixa retirei também um pacote de cartas e cartões-postais endereçados a meu avô. Tive um momento de hesitação, pois me parecia sacrilégio penetrar naqueles segredos pessoais. Depois disse a mim mesmo que meu avô era o destinatário, não o autor daqueles escritos, e a seus autores eu não devia respeito algum.

Folheeí aquelas missivas sem esperança de encontrar algo de importante, mas não, ao contrário: ao responder a meu avô, aquelas pessoas, provavelmente amigos em que confiava, aludiam a coisas que ele escrevera e a partir daí desenhava-se um retrato mais preciso. Comecei a entender o que pensava, que tipo de amigos freqüentava ou cultivava a uma distância prudente.

Mas foi somente depois de ver a garrafinha que fiquei em condições de reconstruir a fisionomia "política" de meu avô. Mas foi preciso algum tempo, porque as histórias de Amália tinham que ser peneiradas, mas havia cartas que deixavam transparecer claramente as idéias de meu avô e das quais emergiam algumas menções a seu passado. E finalmente um correspondente, a quem ele contara em 43 o episódio final do óleo, cumprimentava pela bela empresa.

Pois vamos a isso. Apoiei-me contra as janelas, com a escrivaninha na frente e no fundo as estantes. Só então notei que em cima da estante, bem na minha frente, havia uma garrafinha, com dez centímetros de altura, um vidrinho de remédio ou de um perfume antigo, de vidro escuro.

Curioso, subi numa cadeira para pegá-la. A tampa de rosca estava hermeticamente fechada e ainda mostrava as marcas vermelhas de um antigo lacre de cera. Ao olhar e sacudir, parecia que não havia mais nada dentro.

Abri com uma certa dificuldade e entrevi como que umas pequenas manchas de material escuro no interior. O pouco de cheiro que ainda se libertava do interior era decididamente desagradável, como de alguma coisa podre ressecada há decênios.

Chamei Amália. Sabia alguma coisa? Amália levantou os olhos e os braços para o céu e pôs-se a rir. "Ah, o óleo de rícino ainda estava aí!"

"Óleo de rícino? Era um purgante, creio eu..."

"Como não! E muitas vezes servia também para vocês, crianças, mas uma colherinha pequena, só para fazer funcionar o corpo se ri-nham alguma coisa presa na barriga. E logo depois duas colherinhas de açúcar para tirar o gosto.

Mas ao senhor seu avô deu mais que isso, não apenas essa garrafinha aí, mas pelo menos três vezes mais!"

Partimos do fato de que Amália, que sempre ouvira Masulu contar essa história, começava dizendo que meu avô vendia jornais. Não, livros, dizia eu.

E ela insistia (pelo menos era isso que eu entendia) que antes ele vendia jornais. Depois me dei conta do equívoco. Naquelas bandas o jornaleiro ainda é chamado de giurnalista. Ela dizia giurnalista e eu traduzia jornaleiro. Mas ao contrário, Amália repetia o que ouvira contar e meu avô era realmente jornalista, daqueles que trabalham nos jornais.

Como se percebia também na correspondência, ele trabalhou até 1922, e o jornal era um diário ou uma revista socialista. Naqueles tempos, na iminência

da Matcha sobre Roma, os brigadistas andavam por aí com um bastão para desancar o lombo dos subversivos. Mas aqueles que realmente queriam punir, eles obrigavam a engolir uma dose considerável de óleo de rícino para purgá-los de suas idéias tortas. E aconteceu que os brigadistas invadiram a sede do jornal onde meu avô trabalhava: calculando que ele deve ter nascido por volta de 1880, em 22 tinha no mínimo uns quarenta, enquanto os justiceiros eram rapagões muito mais jovens. Quebraram tudo, inclusive a máquina da pequena tipografia, jogaram os móveis pela janela e, antes de evacuar o local e fechar as portas com duas hastes pregadas, pegaram os dois redatores presentes, espancaram-nos o quanto puderam e depois aplicaram o óleo de rícino.

"Não sei se percebe, senhorzinho Yambo, um pobrezinho que é obrigado a beber aquilo, se consegue voltar para casa com as próprias pernas, não me faça dizer onde é que passa os dias seguintes, deve ter sido uma humilhação que não dá nem para explicar, não se deve tratar desse modo uma criatura."

Adivinhava-se, pelos conselhos mandados por um amigo milanês, que a partir daquele momento (visto que os fascistas levaram a melhor uns meses depois), meu avô decidiu deixar os jornais e a vida ativa e montar a sua lojinha

de livros velhos, sobrevivendo em silêncio por vinte anos, falando ou escrevendo de política apenas com os amigos de confiança.

Mas não esqueceu daquele que lhe enfiara pessoalmente o óleo na boca, enquanto seus companheiros seguravam seu nariz fechado.

"Era um tal de Merlo, o senhor seu avô sempre soube disso, e durante vinte anos não o perdeu de vista."

De fato, algumas cartas informavam meu avô sobre a vida de Merlo. Fizera sua pequena carreira de centurião da Milícia, ocupava-se das provisões, e alguma coisinha acabou caindo no seu bolso, porque comprou até uma casa de campo,

"Desculpe, Amália, já entendi a história do óleo, mas o que havia nessa garrafinha?"

"Não ousei dizer, senhorzinho Yambo, era uma coisa horrível..."

"Se tenho que entender essa história, você tem que me dizer, Amália, faça um esforço."

E então, só porque era eu, Amália tentou explicar. Meu avô voltara para casa com a carne destroçada pelo óleo, mas o espírito ainda indómito. Nas duas primeiras descargas não pôde pensar no que fazia e botou para fora a própria alma. Na terceira ou quarta descarga, decidiu defecar num vaso. E no vaso descarregou óleo misturado com aquela coisa que sai quando alguém é obrigado a tomar purgante, conforme se explicava Amália. Meu avô esvaziou

um vidro de água de rosas de sua mulher, lavou bem e substituiu o perfume pelo óleo misturado com aquela coisa lá. Tampou e fechou tudo com um lacre, de modo que aquele licor não evaporasse e mantivesse intacto o seu bouquet, como acontece com os vinhos.

A garrafinha ficou guardada na sua casa da cidade mas, uma vez transferidos para Solara, levou-a para o escritório. E Masulu pensava como ele e sabia da história, pois cada vez que entrava no escritório (Amália espiava e escutava) olhava para a garrafinha, para meu avô e depois fazia um gesto: esticava a mão com a palma para baixo e fazia girar o pulso de forma que a palma ficasse para cima, dizendo em tom ameaçador: "Sas gira..." O que queria dizer que se isso gira, se um dia as coisas mudarem. E meu avô, sobretudo nos últimos tempos, respondia: "Ah se gira, ah se gira, caro Masulu, os outros já desembarcaram na Sicília..."

CORRIERE PELLA

SERA

Le dimissinni di
Mussnini

Badoglio Capo

del Governo

UN PROCLAMA DEL SOVRANO

Il Re assume il comando delle Forze Armate -Badoglio agli Italiani' "Si
serrino le file intorno a Sua Maestà vivente immagine detta Patria,,

VIVA L'ITALIA

jSoldatadsJ

Sabotina e

delPiave

La

pare la

di

Vittoria

Emanuele

Enfim chegou o 25 de julho. O Grande Conselho colocara Mussolini contra a parede na noite anterior, o rei o despedira, dois carabinieri fizeram-no entrar numa ambulância e levaram-no sabe-se lá para onde. O

fascismo chegara ao fim. Podia lembrar aqueles momentos pescando na coletânea de jornais. Títulos garrafais, queda de um regime.

A coisa mais interessante era ver os jornais dos dias seguintes. Davam notícias festivas de multidões que derrubavam as estátuas do Duce dos pedestais e destruíam a picaretadas os feixes lictórios das fachadas dos palácios

públicos e de hierarcas do regime que despiram o uniforme e sumiram de circulação. Cotidianos que até 24 de julho garantiam a esplêndida firmeza do povo italiano unido em torno a seu Duce, no dia 30 regozijavam-se com a dissolução da Câmara Fascista e das Corporações e com a libertação dos presos políticos. É verdade que, de um dia para o outro, o diretor mudara, mas o resto da redação devia ser composto pelas mesmas pessoas de antes: adaptavam-se, ou muitos deles, que tiveram que morder a língua por anos a fio, agora tiravam belas satisfações.

Mas era chegada também a hora de meu avô. "Girou", disse ele lapidarmente a Masulu, e ele entendeu que precisava se pôr mãos à obra.

Chamou dois rapagões que o ajudavam no campo, Stivulu e Gigio, todos os dois bem sólidos, com o rosto vermelho de sol e de Barbera e músculos daquele jeito, sobretudo o Gigio que, quando um carro se enfiava num fosso, era chamado para tirá-lo de lá com as mãos nuas, e mandou que palmilhassem as cidadezinhas vizinhas, enquanto meu avô descia até o telefone público de Solara para tomar informações com seus amigos da cidade.

Finalmente, em 30 de julho, o Merlo foi identificado. Sua casa ou casa de campo ficava em Bassinasco, não muito longe de Solara, e para lá ele se retirara na surdina, sem se fazer notar. Nunca foi importante e esperava que o esquecessem.

"Vamos no dia 2 de agosto", disse meu avô, "porque foi justamente no dia 2 de agosto de vinte e um anos atrás que aquele desgraçado me fez beber o óleo, e vamos depois do jantar, primeiro porque é menos quente, segundo porque então o Merlo terá acabado de comer como um abade e será o momento certo de ajudá-lo a digerir."

Tomaram a charrete e, ao pôr-do-sol, partiram para Bassinasco.

Ao chegar na casa de Merlo, bateram, ele veio atender com o guardanapo quadriculado ainda no pescoço, quem é e quem não é, naturalmente a cara de meu avô não lhe dizia nada, empurraram-no para dentro, Stivulu e Gigio obrigaram-no a sentar segurando seus braços para trás e Masulu tapou seu nariz com o polegar e o indicador, que sozinhos já eram suficientes para destampar um garrafão.

Meu avô, com calma, lembrou a história de vinte e um anos atrás enquanto Merlo fazia que não com a cabeça, como quem dissesse que se tratava de um engano, que ele nunca se interessara por política. Meu avô, acabada a explicação, recordou que antes de enfiarem-lhe o óleo goela abaixo o encorajaram com algumas pauladas a gritar, com o nariz tapado, alalà. Ele era uma pessoa pacífica e não queria usar o bastão, portanto se o Merlo quisesse gentilmente colaborar, seria melhor que ele dissesse logo aquele alalà, evitando assim cenas desagradáveis. E o Merlo, com ênfase nasal, gritou alalà, que aliás era uma das poucas coisas que aprendera a fazer.

Depois disso, meu avô enfiou-lhe a garrafinha na boca fazendo-o engolir todo o óleo, com aquele tanto de matéria fecal que lá estava em solução, tudo bem envelhecido na devida temperatura, safra de mil novecentos e vinte e dois, denominação de origem controlada.

Saíram quando o Merlo estava ajoelhado com a cara contra os tijolos do pavimento, tentando vomitar, mas o nariz ficara tapado o tempo suficiente para

que a poção descesse até o fundo do estômago.

Amália nunca vira o senhor meu avô tão radiante quanto naquela noite, quando voltou. Parece que o Merlo ficou com tanto medo que, depois de 8 de setembro, quando o rei pediu o armistício e fugiu para Brindisi, o Duce foi libertado pelos alemães e os fascistas voltaram, ele não aderiu à República Social e ficou em casa cultivando sua horta - já deve estar morto ele também, pobre homem, dizia Amália. E segundo ela, mesmo que quisesse se vingar e contar aos fascistas, estava tão apavorado naquela noite que não lembraria a cara de quem entrou em sua casa, e sabe-se lá a quantas outras pessoas ele deu óleo. "E eu acho que alguns desses outros também ficaram de olho nele esses anos todos e ele teve que botar pra dentro mais de uma daquelas garrafinhas, estou dizendo, pode acreditar, coisa de fazer qualquer um perder a vontade de fazer política."

Eis então o meu avô, e isso explicava os jornais sublinhados e as audições da Rádio Londres. Estava esperando que girasse.

Na data de 27 de julho, encontrei o número de um jornal que celebrava o fim do regime numa mensagem única de júbilo do Partido da Democracia Cristã, do Partido da Ação, do Partido Comunista, do Partido Socialista Italiano de Unidade Proletária e do Partido Liberal. Se eu a vi, e devo tê-la visto, devo ter entendido de imediato que, se aqueles partidos se faziam vivos de um dia para o outro, era sinal de que já existiam antes e na clandestinidade

em algum lugar. Talvez tenha sido assim que comecei a compreender o que era a democracia.

Meu avô guardava também alguns jornais da República de Salò e num deles, // Popolo di Alessandria (que surpresa! Ezra Pound era um dos colaboradores!), havia charges ferozes contra o rei, que os fascistas odiavam não apenas porque mandara prender Mussolini, mas também porque pedira o armistício, fugindo para o Sul e unindo-se aos odiados anglo-americanos. Mas as charges voltavam-se também contra seu filho Umberto, que o seguira.

Representavam os dois perenemente em fuga, levantando nuvenzinhas de

poeira, o rei pequeno, quase um anão, o príncipe alto como um varapau, um era chamado de Gambito Pé Veloz e o outro de Estrelaça, o Herdeiro. Paola me disse que sempre tive sentimentos republicanos e como se vê, a primeira lição eu recebi justamente daqueles que fizeram do rei imperador da Etiópia.

Como se costuma dizer, são os caminhos da providência.

Perguntei a Amália se meu avô me contara a história do óleo. "Como não?

No dia seguinte. Estava tão feliz! Sentou-se em sua cama assim que o senhor acordou e contou-lhe toda a história, mostrando a garrafinha."

"E eu?"

"O senhor, senhorzinho Yambo, parece que estou vendo, batia as mãos e gritava muito bem vovô, o senhor é melhor que gudòn," "Que gudòn? O que é isso?"

"Que sei eu? Mas gritava assim, juro, como se fosse agora mesmo."

Não era gudòn, era Gordon. Celebrava no ato de meu avô a revolta de Gordon contra Ming, tirano de Mongo.

13. SENHORINHA PÁLIDA

Particpei da aventura de meu avô com o entusiasmo de um leitor de quadrinhos. Mas de meados de 1943 até o fim da guerra não havia mais nada entre as coleções da capela. Apenas, de 45, as tiras que consegui com os libertadores. Talvez da metade de quarenta e três à metade de quarenta e cinco não se publicassem mais quadrinhos ou não chegassem a Solara. Ou talvez, depois do 8 de setembro de 43, tenha testemunhado eventos reais tão romanescos, os partigiani, as Brigadas Negras que passavam diante de casa, a chegada de folhas clandestinas, que superavam tudo o que minhas revistinhas poderiam me contar. Ou já me sentia grande demais para os quadrinhos e passei

justamente naqueles anos à leitura mais apimentada do Conde de Montecristo ou dos Três Mosqueteiros.

Em qualquer caso, até o momento Solara não me restituíra algo que fosse realmente e somente meu. Tudo o que descobri foi o que lera, mas assim como tantos outros leram. A isso reduzia-se toda a minha arqueologia: à exceção da história do copo inquebrável e de uma espirituosa anedota sobre meu avô (mas não sobre mim), eu não revivera a minha infância, mas aquela de toda uma geração.

Até o momento, as coisas mais claras me foram contadas pelas canções. Fui até o escritório para ligar meu rádio, colocando discos escolhidos ao acaso. A primeira canção que o rádio me ofereceu era mais uma vez umas cias alegres loucuras que acompanhavam os bombardeios:

Ontem à noite, quando passeava, me aconteceu um fato: um rapazinho doido se aproximou num salto.

Convidou-me para ir a um café muito escondido, depois com sotaque esquisito começou a expor:

conheço uma menina que é loura como ouro, mas nunca poderei falar de meu amor.

Minha avó Carolina dizia que em seu tempo apaixonados lhe diziam assim:

quero beijar
os teus cabelos negros,
os lábios teus,
os olhos teus, sinceros.
Mas não posso dizê-lo

ao meu doce tesouro

por causa do cabelo
louro como ouro!

A segunda canção era certamente mais antiga e mais lacrimogênea: deve ter feito chorar minha mãe.

Senhorinha pálida
doce vizinha do quinto andar.

Não há uma noite em que não sonhe Nápoles, e são vinte anos que parti de IA.

...o meu pequenino
folheando um velho livro de latim
achou! — adivinha! ~ um amor-perfeito...

Por que nos olhos me brilhou uma lágrima?
Quem sabe, quem sabe por quê?

E eu? Os quadrinhos da capela diziam-me que passei pela revelação do sexo - mas e o amor? Paola foi a primeira mulher da minha vida?

Era estranho que na capela não houvesse nada referente ao período entre os meus treze e os meus dezoito anos. E no entanto durante aqueles cinco anos, antes da desgraça, eu ainda freqüentava a casa.

Veio-me à cabeça que entrevi, não nas estantes, mas apoiadas no altar, três caixas. Não dei muita atenção, tomado como estava pelo fascínio multicolor das minhas coleções, mas talvez ainda houvesse coisas para descobrir.

A primeira caixa estava cheia de fotografias de minha infância. Esperava sabe-se lá que revelações, mas não. Senti apenas uma sensação de grande e religiosa comoção. Depois de ter visto as fotos de meus pais no hospital e de meu avô no escritório, identificava minha família, nas diversas épocas, usando como referência as roupas, reconhecendo-os mais jovens ou mais velhos segundo a medida das saias de minha mãe. Eu devia ser aquele menino com chapéu de sol que espetava uma lesma em cima de uma pedra; a menininha compungida que segurava pela mão era Ada, Ada e eu éramos as crianças de branco, quase um fraque para mim, quase um vestido de noiva para ela, no dia da Primeira comunhão ou da Crisma, eu era o segundo Balilla da direita, alinhado com um pequeno mosquete abraçado sobre o peito, um pé adiante; e era o maiorzinho ao lado de um soldado americano de pele negra que sorria com sessenta e quatro dentes, talvez o primeiro libertador que encontrei e com o qual me fiz eternizar depois de 25 de abril.

Só uma foto comoveu-me de verdade: era um instantâneo ampliado, um pouco fora de foco, e representava um menino que se inclinava um pouco embaraçado enquanto uma menininha menor erguia-se sobre um par de sapatinhos brancos, colocava-lhe os braços ao redor do pescoço e o beijava no rosto. Assim minha mãe e meu pai nos surpreenderam, quando Ada espontaneamente, cansada de posar, me dava o prêmio de seu fraternal afeto.

Sabia que aquele era eu e aquela era ela, não podia deixar de enternecer-me àquela visão, mas era como se a tivesse visto num filme,

comovido como um estranho diante de uma representação do amor fraterno.

O mesmo que se emocionar diante do Angelus de Millet, do Beijo de Hayez ou da Ofélia que flutua pré-raphaelita sobre uma colcha de junquinhos, nenúfares e asfódelos.

Eram asfódelos? Sei lá, mais uma vez é a palavra que manifesta seu poder, não a imagem. As pessoas contam que temos dois hemisférios no cérebro, o esquerdo que preside as relações racionais e a linguagem verbal, o direito que rege as emoções e o universo visual. Talvez meu hemisfério direito estivesse paralisado. Mas não, cá estou eu morrendo de consumição na busca de algo, e a

busca é uma paixão, não um prato que se come frio como a vingança.

Deixei as fotos de lado, inspiravam-me apenas nostalgia do desconhecido, e passei para a segunda caixa.

Continha pequenas imagens sacras, muitas de Domingos Savio, um aluno de Dom Bosco que os pintores representavam ardente de piedade retratando suas calças amarrotadas com bolsas sob os joelhos, como se as civesse dobradas o dia inteiro, imerso em orações. Depois um pequeno volume encadernado em preto, de corte vermelho como um breviário, *O jovem prevenido*, do mesmo Dom Bosco. Era uma edição de 1847, em mau estado, sabe-se lá quem me deu. Leituras edificantes e coletâneas de hinos e preces. Muitas as exortações à pureza como virtude rainha.

Outros opúsculos também ofereciam incitações à pureza, apelos a abster-se de espetáculos indignos, de convivências duvidosas, de leituras perigosas. De todos os mandamentos parecia que o mais importante fosse o sexto, não cometer atos impuros, e de forma bastante transparente os vários ensinamentos diziam respeito a ilícitas manipulações do próprio corpo, chegando até ao conselho de deitar-se à noite de barriga para cima e com as mãos cruzadas no peito para impedir que o ventre roçasse contra o colchão.

Raras eram as recomendações a não manter contato com o outro sexo, como se a eventualidade fosse remota, impedida por severas convenções sociais. O

maior inimigo era, embora a palavra só fosse nomeada raramente, e na maioria das vezes com prudentes circunlocuções, a masturbação. Um manual explicava que os únicos animais que se masturbam são os peixes: aludindo provavelmente à inseminação externa, quando muitos tipos de peixes espalham espermatozóides e óvulos na água, que se ocupa depois da fecundação - mas nem por isso os pobres animais pecam por copular em vaso indevido. Nada sobre os símios, onanistas por vocação. E silêncio sobre a homossexualidade, como permitir que um seminarista se tocasse não fosse pecado.

Achei até um exemplar muito consumido de *Pequenos martírios*, de Dom Domênico Pilia. É a história de dois piedosos jovens, ele e ela, que sofrem as

mais horríveis torturas infligidas por maçons anti-clericais consagrados a Satanás, que querem iniciá-los nos prazeres do pecado por ódio à nossa santa religião. Mas o crime não compensa. O escultor Bruno Cherubini, que esculpiu para os maçons a Estátua do Sacrilégio, foi acordado durante a noite pela aparição do companheiro de vícios Wolfgang Kaufman.

Depois de sua última orgia, Wolfgang e Bruno firmaram um pacto: o primeiro a morrer apareceria para o amigo para contar o que era o além. E Wolfgang emerge post mortem dos vapores do Tártaro, envolvido num sudário, os olhos escancarados no rosto de fidalgo mefistofélico. De suas carnes incandescentes emana uma luz sinistra. O fantasma se apresenta e anuncia: "O inferno existe, é lá que eu estou!" E pede a Bruno, se quer uma prova tangível, que estenda a mão direita; o escultor obedece e o espectro deixa cair em sua mão uma gota de suor que lhe transpassa a mão de lado a lado, como se fosse chumbo derretido.

As datas do livro e dos opúsculos, quando havia, não me diziam nada, pois eu poderia tê-los lido em qualquer idade, logo era impossível dizer se foi nos anos de guerra ou depois, ao retornar à cidade, que me entreguei a práticas de piedade. Reação aos eventos bélicos, uma forma de enfrentar as tempestades da puberdade, uma série de desenganos me jogaram nos braços acolhedores da Igreja?

Os únicos resquícios verdadeiros de mim mesmo estavam na terceira caixa.

Sobretudo em alguns números de Radiocorriere, de quarenta e sete a quarenta e oito, com alguns programas sublinhados e anotados. A caligrafia era sem dúvida minha, portanto aquelas páginas diziam-me o que só eu podia ouvir. Os sublinhados, exceto alguns programas noturnos dedicados à poesia, destacavam a música de câmara e de concerto. Eram breves inserções entre uma transmissão e outra, de manhã cedo, à tarde, ou tarde da noite: três estudos, um noturno, no máximo uma sonata inteira. Coisa para apaixonados, colocada em horas de pouca audiência. Depois da guerra, portanto, de volta à cidade, eu ficava à espreita de oportunidades musicais com as quais ia me drogando pouco a pouco, colado ao rádio, o volume baixo para não incomodar o resto da família. De meu avô, havia alguns discos de música clássica, mas quem disse que não os comprou depois, justamente para encorajar minha nova paixão? No começo anotava como um espião as raras circunstâncias em que poderia ouvir a minha

música, e quem pode dizer que raivas sentia quando, chegando na cozinha para um encontro esperado há dias, não podia ouvir nada por causa de pessoas que perambulavam de lá para cá, entregadores falastrões, mulheres que trabalhavam ou estendiam a massa.

Chopin era o autor sublinhado com maior ênfase. Levei a caixa para o escritório de meu avô, liguei o tocadiscos e o dial do meu Telefunken, e comecei minha última busca ao som da Sonata em si bemol menor opus

35.

Embaixo do Radiocorriere havia cadernos do tempo do liceu, entre quarenta e sete e cinquenta. Percebi que tive um professor de filosofia realmente grandioso, pois a maior parte do que sei sobre o assunto estava bem ali, em minhas anotações. Em seguida vinham desenhos e vinhetas, brincadeiras que fazia com os colegas de escola e fotos da turma no final do ano, todos alinhados em três ou quatro filas com os professores no meio.

Aqueles rostos não me diziam nada, e tive dificuldade até para reconhecer-me a mim mesmo, seguindo mais que outra coisa por exclusão, agarrando-me às últimas mechas do topete de Topetinho.

Misturado aos cadernos escolares surgiu um outro, que começava com a data de 1948, mas apresentava diferenças caligráficas à medida que eu ia folheando, de forma que talvez contivesse textos escritos nos três anos seguintes. Eram poesias.

Poesias tão ruins só podiam ser minhas. Acne juvenil. Acho que todos nós escrevemos poesia aos dezesseis anos, é uma fase da passagem entre adolescência e idade adulta. Não sei mais onde li que os poetas dividem-se em duas categorias, os bons poetas, que a certa altura destroem suas poesias ruins

e vão vender armas na África, e os maus poetas, que as publicam e continuam a escrevê-las até a morte.

Pode ser que as coisas não sejam bem assim, mas minhas poesias eram ruins. Não horríveis ou repugnantes, que poderiam deixar entrever um gênio provocador, mas pateticamente óbvias. Valia a pena ter voltado a Solara para descobrir que fui um escrevinhador? Mas pelo menos um motivo de orgulho eu podia ter, fechei aqueles abortos numa caixa, numa capela com a entrada murada e dediquei-me a colecionar livros de outros. Eu devia ser, por volta dos dezoito anos, admiravelmente lúcido, criticamente incorruptível.

No entanto, mesmo sepultadas, conservei-as, de alguma forma aquelas poesias eram importantes para mim, mesmo depois de passada a acne. Como testemunho, Como se sabe, quem consegue expelir uma solitária conserva sua cabeça em solução alcoólica e outros o fazem com um cálculo extraído da vesícula.

As primeiras eram esboços, breves revelações diante dos encantos da natureza, como deve fazer qualquer poeta iniciante: manhãs de inverno que piscavam na geada um malicioso desejo de abril, emaranhados de reticência lírica sobre a misteriosa cor de um entardecer de agosto, muitas, muitíssimas luas, e um só momento de pudor:

Que fazes no céu, lua, diz-me o quê'?

Conduzo minha vida,

minha vida desbotada,

pois sou um amontoado

de terra, e de mortos vales

e tediosos vulcões

extintos.

Deus meu, eu não podia ser tão bobo assim. Talvez tivesse acabado de descobrir os futuristas, que queriam matar o luar. Logo em seguida li alguns versos sobre Chopin, sua música e sua vida dolorosa. Imaginem, aos dezesseis anos não se faz poesia sobre Bach, que só se abalou no dia em que perdeu a esposa, e aos papa-defuntos que vieram perguntar como organizar as exéquias, respondeu que perguntassem a ela. Chopin parece feito sob medida para fazer lacrimejar um rapazola, a partida de Varsóvia com a fita de Constança no coração, a morte iminente no ermo de Valnemososa. Só crescendo é que se percebe que compôs boa música; antes, se chora.

As poesias seguintes eram sobre a memória. Mal saído dos cueiros, já me preocupava em colecionar lembranças ainda nem bem descoloridas pelo tempo. Uma delas dizia:

Edifico-me

lembranças. A vida

dedico ã essa miragem*

A cada segundo que
passa, a cada instante
volto leve uma página
com a mão que treme.
E a lembrança é aquela

onda que encrespa as
águas rápida, e
desaparece.

Voltando muitas vezes ao começo, como devo ter aprendido com os herméticos.

Muitas poesias sobre a clepsidra, que tece o tempo como baba sutil e o entrega aos intensos celeiros da memória, um hino a Orfeu (sic), no qual o advertia de que não se volta duas vezes ao reino da recordação I para encontrar gasto I o frescor inesperado I do primeiro furto.

Recomendações a mim mesmo, não devia desperdiçar I um só momento...

Esplêndido, bastou uma bombeada excessiva em minhas artérias e desperdicei tudo. Para a África, para a África a vender fuzis.

Entre outras miudezas líricas, escrevia poesias de amor. Amava, portanto.

Ou estaria enamorado do amor, como acontece nessa idade? Mas falava de uma ela, por enquanto impalpável:

Criatura encerrada neste
mistério lábil que te faz
distante, talvez nascida

apenas para viver esses
versos, tu não o saibas.

Versos trovadorescos a não mais poder e, com olhos de hoje, um tanto machistas. Por que a criatura nasceria só para viver os meus pobres versos? Se ela não existia, eu era um paxá monogâmico que fazia do sexo carne gentil para seu harém imaginário o que, nesses casos, tem o nome de masturbação, mesmo quando se ejacula com

uma pena de ganso. Mas, e se a Criatura Encerrada fosse real e realmente não soubesse? Então, canhestro eu, mas e ela, quem era?

Não estava diante de imagens, mas de palavras, e só não sentia chamadas misteriosas porque a rainha Loana me desiludira. Mas alguma coisa eu percebia, a ponto de poder antecipar certos versos à medida que ia lendo: um dia desaparecerás I e talvez tenha sido um sonho. Um figmentum poético não desaparece nunca, você escreve para torná-lo eterno. Se temia que se dissolvesse era porque a poesia constituía um gracioso Ersatz para algo de que não conseguia me aproximar. Incauto edifiquei I sobre a areia lábil dos momentos diante de um rosto, apenas um rosto. I Mas não sei se lamentar o instante i em que me perdi a fabricar-me um mundo. O

mundo eu já estava fabricando, mas para receber alguém.

E, de fato, li uma descrição que era detalhada demais para que se referisse a uma criação fictícia:

Passava ignara com um corte novo

dos cabelos, era maio,

e o estudante ao lado

(era velho alto e louro)

do esparadrapo no pescoço

dizia sorrindo aos amigos

que era um sifilomã.

E mais adiante nomeava-se um casaco amarelo como se fosse a visão do Anjo da Sexta Trombeta. A moça existia, eu não podia ter inventado o miserável do sifiloma. E esta outra, entre as últimas da seção amorosa?

Uma tarde assim,

três dias antes do Natal

decifrava o amor

pela primeira vez.

Uma noite assim,

de neve pisada pelas ruas,

fazia barulho debaixo de uma janela
esperando que alguém me visse a
atirar bolas de neve e pensava que
bastaria para pôr-me entre os
notáveis do sexo. Agora quantas
estações mudaram-me as céluas e os
tecidos nem sei se perduto na
lembrança.

Só a ti, só a ti

nos confins de sabe-se lá onde (onde estás?) como te encontro ainda no fundo
do músculo coração

com o mesmo estupor de três dias
antes do Natal.

A esta Criatura Encerrada, realíssima, dediquei os três anos de minha
formação. Depois {onde estás?) eu a perdi. Talvez na época em que perdi meus
pais e me transferi para Turim, tenha resolvido acabar com tudo, como

testemunham as últimas duas poesias. Estavam enfiadas no caderno, porém não eram manuscritas, mas escritas à máquina. Não creio que no liceu se usassem máquinas de escrever. Portanto, essas duas últimas tentativas poéticas remontavam ao início dos anos universitários. Estranho que estivessem ali, se todos me diziam que deixara de vir a Solara justamente no início daqueles anos. Mas talvez, depois da morte de meu avô e enquanto os tios liquidavam tudo, eu tivesse voltado à capeia justamente para sigilar as lembranças às quais

renunciava e lá enfiei também as duas folhas, à guisa de testamento e adeus.

Elas soam como uma despedida, como a liquidação da poesia e dos suaves adultérios que estava deixando para trás.

A primeira recitava:

Oh as senhoras brancas de Renoir As
damas nos balcões de Manet

Os bares com terraços sobre o bulevar
E a sombrinha branca do landau
Murcha como a última cadeia Ao extremo

alento de Bergotte... Encaremos as
coisas de frente: Odette de Crecy era
uma grande puta.

A segunda intitulava-se Ospartigiani. Era tudo que restava de minhas lembranças de quarenta e três até o final da guerra:

Talino, Gino, Ros, Lupetto, Sciabola

que desciam num dia de primavera

cantando sopra o vento, ruge a tempestade
como queria ainda aqueles verões

de fuziladas altas de repente

no silêncio do sol meridiano

de tardes passadas à espreita,

notícias espalhadas à meia voz,

a Décima vai embora, amanhã descem

os badoglistas, desmontam o posto de bloqueio
pela estrada de Orbegno não se passa

mais, carregam os feridos em carroças,

eu os vi perto do Oratório,

o sargento Garrani está entrincheirado

na Prefeitura...

E de repente a cantilena diabólica,

o rumor infernal, o tiquetaque

sobre o muro da casa, uma voz no beco...

E a noite, silêncio e poucos tiros,

de San Martino, e os últimos procurados...

Queria sonhar aqueles vastos verões

nutridos de certezas como sangue

e os tempos em que

ta*

Talino, Gino e Ros tinham olhado
talvez no rosto da verdade.

Mas não posso, existe ainda o

meu posto de bloqueio no
caminho do Vallone. Fecho
então o caderno da memória. Já
se passaram as claras noites em

que o partigiano no bosque

velava os passarinhos para que
não cantassem pois a bela
precisava dormir.

Esses versos contrinuavam a ser um enigma. Então, eu vivi uma época que para mim foi heróica, pelo menos enquanto a via tendo os outros como protagonistas. No momento em que tentava liquidat qualquer pesquisa sobre minha infância e adolescência, no limiar da idade adulta, tentei recordar alguns momentos de exaltação e de certeza. Mas parei diante de uma barreira (o último posto de bloqueio daquela guerra combatida na porta de casa) e rendi-me diante - de quê? De algo que não podia ou não queria mais rememorar e que tinha a ver com o Vallone. Mais uma vez o Vallone. Por que lá encontrei as rnasche e esse enconro me ensinou que devia apagar tudo?

Quem sabe, visto que já estava consciente de ter perdido a Criatura Encerrada, transformei os outros dias, e o Vallone, na alegoria daquela perda — e por isso

recolocava no escrínio inviolável da capela tudo o que eu fora até aquele instante?

Nada mais restava, pelo menos em Solara. Só podia conjecturar que, depois daquela renúncia, resolvera me dedicar, já estudante, aos livros antigos que me remetessem a um passado alheio, com o qual não pudesse me envolver.

Mas quem foi a Criatura que, fugindo, me convencera a arquivar seja os anos de liceu, seja os de Solara? Teria eu tido também a minha senhorinha pálida, doce vizinha do quinto andar? Nesse caso era ainda e tão-somente uma outta canção que todos, mais cedo ou mais tarde, já cantaram.

O único que podia saber alguma coisa sobre isso era Gianni. Se você se apaixona, e pela primeira vez, vai se confessar pelo menos com o companheiro de escola.

Dias antes não quis que Gianni desfizesse a névoa das minhas recordações com a luz tranqüila das suas, mas àquela altura só podia recorrer à sua memória.

Quando telefonei já era noite e falamos por algumas horas. Comecei divagando, falando de Chopin e confirmando que naquele tempo o rádio era realmente nossa única fonte de grande música, pela qual começávamos a nos apaixonar. Só na época do terceiro ano do liceu foi que surgiu, por fim, uma associação de amigos da música na cidade, oferecendo um concerto de piano ou violino de vez em quando, no máximo um ttio, e da nossa turma éramos só quatro a comparecer, quase escondidos, porque os outros bandos só queriam descobrir um modo de entrar no cassino sem ter dezoito anos, e nos olhavam como se fôssemos bichas. Bem, depois de alguns frêmitos em comum, eu podia ousar. "Você sabe se no primeiro ano do liceu eu comecei a pensar em alguma moça?"

"Até isso você esqueceu, então. Há males que vêm para o bem. Por que lhe interessa saber, já passou tanto tempo... Cuidado, Yambo, pense na sua saúde."

"Não se faça de cretino, descobri por aqui umas coisas que me intrigam.

Preciso saber."

Ele parecia hesitar, depois deu rédeas à memória, e com grande participação, como se o apaixonado fosse ele. E a bem dizer, era quase isso (dizia-me), pois até aqueles dias ele se mantinha imune aos tormentos amorosos, inebriando-se com minhas confidências como se as histórias fossem suas.

"E depois, ela era mesmo a mais bonita da turma. Você era exigente: se apaixonava, é verdade, mas só pela mais bonita."

"Alors moi, j'aime qui?.. Mais cela va de soi! I J'aime, mais c'est forcé, la plus belle qui soitf O quê?

"Não sei, me veio à cabeça. Mas faie sobre ela. Como se chamava?"

"Lila, Lila Saba."

Bonito nome. Deixava que se derretesse em minha boca como se fosse mel.

"Lila. Bonito. E daí, o que aconteceu?"

"No primeiro ano nós meninos ainda éramos uns fedelhos cheios de espinhas e de calças curtas. Elas na mesma idade já eram mulheres e nem olhavam para nós, só flertavam com os universitários que esperavam na saída.

Mas assim que a viu você ficou caído. Tipo Dante e Beatriz, e não falo por acaso, porque no primeiro ano nós estudávamos a Vida Nova e as claras frescas doces águas, e era a única coisa que sabia de cor, porque falava de você.

Em suma, fulminado. Por uns dias ficou atordoado com um nó na garganta e incapaz de comer, tanto que seus pais pensaram que estava doente. Depois quis saber como ela se chamava, mas sem coragem de perguntar às pessoas com medo que todos percebessem. Por sorte estudava na turma dela a Ninetta Foppa, com uma carinha simpática de esquilo, que era sua vizinha e vocês brincavam juntos desde criança. Então, encontrando-a na escadaria e como quem não quer nada, perguntou como se chamava a menina que estava com ela no dia anterior, E ficou sabendo pelo menos o nome."

"E depois?"

"Olhe, você tinha se transformado num zumbi. E como na época era muito religioso, procurou seu orientador espiritual, dom Renato, um daqueles padres que andavam de motoneta com uma boina basca e que todos diziam que era um homem de mentalidade aberta. Permitia até que lesse os autores que estavam no índice, porque é necessário exercitar o espírito crítico. Eu não teria

coragem de ir contar uma coisa dessas a um padre, mas você precisava falar com alguém. Sabe, você estava que nem o sujeito da piada que naufraga numa ilha deserta, sozinho com a atriz mais bonita e famosa do mundo, acontece o que tem que acontecer, mas ele não fica satisfeito e não sossega enquanto não

a convence a se vestir de homem e desenhar uns bigodes de carvão para então pegá-la pelo braço e dizer: Gustavo, se você soubesse quem eu comi..."

"Não venha com vulgaridades, para mim a coisa é séria. O que disse dom Renato?"

"O que você queria que um padre, mesmo aberto, dissesse? Que seu sentimento era nobre e belo e natural, mas que não deveria maculá-lo transformando-o em relação física, pois devemos chegar puros ao casamento e que, portanto, deveria guardá-lo como um segredo no fundo do coração." E eu?

"Bem, como um bobo, guardou o que ele disse no fundo do coração. E também porque tinha um medo louco de chegar perto dela. Só que o fundo do seu coração não foi suficiente e você veio me contar tudo, até porque precisava de uma mãozinha."

"Mas como, se eu nem chegava perto?"

"A questão é que você morava bem atrás da escola e, na saída, só precisava dobrar a esquina e já estava em casa. As meninas, segundo o regulamento dos padres, saíam depois de nós. E você corria o risco de não vê-la nunca mais, a não ser que ficasse plantado como um idiota na frente da escadaria do liceu. A maioria de nós, moças e rapazes, tinha que atravessar os jardins para chegar ao

largo Minghetti, depois cada um seguia seu caminho. Ela morava bem no largo Minghetti. Então você saía, fazia de conta que me acompanhava até o fim dos jardins, esperava a saída das meninas e voltava, cruzando com ela quando vinha com as amigas. Cruzava com ela, só isso. Todo santo dia."

"E fiquei satisfeito?"

"Claro que não! Foi então que começou a aprontar de todas as formas.

Enfiava-se em iniciativas beneficentes para obter permissão do diretor para vender lá sei eu que bilhetes em todas as turmas, entrava na sala dela e dava um jeito de ficar meio minuto a mais junto à sua carteira, fingindo que não encontrava o troco, por exemplo. Inventou uma dor de dentes porque o dentista de sua família ficava justamente no largo Minghetti e suas janelas davam para o balcão da casa dela. Reclamava de dores tremendas, o dentista não sabia mais o que fazer e por escrúpulo acabava obturando e assim você fez inúmeras vezes à toa, mas chegando sempre meia hora antes para ficar na salinha de espera espiando pela janela. Naturalmente, nem sombra dela no balcão, nem sombra. Certa tarde saíamos do cinema, nevava e, justamente no largo Minghetti, resolveu organizar uma guerra de bolas de neve gritando como um possesso, tanto que pensaram que estivesse bêbado. E tudo na esperança de que ela ouvisse a balbúrdia e chegasse à janela, dá para imaginar o belo papel que faria. Em vez dela apareceu uma velhota de maus bofes gritando que chamaria a polícia. Mas depois, a idéia genial. Organizou uma revista, um espetáculo, o grande show do liceu. Quase perdeu o ano porque só pensava na tal revista, textos, músicas, cenografia. E finalmente o sucesso, três

recitais para que toda a escola, inclusive as famílias, pudesse assistir ao maior

espetáculo do mundo no auditório. Ela veio duas noites seguidas. A grande atração era a senhora Marini. A senhora Marini, professora de ciências naturais, era uma bem magra, de coque, sem busto, grandes óculos de tarraruga e sempre de avental preto. Você era magro como ela e travesti-lo foi uma tranquilidade. De perfil, era ela escrita. Quando entrou em cena foi uma ovação que parecia um Caruso. Mas durante a aula ela costumava tirar da bolsa uma pastilha para a garganta e durante meia hora girava a bala de uma bochecha à outra. Quando você abriu a bolsa, fingiu colocar a pastilha na boca e passou a língua de um lado ao outro, vou lhe contar, o teatro veio abaixo, um estrondo que durou cinco bons minutos. Com um único golpe de língua conseguiu levar centenas de pessoas ao êxtase. Era um herói agora. Mas é claro que só ficou entusiasmado porque ela estava lá e, finalmente, o vira."

"Mas eu não pensei que naquela altura já poderia ousar mais?"

"Sim, mas e a promessa a dom Renato?"

"E portanto, exceto quando lhe vendia os tais bilhetes, nunca mais falei com ela?"

"Algumas vezes. Por exemplo, uma vez levaram toda a escola a Asti para ver as tragédias alferianas: de tarde o teatro era todo nosso, e nós quatro conseguimos até um camarote. Você procurava por ela nos outros camarotes e na platéia e, enfim, viu que estava num assento extra no fundo da sala, de onde não se enxergava nada. No intervalo, deu um jeito de cruzar com ela, cumprimentou, perguntou se estava gostando. Ela lamentou-se por não conseguir ver nada e você disse que estávamos em um ótimo camarote que ainda tinha um lugar vazio e convidou-a. Ela veio, seguiu todos os atos debru-

çada no balcão e você ficou num daqueles banquinhos do fundo. O palco você não via, mas pôde fitar sua nuca por duas horas. Quase um orgasmo." "E depois?"

"Depois ela agradeceu e foi se juntar às amigas. Você foi gentil e ela agradeceu. Eu disse, elas já eram mulheres, não davam a mínima para nós."

"Mesmo depois de eu ter sido o herói do espetáculo no liceu?" "Ora, você acha que as mulheres se apaixonam por Jerry Lewis? Pensaram que você era ótimo e pronto."

Bem, Gianni estava contando a história banal de um amor colegial. Mas foi quando continuava a história que me ajudou a entender algo. Eu vivi o primeiro ano do liceu em delírio. Depois vieram as férias, e sofri como um animal porque não sabia onde ela estaria. Na volta, no outono, continuaram os meus silenciosos ritos de adoração (entrementes, continuava a escrever minhas poesias, e dessa vez era eu que sabia de algo que Gianni desconhecia).

Era como viver a seu lado dia após dia, e à noite também, imagino.

Mas na metade do segundo ano, Liia Saba desapareceu. Deixou a escola e, como soube por Ninetta Foppa, também a cidade com toda a família. Era uma história obscura, da qual até Ninetta pouco sabia, só algumas maledicências. O

pai dela teve problemas, tipo falência fraudulenta. Deixou tudo nas mãos de advogados e conseguiu trabalho no exterior, à espera de que as coisas se arrandassem -e nunca se arrandaram pois eles nunca mais voltaram.

Ninguém sabia onde foram parar, ora falavam da Argentina, ora do Brasil.

A América do Sul, numa época em que, para nós, Lugano era a Última Thule.

Gianni bem que tentou: parece que sua melhor amiga era uma certa Sandrina, mas essa Sandrina por lealdade não queria falar. Estávamos certos que se correspondia com Lila, mas era um tumulto - e depois, por que iria dizer alguma coisa justamente a nós?

Passei um ano e meio, antes dos exames de conclusão do liceu, em estado de tensão e tristeza, transformado num trapo. Só pensava em Lila, e em onde estaria.

Depois, dizia Gianni, parece que esqueci de tudo quando fui para a universidade. Entre o primeiro ano e a formatura tive duas namoradas, e depois encontrei Paola. Lila ficaria como uma bela recordação da adolescência, como acontece com todo mundo. E no entanto continuei a procurá-la pelo resto de minha vida. Até queria ir à América Latina, esperando encontrá-la, quem sabe, entre a Terra do Fogo e Pernambuco. Num momento de fraqueza confessei a Gianni que, em tantas aventuras, buscava em cada mulher o vulto de Lila. Queria vê-la ao menos uma vez antes de morrer, não me importava como ela estivesse. Estragaria a lembrança, dizia Gianni. Não me importava, não podia deixar aquela história inacabada.

"Passou a vida procurando Lila Saba. Eu achava que era uma desculpa para ter outras. Não o levava muito a sério. Só fui perceber que a coisa era séria em abril passado."

"E o que aconteceu em abril?"

"Yambo, não gostaria de falar dessa história, porque já lhe contei e foi justamente uns dias antes do acidente. Não digo que exista uma relação direta, mas pelo menos por esconjuro vamos deixar para lá, de todo modo tem pouca importância..."

"Não, agora você precisa me contar tudo, senão minha pressão vai subir.
Cospe logo esse sapo."

"Está bem. Fui para as nossas bandas nos primeiros dias de abril do ano passado, para levar flores ao cemitério, como faço de vez em quando, um pouco por nostalgia de nossa velha cidade. Depois que a deixamos, permaneceu tal como era, de forma que quando volto me sinto jovem. E

encontrei com Sandrina, ela, como nós, por volta dos sessenta, mas também não tão mudada. Fomos tomar um café, e relembramos os velhos tempos.

Conversa vai, conversa vem, perguntei por Lila Saba. Você não soube, disseme (e como é que podia saber?), não soube que Lila morreu logo depois que acabamos o liceu? Não me pergunte como e de quê, disse ela, mandei algumas cartas para o Brasil que sua mãe devolveu contando o acontecido.

Imagine, coitadinha, morrer aos dezoito anos. Isso é tudo. Mas, no fundo, para a Sandrina também era uma coisa passada e acabada."

Peregrinei durante quarenta anos ao redor de um fantasma. No início da universidade rompi com o passado, entre todas aquela era a única lembrança de que nunca me libertei e, na verdade, girei no vazio ao redor de uma tumba.

Muito poético. E dilacerante.

"Mas como era Lila Saba?", perguntei ainda. "Diga ao menos como era."

"O que posso dizer: era bonita, eu também achava e quando dizia isso, você ficava orgulhoso como um marido quando falam da linda mulher que tem. Tinha os cabelos louros que desciam quase até a cintura, um rostinho entre anjo e demônio, e quando ria viam-se os dois incisivos superiores..."

"Deve haver alguma fotografia dela, as fotos de turma do liceu!"

"Yambo, o liceu, nosso liceu daqueles tempos, pegou fogo nos anos sessenta, paredes, móveis, registros, tudo. Agora tem um novo, horrível."

"As amigas dela, Sandrina, devem ter fotos..."

"Pode ser, se quiser posso tentar, embora não saiba muito bem como fazer para pedir. Além disso o que pensa fazer? Nem Sandrina sabe dizer, cinquenta anos depois, em que cidade vivia, era um nome estranho, não era uma cidade famosa como o Rio. Vai molhar o dedo e passar em revista todos os guias telefônicos do Brasil para encontrar algum Saba? Talvez encontre mil. E quem pode garantir que, fugindo, o pai não tenha mudado de nome? E depois, quem você iria encontrar? Os pais também devem ter morrido ou estão caducos, certamente já passaram dos noventa. Você vai dizer desculpem, estava de passagem e gostaria de ver uma foto de sua filha Lila?"

"Por que não?"

"Deixe disso, por que correr atrás dessas fantasias? Quem morre jaz e quem vive lhe dá paz. Não sabe nem em que cemitério procurar uma lápide. E depois, ela nem se chamava Lila."

"E como se chamava?"

"Ah, melhor ter ficado calado. Quem me falou disso foi Sandrina em abril, e

eu logo lhe contei. A coincidência me parecia curiosa, mas logo vi que a coisa tocou você mais que o devido. Demais, se me permite, porque é realmente uma coincidência e nada mais. Está certo, vou cuspir esse sapo também. Lila era o diminutivo carinhoso de Sibilla,"

Um perfil visto numa revista francesa quando menino, um rosto encontrado nas escadarias do liceu quando rapazola e depois outros rostos que talvez tivessem algo em comum, Paola, Vanna, a holandêsinha bonita e assim por diante, até Sibilla, a viva, que logo vai se casar e que, portanto, irei perder

também. Uma corrida de revezamento através dos anos em busca de algo que já não existia quando eu ainda escrevia minhas poesias.

Recitei para mim mesmo:

Estou só, apoiado na névoa numa
encruzilhada... e não tenho no
coração senão a lembrança de ti
pálida, imensa,

perdida nas frias luzes, distante
de tudo entre as árvores.

Esta é bonita porque não é das minhas. Lembrança imensa, mas pálida.
Entre todos os tesouros de Solara, faltava apenas uma foto de Lila Saba.

Gianni

recorda seu rosto como se fosse ontem e eu - o único a ter esse direito — não.

14.0 HOTEL DAS TRÊS ROSAS

Ainda alguma coisa a fazer em Solara? Agora a história mais importante da minha adolescência está situada alhures, em uma cidade do final dos anos quarenta e no Brasil. Aqueles lugares (minha casa de então, o liceu) não existem mais, e talvez também já não existam aqueles mais distantes em que Lila viveu os últimos anos de sua breve vida. Os últimos documentos que Solara pôde me oferecer foram as minhas poesias, que me permitiram entrever Lila sem me oferecer seu rosto. Encontro-me de novo diante de uma barreira de névoa.

Assim pensava eu esta manhã. Já me sentia em ritmo de partida, mas precisava dar um último adeus ao sótão. Estava convencido de que não havia mais nada a procurar por lá, mas movia-me o desejo impossível de encontrar um último vestígio.

Voltei a percorrer aqueles espaços agora familiares: aqui os brinquedos, lá os armários de livros... Percebi que, enfiada entre os dois armários, ainda havia uma caixa fechada. Eram outros romances, alguns clássicos como Conrad ou Zola, e narrativa popular como as aventuras da Prímula Vermelha da baronesa Orczy...

Havia também um policial italiano do pré-guerra, O Hotel das Três Rosas de Augusto Maria de Angelis. Mais uma vez o livro parecia contar a minha história:

Chovia em fios longos, que sob o reflexo dos faróis pareciam de prata, A névoa difusa, fumosa, penetrava suas agulhas no rosto. Nas calçadas escorria ondeando o infinito cortejo dos guarda-chuvas.

Automóveis no meio da rua, alguns coches, os bondes cheios. As seis da tarde a escuridão era densa naqueles primeiros dias do dezembro milanês.

Três mulheres caminhavam com pressa, aos arrancos, em rajadas, parecia, rompendo como podiam as filas de passantes. Estavam todas as três vestidas de negro, à moda de antes da guerra, com chapeuzinhos de gaze e perolinhas...

E eram tão parecidas uma com a outra que, sem as fitas de cor diferente — malva, violeta, preto — amarradas num laço sob o queixo, qualquer um poderia acreditar numa alucinação, certo de estar vendo três vezes seguidas a mesma pessoa. Subiam a rua Ponte Vetero vindas da rua deWOOrso e, quando chegaram ao fim da calçada iluminada, entraram todas as três, em um pulo, na sombra da praça do Carmine...

O homem, que as seguia e que hesitara em alcançá-las quando atravessaram a praça, deteve-se diante da fachada, da igreja, sob a chuva...

Teve um gesto de desagrado. Fitava a portinhola negra... Esperou, sempre olhando a portinhola da igreja. De quando em quando, alguma sombra negra atravessava a praça e desaparecia atrás dos batentes. A névoa adensava-se. Passou-se uma boa meia hora. O homem parecia conformado... Apoiara o guarda-chuva contra a parede para que es-corresse, e esfregava as mãos com um movimento lento, rítmico, que acompanhava um monólogo interior...

Esperou, fitando sempre a portinhola da igreja. De quando em.

quando, alguma sombra negra atravessava a praça e desaparecia atrás dos batentes. A névoa adensava-se...

Da praça do Carmine tomou a rua Mercato e depois o Pontaccio e, quando se encontrou diante de uma grande porta envidraçada que dava num vasto hall iluminado, abriu-a e entrou. Nos vidros da. porta lia-se em grandes letras: Hotel das Três Rosas...

Era eu: na névoa difusa entrevi três mulheres, Lila, Paola, Sibilla, que pareciam indistinguíveis, mas dc repente elas desapareceram na sombra. Inútil

procurá-las ainda, pois a bruma se adensava. A solução talvez estivesse em outro lugar. Melhor dobrar na rua Pontaccio, entrar no átrio iluminado de um hotel (mas o átrio não se abriria para a cena do crime?). Onde ficará o Hotel das Três Rosas? Para mim, em qualquer lugar. A rose by any other name.

No fundo da caixa havia uma camada de jornais e embaixo deles dois tomos mais vetustos, em grande formato. Um deles era uma Bíblia com gravuras de Doré, mas em tão mau estado que só serviria como material para banquinhas. O outro tinha uma encadernação que não teria mais de cem anos, meio-couro, lombada muda e gasta, pastas em papel de um marmorizado descolorido. Apenas aberto revelava-se um volume provavelmente setecentista.

A composição tipográfica, o texto em duas colunas me puseram em estado de alerta e corri imediatamente para o frontispício: Mr. William Shakespeares Comedies, Histories, & Tragedies. Retrato de Shakespeare, prnted by Isaac Taggard...

Mesmo em condições normais de saúde, era uma trouvaille de dar enfarte. Não havia dúvida e dessa vez não era uma brincadeira de Sibilla: aquele era o in-fólio de 1623, completo, com poucas manchas de umidade e amplas margens.

Como aquele livro chegara às mãos de meu avô? Provavelmente adquirindo material oitocentista em bloco, da velhota ideal que não regateara muito o preço, pois era como se vendesse bugigangas para um ambulante.

Meu avô não era um especialista em livros antigos, mas também não era ignorante. Seguramente percebeu que se tratava de uma edição de certo valor, feliz talvez por possuir a obra completa de Shakespeare, mas sem pensar em consultar catálogos de venda em leilão, que não possuía. Assim, quando os tios jogaram tudo no sótão, o in-fólio acabou por lá também e lá estava há quarenta anos, como estivera antes em algum outro lugar, à espera por mais de três séculos.

Meu coração batia furiosamente, mas não dei atenção.

Agora estou aqui, no escritório de meu avô, tocando meu tesouro com as mãos trêmulas. Depois de tantos ventos de monotonia, entrara no Hotel das Três Rosas. Não é a foto de Lila, mas é um convite a voltar a Milão, ao presente. Se aqui está o retrato de Shakespeare, lá estará o retrato de Lila.

O

Bardo há de me guiar até minha Dark Lady.

Com esse in-fólio estou vivendo um romance mais excitante que todos os mistérios vividos entre os muros de Solara, durante quase três meses de alta pressão. A emoção me embaralha as idéias, sobem a meu rosto lufadas de calor.

É seguramente o grande golpe da minha vida.

15. POR FIM VOLTASTE, AMIGA BRUMAÍ

Percorro um túnel de paredes fosforescentes. Mergulho em direção a um ponto distante, que me parece de um cinza convidativo. É a experiência da morte? Ao que se sabe, quem passou por ela e depois voltou conta exatamente o contrário, passa-se por um corredor escuro e vertiginoso que deságua em um triunfo de luz ofuscante. O Hotel das Três Rosas. Portanto ou não estou morto, ou eles mentiam.

Estou quase no fim do túnel, insinuam-se os vapores que se adensam além.

Neles me aqueço e quase sem perceber transito num frágil tecido de fumaças que flutuam. Esta é a névoa: não lida, não contada por outros, névoa verdadeira e eu estou dentro dela. Voltei.

A meu redor, a névoa se ergue pincelando o mundo de suave in-consistência. Se emergissem perfis de casas, veria a névoa chegar, dissimulada a beliscar um teto mordendo-lhe um canto. Mas já engoliu tudo. Mas talvez seja névoa nos campos e montes. Não sei se flutuo ou se caminho, mas também no chão é só névoa. Tenho a impressão de pisar em neve. Engolfo-me na névoa, encho dela meus pulmões, sopro-a de volta, volteio como um golfinho, como sonhava nadar no creme um dia... A névoa amiga me afronta, me rodeia, me recobre, me envolve, me respira, me acaricia as faces e depois enfia-se entre o colete e o queixo e me alfineta o colo — e sabe a coisas fortes,

a neve, a bebida, a tabaco. Sigo como andava sob os pórticos de Solara, onde nunca se estava a céu aberto, e os pórticos eram baixos como as arcadas de uma adega. Et, comme un bon nageur qui se pâme dans l'onde, / tu sillonesgaiement Vimmensité profonde I avec une indicible et mâle volupté.

Algumas silhuetas vêm a meu encontro. Surgem inicialmente como gigantes de muitos braços. Emanam um tênue calor e à sua passagem a névoa se dissolve, eu os vejo como que iluminar-se à luz enfraquecida de um farol, esquivo-me por temor de que se lancem sobre mim, penetro-os como acontece com os fantasmas e eles se dissipam. É como estar num trem e divisar sinais que se aproximam na escuridão e depois vê-los engolidos pelo escuro, e desaparecer.

Emerge agora uma figura engraçada, um palhaço satânico envolvido numa malha verde e azulada, que aperta no peito uma forma flácida, como pulmões humanos, emitindo labaredas pela boca escancarada. Ataca lambendo-me como um lança-chamas e some, deixando um fino rastro de calor que por poucos instantes ilumina aquele fumifigium. Um globo gira a meu encontro encimado por uma águia imensa e por trás da ave emerge um rosto lívido, com cem lápis hirtos sobre a cabeça como cabelos arrepiados de medo... Eu os conheço, eram meus companheiros quando tinha febre e me sentia imerso na massa real, numa purulência de bolhas amarelas que ferviam a meu redor, enquanto eu cozinhava em seu caldo. Agora, como naquelas noites, estou no escuro do meu quarto quando de repente abrem-se as portas do velho armário escuro e de lá saem vários tios Gaetano. Tio Gaetano tinha uma cabeça triangular com o queixo agudo e os cabelos crespos que lhe formavam como que duas excrescências nas têmporas, o rosto tísico, os olhos foscos, um dente de ouro no centro da arcada cariada. Como o homem dos lápis. Os tios Gaetanos saíam primeiro em dupla, depois se multiplicavam e dançavam pelo meu quarto com gestos de marionete, dobrando os braços de modo geométrico, segurando às vezes uma

régua de madeira com dois metros de comprimento fazendo as vezes de bengala. Voltava, a cada gripe sazonal, a cada sarampo ou escarlatina, a atormentar-me naquelas tardinhas em que a febre sobe, e eu tinha medo.

Depois desapareciam assim como apareceram -talvez retornassem para o armário e depois, convalescente, eu ia abri-lo, temeroso, para examinar seu interior palmo a palmo sem nunca encontrar o túnel oculto de onde surgiam.

Uma vez curado, encontrava tio Gaetano, raramente, domingo na avenida ao meio-dia, ele sorria com seu dente de ouro, acariciava-me o rosto, dizia muito bem, muito bem, e ia embora. Era um bom diabo, e nunca entendi por que vinha me atormentar quando estava doente, nem ousava perguntar a meus pais o que havia de ambíguo, de escorregadio, de sutilmente ameaçador na vida, no próprio ser de tio Gaetano.

O que disse a Paola quando me impediu de jogar-me embaixo de um carro? Que sabia que os automóveis atropelam as galinhas, que para desviar delas é preciso frear fazendo brotar uma fumaça negra e que depois é preciso que dois homenzinhos de jaleco com grandes óculos escuros o reanimem com a manivela. Na época não sabia, mas agora sei, que eles apareciam depois de tio Gaetano entre as bolhas do delírio.

Eles estão aqui, encontro-os de improviso na bruma.

Esquivo-me com dificuldade, o automóvel é antropomorfica-mente horrível e dele saem homens mascarados que tentam me agarrar pelas orelhas. Minhas orelhas agora são longuíssimas, astronómicamente, flácidas e peludas e chegam até a lua. Olhe que se não ficar bonzinho, além do nariz de Pinóquio, vão crescer orelhas de Meo! Por que o livro não estava em Solara? Eu estava vivendo dentro de As orelhas de Meo.

Recobrei a memória. Salvo que agora - esmola demais - as lembranças volteiam a meu redor como morcegos.

A febre está descendo depois da última cápsula de quinino: meu pai senta-se ao lado da cama e lê para mim um capítulo dos Quatro Mosqueteiros. Não os três, os quatro. Uma paródia radiofônica que mantinha o país inteiro colado ao aparelho, pois era ligada a um concurso publicitário: comprava-se o chocolate Perugina, em cada caixa havia figurinhas coloridas inspiradas na transmissão, que eram colecionadas depois em um álbum, e concorria-se a numerosíssimos prêmios.

Mas só quem tivesse a sorte de encontrar a figura mais rara, o Feroz Saladino, ganhava uma Fiat Balilla, e era o país inteiro a intoxicar-se de chocolate (ou a dá-los de presente a todo mundo, parentes, amantes, vizinhos, superiores) para conquistar o Feroz Saladino.

Na história que vamos narrar / teremos chapéus emplumados / luvas, espadas, traições e duelos, I belas mulheres e jogos de amor...

Publicaram até o livro, com muitas argutas ilustrações. Papai lia e eu adormecia vendo as figuras do Cardeal Richelieu cercado de garos ou da Bela Sulamita.

Por que em Solara (quando? ontem? mil anos atrás?) havia tantos vestígios de meu avô e nenhum de meu pai? Porque meu avô comerciava livros e revistas, e livros e revistas eu podia ler, papel, papel, papel, enquanto meu pai

trabalhava o dia inteiro e não se metia em política, talvez para manter o emprego. Enquanto estivemos em Solara, se tudo desse certo, vinha nos encontrar no final de semana, no mais ficava na cidade debaixo de bombardeios, e só aparecia, vigilante a meu lado, quando eu estava doente.

Bang crack blam clamp splash crackle crunch grunt pwutt roaaar rumble blop sbam buizz schranchete slam sprank blomp swoom bum thump clang tomp trac uaaaagh vroom augh zoom...

Das janelas de Solara, quando bombardeavam a cidade, viam-se os clarões distantes e ouvia-se como um ribombar de trovões. Nós olhávamos o espetáculo sabendo que talvez naquele momento papai estivesse sendo arrastado pelo desabamento de um edifício, mas só podíamos saber a verdade no sábado, quando ele deveria voltar. Às vezes bombardeavam às terças-feiras.

Esperávamos quatro dias. A guerra nos tornara fatalistas, um bombardeio era como um temporal. Nós crianças continuávamos a brincar tranqüilamente na terça de tarde, quarta, quinta e sexta. Mas estávamos realmente tranqüilos?

Não estávamos começando a ficar marcados pela angústia, pela atônita e aliviada aflição que colhe quem passeia vivo em um campo coberto de

cadáveres?

Só agora percebo que amava meu pai e revejo seu rosto marcado por uma vida de sacrifícios - trabalhou duramente para conquistar o carro no qual morreria destroçado e talvez o fizesse para sentir-se independente de meu avô, alegre bon vivant sem preocupações financeiras, aureolado até de heroísmo por seu passado político e pela vingança contra o Merlo.

Tenho meu pai junto a mim lendo as aventuras espúrias de dAr-tagnan, que no volume aparecia de calções à moda zuava, de jogador de golfe. Sinto o perfume do seio materno, quando ia deitar na cama e mamãe, tanto tempo depois de ter eu sugado aquele seio, abandonava a Filoteu, cantava em tom suave um hino à Virgem que era para mim a ascensão cromática do Prelúdio de Tristão.

Como é que consigo recordar agora? Onde estou? Passo de panoramas nebulosos a imagens vividíssimas de ambientes domésticos e vejo um soberano silêncio. Não percebo nada a meu redor, tudo está dentro de mim.

Tento mover um dedo, a mão, a perna, mas é como se não tivesse corpo.

Como se flutuasse no nada e planasse em direção a abismos que invocam o abismo.

Terei sido drogado? Mas por quem? Onde estava da última vez que lembro? Alguém que desperta em geral recorda o que fez antes de se deitar, até que fechou o livro e colocou na mesinha-de-cabeceira. Mas também acontece de acordarmos num hotel ou mesmo na própria casa, mas depois de uma longa estada fora, procurando a luz à esquerda enquanto ela está à direita, ou tentando sair da cama pelo lado errado, porque pensamos estar ainda em outro lugar. Lembro como se fosse ontem à noite, antes de adormecer, de papai que lê os Quatro Mosqueteiros, sei que é coisa de pelo menos cinquenta anos atrás, mas tenho dificuldades de recordar onde estava antes de acordar-me aqui.

Não estava em Solara com o in-fólio de Shakespeare nas mãos? E depois?

Amália colocou LSD na sopa e eu agora flutuo aqui, na névoa borbulhante

de figuras que emergem de cada vereda de meu passado.

Que tolice, é tão simples... Em Solara tive um segundo incidente, pensaram que estivesse morto, sepultaram-me e acordei-me no túmulo. O

enterrado vivo, situação clássica. Mas nesses casos a pessoa se agita, move os membros, bate contra as paredes da caixa de zinco, falta-lhe o ar, é presa de pânico. Eu, ao contrário, não sinto um corpo, estou soberanamente tranquilo.

Vivo apenas as lembranças que me assaltam, e delas desfruto. Não é assim que se desperta no túmulo.

Então estou morto e o além é esse território monótono e tranquilo no qual por toda a eternidade reviverei minha vida passada, pior para mim se ela foi atroz (será o inferno), do contrário o paraíso. Ora! Imagine que você nasceu corcunda, cego e surdo-mudo ou que as pessoas que amava caíram a seu redor como moscas, pais, mulher, filho de cinco anos e que o além não fosse mais que a repetição, diferente, mas contínua, dos sofrimentos que viveu? O

inferno não são les autres mas o rasto de morte que deixamos ao viver? Mas nem mesmo o mais maligno dos deuses poderia imaginar tal sorte para nós. A não ser que Gragnola tivesse razão. Gragnola? Tenho a impressão de tê-lo conhecido mas é que as lembranças se empurram, é preciso colocar ordem, pô-las em fila, senão me perco de novo na névoa e reaparece o famoso fantasma do Thermogène.

Talvez não esteja morto. Do contrário não experimentaria paixões terrenas, amor por meus pais, inquietude pelos bombardeios. Morrer significa subtrair-se ao ciclo da vida e às palpitações do coração. Por infernal que seja o

inferno, poderia ver de distâncias siderais o que fui. O inferno não é perder a pele no alcatrão fervente. Você contempla o mal que fez, nunca mais poderá se libertar, e sabe disso. Mas seria puro espírito. Mas eu não apenas recordo, mas participo, pesadelos, afetos e alegrias. Não sinto o corpo, mas conservo sua memória e sofro como se ainda o tivesse. Como acontece àqueles a quem cortaram uma perna e que ainda a sentem doer.

Recomecemos. Aconteceu um segundo acidente e dessa vez mais forte que o primeiro. Excitei-me demais ao pensamento de Lila, primeiro, e diante do infólio depois. A pressão deve ter subido a alturas vertiginosas. Entrei em coma.

De fora, Paola, minhas filhas, todos os que me amam (e Gratarolo que se arranca os cabelos por ter permitido que eu partisse quando deveria ter me mantido sob controle feroz por seis meses, pelo menos), consideram-me em coma profundo. Suas máquinas dizem que meu cérebro não dá sinais de vida, e desesperam-se perguntando se devem desligar os aparelhos ou esperar, talvez durante anos. Paola segura minha mão, Carla e Nicolerta colocaram alguns discos porque leram que mesmo em coma um som, uma voz, um estímulo qualquer podem acordá-lo de repente. E poderiam continuar assim por anos, enquanto eu continuo ligado a um tubo. Uma pessoa com um mínimo de dignidade diria vamos acabar logo com isso, que aquelas pobrezinhas sintam-se, por fim, desesperadas, porém livres. Mas eu consigo pensar que deveriam desligar os aparelhos, porém não esrou em condições de dizê-lo.

E no entanto, em coma profundo, todo mundo sabe, o cérebro não dá sinais de atividade, enquanto eu penso, sinto, rememoro. É, mas isso é o que contam os de fora. O cérebro produz um encefalograma linear segundo a ciência, mas o que sabe a ciência das astúcias do corpo? Talvez o cérebro se mostre linear nas telas deles e eu pense com as vísceras, com a ponta dos pés, com os testículos. Eles acreditam que eu não tenho atividade cerebral, mas ainda tenho atividade interior.

Não digo que, com o eletroencefalograma linear, a alma, em algum lugar, ainda funcione. Digo apenas que as máquinas deles registram as minhas atividades cerebrais até certo ponto. Abaixo desse limiar eu ainda penso e eles

não sabem. Se voltar a despertar e puder contá-lo, é de ganhar o Nobel de neurologia e mandar à falência todas aquelas máquinas.

Poder reemergir das névoas do passado e revelar-me, vivo e potente, a quem me amou e a quem me queria morto. "Olhe-me, eu sou Edmond Dantes!" Quantas vezes o Conde de Montecristo se

apresenta a quem o deu por destruído? A seus benfeitores de outrora, à amada Mercedes, àqueles que decretaram sua ruína, "olhe-me, eu voltei, sou Edmond Dantes".

Ou então poder sair desse silêncio, soprar incorpóreo pelo quarto do hospital, ver os que choram diante de meu corpo imóvel. Assistir aos próprios funerais e ao mesmo tempo voar, já sem o obstáculo da carne. Dois desejos de todos, realizados de uma só vez. Em vez disso, sonho aprisionado em minha imobilidade...

Na verdade não tenho vinganças às quais aspirar. Se tenho motivos de angústia, é porque me sinto bem e não posso dizê-lo. Se pudesse mover ao menos um dedo, uma pálpebra, enviar um sinal, quem sabe em código Morse.

Mas sou todo pensamentos e nenhuma atividade. Nenhuma sensação. Poderia estar aqui há uma semana, há um mês, há um ano e não sinto o coração bater, não percebo os estímulos da fome ou da sede, não tenho vontade de dormir (no máximo, assusta-me essa vigília contínua), não sei nem se evacuo (talvez através de tubos que fazem tudo sozinhos), se transpiro, nem sequer se respiro. Pelo que sei, fora e ao redor de mim não existe nem ar. Sofro ao pensamento do sofrimento de Paola, de Carla e Nicoletta, que pensam que estou inutilizado, mas a última coisa a fazer é render-me a este sofrimento.

Não posso assumir sobre mim

a dor do mundo inteiro - concedam-me a dádiva de um feroz egoísmo. Vivo comigo mesmo e para mim mesmo e sei aquilo que esqueci depois do primeiro acidente. Esta por ora, e talvez para sempre, é a minha vida.

Donde, só me resta esperar. Se me despertam, será uma surpresa para todos. Mas posso nunca mais despertar e devo preparar-me para esse rememorar ininterrupto. Ou quem sabe durarei ainda um pouco e depois apagarei e portanto é preciso aproveitat esses momentos.

Se de repente deixasse de pensar, o que aconteceria depois? Recomeçaria

uma outra forma de além semelhante a esse reservadíssimo aquém, ou seria a escuridão e a inconsciência para sempre?

Seria doido se desperdiçasse o tempo que me é concedido colocando-me tal problema. Alguém, talvez o acaso, deu-me a oportunidade de recordar quem era. Aproveitemos. Se houver alguma coisa de que arrepender-se, farei o ato de contrição. Mas, para arrepender-me, devo primeiro lembrar o que fiz.

Por aquele quinhão de canalhice que me cabe, Paola, ou as viúvas que iludi, já me terão perdoado. E enfim, como se sabe, o inferno, se existe, é vazio.

Antes de entrar nesse sono, encontrei em Solara a rã de lata do sótão, à qual era associado o nome de Angelo Orso e a frase "os caramelos do doutor Osimo". Antes eram palavras. Agora vejo.

O doutor Osimo é o farmacêutico da avenida Roma, com a cabeça pelada como um ovo e os óculos azul-celeste. Cada vez que saio com mamãe para fazer compras e entramos na farmácia, o doutor Osimo, mesmo quando ela compra apenas um rolo de gaze hidrófila, abre um vidro altíssimo cheio de bolinhas brancas perfumadas e me dá um pacotinho de cátemelos de leite. Sei que não devo comê-los todos de uma vez e que é preciso fazê-los durar pelo menos três ou quatro dias.

Não percebi — tinha menos de quatro anos — que na última saída mamãe exibiu uma barriga fora do comum, mas certo dia, depois da última visita ao doutor Osimo, levaram-me para o andar de baixo, deixando-me aos cuidados do senhor Piazza. O senhor Piazza vive em um salão que parece uma floresta, cheio de animais que parecem vivos, papagaios, raposas, gatos, águias.

Explicaram-me que em vez de sepultá-los, ele os empalha, mas só quando os animais morrem por conta própria. Agora deixaram-me sentado na casa dele, que me distrai explicando os nomes e as características das várias bestas e passo não sei quanto tempo naquela maravilhosa necrópole na qual a morte parece gentil, egípcia, e que cheira a perfumes que só respiro ali, imagino que

eram preparados químicos, junto com o cheiro das plumagens poeirentas e das peles curtidas. A mais bela tarde de minha vida.

Quando descem para buscar-me, levando-me de volta para casa, noto que durante a minha estada no reino dos mortos nasceu-me uma irmãzinha. Foi trazida pela parteira que a encontrou numa couve. Da irmãzinha transparece apenas, entre uma brancura de rendas, uma bola de um violáceo congestionado na qual se abre um buraco negro de onde saem estrilos lancinantes. Não é que ela esteja mal, dizem: quando uma irmãzinha nasce faz assim porque é seu modo de dizer que está contente por ter agora uma mamãe e um papai, e um irmãozinho.

Estou agitadoíssimo e proponho dar-lhe um dos caramelos de leite do doutor Osimo, mas explicam-me que uma menina recém-nascida não tem dentes e suga apenas o leite da mãe. Seria bom jogar as bolinhas naquele buraco negro. Talvez ganhasse como brinde um peixinho vermelho.

Corro até o armarinho de brinquedos e pego a rã de lata. Claro que é recém-nascida, mas uma rã verde que coaxa quando se aperta sua barriga só pode diverti-la. Nada, guardo também a rã e retiro-me decepcionado. Para que serve então uma irmãzinha nova? Não seria melhor ficar com os velhos pássaros do senhor Piazza?

A rã de lata e Angelo Orso. No sótão vieram-me à lembrança juntos porque Angelo Orso é associado à irmãzinha, agora cúmplice de minhas brincadeiras - e ávida de caramelos de leite.

"Pára com isso, Nuccio, Angelo Orso não agüenta mais." Quantas vezes pedi a meu primo que parasse com suas torturas. Mas ele era maior que eu, tinham-no mandado para o colégio de padres, passava o dia inteiro cerceado pelo uniforme e quando voltava para a cidade desforrava-se. No final de uma longa batalha entre brinquedos, capturava Angelo Orso amarrando-o ao espaldar da cama e submetendo-o a inenarráveis terremotos.

Angelo Orso, há quanto tempo eu o tinha? A memória de sua chegada perde-se lá onde, como dizia Gratarolo, ainda não aprendemos a coordenar nossas

lembranças pessoais. Angelo, amigo de pelúcia, amarelento, com braços e pernas móveis como as bonecas, de modo que podia ficar sentado, caminhar, levantar os braços ao céu. Era grande, imponente, com dois olhos marrons brilhantes e vivíssimos. Eu e Ada o elegêramos rei dos brinquedos, dos soldadinhos, como das bonecas.

A velhice, consumindo-o, deixara-o ainda mais venerável. Adquirira uma claudicante autoridade, que ainda aumentava à medida que, como um herói de muitas batalhas, perdia um olho ou um braço.

Virávamos de cabeça para baixo o banquinho, que se transformava num navio, um veleiro pirata ou uma embarcação verniana com popa e proa quadradas: Angelo Orso sentava-se junto ao timão e diante dele embarcavam-se para aventuras distantes os Soldadinhos de Bengodi com o Capitão La Patata, mais importantes por causa do formato, embora fossem mais cômicos que seus camaradas sérios, os soldadinhos de argila, ainda mais inválidos que Angelo, alguns sem cabeça ou sem um membro, de cujas carnes de material prensado, quebradiço e já desbotado, emergiam pontas de fio de ferro, como se fossem vários Long John Silver. Enquanto aquela embarcação gloriosa zarpava do Mar do Quartinho, percorria o Oceano do Corredor e aportava no Arquipélago da Cozinha, Angelo imperava entre seus súditos liliputianos e tanta desproporção não nos incomodava porque exaltava a sua gulliveriana majestade.

Com o tempo - por causa de seu generoso serviço, disposto como era para qualquer acrobacia, vítima das fúrias do primo Nuccio — Angelo Orso perdeu o segundo olho, o segundo braço e depois as pernas. Enquanto Ada e eu crescíamos, de seu torso mutilado começavam a sair tufo de palha.

Difundi-se junto a nossos pais o boato de que aquele corpo despelado começava a atrair insetos, talvez culturas de bacilos e fomos incitados a nos livrar dele, sob a ameaça atroz de jogá-lo no lixo quando estivéssemos na escola.

Em Ada e em mim, o amado plantígrado agora suscitava pena, tão frágil, incapaz de erguer-se sozinho, exposto àquele lento des-ventramento e aquele indecoroso defluxo de órgãos internos. Aceitamos a idéia de que deveria morrer — ou melhor, já deveria ser considerado defunto, de modo que era preciso dar-

lhe uma honrosa sepultura.

E bem cedo de manhã, quando papai acabou de acender a caldeira, o termossifão que dá vida a todos os radiadores da casa. Formou-se um lento e hierático cortejo. Ao lado da caldeira estão enfileirados todos os soldadinhos sobreviventes, sob o comando do Capitão La Patata. Todos em filas ordenadas, em posição de sentido, rendendo honras militares, como convém aos derrotados. Eu precedo trazendo uma almofada sobre a qual estende-se o quase extinto e seguem-se todos os membros da família, inclusive a diarista, unidos na mesma dolente veneração.

Com compunção ritual estou introduzindo Angelo Orso na goela daquele Baal chamejante. Angelo, não mais que um recipiente de palha, extingue-se em uma única chama.

Cerimônia profética, pois não muitos meses depois extinguiu-se também a caldeira, que antes alimentava-se de antracito e depois, desaparecido o antracito, de óvulos de pó de carvão.

Mas o avanço da guerra racionou também estes últimos e na cozinha foi preciso recuperar uma velha estufa, bem semelhante àquelas que usaríamos depois em Solara, que podia engolir lenha, papel, papelão e certos tijolos de matéria cor de vinho aglomerada que queimavam mal, mas lentamente e tinham uma aparência de chama.

A morte de Angelo Orso não me causa dor nem me provoca nenhum aperto de nostalgia. Talvez isso tenha acontecido nos anos seguintes, talvez aos dezesseis o relembresse quando me entregava à reconquista do passado próximo, mas agora não. Agora não vivo no fluxo do tempo. Estou, feliz de mim, em um eterno presente. Angelo está diante de meus olhos, o dia de suas exéquias como os dias de seu triunfo, posso me deslocar de uma lembrança à outra e vivo cada uma como um hic et nunc.

Se essa é a eternidade, é esplêndida, por que tive que esperar sessenta anos antes de merecê-la?

E o rosto de Lila? Deveria vê-lo agora, mas é como se as lembranças chegassem em mim sozinhas, uma de cada vez, na ordem que escolheram.

Bastava esperar. Não havia outra coisa a fazer.

Estou sentado em um corredor, ao lado a Telefunken. Transmitem uma comédia. Papai a acompanha sempre e estou em seu colo com o polegar na boca. Não entendo nada daquelas histórias, tragédias familiares, adultérios, redenções, mas aquelas vozes distantes me induzem ao sono. Vou dormir pedindo que deixem aberta a porta

de meu quarto, de modo que possa ver a luz do corredor. Tornei-me espertíssimo com pouquíssima idade e intuí que na noite da Epifania, os presentes dos Reis Magos eram comprados por meus pais. Ada não acredita, não posso tirar as ilusões de uma menina pequena, e na noite de 5 de janeiro esforço-me desesperadamente para ficar acordado e ouvir o que acontece por lá. Ouço que estão arrumando os presentes. Na manhã seguinte fingirei alegria e espanto com o milagre, porque sou interesseiro e não quero que esse jogo se interrompa.

Sei de muita coisa, eu. Intuí que os bebês nascem da barriga de mamãe, mas não digo nada. Mamãe fala com as amigas sobre coisas de mulher (aquela está em estado, hum, interessante; tenho aderências, hum, nos ovários), uma delas faz sinal para que se cale avisando que tem criança por ali e mamãe diz que não tem importância, que nessa idade somos todos uns paspalhos. Eu espio atrás da porta e penetro nos segredos da vida.

Da portinhola circular da mesa-de-cabeceira de mamãe surrupiei um livro, Não é verdade que seja a morte, de Giovanni Mosca, uma elegia elegante e irônica sobre as belezas da vida cemiterial e sobre o deleite de jazer sob uma acolhedora cobertura de terra. Gosto desse convite ao falecimento, talvez seja meu primeiro encontro com a morte, antes dos troncos verdes do heróico Valente, Mas certa manha, capítulo cinco, a doce Maria que, depois de um momento de fraqueza, foi acolhida pelo coveiro, sente no ventre um bater de

asas. Até então o autor fora pudico, aludira apenas a um amor infeliz e a uma criatura que viria. Mas agora permitia-se uma descrição realista que me aterrorizava: "O ventre, desde aquela manhã, animou-se em voltas e frêmitos como uma gaiola cheia de pássaros... O bebê se movia."

E a primeira vez que leio, em tons insuportavelmente realistas, sobre uma gravidez. Não me espanto com o que aprendo, que só confirma o que compreendi sozinho. Mas o pensamento de que alguém me surpreenda enquanto leio, e perceba que percebi, me assusta. Sinto-me pecador porque violei uma interdição. Recoloco o livro na mesinha tentando apagar qualquer traço de minha intrusão. Conheço um segredo, mas me parece culposos conhecê-lo.

Isso acontece muito antes de ter beijado o rosto da bela diva da Novella, tem a ver com a revelação do nascimento, não com a do sexo. Como certos primitivos que, dizem, nunca conseguiram estabelecer uma relação direta entre o ato sexual e o nascimento (no fundo, nove meses são um século, dizia Paola), eu também segui adiante um bom tempo sem entender o laço misterioso entre o sexo, coisa de adulto, e os bebês.

Meus pais também não se preocupam com o fato de que possa estar experimentando sensações perturbadoras. Nota-se que a geração deles deve tê-las experimentado mais tarde ou que se esqueceram de sua infância. Eu e Ada seguimos pela mão de nossos pais, encontramos um conhecido, papai diz que vamos ver *La città d'oro*, ele sorri com malícia olhando para nós, crianças, e sussurra que o filme "é um pouco ousado". Papai responde despreocupado: "Bem, quer dizer que vamos ter que segurá-lo pelo casaco." E

eu com o coração na garganta seguindo os amplexos de Christina Sonderbaum.

No corredor de Solara, pensando na expressão "às raças e povos da terra", veio-me à mente uma vulva peluda. De fato, eis-me aqui, com alguns amigos, no escritório do pai de um deles onde estão os volumes de *Raças e povos da terra*, de Biasutti. Folheia-se rapidamente para chegar à página onde aparece a foto de uma mulheirinha calmuca, a poila, e o órgão sexual está à mostra, a bem da verdade, seus pêlos. Calmucas, mulheres que fazem o próprio comércio de si.

Estou de novo na névoa, que reina absoluta sobre a escuridão do blecaute enquanto a cidade se esforça para desaparecer de sob os olhos celestes dos aviões inimigos e, pelo menos dos meus, que a olham da terra, ela desaparece.

Sigo naquela névoa, como na figura do primeiro livro de leitura, segurando a mão de papai, com o mesmo chapéu Borsalino do senhor do livro, porém um sobretudo menos elegante, mais gasto e de mangas raglan - e mais esdrúxulo ainda é o meu, com a marca da casa do botão à direita, sinal de que foi reformado de um velho sobretudo paterno. Na mão direita papai segura, não uma bengala de passeio, mas uma lanterna elétrica, porém não daquelas de bateria: recarrega-se por atrito, como o farol da bicicleta, apertando-se com quatro dedos uma espécie de botão. Produz um leve ronronar e ilumina a calçada apenas o suficiente para que se possa ver uma escada, uma esquina, o abrir-se de uma encruzilhada, depois os dedos abandonam a presa e a luz desaparece. Caminha-se mais alguns passos com base no pouco que se viu, como num vôo cego, depois reacende-se por mais um instante.

Na névoa cruzamos com outras sombras, por vezes murmura-se um cumprimento ou uma palavra de desculpas, e me parece justo sussurrar embora, pensando bem, os bombardeios possam ver a luz, mas não ouvir os sons e, portanto, poderíamos caminhar naquela névoa cantando a plenos pulmões. Mas ninguém o faz, pois é como se nosso silêncio encorajasse a névoa a proteger nossos passos, a nos tornar invisíveis, nós e as ruas.

Serve para alguma coisa um blecaute tão feroz? Talvez apenas para nos tranquilizar, mesmo porque, quando resolveram bombardear, vieram de dia.

No meio da noite soaram as sirenes. Mamãe, chorando, nos acorda - não chora de medo das bombas, mas por nosso sono arruinado —, nos enfia um casaco em cima do pijama e descemos para o abrigo. Não o de nossa casa, que é apenas um porão reforçado com traves e sacos de areia, mas o do edifício em frente, construído em trinta e nove, já prevendo o conflito. Não se chega até lá

atravessando os pátios internos, separados por muros, mas fazendo-se a volta do quarteirão, correndo, confiando no fato de que as sirenes tenham soado quando os aviões ainda estavam bastante distantes.

O abrigo antiaéreo é bonito, com aquelas suas paredes de cimento sulcado por uns poucos fios d'água, as luzes pálidas, mas quentes, todos os grandes sentados em bancos a tagarelar e nós, os pequenos, correndo no meio. Os tiros da bateria antiaérea chegam abafados, estamos todos convencidos de que, se uma bomba cair no edifício, o abrigo resistirá. Não é verdade, mas ajuda. Com ar de entendido, o chefe do abrigo, que é meu professor do primário, professor Monaldi, faz a ronda, humilhado por não ter conseguido envergar o uniforme de centurião da Milícia, com os galões de esquadrilha. Na época alguém que tivesse participado da Marcha sobre Roma era como um sobrevivente das grandes batalhas napoleônicas — e somente depois de 18 de setembro de quarenta e três, meu avô me explicou que tudo não passou de um passeio de ladrões de galinha, armados de bengalas de passeio e que, se o rei tivesse dado ordem, algumas companhias de infantaria dariam cabo deles no meio do caminho. Mas o rei era o Gambito Pé Veloz e carregava a traição no sangue.

Em suma, o professor Monaldi passeia entre os inquilinos, tranqüilizando-os, preocupa-se com as senhoras grávidas, explica que são pequenos sacrifícios a suportar pela vitória final. Soa a sirene de fim do alerta,

as famílias enxameiam na rua. Um senhor, que ninguém conhecia e que se refugiara entre nós por ter sido surpreendido pelo alarme quando estava na rua, acende um cigarro. O professor Monaldi o agarra pelo braço perguntando sarcástico se sabe que estamos em guerra e sob blecaute.

"Mesmo que lá em cima ainda houvesse algum bombardeiro, não poderia ver a luz de um fósforo", diz o homem e começa a fumar.

"Ah, então o senhor sabe?"

"Claro que sei. Sou capitão e piloto bombardeiros. O senhor já bombardeou Malta alguma vez?"

Um verdadeiro herói. Fuga do professor Monaldi, espumando de raiva, comentários divertidos dos inquilinos, eu sempre disse que era um balão inflado, os que mandam são todos assim.

O professor Monaldi e suas redações heróicas. Vejo-me de noite com papai e mamãe em cima de mim. Na aula do dia seguinte teremos a redação para participar dos Jogos Agonais da Cultura. "Qualquer que seja o tema", diz mamãe, "será sobre o Duce e a guerra. Trate de preparar umas belas frases que façam efeito. Por exemplo, fiéis e incorruptíveis guardiões da Itália e de sua civilização é uma frase que sempre cai bem, não importa qual seja o assunto."

"E se a redação for sobre a batalha do trigo?"

"Dá-se um jeito de enfiá-la assim mesmo, um pouco de imaginação!"

"Lembre que os soldados regam com seu sangue as areias ardentes da Marmárica", sugere papai. "E não esqueça de que nossa civilização é nova, heróica e santa. Sempre faz um bom efeito. Mesmo que seja a batalha do trigo."

Querem um filho que ganhe boas notas. Aspiração justa. Quem ganha uma boa nota porque conhece o postulado das paralelas, estudou o livro de geometria, quem precisa falar dos Balilía, sabe de cor o que deve pensar um Balilla. O problema não é ser justo ou não. No fundo, meus pais o sabiam, mas até o quinto postulado de Euclides vale apenas para superfícies planas, tão

idealmente planas que na realidade não existem. O regime era a superfície plana à qual todos estavam agora adaptados. Ignorando os vértices curvilíneos nos quais as paralelas confluem ou divergem sem esperança.

Revejo uma cena rápida que deve ter acontecido alguns anos antes.

Pergunto:

"Mamãe, o que é revolução?"

"É uma coisa em que os operários vão para o governo e cortam a cabeça de

todos os funcionários como seu pai."

Mas foi justamente dois dias depois da redação que aconteceu o episódio de Bruno. Bruno, com dois olhos de gato, dentes pontudos e a cabeça cinza-rato em que apareciam peladas brancas, como de alopecia ou impetigo.

Eram cicatrizes de crostas. As crianças pobres sempre tinham crostas na cabeça, seja porque viviam em am-

bientes pouco limpos, seja por avitaminose. No curso primário, eu e De Caroli éramos os ricos da turma, era o que se pensava então; de fato, nossas famílias pertenciam à mesma classe social do professor, eu porque meu pai era funcionário e andava de gravata e minha mãe de chapeuzinho (e portanto não era uma mulher, mas uma senhora), e De Caroli porque seu pai tinha um pequeno negócio de tecidos. Todos os outros eram de classes mais baixas, ainda falavam dialeto com os pais e portanto cometiam erros de ortografia e gramática, e o mais pobre de todos era Bruno. Bruno usava um aventalzinho preto rasgado, não tinha colete branco, ou quando tinha era sujo e gorduroso, e naturalmente não tinha o laço azul como os meninos de bem. Tinha crostas, logo era raspado a zero, único tratamento que sua família conhecia, também contra os piolhos, com as peladas brancas das crostas já curadas à mostra.

Estigmas de inferioridade. O professor era, somando-se tudo, um bom homem, mas, como antigo esquadrista, sentia-se obrigado a nos educar de modo viril, e distribuía potentes safanões. Mas nunca em mim ou em De Caroli, pois sabia que contaríamos a nossos pais, que eram seus pares. Como morava no mesmo quarteirão que eu, ofereceu-se para acompanhar-me até em casa todo dia na saída da escola, junto com seu filho, para que meu pai não tivesse o incômodo de vir me buscar. E porque minha mãe era prima de uma cunhada da diretora da escola e a gente nunca sabe.

Com Bruno, entretanto, os safanões eram cotidianos, pois era vivo, donde de mau comportamento, e se apresentava em sala de aula com o avental todo sujo. Bruno era sempre mandado para trás do quadro, e era o pelourinho.

Um dia Bruno chegou à escola depois de uma ausência injustificada, e o

professor já estava enrolando as mangas quando Bruno começou a chorar e entre soluços deixou entender que seu pai morrera. O professor comoveu-se, pois até os esquadristas têm um coração. Naturalmente, entendia a justiça social como caridade e pediu a todos nós que fizéssemos uma coleta. Os nossos pais também deviam ter um coração, pois no dia seguinte todos voltaram com algumas moedas, uma roupa velha, um potinho de geléia, um quilo de pão.

Bruno teve seu momento de solidariedade.

Mas na mesma manhã, durante a marcha no pátio, pôs-se a andar de quatro e todos pensaram que era realmente mau por fazer aquilo depois de seu pai ter morrido. O professor gritou que lhe faltava o mais elementar sentido de gratidão. Órfão há dois dias, logo depois de ser agraciado pelos colegas e já

votado ao crime: vindo da família que vinha, não poderia mais ser redimido.

Deuteragonista daquele pequeno drama, tive um momento de dúvida. Já me acontecera antes, na manhã seguinte à redação, despertando inquieto e perguntando-me se realmente amava o Duce ou se era um menino hipócrita que apenas escrevia aquelas coisas. Diante de Bruno que andava de quatro compreendi que aquilo era um estremecimento de dignidade, um modo de reagir à humilhação que nossa generosidade pegajosa lhe infligira.

Entendi melhor uns dias depois, numa daquelas reuniões do sábado fascista em que ficávamos enfileirados, todos de farda, a nossa brilhante, a de

Bruno parecendo um avental domingueiro, com o lenço azul mal amarrado, e devíamos recitar o Juramento. O centurião dizia: "Em nome de Deus e da Itália, juro executar as ordens do Duce e servir com todas as minhas forças e, se necessário, com meu sangue, a causa da Revolução Fascista. Vocês juram?"

E todos deviam responder: "Eu juro!" Enquanto todos gritavam 'eu juro', Bruno — que estava a meu lado e pude ouvir muito bem — gritou "Arturo!".

Rebelava-se. Foi a primeira vez que assisti a um ato de revolta.

Rebelava-se por iniciativa própria ou porque o pai era bêbado e socialista, como o menino da Itália no mundo? Mas agora entendo que Bruno foi o

primeiro a me ensinar como reagir à retórica que nos sufocava.

Entre a redação dos dez anos e a crônica dos onze, no final da quinta série, fui transformado pela lição de Bruno. Anárquico revolucionário, ele, apenas cético, eu, o seu Arturo transformou-se no meu copo inquebrável.

É claro que agora, no silêncio do coma, compreendo melhor o que me aconteceu. Seria essa a iluminação que outros sentem quando o homem vê chegar a sua hora, e naquele momento, como Martin Eden, compreende tudo, mas assim que sabe deixa de sabê-lo? Eu, que ainda não cheguei na minha hora, tenho um ponto de vantagem sobre quem morre. Entendo, sei e até lembro (agora) que sei. Seria um privilegiado?

16.SOPRA O VENTO

Gostaria de lembrar de Lila... Como era Lila? Emergem da fuligem desse semi-sono outras imagens, e não é ela...

E no entanto uma pessoa em condições normais deveria poder dizer quero lembrar das minhas férias no ano passado. Se guardou alguns vestígios, relembra. Eu não posso. Minha memória caminha por meio de proglótides, como as solitárias, mas ao contrário do verme não tem cabeça, gira labirinticamente, qualquer ponto pode ser o começo ou o fim da viagem.

Tenho de esperar que as lembranças venham sozinhas, seguindo uma lógica sua. Assim se caminha na névoa. Ao sol, você vê as coisas de longe e pode mudar de direção justamente para encontrar alguma coisa precisa. Na névoa algo ou alguém vem a seu encontro, mas você não sabe o que ou quem é até que chegue perto.

Talvez seja normal, não se pode ter tudo em um único momento, fieiras de lembranças. O que Paola dizia mesmo do mágico número sete, do qual falam os psicólogos? De um grupo, recorda-se facilmente até sete elementos, depois não se consegue mais, E nem sete. Quem são os sete anões? Atchim, Dengoso, Soneca, Zangado, Dun-ga, Mestre... E então? Falta sempre o sétimo anão. E os sete reis de Roma? Rômulo, Numa Pompílio, Túlio Ostílio, Sêrvio Túlio,

Tarquínio Prisco, Tarquínio, o Soberbo... E o sétimo? Ah, Feliz.

Acho que minha primeira recordação é um boneco vestido de tambor-mor da banda militar, de uniforme branco com um quepe, e que carregado com uma chavinha batia o seu ra-ta-plan. É isso mesmo ou assim aprendi a vê-íó no curso dos anos, usufruindo das recordações de meus pais? Não será, quem sabe, a cena dos figos, eu ao pé de uma árvore e um camponês que se chamava Quirino subindo por uma escada para colher para mim o melhor figo — só que não sabia ainda pronunciar a palavra figo e dizia sigo?

A última recordação: em Solara, diante do in-fólio. Terão percebido, Paola e os outros, o que eu tinha nas mãos quando adormeci de repente? Precisam entregá-lo a Sibilla, e logo, se eu ficar assim durante anos não conseguirão pagar as despesas, terão que vender o estúdio, depois Solara e depois talvez ainda não seja suficiente, mas com o in-fólio podem me pagar uma internação eterna, com dez enfermeiros, e bastaria que viessem me ver uma vez por mês e poderiam tocar suas vidas.

Outra figura vem a meu encontro, rindo zombeteira, exibindo-se em um gesto obscuro. E como se, vindo para cima de mim, me envolvesse em si e se dissolvesse na cerração.

Passa a meu lado o tambor-mor, de quepe. Eu me refugio nos braços de meu avô. Sinto o cheiro do cachimbo quando encosto a face contra seu colete.

Meu avô fumava cachimbo e cheirava a tabaco. Por que não vi seu cachimbo em Solara? Foi jogado fora pelos malditos tios, não lhes parecia importante, com seu bocal comido pelo fogo de muitos fósforos, rua com as caneras, o papel absorvente, que sei eu, um par de óculos e uma meia furada, a última caixa de tabaco pela metade.

A névoa está se dissipando. Lembro-me de Bruno que caminha de quatro, mas não me lembro do nascimento de Catla, do dia da minha formatura, do primeiro encontro com Paola. Antes não lembrava mais nada, agora lembro tudo dos primeiros anos de minha vida, mas não lembro quando foi que Sibilla entrou

pela primeira vez no meu estúdio procurando trabalho — ou quando escrevi minha última poesia. Não consigo lembrar do rosto de Lila Saba. Recordá-lo valeria todo esse sono. Não lembro do rosto de Lila, que busquei em toda parte durante a minha vida adulta, porque não lembro ainda da minha vida adulta, nem daquilo que, ao entrar na vida adulta, quis esquecer.

Devo esperar ou preparar-me para circular eternamente entre as veredas dos meus primeiros dezesseis anos. Poderia bastar: se revivesse cada momento, cada evento, ficaria nesse estado por mais dezesseis anos. Suficiente para mim, chegaria a mais de setenta e seis, um período de vida razoável... E

Paola a se perguntar se deve desligar os aparelhos.

Mas a telepatia não existe? Poderia me concentrar em Paola e pensar intensamente em enviar-lhe uma mensagem. Ou tentar com a mente fresca e desanuviada de uma criança. "Mensagem para Sandro, mensagem para Sandro, aqui Águia Cinzenta do Fernet Branca, aqui Águia Cinzenta, responda.

Câmbio..." Se ele me transmitisse: "Roger, Águia Cinzenta, estou ouvindo alto e claro..."

Na cidade me aborreço. Nós somos quatro brincando de calças curtas na rua diante de casa, onde só passa um automóvel por hora, e devagar.

Permitem que brinquemos lá embaixo. Jogamos bolinha de gude, brinquedo pobre, bom também para quem não tem outros brinquedos. Algumas são de cerâmica, amarronzadas, outras de vidro com arabescos coloridos que se vêem em transparência, outras ainda de um branco leite veiado de vermelho.

Primeira modalidade, a búrica: do centro da rua jogam-se bolinhas de gude com um golpe preciso do indicador que desliza sobre o polegar (mas os melhores deslizam o polegar sobre o indicador), em um buraco escavado perto da calçada. Tem quem jogue a bolinha na búrica na primeira tentativa, mas, do contrário, procede-se em turnos. Segunda modalidade, palmo menor, que em Solara chamamos de cicca spanna. Como na bocha, trata-se de chegar mais perto do bolim, porém não mais que um palmo medido com apenas quatro dedos.

Admiração por quem é capaz de lançar um pião. Não o pião dos meninos ricos, de metal e listras de várias cores, com a haste de ponta arredondada, que

se aperta várias vezes para recarregá-lo, depois é só largar e ele roda desenhando vórtices multicoloridos, mas o pião de madeira, a pirla ou mongia, uma espécie de cone abaulado, uma pêra barriguda que termina num prego, o corpo marcado por uma série de incisões em espiral. Enrola-se nele um barbante que penetra nas incisões e depois, segurando a ponta livre, joga-se desenrolando o barbante e a mongia roda. Nem todos sabem fazer, eu não consigo porque fiquei viciado nos piões mais caros e mais fáceis - e os outros riem de mim.

Naquele dia não conseguimos jogar porque na calçada estão uns senhores, de terno e gravata, que arrancam o mato com um sacho. Trabalham com pouco entusiasmo, lentamente, e um deles logo começa a falar conosco, informando-se sobre as várias modalidades do gude. Conta que, quando era pequeno, jogava círculo: desenha-se um círculo na calçada com giz, ou na terra com uma vareta, colocam-se as bolinhas dentro e depois, com uma bola maior, é preciso tirar as bolinhas do círculo, vencendo quem tirar o maior número. "Conheço seus pais", disseme, "diga-lhes que o senhor Ferrara, da loja de chapéus, manda seus cumprimentos."

Relatei a história em casa. "São os judeus", disse mamãe, "são obrigados a fazer esses trabalhos." Papai levantou os olhos para o céu e disse: aah! Mais tarde fui à loja de meu avô e perguntei por que os judeus faziam aqueles trabalhos. Disseme para tratá-los com educação quando os encontrasse, pois era gente boa, mas que por enquanto não ia me explicar essa história pois eu era muito pequeno. "Fique calado e não fale disso por aí, sobretudo com o professor." Um dia ele me contaria tudo. S'as gira.

Na época, só me perguntei como é que podia os judeus venderem chapéus.

Os chapéus que via nos cartazes colados nas paredes ou nas publicidades das revistas eram senhoris e elegantes.

Ainda não tinha razões para preocupar-me com os judeus. Só mais tarde, em Solara, meu avô mostrou-me um jornal de 1938 que anunciava as leis raciais,

mas em trinta e oito eu tinha seis anos e não lia jornais.

Depois, certo dia, o senhor Ferrara e os outros não foram mais vistos limpando as calçadas. Pensei então que ao fim de uma pequena penitência, permitiram que voltasse para casa. Mas depois da guerra ouvi alguém dizer a mamãe que o senhor Ferrara morrera na Alemanha. Depois da guerra eu já sabia de muita coisa, não apenas como nascem os bebês (inclusive os atos preparatórios nove meses antes), mas também como morrem os judeus.

Minha vida mudou com a mudança para Solara. Na cidade era um menino melancólico que brincava com os colegas de escola durante algumas horas por dia. Passava o resto do tempo enrodilhado com um livro ou andando de bicicleta. Os únicos momentos encantados eram os que passava na loja de meu avô: ele conversava com alguns clientes e eu mexia e remexia, deslumbrado por contínuas revelações. Mas minha solidão aumentava e eu vivia sozinho com minhas fantasias.

Em Solara, de onde já descia sozinho para a escola na cidadezinha e corria por campos e vinhas, eu era livre, um território inexplorado abria-se diante de mim. E tinha muitos amigos com os quais perambulava por toda parte. Nosso pensamento dominante era construir uma cabana.

Revejo agora toda a vida no Oratório* como um filme. Nada mais de proglótides, mas uma seqüência seguida...

Uma cabana não devia ser uma espécie de casa, com teto, pate-des e porta.

Era, em geral, uma toca, uma fenda sobre a qual se instalava uma cobertura de ramos e folhas, de modo que ficasse aberta apenas uma fresta dominando o vale ou pelo menos uma esplanada. Apontávamos bastões e metralhávamos.

Como em Djarabub, lá só podiam nos pegar pela fome.

Comecei a freqüentar o Oratório porque no fundo do campo de futebol, num

montinho acima do muro que servia de cerca, descobrimos um lugar ideal para a cabana. Era possível metralhar todos os vinte e dois jogadores da partida dominical. No Oratório se ficava bastante livre, éramos reunidos somente por volta das seis horas para uma aula de catecismo e para a bênção, no resto do tempo fazíamos o que bem entendíamos. Havia um carrossel rudimentar, alguns balanços, um teatrinho no qual galguei pela primeira vez os palcos, em O pequeno parisiense. Lá adquiri aquele domínio da ribalta que, anos depois, me tornou memorável aos olhos de Lila.

Vinham também meninos maiores e até mesmo uns rapazolas — para nós velhíssimos — que jogavam pingue-pongue ou baralho, mas não a dinheiro.

Aquele bom homem do dom Cognasso, diretor do Oratório, não lhes pedia nenhuma profissão de fé, bastava que fossem para lá em vez de ir em

* Nas igrejas paroquiais italianas, prédio destinado a atividades recreativas para os jovens. (N. da T.)

caravana, de bicicleta, para a cidade, correndo o risco até de um bombardeio, para tentar um assalto à Casa Vermelha, o bordel, famoso em toda a província.

Depois de 8 de setembro, foi no Oratório que ouvi faiar pela primeira vez nos partigiani. Primeiro eram apenas rapazes rentando escapar do novo recrutamento da República Social ou das levas dos germânicos, que os enviavam para trabalhar na Alemanha. Em seguida, começaram a chamá-los de rebeldes, pois eram nomeados assim pelos comunicados oficiais. Foi só depois de alguns meses, quando soubemos que dez deles foram fuzilados - e um era de Solara — e quando ouvimos na Rádio Londres as mensagens especiais que lhes eram enviadas, é que começamos a chamá-los de partigiani, ou patriotas, como eles preferiam. Na cidadezinha torcia-se por eles, pois eram todos rapazes daquelas bandas e quando apareciam, embora agora tivessem apelidos, Riccio, Saetta, Barbablü ou Ferruccio, ainda lhes davam os nomes pelos quais eram conhecidos antes. Muitos deles eram jovens que eu já vira no Oratório, jogando escopa metidos em jaquetinhas exíguas e esdrúxulas, e que agora reapareciam com boné, cartucheira a tiracolo, metralha, cinturão com duas bombas de mão penduradas, alguns até com a pistola enfiada no coldre. Usavam camisas vermelhas ou casacos do exército inglês, ou calças e pernas do exército real.

Belíssimos.

Desde quarenta e quatro apareciam em Solara, em rápidas incursões nos momentos em que as Brigadas Negras não estavam. Às vezes vinham os badoglistas, com seus lenços azuis, dizia-se que eram partidários do rei e partiam para o ataque gritando Savóia. Às vezes eram os garibaldinos, com lenços vermelhos, que cantavam canções contra o rei e contra Badoglio, e sopraei o vento, ruge a procela, ! sapatos rotos, mas há que seguir, Ipra conquistar a rubra primavera, I onde nasce o sol do porvir. Os badoglistas eram mais bem armados, dizia-se que os ingleses só ajudavam a eles, pois os outros eram todos comunistas. Os garibaldinos tinham metralhadoras de uso das Brigadas Negras, capturadas em algum confronto ou em alguma incursão contra um depósito de armas, os badoglistas exibiam Sten ingleses de último tipo.

O Sten era mais leve que a metralhadora, tinha a coronha vazia como se fosse um molde de arame e o carregador despontava não embaixo, mas do lado. Certa vez permitiram que eu disparasse um tiro. Em geral, atiravam para fazer exercício e para se mostrar diante das moças.

Uma vez vieram os fascistas da San Marco, cantavam San Marco! San Marco! I o que importa se morrermos.

As pessoas diziam que eram bons rapazes de boas famílias que tinham, talvez, feito a escolha errada, mas se comportavam bem com a população e faziam a corte às mulheres com educação.

Os das Brigadas Negras, ao contrário, foram libertados de prisões e reformatórios (havia alguns de dezesseis anos) e só o que queriam era meter medo em todos. Mas eram tempos duros e devíamos desconfiar mesmo dos rapazes da San Marco.

Estou indo à missa na cidade com mamãe e com ela está a senhora do casarão a alguns quilômetros de nossa casa. Tem sempre a língua envenenada

contra seu meeiro, que rouba na prestação de contas. E como o meeiro é um vermelho, ela virou fascista, pelo menos no sentido em que os fascistas são contra os vermelhos. Saímos da igreja e dois oficiais da San Marco ficaram olhando as senhoras, que já não eram tão jovens, mas ainda faziam boa figura — e depois, como todos sabem, os exércitos beliscam onde podem.

Aproximam-se com o pretexto de pedir uma informação, pois não são de lá.

As duas senhoras comportam-se com gentileza (afinal, são dois belos rapagões) e perguntam como se sentem tão longe de casa. "Lutamos para devolver a esse país a sua honra, minhas senhoras, a honra que alguns traidores macularam", responde um deles. E a vizinha comenta: "Muito bem, justo, não como aquele senhor que eu disse."

Um dos dois dá um sorriso esttanho e diz: "Agradeceríamos se nos dessem o nome e o endereço desse senhor."

Mamãe fica pálida, em seguida vermelha, mas se sai bem: "Oh, tenente, o senhor sabe, minha amiga está falando de um sujeito de Asti que apareceu por aqui nos últimos anos, sabe-se lá onde estará agora, dizem que foi mandado para a Alemanha."

"Muito bem-feito", sorri o tenente e não insiste. Cumprimentos recíprocos.

Ao longo do caminho de volta, mamãe diz entre dentes à desmiolada que nos tempos que correm é preciso estar atenta ao que se diz, pois um nada pode levar uma pessoa ao paredão.

Gragnola. Frequentava o Oratório. Ele insistia que se pronunciava Gràgnola, mas os outros o chamavam de Gragnola, aludindo a uma saraivada de tiros. Ele replicava que era um homem de paz e os amigos respondiam: "Olhe que sabemos muito bem..." Sussurrava-se que mantinha contato com as brigadas garibaldinas nas montanhas - era, aliás, um grande chefe, diziam alguns, e arriscava-se mais vivendo na cidade que nos maquis, porque se um dia o descobrissem seria fuzilado num piscar de olhos.

Gragnola atuara comigo no Pequeno parisiense e depois tomara-se de afeição por mim. Quis me ensinar a jogar três-sete. Creio que não se sentia bem com os adultos e passava longas horas tagarelando comigo. Talvez fosse a sua vocação pedagógica, era professor, antes. Ou talvez percebesse que dizia tanta barbaridade que se contasse por aí o chamariam de anticristo, e por isso só confiava num menino.

Mostrava-me os jornais clandestinos que circulavam às escondidas. Não os deixava comigo porque, garantia ele, se alguém é preso com eles, é fuzilado.

Foi assim que fiquei sabendo do massacre de Ardeatine, em Roma. "É para que essas coisas não aconteçam mais", dizia Gragnola, 'que nossos companheiros estão lá nas montanhas. E os alemães, kaputt1"

Contava que os misteriosos partidos que se manifestavam através daqueles jornais já existiam antes do advento do fascismo e sobreviviam na clandestinidade, no exterior, que seus principais chefes eram pedreiros e que, quando descobertos pelos capangas do Duce, eram assassinados a pauladas.

Gragnola ensinara não-sei-o-quê nas escolas de preparação para o trabalho, e costumava partir todas as manhãs de bicicleta, voltando na metade da tarde. Depois teve que parar, alguns diziam que era para se dedicar de corpo e alma às atividades dos partigiani, outros murmuravam que não podia continuar porque era tísico. De tísico, Gragnola tinha todo o aspecto, um rosto

cinéreo com as maçãs de um vermelho doentio, as faces escavadas, a tosse persistente. Tinha dentes ruins, mancava e tinha uma insinuação de corcunda ou a coluna encurvada, com as omoplatas salientes e usava o colete do paletó fechado até o pescoço, parecia ensacado dentro das roupas. No teatro fazia sempre os papéis de vilão ou de guardião capenga de uma misteriosa mansão.

Era um poço de ciência, diziam todos, muitas vezes convidado para ensinar na universidade, recusando por amor a seus meninos. "Histórias", explicou-me depois. "Yambin, só ensinei em escolas de pobres, como suplente, porque com essa droga de guerra nem pude tirar o diploma. Com vinte anos fui mandado para a Grécia para me danar, fui ferido no joelho, ainda bem que se vê pouco,

mas no meio daquela lama peguei uma doença ruim e desde então não parei mais de cuspir sangue. Se Crapone caísse nas minhas mãos, não o mataria porque, infelizmente, sou um covarde, mas ele ia levar tanto chute na bunda que ficaria quebrado pelo pouco tempo que espero que ainda lhe reste para viver, o judas, falso."

Perguntei por que freqüentava o Oratório, já que todos diziam que era ateu. Respondeu que vinha porque era o único lugar em que podia ver gente.

E além do mais não era ateu, era anarquista. Na época não sabia o que era anarquista e ele explicou que eram pessoas que desejavam a liberdade, sem patrões, sem rei, sem estado e sem padtes. "Sem estado, sobretudo, não como os comunistas que, na Rússia, têm um estado que diz até quando podem ir ao banheiro."

Falou de Gaetano Brasci que, para punir o rei Umberto, que mandara massacrar os operários em Milão, voltou da América, onde podia viver tranqüilo, escolhido por sorteio e sem passagem de volta e foi matar o rei.

Depois foi morto na prisão e disseram que se enforcara de remorso. Mas um anarquista nunca sente remorso pelas ações que pratica em nome do povo.

Contou-me de anarquistas moderadíssimos que tinham que emigrar de país em país, perseguidos por todas as polícias, e que cantavam Adeus Lugano bella.

Voltou depois a falar mal dos comunistas que mataram os anarquistas na Catalunha. Perguntei por que, sendo contra os comunistas, estava com os garibaldinos, que eram comunistas. Respondeu que, número um, nem todos os garibaldinos eram comunistas e entre eles havia socialistas e até anarquistas, número dois, porque naquele momento o inimigo era o nazi-fascismo e em casos do genero não se deve ligar muito para sutilezas. "Primeiro se vence junto, depois se acertam as contas."

Em seguida acrescentou que ia ao Oratorio porque era uma boa coisa. Os padres eram uma raça ruim, mas eram como os garibaldinos, entre eles também tinha gente boa. "Sobretudo nesses tempos em que não se sabe onde os meninos vão parar, até o ano passado ensinavam-lhes o livro e a espada. No Oratório pelo

menos não deixam que se estraguem, são educados para serem honestos, embora eles insistam um pouco demais na história das punhetas, mas não importa, porque vocês continuam do mesmo jeito e no máximo se confessam depois. Portanto, venho ao Otatório e ajudo dom Cognasso a entreter os meninos. Quando chega a hora da missa, fico no fundo da igreja em silêncio, porque Jesus Cristo eu respeito, mas Deus não."

Certo domingo, quando às duas da tarde éramos só meia dúzia de garos pingados, contei-lhe a respeito de meus selos e ele disse que antigamente também fazia coleção, mas quando voltou da guerra não teve mais vontade e jogou tudo fora. Sobraram só uns vinte selos que ele me daria de bom grado.

Fui à sua casa e os despojos eram memoráveis, ele tinha dois selos das ilhas Fiji que namorei longamente no Yvert e Tellier.

"Ah, você também tem o Yvert e Tellier?", perguntou admirado.

"Sim, mas é velho..."

"São os melhores."

As ilhas Fiji. Eis por que aqueles selos de Solara me encantaram tanto.

Depois do presente de Gragnola, levei-os para casa e coloquei numa nova folha do álbum. Era uma tardinha de inverno, papai chegara no dia anterior, mas retornaria naquela mesma tarde, de volta à cidade até que pudéssemos nos ver novamente.

Estava na cozinha da ala grande, o único ambiente aquecido da casa, porque tínhamos lenha suficiente para a chaminé. A luz era baixa. Não porque em Solara o blecaute contasse muito (quem iria nos bombardear?), mas porque a luminária era atenuada por um quebra-luz do qual pendiam uns fios de pequenas pérolas, quase como enfeites para oferecer a selvagens fijianos.

Sentado na mesa, cuidava da minha coleção, mamãe arranjava as coisas, minha irmã brincava num canto. O rádio estava ligado. Terminara há pouco a versão milanesa de O que acontece na casa dos Rossi, um programa de propaganda da República de Salò, em que os membros de uma mesma família discutiam política, concluindo naturalmente que os aliados eram nossos inimigos, os partigiani uns bandidos, renitentes ao recrutamento por pura indolência, e que, no Norte, defendia-se a honra da Itália ao lado dos camaradas germânicos. Mas havia, em noites alternadas, a versão "romana", em que os Rossi eram uma outra família, homônima, que vivia na Roma agora ocupada pelos aliados e que, finalmente, se dava conta de como se estava melhor quando se estava pior, invejando os compatriotas setentrionais, livres sob a bandeira do Eixo. Pelo modo como minha mãe sacudia a cabeça, percebia-se que não acreditava, mas o programa era bastante animado. E era aquilo ou desligar o rádio.

Mas depois (e chegava também meu avô, que resistira até então no escritório com um braseirinho junto aos pés) podíamos sintonizar a Rádio Londres.

Começava com uma série de roques de tímpanos, quase como a Quinta de Beethoven, depois ouvia-se o persuasivo "boa-noite" do coronel Stevens, com sotaque tipo Gordo e Magro. A outra voz, à qual o governo do regime nos habituara, era de Mario Appellius, que concluía seus discursos de encorajamento à luta vitoriosa com "Deus superamaldiçoe os ingleses!".

Stevens não superamaldiçoava os italianos, ao contrário, convidava-nos para desfrutar com ele das derrotas do Eixo, que nos contava noite após noite, com o ar de quem diz "viram o que o seu Duce está aprontando?".

Mas suas crônicas não falavam apenas de batalhas campais. Descrevia nossa vida, de gente amiga colada todas as noites ao rádio para ouvir a Voz de Londres, superando os medos de que algum alcagüete os mandasse para a prisão. Contava nossa história de ouvintes seus e acreditávamos porque descrevia exatamente o que fazíamos, nós, o farmacêutico da esquina e até — dizia Stevens — o sargento dos carabinieri que sabia de tudo e dissimulava.

Era o que ele dizia, e se não mentia sobre esse ponto, podíamos confiar

quanto ao resto. Todos sabíamos, mesmo nós, as crianças, que aquilo também era propaganda, mas éramos atraídos por essa propaganda feita a meio-tom, sem frases heróicas e apelos à morte. O coronel Stevens fazia com que parecessem excessivas as palavras com que éramos alimentados diariamente.

Não sei o porquê, mas eu via esse senhor — que não era mais que uma voz - como Mandrake: elegante em seu fraque, com bigodinhos bem-cuidados, levemente frisados como os do mágico capaz de transformar qualquer pistola numa banana.

Acabado o coronel, tão misteriosas e evocativas quanto um selo de Montserrat, começavam as mensagens especiais para as brigadas da Resistência: Mensagem para a Franchi, Felice não está feliz, Acabou a chuva, Minha barba é loura, Giacomone beija Maomé, A águia voa, O

sol ainda nasce...

Posso me ver ainda adorando os selos das Fiji, quando de repenre, entre as dez e as onze horas, ouve-se um zumbido no céu, as luzes se apagam e corremos até a janela para esperar a passagem de Pipetto.

Podia-se ouvi-lo todos os dias mais ou menos à mesma hora, ou pelo menos assim queria a lenda. Alguns diziam que era um avião de reconhecimento inglês, outros que era um pára-quedista americano lançando pacotes, alimentos e armas para os partigiani nas montanhas, e talvez nem muito longe de nós, nas encostas das Langhe.

É uma noite sem estrelas e sem lua, não se vêem luzes no vale nem os perfis das colinas, e acima de nós passa Pipetto. Ninguém nunca o viu: é apenas um rumor na noite.

Pipetto passou, por mais uma noite tudo ocorreu como habitualmente e voltamos às últimas canções do rádio. Naquela noite talvez Milão seja bombardeada, os homens para os quais trabalha Pipetto talvez sejam perseguidos

nas montanhas por pares de cães, mas o rádio, com aquela voz de saxofone no cio, canta Lá em Capocabana, em Capocabana a mulher é rainha, a mulher é soberana, e posso imaginar uma lânguida star (talvez eu tenha visto uma foto em Novelio). Desce macia uma escada branca com degraus que se iluminam assim que ela pousa o pé, cercada de jovens de fraque branco que levantam cilindros e ajoelham-se adorantes à sua passagem. Com Capocabana (não era Copacabana, era Capocabana mesmo), a sensualíssima está passando uma mensagem tão exótica quanto os meus selos.

Depois encerram-se as transmissões com os vários hinos de vitória e revanche. Mas não se deve desligar imediatamente e mamãe sabe disso.

Depois que o rádio deu a impressão de ter-se calado até o dia seguinte, ouvi-se despontar uma voz angustiada que canta:

Voltarás

para mim

pois no céu está escrito que sim,

voltarás.

Voltarás

sabes bem

queu sou forte assim
só porque creio em
ti.

Voltei a ouvir aquela canção em Solara, mas era uma canção de amor que dizia: Voltarás para mim - pois o único sonho tu és - do meu coração. -

Voltarás - tu porque - sem teus beijos lânguidos - não sei viver.

Portanto, a canção que se ouvia naquelas noites era uma versão para os tempos de guerra, que no coração de muitos devia soar como uma promessa ou um apelo dirigido a alguém distante, que talvez naquele momento gelasse numa estepe ou se perfilasse para um pelotão de execução. Quem punha no ar essa canção àquela hora da noite? Um funcionário nostálgico antes de fechar a cabine de transmissão ou alguém que obedecia a uma ordem do alto? Não o sa-bíamos, mas aquela voz nos acompanhava até o limiar do sono.

São quase onze horas, fecho o álbum de selos, vamos dormir. Mamãe preparou o tijolo, um tijolo propriamente dito, colocado no forno até arder e não se poder segurá-lo, que envolvemos em panos de lã para enfiar sob as cobertas e aquecer toda a área da cama. É confortável para apoiar os pés e também para aliviar o prurido das frieiras que naqueles anos (frio, avitaminose, tempestades hormonais) inchavam os dedos de mãos e pés e as vezes supuravam em feridas dolorosíssimas.

Um cão late em uma herdade vale abaixo.

Eu e Gragnola falávamos de tudo. Contava das minhas leituras e ele as discutia fervorosamente. "Verne", dizia, "é melhor que Salgari porque é científico. Cyrus Smith fabricando nitroglicerina é mais verdadeiro que aquele Sandokan que fere o próprio peito com as unhas só porque levou um fora de uma boboca de quinze anos."

"Você não gosta de Sandokan?"

"Na minha opinião, é um pouco fascista."

Falei que li o Cuore de De Amicis, ele disse que devia jogá-lo fora porque De Amicis era um fascista. "Olhe só", dizia, "estão todos contra o pobre Franti, que vem de uma família desgraçada, e se desdobram em quatro para agradar a um fascista de um professor. E de que falam? Do valente Garrone, que era um puxa-saco, da pequena vedeta lombarda, que morre porque um desgraçado de um oficial do rei manda uma criança vigiar se o inimigo se aproxima, do tamborileiro sardo, que apesar da idade é enviado como mensageiro para o meio da batalha e, depois que o pobrezinho perde a perna, o nojento do coronel se joga em cima dele de braços abertos para beijá-lo três vezes no coração, coisas que não se faz com um recém-muti-ladinho, e até um coronel do real exército piemontês devia ter um pouco de bom senso. Ou do pai de Coretti, que passava sobre o filho a mão ainda quente da carícia daquele açougueiro do rei. Todos no paredão, no paredão! São pessoas como De Amicis que abriram caminho para o fascismo."

Explicava quem foi Sócrates e Giordano Bruno. Bakunin também, mas não consegui entender bem quem era e o que pensava. Contava de Campanella, Sarpi, Galileu, jogados na prisão ou torturados pelos padres porque queriam difundir os princípios da ciência, e de alguns tiveram que cortar a garganta, como Ardigò, porque os patrões e o Vaticano já estavam preparando a força para eles.

Como li o verbete Hegel no Novíssimo Melzi ("Ins. Fil. Al. da escola panteísta), perguntei quem era. "Hegel não era panteísta e o seu Melzi é um ignorante. Panteísta, no máximo, era Giordano Bruno. Um panteísta diz que Deus está em toda parte, até no cocô da mosca que você vê bem ali. Bela satisfação, estar em toda parte é como não estar em parte alguma. Pois bem, para Hegel, não era Deus, mas o Estado que tinha de estar por toda parte, e pottanto era um fascista."

"Mas ele não viveu mais de cem anos atrás?"

"E o que importa? Joana D'Arc também, e era uma fascista de primeira ordem. Os fascistas sempre existiram. Desde os tempos... desde os tempos de Deus. Pegue Deus. Um fascista."

"Mas você não é ateu, não diz que Deus não existe?"

"Quem disse isso? Dom Cognasso, que não entende nada de porra nenhuma? Eu acredito que Deus existe, infelizmente. Só que é um fascista."

"Mas por que Deus é fascista?"

"Ouça, você é jovem demais para que possamos discutir teologia. Vamos partir daquilo que sabe. Recite os dez mandamentos, já que no Oratório vocês são obrigados a sabê-los de cor."

E eu recitava. "Pois bem", dizia, "agora preste atenção. Entre esses dez mandamentos tem quatro, atenção, não mais que quatro, que aconselham boas coisas - se bem que até eles, hum, depois veremos. Não matar, não roubar, não dar falso testemunho e não desejar a mulher do próximo. Esse último é um mandamento para homens que sabem o que quer dizer honra, de um lado não transformar os amigos em cornos e, do outro, tentar manter de pé a família, e isso pode até ser bom, embora a anarquia queira eliminar a família, não se pode fazer tudo de uma vez só. Quanto aos outros três, certo, mas também é o mínimo que o bom senso aconselha. Mesmo que depois seja preciso dar um desconto, mentira todo mundo diz, talvez até com um objetivo bom, mas matar não, não se pode, nunca."

"Nem quando o rei manda você para a guerra?"

"Aí está o ponto. Os padres dizem que se for mandado para a guerra pelo rei, você pode, aliás, deve matar. De qualquer forma a responsabilidade é do rei."

Assim, justifica-se a guerra, que é uma besta imunda, sobretudo se quem o mandou para lá foi Crapone. Note-se que os mandamentos não dizem que se pode matar na guerra. Dizem não matar e ponto final. Mas depois...."

"Depois?"

"Vamos ver os outros mandamentos. Eu sou o senhor teu Deus. Isso não é um mandamento, senão seriam onze. E o prólogo. Mas é um prólogo vivaldino. Tente me seguir: aparece um sujeito para Moisés, a bem dizer, nem aparece, só se ouve a voz e sabe-se lá de onde vem, e em seguida Moisés vai dizer aos seus que devem obedecer aos mandamentos porque vêm de Deus.

Mas quem falou que vêm de Deus? A voz: 'Eu sou o senhor teu Deus.' E se não fosse? Imagine que eu paro você numa estrada, digo que sou um carabineiro à paisana e que tem que me dar dez liras de multa porque não se pode passar naquela estrada. Se for esperto, você responde: e quem me garante que você é um carabineiro, talvez seja alguém que se vira enrabando as pessoas. Deixe ver os documentos. Mas não, Deus demonstra a Moisés que é Deus porque diz isso e pronto. Tudo começa com um falso testemunho."

"Você acha que não foi Deus quem deu os mandamentos a Moisés?"

"Não, acho que era Deus mesmo. Só estou dizendo que usou um truque. E

sempre fez assim: tem que acreditar na bíblia porque é inspirada por Deus, mas quem falou que a bíblia é inspirada por Deus? A própria bíblia. Entendeu a manha? Mas vamos adiante, O primeiro mandamento diz que não terás outro Deus fora ele. Assim, esse senhor o proíbe de pensar, sei lá, em Alá, em Buda ou talvez em Vénus - que, a bem da verdade, ter como deusa um pedaço de mulher daqueles não era nada mau. Mas quer dizer também que não se pode acreditar, sei lá, na filosofia, na ciência, porque podem botar na sua cabeça que o homem descende do macaco. Só ele, e basta. Agora preste atenção, todos os outros mandamentos são fascistas, feitos para obrigar a aceitar a sociedade do jeito que é. Guardar domingos e festas... O que acha?"

"Bem, na verdade manda ir à missa aos domingos, o que há de mau?"

"Isso é o que diz dom Cognasso, que, como todos os padres, não sabe nem onde fica a bíblia da casa. Acorde! Numa tribo primitiva como aquela que Moisés andava levando para passear, isso significava observar os rituais e os rituais servem para engambelar o povo, dos sacrifícios humanos aos comícios de Crapone na praça Venezia! E depois? Honrar pai e mãe. Calado, não me diga que é justo obedecer aos pais, isso está bom para as crianças que precisam

ser guiadas. Honrar pai e mãe quer dizer respeitar as idéias dos mais velhos, não se opor à tradição, não pretender mudar o modo de vida da tribo.

Entendeu? Não cortar a cabeça do rei, como ao contrário, Deus manda — quer dizer, desculpe, como se deve fazer se tivermos a cabeça, a nossa, no lugar, sobretudo com um rei como o anão de Savóia que traiu seu exército e mandou seus oficiais para a morte. E então se entende que até não roubar não é aquele mandamento inocente que parece, pois ordena que não se toque na propriedade privada, que é de quem enriqueceu roubando gente como você.

Mas quem dera fosse só isso. Ainda faltam três mandamentos. O que significa não cometer atos impuros? Os vários dom Cognasso querem que acredite que serve apenas para impedir que você sacuda a coisa que tem no meio das pernas, mas incomodar as tábuas da lei por causa de umas punhetas me parece um desperdício. O que devo fazer eu, que sou um fracassado, aquela boa mulher da minha mãe não me fez bonito, e ainda por cima manco e que uma mulher, uma mulher de verdade nunca toquei? Querem me tirar até esse desaforo?"

Naquela época já sabia como são feitos os bebês, mas acho que ainda tinha idéias vagas sobre o que acontecia antes. De punhetas ou outtos toques só ouvira meus colegas falarem, mas não ousava me aprofundar. Mas não queria fazer má figura com Gragnola. Concordava mudo, compungido.

"Deus podia dizer, sei lá, pode trepar, mas só para fazer neném, sobretudo porque naquela época tinha muito pouca gente no mundo. Mas os dez mandamentos não dizem isso: de um lado, não se pode desejar a mulher do próximo e do outro não se deve cometer atos impuros. Resumindo, quando é que se trepa? Ora, é preciso fazer uma lei que sirva para todo mundo, os romanos,

que não eram Deus, quando fizeram leis foi coisa que serve até hoje, e Deus baixa um decálogo que não diz as coisas mais importantes? Você vai dizer: sim, mas a proibição dos atos impuros proíbe trepar fora do casamento.

Está certo de que era isso mesmo? O que eram atos impuros para os hebreus?

Eles tinham regras severíssimas, por exemplo, não podiam comer carne de porco e nem boi abatido de certa maneira e, ouvi dizer, nem mesmo sardinhas ainda novinhas. Então os atos impuros são todas as coisas que o poder proibiu.

Quais? Todas as que o poder definiu como atos impuros. É só inventar, o Crapone considera impuro falar mal do fascismo e eles mandam você para o exílio. É impuro ser solteiro e toca pagar uma taxa sobre o celibato. E impuro desfraldar uma bandeira vermelha. *Etc. etc. etc.* E agora chegamos ao último mandamento, não desejar as coisas dos outros. Mas você nunca perguntou o porquê desse mandamento, quando já tinha não roubar? Se você deseja ter uma bicicleta como a de seu amigo é pecado? Não, se não roubá-la. Dom Cognasso diz que esse mandamento proíbe a inveja, que com certeza é coisa ruim. Mas tem uma inveja ruim, aquela que, quando o amigo tem uma bicicleta e você não, lhe dá um desejo de que ele quebre o pescoço numa ladeira, e tem a inveja boa, aquela que faz você desejar, você também, uma bicicleta e, para poder comprar uma, mesmo usada, começa a rrabaihar que nem um doido, e a inveja boa é o que faz girar o mundo. E depois tem uma outra inveja, que é a inveja da justiça, que leva a não aceitar que alguém tenha tudo,

enquanto tem gente que morre de fome. E se você sente essa bela inveja, que é a inveja socialista, começa a trabalhar para realizar um mundo em que a riqueza seja mais bem distribuída. Mas é justamente isso que o mandamento proíbe; não desejar mais do que tem, respeitar a ordem da propriedade. Nesse mundo tem quem tenha dois campos de trigo só porque herdou e tem quem é obrigado a roçá-lo por um bocado de pão, e quem roça não pode desejar o campo do patrão senão o estado desmorona e esramos em plena revolução.

Portanto, meu caro rapaz, não mate e não roube os pobres como você, mas deseje sim as coisas que os outros tiraram de você. Esse é sol do futuro e é por

isso que os companheiros estão lá em cima na montanha, para dar um fim no Crapone, que chegou ao poder financiado pelos proprietários de terras, e pelos pequeno-burgueses de Hitler que queria conquistar o mundo para ajudar aquele Krupp, que constrói cada Berta desse tamanho, a vender mais canhões.

Mas você, o que vai entender dessas coisas, você que foi criado aprendendo a repetir de cor juro obedecer às ordens do DuceV

"Não, esrou entendendo, mas nem tudo." Espero.

Naquela noite sonhei com o Duce.

Um dia fomos andar pelas colinas. Pensei que Gragnola fosse falar das belezas da natureza, como fez uma vez, mas naquele dia só me mostrou coisas mortas, esterco de boi seco, sobre o qual zumbiam as moscas, uma gavinha cheia de peronosporales, uma fila de lagartas encaminhando-se para matar uma árvore, batatas com a broca maior que o tubérculo, que eram de se jogar fora, a carcaça de um animal abandonada num fosso e não dava mais para ver se era fuinha ou lebre porque já estava em adiantado estado de putrefação. E

fumava um Milit depois do outro, ótimo para a tísica, dizia, desinfeta os pulmões.

"Está vendo, meu rapaz, o mundo é dominado pelo mal. Aliás, Mal com maiúscula. E não falo só do mal de quem mata um semelhante para roubar dois tostões ou do mal das SS que enforcam nossos companheiros. Estou falando do Mal em si, que faz meus pulmões apodrecerem, uma colheita estragar, uma tempestade de granizo que pode levar à miséria o proprietário de uma pequena vinha que é tudo que ele tem. Nunca se perguntou por que existe o Mal no mundo, e antes de mais nada a morte, por que as pessoas gostam tanto de viver, mas um belo dia, ricos ou pobres, a morte vem levá-las, às vezes ainda crianças? já ouviu falar da morte do universo? Eu que leio sei: o

universo, quero dizer inteito, as estrelas, o sol, a via láctea, é como uma lanterna elétrica que vai funcionando, funcionando, mas vai descarregando também e um dia se esgota. Fim do universo. O Mal dos males é que o próprio universo está condenado à morte. Desde o nascimento, por assim dizer. Mas será mesmo um belo mundo, esse em que o Mal existe? Não seria melhor um mundo sem Mal?"

"É, sim", filosofava eu.

"Certo, pode-se dizer que o mundo nasceu por engano, o mundo é uma doença do universo que já não andava tão bem sozinho e um belo dia lhe nasce um furúnculo que é o sistema solar, e nós com ele. Mas as estrelas, a via láctea e o sol não sabem que devem morrer, logo, não se incomodam. No entanto, da doença do universo nascemos nós, que para a nossa desgraça somos uns espertos e acabamos descobrindo que é preciso morrer, E assim, não somos apenas vítimas do Mal, mas temos que saber disso. Que alegria!"

"Mas quem diz que o mundo não foi feito por ninguém são os ateus e você diz que não é ateu..."

"Não sou porque não sou capaz de acreditar que todas essas coisas que vemos a nosso redor e o modo como crescem as árvores e os frutos, e o sistema solar, e o nosso cérebro nasceram por acaso. São bem-feitos demais. Logo, deve ter existido uma mente criadora. Deus." L entaor

"Então como acertar Deus com o Mal?" "Assim, como assim, não sei, deixe-me pensar..." "É claro, deixe-me pensar, diz ele, como se durante séculos e séculos as mentes mais sagazes não tivessem pensado nisso..." "E a que conclusão chegaram?"

"A um figo podre. O Mal, disseram, foi introduzido no mundo pelos anjos caídos. Mas como? Deus vê e prevê tudo e não sabia que anjos caídos se rebelam? Por que os criou se sabia que se rebelariam? Como alguém que fizesse pneus de carro de modo que arrebentassem depois de dois quilômetros.

Seria um idiota. Mas não, ele criou os anjos e depois ficou satisfeitíssimo, olha

que esperto que sou, que sei até fazer anjos... Depois esperou que se rebelassem (e sabe-se lá quanto se deleitou esperando que dessem esse passo em falso) e jogou-os no inferno. Mas então é uma hiena. Outros filósofos pensaram diferente: o Mal não existe fora de Deus, ele o tem dentro de si, como uma doença, e passa a eternidade tentando se libertar. Pobrezinho, talvez seja assim. Mas eu, como sei que sou tísico, nunca vou colocar crianças no mundo para não criar mais desgraçados, porque a tísica passa de pai para filho. E um Deus que sabe que tem essa doença lá dele e se mete a fazer um mundo que, por melhor que seja, será sempre dominado pelo Mal? É pura ruindade. E

mais, um de nós pode fazer um filho sem querer, porque se empolgou certa noite e esqueceu de usar camisinha, mas Deus, ele fez o mundo porque queria mesmo."

"E se foi uma coisa que escapou, como nos escapa o xixi?"

"Você pensa que está dizendo uma coisa engraçada, mas é justamente o que pensaram outros grandes cérebros. A Deus, o mundo lhe escapuliu como nos escapa o xixi. O mundo é um efeito de sua incontinência, como alguém com a próstata inchada." U que e próstata?

"Não importa, faz de conta que dei um outro exemplo. Mas olhe, acreditar que o mundo tenha lhe escapulado, que Deus realmente não tenha conseguido se segurar e que tudo isso seja efeito do Mal que ele carrega consigo, essa é a

única maneira de desculpar Deus. Estamos na merda até o pescoço, mas ele também não está melhor que nós. Mas então caem como peras maduras todas as lindas coisas que contam no Oratório, sobre Deus que é o Bem e que é o ser perfeitíssimo criador do céu e da terra. Foi o criador do céu e da terra justo porque é imperfeitíssimo. E assim construiu estrelas como uma lanterna que não se pode recarregar."

"Desculpe, mas Deus pode ter construído um mundo no qual nós estamos destinados a morrer, mas o fez para nos colocar à prova e permitir que ganhássemos o paraíso e, portanto, a felicidade eterna."

"Ou gozásssemos do inferno."

"Os que cedem às tentações do diabo."

"Você fala como um teólogo, só que todos eles falam de má-fé. Dizem como você que o Mal existe, mas Deus nos deu o mais belo presente do mundo que é o livre-arbítrio. Podemos livremente fazer o que Deus ordena ou o que o diabo

sugere, e se depois vamos para o inferno é porque não fomos criados como escravos, mas como homens livres, só que usamos mal a nossa liberdade e isso foi uma decisão nossa." Isso.

"Isso? Mas quem lhe disse que a liberdade é um presente? Ou melhor, tome cuidado para não confundir as coisas. Nossos companheiros na montanha estão lutando pela liberdade, mas é a liberdade contra outros homens que queriam nos transformar em um monte de maquiuetas. A liberdade é uma coisa bela entre homem e homem, você não tem o direito de me fazer agir e pensar o que quiser. E os nossos companheiros eram livres para decidir se deviam ir para as montanhas ou esconder-se em algum lugar.

Mas a liberdade que Deus nos deu, que liberdade é essa? E a liberdade de ir para o paraíso ou para o inferno, sem alternativas. Você nasce e já é obrigado a jogar essa partida de bisco, e se perder, vai sofrer por toda a eternidade. E

se

eu não quisesse jogar? Crapone que, entre tanta coisa ruim, algo de bom deve ter feito, proibiu os jogos de azar, pois há lugares em que as pessoas são tentadas e acabam se arruinando. E não vale dizer que o homem é livre para ir ou não. Melhor não induzir as pessoas à tentação. Mas isso é um presente? É

como se eu o jogasse daquele penhasco e lhe dissesse para ficar tranqüilo porque você tem a liberdade de agarrar um arbusto qualquer e subir de volta ou de deixar-se cair até o fundo, até se reduzir àquela carne moída que eles comem em Alba. Você poderia dizer: mas por que me empurrou se eu estava tão bem aqui? E eu respondo: para que você pudesse provar se era mesmo bom. Grande brincadeira. Você não queria provar que era bom, contentava-se em não cair."

"Agora estou confuso. Qual é a sua idéia, então?"

"É simples, só que ninguém pensou nisso antes. Deus é mau. Por que os padres dizem que Deus é bom? Porque ele nos criou. Mas essa é justamente a prova de que é mau. Deus é o Mal. Talvez, visto que é eterno, não fosse mau há milhares de anos. Ficou mau como aquelas crianças que no verão se entediam e começam a arrancar asinha de mosca, para passar o tempo. Preste atenção, se você pensa que Deus é mau, todo o problema do Mal fica claríssimo."

"Todos maus, então, até Jesus?"

"Ah, não! Jesus é a única prova de que pelo menos nós, homens, sabemos ser bons. Para dizer tudo, não estou seguro de que Jesus fosse filho de Deus, como uma matéria boa assim pode nascer de um pai cuja maldade é tanta coisa que não sei explicar. Também não estou seguro de que Jesus realmente existiu.

Talvez nós o tenhamos inventado, mas é justamente esse o milagre, que tenhamos tido uma idéia tão bonita. Ou talvez tenha existido, era o melhor de todos e dizia ser filho de Deus por bom coração, para nos convencer de que Deus era bom. Mas se você lê bem o Evangelho, percebe que ele também se deu conta no final de que Deus era mau: assustou-se no monte das Oliveiras e pediu que afastasse dele aquele cálice, e necas, Deus não lhe dá ouvidos; gfitá

na cruz, pai, por que me abandonaste, e necas, Deus estava virado para o outro lado. Mas Jesus nos ensinou o que um homem pode fazer para reparar a maldade divina. Se Deus é ruim, podemos ao menos tentar ser bons, perdoar-nos uns aos outros, não nos ferir mutuamente, cuidar dos doentes e não nos vingarmos das ofensas. Ajudar-nos entre nós já que aquele lá não nos ajuda.

Entendeu como era grande a idéia de Jesus? E quem sabe como Deus ficou irritado. Jesus é o único verdadeiro inimigo de Deus, nada de diabo. Jesus é o único amigo que nós, pobres cristos, temos."

"Você não seria um herege como aqueles que foram queimados..."

"Eu sou o único que entendeu a verdade, só que para não ser queimado não posso andar espalhando por aí e só contei a você. Jura que não vai dizer nada a ninguém."

"Juro", e cruzei os dedos sobre os lábios. "Cruzin, cruzam.."

Percebi que Gragnola carregava sempre consigo, sob a camisa, um saquinho comprido de couro pendurado no pescoço. "O que é isso, Gragnola?" "Um bisturi." "Você estudava medicina?"

"Estudava filosofia. Quem me deu o bisturi foi o médico do meu regimento na Grécia, antes de morrer. 'Já não me serve mais', disse ele, 'quem abriu minha barriga foi aquela granada. Para mim seria melhor uma caixinha como aquela que as mulheres têm, com agulha e linha. Mas esse buraco não dá mais para costurar. Guarda o bisturi como recordação de mim/ E eu o carrego sempre comigo.'" ror quer

"Porque sou um covarde. Com as coisas que faço e as coisas que sei, se a SS ou as Brigadas Negras me pegam, vão me torturar. E se me torturam eu vou falar, porque o mal me faz medo. E mando meus companheiros para a morte.

Então, se me pegarem, corto a garganta com o bisturi. Não dói, é um segundo, sguiss. E engano todos eles: os fascistas, que não vão ficar sabendo de nada, os

padres, porque me suicido e é pecado, e Deus porque morro na hora que escolhi e não quando ele decidiu. Vão ter que engolir essa."

Os discursos de Gragnola me davam tristeza. Não porque estivesse seguro de que eram ruins, mas porque temia que fossem bons. Fiquei tentado a falar sobre eles com meu avô, mas não sabia o que ele acharia da história. Talvez ele e Gragnola não se entendessem, embora ambos fossem antifascistas. Meu avô resolveu sua questão com Merlo, e com o Duce, de um jeito hilarianre.

Meu avô salvou os quatro rapazes na capela, zombou das Brigadas Negras e ponto final. Não era de igreja, mas isso não queria dizer que fosse ateu, do contrário não faria o presépio. Se acreditava em Deus, era um Deus alegre, que deve ter dado umas boas risadas vendo o Merlo tentando vomitar a alma -

meu avô poupou a Deus a pena de mandar o Merlo para o inferno, depois de todo aquele óleo, mandou-o com certeza só para o purgatório onde poderia se descarregar em paz. Gragnola, ao contrário, vivia em um mundo entristecido por um Deus mau e só o vi sorrir com ternura quando falou de Sócrates e de Jesus. E, aliás, dizia eu comigo mesmo, os dois foram mortos e, portanto, não vejo neles nenhum motivo para rir.

E no entanto não era má pessoa, queria bem às pessoas que o cercavam.

Seu problema era só com Deus, e devia ser um trabalhão, porque era como atirar pedras num rinoceronte, ele nem percebe e continua fazendo as suas coisinhas de rinoceronte, enquanto você fica vermelho de raiva e acaba tendo um ataque.

Quando foi que, com os colegas, comecei o Grande Jogo? Em um mundo onde todos atiram contra todos, era bom ter um inimigo. Escolhemos os meninos de San Martino, cidadezinha em cima do pico que mergulhava no Vallone.

O Vallone era ainda pior do que descrevera Amália. Não dava mesmo para

subir - sem falar em descer — porque a cada passo o pé caía em falso. Onde não tinha sarça a terra se desfazia toda, via-se um matagal de esponjeiras ou uma moita de amora e bem no meio abria-se um buraco, quando se pensava ter finalmente encontrado a trilha certa, e era uma pedreira surgida por acaso,

depois de dez passos se começava a escorregar, caindo numa das margens e despencando pelo menos vinte metros. Mesmo quem chegava vivo ao fundo, sem quebrar os ossos, tinha os olhos furados pelos abru-nheiros. Anda por cima, dizia-se que estava cheio de serpentes.

A gente de San Martino dei Vallone sofria de um medo inato, também por causa das masche, e gente que coloca San Antonino em casa, uma múmia que parecia saída da tumba para talhar o leite das lactantes, tem que acreditar em masche. Eram os inimigos ideais, pois para nós eram todos fascistas. Não era bem assim, na verdade: dois irmãos que moravam lá partiram com as Brigadas Negras e na aldeia ficaram os dois menores, que eram os manda-chuvas do bando lá de cima. Resumindo, a cidadezinha era ligada àqueles dois filhos em guerra, e na gente de San Martino, murmurava-se em Solara, não se pode confiar.

Fascistas ou não, dizíamos que os meninos de San Martino eram ruins feito bicho. E que se você vive num lugar como San Martino precisa inventar cada dia uma nova para se sentir vivo. Para ir à escola tinham que descer para Solara e nós da cidade olhávamos para eles como se fossem ciganos. Muitos de nós trazíamos merenda, pão com geléia, e eles tinham sorte quando traziam uma maçã bichada. Em suma, alguma coisa tinham que fazer e muitas vezes nos massacraram com pedras quando estávamos na porta do Otatório. E tinham que pagar. Onde, tínhamos que subir a San Martin o e atacá-los quando estivessem jogando bola na praça da igreja.

Mas só se chegava a San Martino pela tal estrada toda reta, sem voltas, e da praça da igreja dava para ver quando alguém subia. Assim nunca conseguiríamos pegá-los de surpresa. Até o dia em que Durante, um camponês com a cabeça grande e preto como um abissínio, disse que podíamos pegá-los subindo pelo Vallone.

Para subir pelo Vallone era necessário treinamento. Fizemos uma escala, no primeiro dia tentávamos dez metros, guardando na memória cada passo e cada quebrada, e tentávamos descer colocando o pé onde tínhamos colocado na subida e no dia seguinte passávamos aos próximos dez metros. De San Martino não se via quem subia e tínhamos todo o tempo que quiséssemos. Não se podia improvisar, tínhamos que ficar como os animais que se sentem em casa no Vallone, as serpentes e os lagartos.

Dois de nós quase se deram mal, um por pouco não morre e esfolou a palma da mão para conseguir frear a descida, mas no final éramos os únicos no mundo que sabíamos como subir o Vallone. Certa tarde nos arriscamos e escalamos durante uma hora e até mais, tanto que chegamos sem fôlego, mas emergimos de um matagal exatamente na base de San Martino, onde, entre as casas e o precipício, havia uma viela protegida por uma mureta, exatamente para evitar que os habitantes caíssem quando passavam de noite. E bem na saída do nosso percurso a mureta tinha uma fissura, uma rachadura, e dava para passar por ela. Diante dessa abertura, abria-se uma estradinha onde ficava

a porta da casa paroquial e que desembocava bem na praça da igreja.

Irrompemos na praça justamente quando eles estavam jogando cabra-cega.

Belo golpe: um não podia nos ver e os outros saltavam de cá para lá rentando desviar dele. Lançamos as nossas munições, pegamos um deles bem na testa, os outros fugiram para a igreja pedindo ajuda ao padre. Por enquanto bastava, escapamos pela estradinha até a abertura no muro e para baixo pelo Vallone.

O padre mal teve tempo de ver nossas cabeças desaparecendo entre os arbustos e gritou ameaças horríveis, enquanto Durante gritava "toma!", batendo com a mão esquerda no braço direito.

Mas agora os meninos de San Martino já sabiam. Quando entenderam que subíamos pelo Vallone, puseram sentinelas na rachadura. É verdade que se podia chegar quase embaixo da mureta antes que eles percebessem, mas só quase: os últimos metros ficavam a descoberto, entre espinheiras muito baixas que atrapalhavam o caminho e a sentinela tinha tempo para dar o alarme. No fundo da estradinha eles prepararam bolas de lama secas ao sol e alvejavam-nos do alto antes que pudéssemos ganhar a viela.

Era uma pena tanto esforço para aprender como subir pelo Vallone para abandonar tudo. Até que Durante disse: "Vamos aprender a subir na névoa."

Como o outono estava começando, havia naquelas bandas tanta névoa quanto se poderia desejar. Nos dias de névoa, se era das boas, Solara desaparecia lá embaixo, desaparecia até a casa de meu avô, e no meio de todo aquele cinza mal e mal despontava o campanário de San Martino. Quem estava no campanário tinha a impressão de estar num dirigível voando sobre as nuvens.

Em casos do gênero era possível chegar até a mureta, onde a névoa acabava e eles não podiam passar o dia inteiro olhando para o vazio, sobretudo quando descia a escuridão. Mas quando ficava tihosa, a névoa superava até a mureta e invadia a praça da igreja.

Aprender a subir pelo Vallone com névoa era muito diferente de subir no sol. Tinha que aprender tudo realmente de cor, saber dizer que ali tem aquela pedra, lá, atenção que começa uma espinheira com a largura de cinco passos (cinco, não quatro ou seis), mais à direita a terra desliza que é uma beleza, quando se chega à pedra grande, bem à sua esquerda começa a falsa trilha e quem for por ali mergulha no penhasco. *Etc.*

Fazíamos portanto explorações nos dias claros e depois, por uma semana, reperiámos de memória os passos a fazer. Eu tentei desenhar um mapa, como nos livros de aventuras, mas metade dos meus amigos não sabia como ler um mapa. Pior para eles, eu o imprimi na cabeça e poderia andar pelo Vallone de olhos fechados — e uma noite de neblina era quase a mesma coisa.

Depois que todos aprenderam o caminho, ainda treinamos por mais alguns dias, na cerração fechada, depois do pôr-do-sol, para ver se conseguíamos chegar à mureta quando eles ainda não tivessem saído para jantar.

Depois de muitas provas, tentamos a primeira expedição. Como fizemos para

chegar lá em cima eu não sei, mas chegamos e justamente quando eles, na praça ainda livre dos vapores, estavam contando vantagem — porque num lugar como San Martino, ou você fica na praça fazendo nada ou vai para a cama logo depois de ter comido uma sopa de pão dormido e leite.

Chegamos à praça, bombardeamos como se deve, rimos da cara deles enquanto tentavam se refugiar nas casas e descemos. Descer era pior que subir, porque se você escorrega subindo ainda pode se agarrar a um arbusto, mas se escorrega descendo, você está frito e antes de conseguir parar suas pernas já vão estar sangrando e as calças arruinadas para sempre. Mas chegamos, vitoriosos e triunfantes.

Depois daquela arriscamos outras incursões e eles não podiam botar sentinelas no escuro, mesmo porque a maior parte deles tinha medo das masche. Éramos do Oratório e para nós as masche não significavam realmente nada, pois sabíamos que bastava dizer meia ave-maria e elas ficavam como que paralisadas. E assim continuamos por alguns meses. Depois cansamos: subir não era mais um desafio e sabíamos fazê-lo com qualquer tempo.

Em minha casa ninguém ficou sabendo da história do Vallone, do contrário eu ia levar um monte de pancada, e das vezes que subimos no escuro, disse que ia ao Oratório para os ensaios da comédia. Mas no Oratório todos sabiam e nos pavoneávamos porque éramos os únicos da cidadezinha a ter intimidade com o Vallone.

Era meio-dia de um domingo. Algo estava acontecendo, todos já tinham percebido: chegaram a Solara dois caminhões de alemães, revistaram meia cidade, depois foram para a estrada de San Martino.

Descera uma grande névoa de manhã bem cedo e a névoa do dia é pior que a da noite, porque está claro, mas você precisa se mover como se estivesse escuro. Não se ouvia nem o som dos sinos, como se aquele cinza servisse de silenciador. Até as vozes dos passarinhos enregelados entre os ramos das árvores chegavam como que através de um algodão. Tinha o funeral de alguém, os sujeitos do

cemitério não queriam pegar a estrada para o cemitério e o coveiro mandou dizer que não sepultava ninguém naquele dia porque ia se enganar na hora de baixar o caixão e cairia ele na cova.

Dois sujeitos da cidade seguiram os alemães para ver o que queriam e os viram chegar com dificuldade, com os faróis acesos que só dava para ver a menos de um metro, até o início da subida para San Martino e depois pararam, sem saber como prosseguir. Certamente não com os caminhões, porque não sabiam o que havia dos lados daquela ladeira e não queriam acabar em algum penhasco -talvez pensassem também que houvesse curvas traiçoeiras. Mas nem a pé se aventuraram, pois não conheciam as paragens.

Até que alguém explicou que só se podia subir até San Martino por aquela estrada e que com aquela névoa ninguém conseguia descer pelo outro lado, por causa do Vallone. Então puseram cavaletes no fundo da estrada e lá ficaram com os faróis acesos e as armas apontadas, para impedir a passagem, enquanto um deles gritava num telefone de campanha, talvez pedindo reforços. Os que espionaram ouviram repetir muitas vezes vobunde, volsunde.

Gragnola logo explicou que certamente estavam pedindo Wolfshunde, ou seja, cães policiais.

Enquanto os alemães estavam lá, por volta das quatro da tarde, quando tudo ainda era cinza espesso, mas claro, entreviram alguém que descia de bicicleta. Era o padre de San Martino que fazia aquela estrada ninguém sabe há quantos anos e sabia descer freando até com os pés. Vendo um padre, os alemães não atiraram porque, como ficamos sabendo depois, não estavam procurando padres, mas cossacos. O padre explicou, mais com gestos do que com qualquer outra coisa, que uma pessoa estava morrendo em uma herdade vizinha de Solara e queria os santos óleos (mostrava todo o necessário dentro de uma bolsa amarrada ao guidão) e os alemães acreditaram. Deixaram-no passar e o padre foi até o Oratório parlamentar com dom Cognasso.

Dom Cognasso não era uma pessoa que se metesse em política, mas sabia quem e como, e quase sem falar pediu que lhe dissesse o que havia a dizer a Gragnola e companhia, porque ele não queria e nem podia se imiscuir naquelas

histórias.

Logo se formou um grupo de jovens ao redor da mesa das partidas de escopa e eu me enfiar entre os últimos, um pouco acorrido para que não me notassem. E ouvi a narrativa do padre.

Havia um destacamento de cossacos com as tropas alemãs. Nós não sabíamos, mas Gragnola estava informado. Foram feitos prisioneiros na frente russa, mas por alguma razão lá deles os cossacos não queriam saber de Stalin, de modo que muitos deles se deixaram convencer (por dinheiro, por ódio aos soviéticos, para não apodrecer nos campos de prisioneiros ou até mesmo para poder deixar, com tudo que possuísem, o paraíso soviético) a alistar-se nas tropas auxiliares. A maior parte lutava nas regiões orientais, como em Carnia, onde eram temidíssimos por ser gente dura e feroz. Mas havia uma divisão turquistanesa também na região pavesa, mas lá eram chamados de mongóis.

Ex-prisioneiros russos, embora não fossem exatamente cossacos, giravam também pelo Piemonte com os partigiani.

Mas agora todos já sabiam como a guerra estava acabando, e além do mais os oito cossacos dos quais se falava eram pessoas com seus princípios religiosos. Depois de terem visto queimar duas ou três aldeias e enforcar uma dúzia de gente pobre, e mais, depois que dois deles também foram fuzilados por se recusarem a disparar contra velhos e crianças, pensaram que com os SS

não podiam mais ficar. "Não é só isso", explicava Gragnola, "mas se os alemães perdem a guerra, e já está perdida, o que farão os americanos e os ingleses?"

Capturam os cossacos e entregam aos russos, visto que são aliados. Na Rússia, aqueles lá, kaputt. Portanto, tentavam ficar com os aliados de modo que, depois da guerra, consigam abrigo em algum lugar, fora das garras daquele fascista do Stalin."

"De fato", dizia o padre, "esses oito ouviram falar dos partigiani, que combatem com os ingleses e americanos e estão tentando se juntar a eles. Têm as suas idéias e estão bem-informados: não querem ficar com os garibaldinos,

mas com os badoglistas."

Desertaram não sei onde, dirigindo-se a Solara só porque alguém dissera que os badoglistas ficavam por aquelas bandas. Fizeram quilômetros e quilômetros a pé, fora das estradas, movendo-se apenas de noite e levaram, portanto, o dobro de tempo, mas a SS estava em seus calcanhares e era um milagre que tivessem conseguido chegar até nós, mendigando comida em algumas casas, correndo sempre o risco de esbarrar em gente que serve de espia, comunicando-se como podiam porque rodos mastigavam um pouco de alemão, mas só um sabia italiano.

Quando perceberam que a SS os descobrira e estava para alcançá-los, subiram no dia seguinte para San Martino, pensando que lá podiam fazer frente a um batalhão poi alguns dias e depois se tinham que morrer, melhor morrer como bravos. E também porque alguém disse que havia por lá um certo Talino que conhecia um outro que poderia ajudá-los. Agora não eram mais que um bando de desesperados. Chegaram em San Martino à noite e encontraram o tal Talino que disse, no entanto, que havia lá uma família de fascistas, e numa aldeia com tão poucas casas todo mundo logo fica sabendo de tudo. A única coisa que lhe ocorreu foi abrigá-los na casa paroquial. O padre os recebeu, não por motivos políticos e nem por simples bom coração, mas porque compreendeu que deixá-los circulando por ali era pior que escondê-los. Mas não podia mantê-los ali por muito tempo. Não tinha o suficiente para alimentar oito pessoas e estava amarelo de medo, pois quando os alemães chegassem, logo iam revistar as casas, a paroquial inclusive.

"Rapazes, tentem entender", dizia o pároco, "vocês também leram o manifesto de Kesselring, eles pregaram em toda parte. Se forem encontrados aqui, queimam a cidade inteira, e se eles atirarem, seremos todos mortos."

Infelizmente, nós também víamos o manifesto do feldmarechal Kesselring e mesmo sem manifesto todo mundo sabia que a SS não era dada a sutilezas e já queimara várias cidades.

"E então?", perguntou Gragnola.

"Então, tendo em vista a névoa que, por graça de Deus, caiu sobre nós, e tendo em vista que os alemães não conhecem o lugar, alguém de Solara terá que ir buscar os benditos cossacos, trazê-los para baixo e levá-los até os badoglistas."

"E por que nós, de Solara?"

"Primeiro, a bem da verdade, porque se eu falar com alguém de San Martino, o boato começa a circular, e nos tempos que correm, quanto menos boatos circularem, melhor. Segundo, porque os alemães controlam a estrada e por ali ninguém passa. Portanto, não resta senão passar pelo Vallone."

Ao ouvir nomearem o Vallone todos disseram que estavam doidos, com a névoa que havia, e perguntavam por que o tal de Talino não desce, e coisas do gênero. Mas o maldito padre, depois de lembrar que Talino tinha mais de oitenta anos e não descia de San Martino nem quando tinha sol, acrescentou — e eu acho que era para se vingar das palpitações que lhe causamos, nós do Oratório: "Os únicos que sabem como se anda pelo Vallone, mesmo quando tem neblina, são os seus tapazes. Já que aprenderam essa diabrura só para traquinagens, que pelo menos uma vez usem seus talentos para uma boa causa.

Desçam os cossacos com a ajuda de um dos seus meninos."

A «Ratto del nolo appdlo ind!ri7;Ato dal Ff Idmarv&dallo Kcuclrinj agti Italian!, lo sfesso FeldmareKiallo ha ora Impartilo alk propric trappe 1 •.*.>:tiíPti orJ.ni

1. - Iniziare nella forma più enérgica l'azione contro le bande annate dl ribelli, contre i sabotatori cd i criminali che comunque con la loro opera deletéria intralciano Ia condotta delia guerra e (urbano l'ordinc e la sicurezza pubblica.

2. - Costituire una perccntuale di ostaggi in quelle località dove risuitano esistere bande arniate e pas-sarc per le armi detti ostaggi tutte le volte che ncllc località Stesse si verilicassero atti di sabotaggio.

3. - Compiere atti di rappresaglia fino a bruciare le abitaztoni poste nelle

zone da dove siano stati sparati colpi di arma da fuoco contro reparti o singoli militari germanici.

4. - Impiccarc nellc pubbliche piazze quegli dementi

ritenuti rcsponsabiü di omicidi o capi di bande armate.

5. - Rendere responsabiü gli abitanti di quei paesi dove si verificassero interruzioni di lince tclcgrafiche o telefoniche nonchè atti di sabotaggi rctativi alla cirçolazionc stradale (spargimento di rottami di vetro, chiodi o altro, suí piani stradali, danneggiamento di ponti, ostruzioni delle strade).

"Cristo", disse Gragnola, "mesmo que o fizéssemos, quando chegarem lá, o que fazer com eles? Se estiverem em Solara na segunda-feira de manhã, serão encontrados conosco, não com vocês, de modo que é a nossa casa que vão queimar?"

No grupo estavam também Stivulu e Gigio, os dois que foram com meu avô e Masulu dar óleo de rícino ao Merlo, e logo se viu que eles também tinham alguma relação com a Resistência. "Calma", disse Stivulu, que era mais esperto, "os badoglistas estão nesse momento em Orbegno, e até lá nem as Brigadas Negras nem a SS conseguiram chegar, porque estão no alto e podem controlar todo o vale com suas metralhadoras inglesas, que são uma canhonada só. Daqui a Orbegno, mesmo com névoa, alguém que conhece a estrada como o Gigio, na caminhonete de Bercelli, que mandou colocar faróis especiais, chega em duas horas. Digamos três porque já está escurecendo.

Agora são cinco, Gigio chega lá às oito, dá o aviso, eles descem um pouco mais e esperam na bifurcação para Vignoletta. Depois a caminhonete volta mais ou menos às dez, digamos onze, e fica escondida no bosque ao pé do Vallone, onde fica a capelinha da Madona. Um de nós, depois das onze, sobe pelo Vallone, pega os cossacos na casa paroquial, desce com eles até a caminhonete e antes que amanheça eles já estarão com os badoglistas."

"E vamos fazer toda essa ciranda, arriscando a pele por quatro mamelucos, calmucos ou mongóis que sejam que até ontem estavam com a SS?", perguntou

alguém de cabelos vermelhos que acho que se chamava Migliavacca.

"Ora, rapaz, eles mudaram de idéia", disse Gragnola, "e já é uma boa coisa, e são oito marmanjos que atiram bem e portanto podem servir, nada de histórias."

"Podem servir aos badoglistas", carregou Migliavacca.

"Badoglistas ou garibaldinos, são todos combatentes da liberdade, e como sempre se disse, as contas se ajustam depois, não antes. Temos que salvar os cossacos."

"Você tem razão. Depois são cidadãos soviéticos e, portanto, da grande pátria do socialismo", disse um certo Martinengo, que não entendera bem toda aquela reviravolta. Mas eram meses em que acontecia de tudo, como a história de Gino, que era das Brigadas Negras, e dos mais fanáticos, depois acabou fugindo para se juntar aos partigiani reaparecendo com o lenço vermelho e que, como não tinha nenhum critério, apareceu por causa de uma moça quando não devia e foi pego pelas Brigadas Negras, que o prenderam e fuzilaram em Asti certa manhã ao amanhecer.

"Resumindo, dá para fazer", disse Gragnola.

"Só que tem um problema", falou Migliavacca. "Como disse o reverendo, para subir pelo Vallone só os meninos e eu não botaria um menino no meio de uma coisa tão delicada. À parte o bom senso, é fácil que depois eles saiam por aí falando."

"Não", disse Stivulu. "Por exemplo está aqui o Yambo, que ninguém percebeu mas já estava ouvindo tudo. Se o avô dele souber que estou dizendo isso, me mata, mas Yambo anda pelo Vallone como se fosse sua casa e é um menino não só de juízo, como também daqueles que não falam, boto a mão no fogo, e depois a família dele pensa como nós e portanto não tem perigo."

Fiquei coberto de suor frio e comecei a dizer que já era tarde e que já estavam me esperando em casa.

Gragnola puxou-me de lado e disse um monte de coisas bonitas. Que era pela liberdade e para salvar oito pobres desgraçados, que até na minha idade se

pode ser herói, que no fim das contas eu já andara pelo Vallone tantas vezes que aquela não seria diferente das outras, salvo que havia oito cossacos para carregar, e atenção para não perdê-los no caminho porque os alemães estavam lá no fundo da ladeira esperando como um monte de babacas, mas que não sabiam nem onde ficava o Vallone, que ele viria comigo, embora doente, pois dianre do dever não fugia, que não íamos às onze, mas à meia-noite, quando meus parentes já estariam dormindo e eu podia escapulir sem que ninguém notasse e na manhã seguinte me veriam na cama como se nada tivesse acontecido. E continuava a me hipnotizar dessa maneira.

No final eu disse que sim. No fundo era uma aventura que eu poderia, depois, contar por aí, uma coisa de partigiano, uma daquelas proezas que nem mesmo Gordon realizava na floresta de Ar-bória. Nem sequer Tremal-Naik na Floresta Negra. Melhor que Tom Sawyer na caverna misteriosa. Que por selvas assim nem a Patrulha do Marfim ousou se aventurar. Enfim, seria o meu momento de glória, e era pela Pátria, a boa, não a errada. E sem andar por aí me pavoneando, de bandoleira e Sten, sem armas, de mãos nuas como Dick Fulmine. Enfim, tudo o que já lera agora voltava direitinho. E se eu tinha que morrer, veria finalmente os fios da relva como troncos.

Mas como era um menino sensato deixei as coisas bem claras com Gragnola. Ele dizia que para carregar oito cossacos corria-se o risco de perdê-los pelo caminho, portanto precisava de uma corda longa para nos amarrar como fazem os alpinistas, assim um seguia o outro mesmo que não visse aonde ia. Eu dizia que não, que com uma corda assim o primeiro que cai arrasta todos os outros consigo. Eram necessários dez pedaços de corda: cada um seguraria tanto a ponta da corda de quem estava na frente quanto a de quem estava atrás, assim, se sentisse que alguém caía, podia pelo menos largar a corda do seu lado, pois é melhor um que todos. Você é esperto, disse Gragnola.

Perguntei todo excitado se ele estaria armado e ele disse que não, primeiro porque não seria capaz de fazer mal a uma mosca, depois porque, Deus queira que não, se houvesse um confronto os cossacos estavam armados e, enfim, se por um maldito acaso o prendessem, ele estaria desarmado e talvez isso evitasse que o pusessem imediatamente no paredão.

Fomos até o padre para dizer que concordávamos, que deixasse os cossacos de prontidão depois da uma da madrugada.

Por volta das sete voltei para casa para jantar. O encontro seria à meia-noite na capelinha da Madona, e para chegar lá eram necessários quarenta e cinco minutos a passos largos. "Você tem relógio?", perguntou Gragnola. "Não, mas às onze, quando todos vão se deitar, eu vou para a sala de jantar onde fica o pêndulo."

Jantar em casa com a cabeça em chamas, fingir, depois do jantar, que ouve rádio e examina os selos. O problema é que meu pai, que com toda aquela névoa não se arriscou a ir para a cidade, esperando poder partir na manhã seguinte, estava presente. Mas foi deitar bem cedo, e mamãe junto com ele.

Será que faziam amor, meus pais, naquela época, depois dos quarenta anos?

Isso eu pergunto agora. A sexualidade do pai e da mãe, creio eu, é sempre um mistério para todos, e a cena primária é uma invenção de Freud. Imagine se iam se deixar ver. Mas lembro de uma conversa de minha mãe com algumas amigas, no começo da guerra, quando ela devia ter passado dos quarenta há pouco (eu a ouvira dizer com forçado otimismo "no fundo, a vida começa aos quarenta"); "Ah, o meu Duilio fez a parte dele no seu tempo..." Quando? Até o nascimento de Ada? E depois, meus pais não copulavam mais? "Sabe-se lá o que Duílio apronta sozinho na cidade com a secretária de sua empresa", brincava minha mãe de vez em quando na casa de meu avô. Mas dizia isso para rir. Terá meu pobre pai apertado a mão de alguém na hora dos bombardeios para manter o moral?

Às onze, a casa imersa em silêncio, eu estava na sala de jantar, no escuro.

De vez em quando acendia um fósforo para ver o pêndulo. Às onze e quinze deslizei pela porta, dirigindo-me na névoa para a capela da Madona.

O medo toma conta de mim. Agora ou na época? Vejo imagens que não têm nada a ver. Talvez as masche existam mesmo. Esperando-me atrás de um esboço de touceira que não dava para ver na neblina; estariam lá, primeiro insinuantes (quem disse que aparecem como velhas desdentadas? Talvez usassem saias com fendas), depois apontariam suas metralhadoras contra mim, dissolvendo-me em uma sinfonia de furos avermelhados. Vejo imagens que não têm nada a ver.,.

Gragnola estava lá e lamentava-se pelo atraso. Percebi que tremia. Eu não. Eu agora estava no meu ambiente.

Gragnola passou-me a ponta da corda e começamos a caminhar Vallone acima.

O mapa estava na minha cabeça, mas Gragnola dizia, a cada passo, ai meu Deus que estou caindo, e eu o confortava. Eu era o chefe. Sabia muito bem como andar na selva quando os thugs de Suyodhana o acossam. Movia os pés como quem segue a partitura de uma música, acho que é isso que um pianista faz — digo, com as mãos, não com os pés - e não errava um passo sequer. Mas ele, embora me seguisse, tropeçava a toda hora. Tossia. Tinha que me virar para puxá-lo pela mão. A névoa era densa, mas se ficássemos a meio metro um do outro podíamos nos ver. Puxava a corda e Gragnola emergia de vapores que de espessos tornavam-se rarefeitos de uma hora para outra e ele surgia de repente como um Lázaro que se libertasse do sudário.

A subida durou uma boa hora, mas estávamos na média. Só recomendei a Gragnola que tomasse cuidado quando chegássemos à pedra. Se em vez de contorná-la retomando o caminho reto, ele virasse à esquerda por engano por causa de algum pedregulho sob os pés, acabaria no barranco.

Chegamos lá em cima, na abertura da mureta, e San Martino era uma coisa

única e invisível. Vamos reto, disse eu, e tomamos a estradinha. Contando vinte passos estaremos na porta da casa paroquial.

Batemos na porta segundo o combinado, três batidas, uma pausa e mais três batidas. Quem abriu foi o padre, de uma palidez poeirenta como as clematites ao longo da estrada, no verão. Os oito cossacos estavam lá, armados como bandoleiros e assustados como crianças. Gragnola falou com o que sabia italiano. Falava bastante bem, exceto por um sotaque esquisito, mas como se deve fazer com os estrangeiros, Gragnola lhe falava no infinitivo.

"Você ir na frente de seus homens e seguir o menino e eu. Você dizer aos outros o que eu dizer e eles fazer o que eu dizer. Entendeu?"

"Entendi, entendi. Estamos prontos."

O padre, que estava a ponto de se borrar todo, abriu a porta encaminhando-nos para a estradinha. Mas bem naquele momento ouviram-se, distantes, vindas do lado onde a estrada desemboca na cidadezinha, vozes teutônicas e um latir de cães.

"Droga de Deus", disse Gragnola, mas o padre não deu atenção. "Chegaram os boches e estão com os cães, que não estão nem aí para a névoa porque seguem no faro. Porca miséria, o que a gente vai fazer?"

O chefe dos cossacos disse: "Sei como eles fazem. Um cão para cada cinco. Nós seguimos como combinado, talvez encontremos algum sem cachorro."

"Rien ne vasplus \ disse Gragnola, que era culto. "Vamos devagar. E

atirar só se eu mandar. Preparar lenços ou trapos e outras cordas." Depois explicou-me: "Seguimos pela estradinha e paramos na esquina. Se não tiver ninguém, num pulo estaremos na mureta e pronto. Se chegar alguém e se estiverem com os cães, nos fodemos. No pior dos casos, atiramos neles e nos

cães, vai depender de quantos forem. Mas se estiverem sem cães, deixamos que passem, pegamos eles por trás, amarramos e enfiamos os trapos na boca de cada um, assim não poderão gritar."

"E depois deixamos lá mesmo?"

"Gênio. Claro que não, carregamos eles pelo Vallone, não podemos fazer outra coisa."

Explicou rapidamente as coisas para o cossaco, que repetiu para os outros.

O padre nos deu alguns trapos e cordões dos paramentos sagrados. Vão, vão, dizia, e que Deus os proteja.

Adentramos a estradinha. Da esquina ouviam-se as vozes dos alemães provenientes da esquerda, mas sem latidos ou uivos de cães.

Encolhemo-nos atrás da esquina. Ouviam-se dois deles que se aproximavam falando entre si, provavelmente imprecando porque não conseguiam ver aonde estavam indo. "São só dois", explicou Gragnola por sinais. "Vamos deixar passar e depois, em cima deles."

Os dois alemães, que foram mandados para revistar aqueles lados enquanto os outros circulavam com os cães pela praça, avançavam quase às apalpadelas com os fuzis apontados, mas não viram nem a esquina e passaram direto. Os cossacos pularam sobre as duas sombras e mostraram que sabiam fazer seu trabalho. Depois de um segundo, os dois estavam no chão com um trapo na boca, seguros cada um por dois daqueles danados, enquanto um terceiro amarrava suas mãos nas costas.

"Pronto", disse Gragnola. "Agora você, Yambo, joga os fuzis do outro lado da mureta e vocês vão empurrar os alemães atrás de nós dois, por onde nós

andarmos."

Eu estava aterrorizado, mas agora o chefe era Gragnola. Passar a mureta foi fácil, Gragnola distribuiu as cordas. Só que, excero o primeiro e o último, cada

um ia ficar com as duas mãos ocupadas, uma pela corda da frente e outra pela de trás. Mas quem tivesse que guiar os dois alemães amarrados não poderia segurar a sua corda e nos primeiros dez passos o grupo seguiu aos trambolhões, até que nos enfiámos no primeiro matagal. Nessa altura Gragnola tentou reorganizar a fileira, os dois que puxavam os alemães amarraram a própria corda no cinturão de seu prisioneiro, os dois que os em-purravam seguravam-nos pelo colete com a mão direita e com a esquerda agariavam a corda do companheiro seguinte. Mas assim que começamos a nos mover de novo um dos alemães tropeçou e caiu em cima do guardião que o precedia, levando consigo aquele que o segurava e a cadeia se desfez. Os cossacos sibilavam entre os dentes coisas que na casa deles deviam ser blasfêmias, mas tinham o bom senso de não gritar.

Um dos alemães, depois da primeira queda, tentou se levantar e afastar-se do grupo, dois cossacos correram atrás dele e quase o perdem - se não fosse o fato de que ele também não sabia onde enfiar as botas e depois de uns poucos passos escorregou com a cara para baixo e foi pego. Na correria caiu-lhe o capacete. O chefe dos cossacos nos fez entender que não poderíamos deixá-lo ali porque se os cães viessem poderiam seguir o cheiro e nos encontrar no faro. Só naquele momento percebemos que o segundo alemão estava de cabeça descoberta. "Deus do céu", murmurou Gragnola, "o capacete deve ter caído quando os pegamos na viela, se chegarem lá com os cães eles vão ter um rastro!"

Nada a fazer. E de fato percorremos mais alguns metros antes de ouvir vozes que vinham do alto e o latido dos cães. "Chegaram à viela, os animais farejaram o capacete e estão dizendo que viemos nessa direção. Calma e sangue-frio. Primeiro eles têm que reconhecer o terreno e para quem não sabe não é fácil. Depois, têm que descet. Se os cães não confiam e seguem devagar, eles também descerão devagar. Se os cães vão depressa, não vão conseguir segurá-los e vão dar com a bunda no chão. Eles não têm você. Yambo, vá na frenre o mais rápido que puder, coragem."

"Vou tentar, mas estou com medo."

"Não, não está com medo, só nervoso. Respira bem fundo e vai embora."

Estava para me borrar todo como o padre, mas sabia que tudo dependia de mim. Cerrei os dentes, naquele momento preferia ser Giraffone ou Jojo, mais que Romano, o legionário; Horácio ou Clarabela, mais que Mickey na casa dos fantasmas; seu Pampurio em seu apartamento mais que Flash Gordon nas paludes de Arbória, mas quem está na chuva tem que se molhar. Lancei-me Vallone abaixo o mais rápido que podia, repetindo mentalmente os passos.

Os dois prisioneiros retardavam a marcha, porque com os trapos na boca respiravam com dificuldade e paravam a cada minuto. Depois de quinze minutos bem contados tínhamos chegado à pedra e eu sabia tão bem que tinha que estar lá que a toquei com as mãos esticadas antes mesmo de vê-la.

Tínhamos que circundá-la ficando bem pertinho, porque mais à direita ficava a margem e cairíamos. Ainda se ouviam distintamente as vozes do alto, mas não dava para entender se era porque os alemães gritavam mais alto para incitar os cães renitentes ou se tinham ultrapassado a mureta e estavam se aproximando.

Ouvindo as vozes dos companheiros, os dois prisioneiros estavam tentando empurrar, e quando não caíam de verdade, fingiam, tentando rolar de lado, sem medo de se machucar. Perceberam que não podíamos atirar neles para que não nos ouvissem e que, onde quer que fossem parar, os cães poderiam pescá-los de volta. Não tinham mais nada a perder e, como todos que não têm nada a perder, tornaram-se perigosos.

De repente ouvimos algumas rajadas. Como não conseguiam descer, os alemães resolveram atirar. Porém, antes de qualquer coisa, tinham diante deles o Vallone num ângulo de quase cento e oitenta graus e não sabiam onde estávamos, disparando, portanto, em todas as direções. Ademais, não tinham uma idéia clara de como o Vallone descia rapidamente e atiravam quase na horizontal. Quando conseguiam disparar na nossa direção ouvíamos as balas assobiarem sobre nossas cabeças.

"Vamos, vamos", dizia Gragnola, "de qualquer jeito, não vão conseguir nos pegar."

Mas os primeiros alemães devem ter começado a descer e a avaliar a inclinação do terreno, e os cães apontavam uma direção precisa. Agora atiravam para baixo e mais ou menos na nossa direção. Ouvia-se nas moitas o zumbido das balas que caíam perto de nós.

"Não medo", disse o cossaco, "conheço a Reichweite das Maschinen deles."

"O alcance dessas metralhadoras", sugeriu Gragnola.

"E, isso. Se não descerem mais e nós andarmos depressa, as balas não chegam mais em cima de nós. Logo, rápido."

"Gragnola", disse eu à beira das lágrimas, sentindo um desejo enorme de minha mãe, "posso andar mais rápido, mas vocês não."

Não podem carregar esses dois, é inútil que eu siga adiante como um cabrito, porque eles nos fazem perder tempo. Vamos deixá-los aqui, senão juro que me desabalo vale abaixo por conta própria!"

"Se os deixarmos aqui, vão se livrar em dois tempos e chamar os outros", disse Gragnola.

"Eu mato eles com a coronha da arma, não faz barulho", sibilou o cossaco.

A idéia de matar aqueles dois desgraçados gelou-me o sangue e levantei ouvindo Gragnola que rosnava: "Não dá, Deus, mesmo que os deixemos aqui

mortos, os cães vão descobri-los e os outros vão ficar sabendo que caminho tomamos", e na excitação não falava mais no infinitivo. "Só há um jeito, fazer com que caiam numa direção que não é a nossa, assim os cachorros vão para lá e nós ganhamos uns dez minutos, talvez até mais. Yambo, aqui à direita não fica a falsa trilha que leva para o penhasco? Bem, vamos jogá-los de lá, você disse que quem vai por ali não percebe a escarpa e cai sem saber como, assim os cães arrastarão os alemães para o fundo. Antes que se recuperem da queda nós estaremos no vale. Quem cai dali morre, não é?"

"Não, não falei que quem cai morre com certeza. Quebra os ossos, se tiver azar bate com a cabeça..."

"Porra, como é que você primeiro diz uma coisa, depois outra. Desse jeito as cordas podem se soltar durante a queda e eles ainda podem chegar lá embaixo com fôlego suficiente para gritar avisando os outros para tomarem cuidado!"

"E portanto devem cair quando já estiverem mortos", comentou o cossaco, que sabia como as coisas se passavam nessa droga de mundo.

Eu estava pertíssimo de Gragnola e podia ver seu rosto. Se alguma vez ele foi pálido, agora estava mais branco que nunca. Com os olhos revirados para cima, como se buscasse inspiração no céu. Naquele momento ouvimos um frr frr de balas que passavam perto da altura de um homem, e um dos alemães deu um empurrão no seu guarda caindo ambos no chão e o cossaco começou a se lamentar porque ele lhe dava cabeçadas nos dentes, jogando o tudo ou nada e tentando armar barulho. Foi naquele momento que Gragnola se decidiu e disse: "Ou eles ou nós. Yambo, virando à direita quantos passos tenho que dar até chegar à borda?"

"Dez passos, dez dos meus, oito, digamos, dos seus, depois esticando o pé já se sente o declive. Do início do declive até a borda são quatro passos. Por prudência, conte três."

"Então", disse Gragnola dirigindo-se ao chefe, "eu vou na frente, dois de vocês arrastam os boches, segurem forte pelos ombros. Os outros ficam aqui e esperam."

"O que vai fazer?", perguntei batendo os dentes.

"Quieto e calado. Estamos em guerra. Espere aqui você também. É uma ordem."

Desapareceram à direita da pedra, absorvidos pelo fiimifkgium.

Esperamos alguns poucos minutos, ouvimos um rolar de pedras e alguns tombos, depois Gragnola e os dois cossacos reapareceram sem os alemães.

"Vamos", disse Gragnola, "agora podemos prosseguir mais depressa."

Colocou uma mão em meu braço, senti que tremia. Quando chegou mais perto pude vê-lo: estava com um suéter até o pescoço e agora o estojo com o bisturi pendia sobre seu peito, como se o tivesse tirado. "O que fez com eles?", perguntei chorando.

"Não pense nisso, está certo assim. Os cães vão sentir o cheiro de sangue e arrastarão os outros para lá. Estamos salvos, siga adiante."

E vendo que eu tinha os olhos esgazeados: "Ou eles ou nós. Dois contra dez. É a guerra. Vamos."

Depois de quase meia hora, sempre ouvindo gritos raivosos e lamentosos vindos do alto, mas não na direção da nossa descida e cada vez mais distantes, chegamos ao fundo do Vallone, na estrada. Não muito longe a caminhonete de Gigio esperava no bosque. Gragnola mandou que os cossacos subissem.

"Vou com eles para ter certeza de que chegarão até os badoglistas", disse.

Tentava não me olhar e tinha pressa de ver-me partir. "Pegue por ali e volte

pata casa. Foi muito corajoso. Merecia uma medalha. E não pense no resto.

Você cumpriu o seu dever. Se alguém tem alguma culpa nisso tudo, sou eu."

Cheguei em casa suado, com aquele frio, e exausto. Refugiei-me em meu quartinho e gostaria de ter passado a noite em claro, mas foi pior, adormecia esgotado por uns poucos minutos de cada vez e via tios Gaetanos que dançavam com a garganta corrada. Talvez estivesse com febre. Preciso me confessar, preciso me confessar, dizia a mim mesmo.

Mas a manhã seguinte foi pior. Tive que acordar mais ou menos à mesma hora que os outros para cumprimentar meu pai que parria e mamãe não entendia por que estava tão lerdo. Algumas horas mais tarde Gigio chegou e foi logo confabular com meu avô e Masulu. Quando estava saindo fiz um sinal para que fosse me encontrar na vinha, ele não podia me esconder nada.

Gragnola acompanhou os cossacos até os badoglistas e depois, com Gigio e o caminhão, voltou para Solara. Os badoglistas disseram que não podia andar de noite desarmado: sabiam que um destacamento das Brigadas Negras estava em Solara dando uma mão a seus camaradas. Deram-lhe um mosquete.

Entre ir e voltar da bifurcação de Vignoletta levaram umas três horas ao todo. Devolveram a caminhonete à granja do Bercelli e tomaram a estrada para Solara. Pensavam que rudo estivesse acabado, não se ouvia nenhum rumor e seguiam tranquilos. Pelo que dava para perceber naquela névoa, estava quase amanhecendo. Depois de toda aquela tensão encorajavam-se mutuamente com tapinhas nas costas e fazendo barulho. Foi assim que não perceberam que os Brigadas Negras estavam acoitados num fosso e foram apanhados a dois quilômetros da cidade. Pegos com as armas em cima não podiam contar lorotas. Foram jogados dentro de um furgão. Eram apenas cinco, dois na frente, dois dentro vigiando-os e um de pé no pára-choque dianteiro para enxergar melhor na névoa.

Não foram nem amarrados, de qualquer modo os dois vigias estavam sentados com as metralhadoras nos joelhos e eles foram jogados no fundo como

dois sacos.

A certa altura Gigio ouviu um barulho estranho, como se um tecido se rasgasse e sentiu um líquido viscoso respingar-lhe a cara. Um dos fascistas ouviu um estertor, acendeu uma lanterna e viu Gragnola com a garganta dilacerada e o bisturi na mão. Os dois fascistas deram de blasfemar, mandaram parar o furgão e, com a ajuda de Gigio, retiraram Gragnola para um lado da estrada. Estava morto, ou estava para morrer, espalhando sangue por todo lado. Os outros três desceram também e cada um botava a culpa no outro, diziam que não podia ter empacotado daquele jeito porque no comando iam fazê-lo falar e agora iam prender todos eles, idiotas que não amarraram os presos.

Enquanto berravam diante do corpo de Gragnola, esqueceram-se de Gigio por um instante, e ele, naquela confusão, pensou é agora ou nunca. Jogou-se de lado, além do fosso, sabendo que havia ali um declive. Começaram a atirar aqui e lá, mas ele rolou até embaixo como uma avalanche, jogando-se em seguida num matagal. Com aquela névoa era como procurar agulha num palheiro e os fascistas não tinham interesse em armar muito barulho, porque era evidente que agora teriam que esconder o cadáver de Gragnola e voltar ao comando fazendo de conta que não tinham pego ninguém naquela noite, para não ter problemas com os chefes.

Naquela manhã, depois que as Brigadas Negras partiram para se juntar aos alemães, Gigio levou alguns amigos ao local da tragédia e, depois de procurar um pouco nos fossos, encontraram Gragnola. O padre de Solara não queria aceitar o corpo na igreja porque Gragnola era um anarquista e todos já sabiam que era um suicida, mas dom Cognasso mandou que o levassem para a igrejinha do Oratório, pois o Senhor conhece as regras certas melhor que seus sacerdotes.

Gragnola estava morto. Salvou os cossacos, deixou-me em segurança, depois morreu. Sabia muito bem como as coisas unham se passado, ele me antecipara muitas vezes. Era um covarde e temia, se o torturassem, contar tudo, dar nomes e mandar seus companheiros para a morte. Assim, sguiss, como eu tinha certeza que fizera com os dois alemães, e talvez como compensação. A morte corajosa de um covarde. Pagou o único ato de violência de sua vida, pagando assim

também o remorso que carregava consigo e que devia ser insuportável. Enganou todo mundo, fascistas, alemães e Deus, em uma única tacada. Sguiss.

E eu estava vivo. Não conseguia me perdoar.

Também nas lembranças a névoa começava a se desfazer. Vejo agora os partigiani que entam vitoriosos em Solara, dia 25 de abril chega também a notícia da libertação de Milão. Gente enxameando pelas ruas, os partigiani atiram para cima, chegam empoleirados nos pára-lamas de seu furgões. Alguns dias depois vejo chegar pela alameda de castanheiros, de bicicleta, um soldado vestido de verde-oliva. Explica que é brasileiro e segue alegremente para explorar aqueles locais exóticos. Até os brasileiros estavam com os ingleses e americanos? Nunca me disseram nada. Drôle de guerre.

Passa-se uma semana e chega o primeiro destacamento americano. Todos negros. Instalam-se com suas barracas no pátio do Oratório e faço amizade com um sargento católico que me mostra uma imagem do Sagrado Coração que ele traz sempre no bolso, dá de presente alguns jornais com as tiras de Li'l

Abner e Dick Tracy e uns chewing-gums que faço durar longamente tirando o bolo da boca à noite e colocando num copo d'água como os velhos fazem com a dentadura. Em troca me dá a entender que quer comer espaguete, e eu o convido para vir lá em casa onde tenho certeza que Maria há de lhe preparar até uns agnótti com molho de lebre. Mas quando chegamos o sargento vê que no jardim está sentado um outro negro, com divisas de major. Pede desculpas e parte, desapontado.

Os americanos procuravam hospedagem decente para seus oficiais, e pediram também a meu avô, e a família pôs à disposição

um belo quarto na ala esquerda, bem ali onde Paola instalou depois o nosso quarto.

O major Muddy é gordinho, com um sorriso de Louis Armstrong, e consegue

se fazer entender por meu avô; de resto, sabe algumas palavras em francês, a única língua estrangeira que as pessoas educadas daquela época conheciam, e em francês fala com mamãe e com as outras senhoras dos arredores que chegam na hora do chá para ver o libertador - até aquela fascista que odiava o meeiro. Todos ao redor de uma mesinha no jardim, aparelhada com o melhor serviço, perto das dalias. O major Muddy diz "mersi bocu" e "oui, madam, moi ossi j'aime le champém". Comporta-se com a afetação formal de um negro que finalmente é recebido em casa de brancos, e além do mais de boa condição. As senhoras sussurram entre si, vejam que gentileza e dizer que eram pintados como selvagens embriagados.

Chega a notícia de que os alemães se renderam, Hitler está morto. A guerra acabou. Em Solara fazem uma grande festa pelas ruas, abraçam-se, alguns dançam ao som de um acordeão. Meu avô decidiu que voltamos imediatamente para a cidade, embora o verão já esteja começando, porque de campo todos já tivemos o suficiente...

Saio da tragédia, no meio de uma multidão de pessoas radiantes, com a imagem dos dois alemães que mergulham no penhasco e de Gragnola, virgem e mártir, por medo, por amor e por despeito.

Não tenho coragem de procurar dom Cognasso para confessar... o quê, aliás? O que não fiz, e nem vi, mas apenas adivinhei? Não tendo nada para me fazer perdoar, também não posso ser perdoado. O bastante para que me sinta danado para sempre.

17.0 JOVEM PREVENIDO

Oh, sinto tanto tormento e dor I ao pensar que o ofendi ó Senhor...
Ensinaram-me no Oratório ou costumava cantá-la já na cidade?

Na cidade reacendem-se as luzes noturnas, as pessoas recomeçam a andar pelas ruas à noite, a beber cerveja ou tomar sorvere depois do trabalho ao longo do rio, inauguram-se os primeiros cinemas ao ar livre. Estou só, sem os amigos de Solara, e ainda não reencontrei Gianni, que só vou ver no reinício das aulas. Saio com meus pais, à noitinha, e não me sinto à vontade, porque não seguro mais suas mãos, mas ainda não me afasto sozinho. Em Solara eu era mais livre.

Vamos muito ao cinema. Descubro novos modos de lutar a guerra com Sargento York e A canção da vitória, onde o sapateado de James Cagney me revela a existência da Broadway. Im Yankee Doodle Dandy...

Conhecera o sapateado nos velhos filmes de Fred Astaire, mas o de Cagney é mais violento, liberatório, assertivo. O de Fred Astaire era diverttssement, este eu o sinto como empenho e, de fato, é até patriótico. Um patriotismo que se exprime no sapateado é uma revelação, chtquettes em vez de granadas e uma flor na boca. E além disso, o fascínio do palco como modelo do mundo e da inexorabilidade do destino, the show must go on. Educo-me para um mundo novo em musicais que chegam com atraso.

Casablanca. Victor Laszlo que canta a Marselhesa... Logo, vivi minha tragédia do lado certo... Rick Blaine que atira no major Strasser... Gragnola unha razão, guerra é guerra. Por que Dick teve que abandonar Usa Lundf Então não se deve amar? Sam é certamente o major Muddy, mas quem é Ugarte? É Gragnola, perdido e desventurado covarde que no final será pego pelas Brigadas Negras? Não, por seu risinho sarcástico deveria ser o capitão Renault, mas depois ele se

afasta na névoa com Rick para juntar-se à Resistência em Brazzaville e vai alegremente ao encontro de seu destino com um amigo...

Gragnola, porém, não poderá seguir-me no deserto. Com Gragnola vivi, não o início, mas o fim de uma bela amizade. E para sair de minhas lembranças não tenho salvo-condutos.

As bancas estão cheias de jornais com novos nomes e revistas provocantes, a capa mostra senhorinhas decotadas ou com uma camiseta tão esticada que modela o bico dos seios. Seios fartos invadem os cartazes cinematográficos. O

mundo renasce a meu redor em forma de mamilo. Mas também de cogumelo.

Vejo a foto da bomba que cai em Hiroshima. Aparecem as primeiras imagens do Holocausto. Ainda não são os amontoados de cadáveres que se viram depois, mas as fotos dos primeiros libertados, com os olhos fundos, o peito esquelético com todas as costelas à mostra, o cotovelo enorme que une as duas varetas do braço e do antebraço. Da guerra até agora só tive notícias indiretas,

cifras, dez aviões abatidos, tantos mortos e tantos prisioneiros, boatos sobre fuzilamentos de partigiani da nossa região, mas, salvo a noite do Vallone, não estive mais exposto à visão de um corpo aviltado - e nem naquela noite, aliás, pois da última vez que vi os dois alemães eles estavam vivos, e o resso só

vivi nos meus pesadelos noturnos. Busco naquelas fotos o rosto do senhor Ferrara, que sabia jogar bola de gude, mas mesmo que estivesse, já não poderia reconhecê-lo. Arbeit macht frei.

No cinema ri-se com as caretas de Gianni e Pinotto. Bing Crosby e Bob Hope chegam com a inquietante Dorothy Lamour, com o saarong de costume, viajando para Zanzibar ou Timbuctu (Road to...), e todos pensam, como em 1944, que a vida é bela.

Todo meio-dia, de bicicleta, procuro um tipo que faz mercado negro e que garante para nós, crianças, todo dia, dois pãezinhos de massa branca, os primeiros que começamos a comer depois daqueles espetos amarelados e malcozidos que roemos durante alguns anos, feitos de uma fibra filamentosa (de

farelo, diziam) que às vezes continha um pedaço de barbante ou até uma barata. Vou de bicicleta pegar o símbolo de um bem-estar que está renascendo e paro diante das bancas de jornais. Mussolini pendurado na praça Loreto e Cla-retta Petacci com um alfinete de fralda preso na saia entre as duas pernas,

por alguma mão piedosa que decidiu poupá-la dessa última vergonha.

Celebrações por partigiani mortos. Não sabia que fuzilaram e enforcaram tantos. Aparecem as primeiras estatísticas sobre os mortos da guerra recém-terminada. Cinqüenta e cinco milhões, dizem. O que é a morte de Gragnola diante desse massacre? Deus é realmente mau? Leio sobre o processo de Nuremberg, todos enforcados exceto Goering, que se envenena com cianureto que a mulher lhe passou ao dar-lhe o último beijo. A carnificina de Villarbasse marca o retorno da violência livre, agora já se pode matar as pessoas de novo por puro interesse pessoal. Depois são presos, todos fuzilados ao alvorecer. Continuam a fuzilar, sob o signo da paz. Condenada Leonarda Cianciuili, que durante a guerra saponificava suas vítimas. Rina Fort massacra a marteladas a mulher e os filhos de seu amante. Um jornal descreve a brancura de seu seio que enlouqueceu o amante, um homem magro de dentes cariados como tio Gaetano. Os primeiros filmes que me levam para ver mostram uma Itália de pós-guerra com inquietantes "senhorinhas", todas as noites sob aquele lampião, como antes. Sozinho sigo pela cidade...

É segunda-feira, manhã de feira. Por volta de meio-dia chega o primo Possio. Como se chamava? Possio foi Ada quem inventou, dizia que, em vez de "posso", ele dizia "possio", o que me parece impossível. O primo Possio era um parente muito distante, mas nos conhecera em Solara e não podia passar pela cidade sem vir nos cumprimentar. Todos sabiam que esperava um convite para o almoço, pois não podia pagar um restaurante. Nunca entendi que trabalho fazia, mais que outra coisa, procurava por um.

Vejo o primo Possio sorvendo seus raviolini ao caldo de carne sem deixar que se perdesse uma gora, com a cara bronzeada e escavada, os poucos cabelos cuidadosamente penteados para trás, os cotovelos do paletó brilhantes.

"Entende, Duilio", dizia toda segunda-feira, "não quero um trabalho especial.

Um emprego, em uma repartição paraestatal, um salário mínimo. Para mim basta uma gota. Mas todo dia uma gota, todo mês trinta gotas." Fazia um gesto

de ponte dos suspiros, imitava a gota que lhe batia na cabeça quase calva, deliciava-se com a imagem daquele suplício benéfico. Uma gota, repetia, mas todo dia.

"Hoje quase consegui, fui falar com o Carloni, sabe, aquele do consórcio agrário. Uma potência. Tinha uma carta de recomendação, você sabe, hoje em dia você não é ninguém sem uma carta de recomendação. Hoje de manhã, ao partir, comprei um jornal na estação. Duilio, eu não faço política, pedi um jornal qualquer e depois nem pude ler porque fiquei de pé no trem e mal conseguia me equilibrar. Dobrei e enfiei no bolso, como se faz com os jornais, mesmo que não tenha lido é sempre bom no dia seguinte para enrolar alguma coisa. Fui até o Carloni, ele me recebeu todo gentil, abriu a carta, mas vi que

me olhou enviesado por cima da folha de papel. Depois me liquidou em poucas palavras, não há contratações em vista. Saindo me dei conta de que o jornal que tinha no bolso era L'Unita. Sabe, Duilio, que eu concordo com o governo, sempre, pedi um jornal qualquer, nem me dei conta. Ele viu L'Unita no bolso e me liquidou. Se pegava o jornal do outro lado, a essa hora, quem sabe... Quando se nasce desgraçado... E destino."

Na cidade abriram um salão de baile e o herói é o primo Nuccio, que escapou do colégio: já é um rapazinho ou, como se diz, um almofadinha (já me parecia terrivelmente adulto quando espancava Angelo Orso). Saiu até uma caricatura dele no semanário local, para grande orgulho dos parentes, com ele se dobrando em mil contorções (como um tio Gaetano, porém mais articulado) na dança que enlouquece, o boogie-woogie. Eu ainda sou muito pequeno, não tenho coragem e não posso entrar naquela sala, sinto esses rituais como uma ofensa a garganta cortada de Gragnola.

Voltamos bem no começo do verão e eu me aborreço. Ando de bicicleta, às duas da tarde, pela cidade quase deserta. Esgoto-me de espaço para suportar o tédio daqueles dias mormacentos. Talvez não seja o mormaço, mas uma grande melancolia que carrego dentro de mim, única paixão de uma adolescência febril e solitária.

Ando de bicicleta, sem parar, entre as duas e as cinco da tarde. Em três horas

se faz o périplo da cidade várias vezes, basta apenas variar os percursos,

lançar-se pelo centro em direção ao rio, depois pegar a perimetral, dar meia-volta quando se atravessa a provincial que vai para o sul, retomar a estrada do cemitério, dobrar à esquerda antes da estação, refazer o centro, mas

por ruas secundárias, retas e vazias, entrar na grande praça do mercado, larga demais, circundada de pórticos e sempre ensolarada, não importa para que lado gire o sol, que às duas da tarde estão mais desertos que um Saara. A praça

está vazia e pode-se atravessá-la de bicicleta, seguro de que ninguém está espiando ou vai cumprimentá-lo de longe. Mesmo porque, se passasse lá no fundo alguém conhecido, você iria vê-lo muito pequeno, assim como ele, um perfil aureolado de sol. Depois gira pela praça em amplos círculos concêntricos, como um abutre sem carcaças para espreitar.

Não circulo ao acaso, tenho uma meta, mas a perco muitas vezes e de propósito. Vi na banca de jornais da estação uma edição, talvez antiga de alguns anos, a julgar pelo preço que parece de antes da guerra, de L'Atlantide de Pierre Benoit. Tem uma capa atraente, uma ampla sala com muitos convidados de pedra, que me promete uma história nunca ouvida antes. Custa pouco, mas no bolso só tenho aquela quantia e mais nada. Às vezes me arrisco a chegar à estação, desço, coloco a bicicleta apoiada na calçada, entro, contemplo o livro por um quarto de hora. Está em uma pequena vitrine e não posso abri-lo para intuir o que poderia me oferecer. Na quarta visita o jornaleiro me olha com suspeita, e tem todo o tempo que precisa para vigiar-me porque naquele átrio não tem ninguém, ninguém que chegue, ninguém que parta, ninguém que espere.

A cidade é só espaço e sol, pista para a minha bicicleta de pneus remendados, o livro na estação é a única garantia de que, através da ficção, poderei reentrar numa realidade menos desesperada.

Por volta das cinco aquela longa sedução - entre mim e o livro, entre o livro e mim, entre o meu desejo e a resistência do espaço infinito -, aquela pedalada amorosa no vácuo estivo, aquela dilacerante fuga concêntrica têm um fim: decido-me, tiro do bolso o meu capital, compro o Atlantide, volto para casa e deito-me para lê-lo.

Antinéia, a belíssima femme fatale, apresenta-se vestida com um klafi egípcio (o que é um klafti Deve ser alguma coisa magnífica e tentadora, que vela e revela ao mesmo tempo) que desce sobre seus cabelos bastos e ondulados, azuis de tão negros, e as duas pontas do pesado tecido dourado chegam até suas ancas delicadas.

"Tinha uma túnica de véu negro de reflexos dourados, muito leve, ampla, fechada apenas por uma echarpe de musselina branca, bordada de íris de pérolas negras." Sob aquelas vestes aparece uma donzela esbelta, de longos olhos negros, com um sorriso como jamais se viu entre as mulheres do Oriente. Não se adivinha o corpo sob aqueles faustosos paramentos diabólicos, mas sua túnica é ousadamente aberta do lado (ah, a fenda), o colo delicado está descoberto, os braços nus e sombras misteriosas se adivinham sob os véus.

Tentadora e severamente virginal. Por ela, pode-se morrer.

Embaraçado fecho o livro quando meu pai volta, às sete, mas ele pensa que quero simplesmente esconder o fato de que estava lendo. Observa que leio demais e vou arruinar a vista. Diz a minha mãe que eu deveria sair mais, dar alguns belos passeios de bicicleta.

Não gosto do sol e no entanto eu o suportava bem em Solara. Observam que aperto freqüentemente os olhos, franzindo o nariz:

"Parece que não enxerga, e não é verdade", ralham. Espero as névoas do outono. Por que tinha que amar a névoa, se foi na névoa do Vallone que se consumou minha noite de terror? Porque também foi a névoa que me protegeu, deixando-me ainda um álibi extremo. Havia névoa, eu não vi nada.

Com as primeiras névoas reencontro minha antiga cidade, onde os espaços exagerados e sonolentos são cancelados. Os vazios desaparecem e do cinza-leitoso, à luz dos lampiões, espigões, ângulos, repentinas fachadas emergem do nada. Conforto. Como no blecaute. Minha cidade foi feita, pensada, desenhada por gerações e gerações para ser vista no lusco-fusco, andando-se rente aos muros. Assim torna-se bela e protetora.

Foi naquele ano ou no seguinte que surgiu Grand Hotel, a primeira revista em quadrinhos para adultos? A primeira imagem da primeira fotonovela me tenta, e me induz à fuga.

Nada a ver com algo que reencontrei depois na loja de meu avô, uma revista francesa que, quando abri, me fez queimar de vergonha. Peguei-a, enfiando-a na camisa, e zarpei.

Estou em casa, deitado na cama folheando-a de barriga para baixo, apertando o púbis contra o colchão, exatamente como os manuais de piedade desaconselham. Numa página bem pequena, mas imensamente evidente, uma foto de Josephine Baker com os seios nus.

Fixo aqueles olhos pintados de bistre para não ver os seios, depois o olhar se desloca, são (creio) os primeiros seios de minha vida, pois aquelas coisas amplas e flácidas das calmulas à poil não eram seios.

Uma onda de mel percorre minhas veias, sinto um gosto acre no fundo da garganta, uma pressão na fronte, um desfalecimento na virilha. Levanto-me assustado e úmido perguntando que terrível doença me acometeu, deliciado com aquela liquefação em um caldo primordial.

Acho que foi minha primeira ejaculação: penso que é uma coisa mais proibida do que cortar a garganta de um alemão. Pequei de novo: naquela noite no Vallone sendo testemunha muda do mistério da morte, agora sendo o intruso que penetrou nos mistérios proibidos da vida.

Estou num confessionário. Um capuchinho chamejante discorre longamente sobre as virrudes da pureza.

Não me diz nada que eu já não tivesse lido nos manuais de Solara, mas

talvez tenha sido depois de suas palavras que voltei ao Jovem prevenido de Dom Bosco:

Mesmo na vossa tenra idade o demônio estende laços para roubar vossa alma... Há de ser muitíssimo útil para preservar-vos das tentações permanecer distante das tentações, das conversações escandalosas, de espetáculos públicos, onde nada existe de bom... Procurai estar sempre ocupados, quando não souberdes o que fazer, adornai altares, arranjai imagens ou quadros... Se mesmo assim a tentação continuar, fazei o sinal da santa cruz, beijai alguma coisa sagrada dizendo: São Luís, fazei com que eu não ofenda meu Deus. Nomeio tal santo porque foi proposto pela Igreja para ser o protetor especial da juventude...

Antes de tudo, evitai a companhia das pessoas de sexo diferente. Que fique bem entendido: quero dizer que os meninos não devem estabelecer familiaridade com as meninas jamais... Os olhos são as janelas pelas quais o pecado abre caminho para os vossos corações... donde, não demorai-vos remirando coisas que sejam, mesmo pouco, contrárias à modéstia. São Luís Gonzaga não queria nem que lhe vissem os pés ao deitar-se ou levantar-se.

Não se permitia fitar no rosto apropriada mãe... Esteve por dois anos com a rainha da Espanha na qualidade de pajem de honra e jamais a olhou no rosto.

A imitação de São Luís não é fácil, ou melhor, o preço para escapar das tentações parece bastante elevado, dado que o juvenzinho, flagelando-se até sangrar, colocava pedacinhos de madeira sob os lençóis para atormentar-se mesmo durante o sono, sob as roupas escondia esporas de cavalo porque não tinha cilícios; buscava o próprio desconforto no estar, no sentar, no caminhar... Mas o confessor propõe como exemplo de virtude Domingos Savio, com as calças deformadas de tanto ficar ajoelhado, mas menos cruento que São Luís em suas penitências, e exortame a contemplar, como exemplo de santa beleza, o dulcíssimo rosto de Maria.

Tento exaltar-me com uma feminilidade sublimada. Canto no coro dos meninos, na abside da igreja e durante os passeios dominicais a algum santuário:

Do que a aurora Tu surges mais bela com

Teus raios que alegram a terra e entre os astros que o céu encerra não há
estrela que Tu mais bela.

Bela Tu és qual o sol,

branca mais do que a lua,

e as estrelas mais belas

não são belas como és Tu.

Teus olhos são mais belos que o mar,

Tua fronte tem a cor do lírio,

Tuas faces, beijadas pelo Filho,

são duas rosas e os lábios são flor.

Talvez, esteja me preparando para o encontro com Lila, que deverá ser assim rambém inatingível, esplêndida em seu Empíreo, beleza gratiâ mi, livre da carne, capaz de ocupar a mente sem solicitar os lombos, com os olhos que olham alhures, para outro senhor, e não se fixam maliciosos sobre mim como os de Josephine Baker.

Tenho o dever de pagar na meditação, na prece e no sacrifício, os pecados, meus e de quem me cerca. De dedicar-me à defesa da fé, enquanto as primeiras revistas e os primeiros cartazes murais começam a falar da ameaça vermelha, dos cossacos que esperam dar de beber a seus cavalos nas águas bentas de São Pedro. Pergunto perdido como é que os cossacos, inimigos de Stalin, que até combateram com os alemães, transformaram-se agora em seus mensageiros de morte, e talvez queiram assassinar todos os anarquistas como Gragnola. Vejo-os muito parecidos com o preto que estuprava a Vénus de Milo e talvez o desenhista ainda fosse o mesmo, reciclado para uma nova cruzada.

Exercícios espirituais num pequeno convento em campo aberto. Cheiro de ranço no refeitório, passeios no claustro com o bibliotecário que me aconselha a ler Papini. Depois do jantar, ir para o coro da igreja, à luz de uma vela apenas e

todos juntos recirando o Exercício da Boa Morte.

O diretor espiritual nos lê passagens sobre a morte do Jovem prevenido: não sabemos onde a morte nos surpreenderá - não sabe se o pegará no leito, no trabalho, na rua ou alhures, o rompimento de uma veia, um catarro, um ímpeto de sangue, uma febre, uma praga, um terremoto, um raio é suficiente para privá-lo de vida e isso pode ser daqui a um ano, um mês, uma semana, uma hora ou talvez mal acabe a leitura dessa reflexão. Nesse momento, sentiremos a cabeça tonta, os olhos doloridos, a língua áspera, a garganta fechada, oprimido o peito, o sangue gelado, a carne consumida, o coração transpassado. Tendo expirado a alma, nosso corpo vestido de uns poucos farrapos será jogado em uma fossa e lá os ratos e os vermes roerão todas as carnes e de nós nada restará senão os ossos descarnados e um pouco de fétido pó.

Enfim a prece, uma longa invocação listando todos os últimos estremecimentos de um moribundo, os espasmos de cada membro, os primeiros frêmitos, o insurgir-se da palidez até o desenhar-se da fâcies hipocrática e o estertor final. A cada descrição das catorze fases do traspasse

(lembro vividamente apenas cinco ou seis), definida a sensação, a postura do corpo, a angústia do momento, termina-se com misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Quando meus pés imóveis me advertirem que minha carreira neste mundo está prestes a ter fim, misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Quando minhas mãos trêmulas e entorpecidas não mais puderem apertá-lo, Crucifixo bem meu, e contra a minha vontade eu deixá-lo cair no leito de minha dor, misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Quando minhas faces pálidas e lívidas inspirarem aos presentes com-paixão e terror e meus cabelos banhados pelo suor da morte, eriçando-se sobre minha cabeça, anunciarem o meu fim próximo, misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Quando minha imaginação, agitada por horrendos e aterrorizantes fantasmas, mergulhar em mortais tristezas, misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Quando tiver perdido o uso de todos os sentidos e o mundo inteiro tiver desaparecido de mim e eu gemer nas angústias da extrema agonia e nos estertores de morte, misericordioso Jesus, tende piedade de mim.

Salmodiar no escuro pensando na minha morte. Isso alivia, para não pensar mais na dos outros. Não revivo aquele Exercício com terror mas com consciência do fato de que todos os homens são mortais. Essa educação ao Ser para a Morte preparou-me para meu destino, que é, aliás, o destino de todos.

Gianni contou em maio a historinha daquele doutor que aconselhou a areação a um doente terminal. "Faz bem, doutor?" "Não é que sirva para muita coisa, mas você se acostuma a ficar enterrado." Agora estou me habituando.

Certa noite o ditetor espiritual colocou-se de pé diante da balaustrada do altar, iluminado - ele, nós, toda a capela - por uma única vela que o aureolava

de luz deixando seu rosto na obscuridade. Antes de dispensar-nos, contou um episódio. Uma noite, num convento de educandas, morreu uma menina, jovem, pia e belíssima, e na manhã seguinte, depois de estendê-la em um catafalco na nave, todos recitavam para ela as preces dos defuntos. Mas de repente o cadáver levantou-se, com os olhos abertos e o indicador apontado para o celebrante, e pronunciou com voz cavernosa: "Padre, não reze por mim! Esta noite concebi um pensamento impuro, um só -e agora estou condenada!"

Um estremecimento percorre o auditório e propaga-se pelos bancos da igreja e pelas abóbadas e parece fazer oscilar a chama da vela. O diretor nos exorta a ir deitar, mas ninguém se move. Forma-se uma longa fila diante do confessionário, todos preocupados em só se entregar ao sono depois de ter confessado até mesmo a menor esfumatura de pecado.

No conforto ameaçador de naves escuras, fugindo dos males do século, gasto

meus dias em gélidos ardores, nos quais até os cantos natalícios, e aquele

que um dia foi o confortável presépio de minha infância, transformam-se no nascimento do Menino para os horrores do mundo.

Dorme, não chores, Jesus dileto, dorme,

não chores, meu Redentor... os olhos

amáveis, lindo menino, corre a fechar no

fosco horror. Sabes por que picam a palha e o feno? É porque tuas luzes velam ainda.

Corre a fechá-las que o sono ao menos será remédio para qualquer dor.
Dorme, não

chores, Jesus dileto, Dorme, não chores,

meu Redentor.

Um domingo, meu pai, torcedor de futebol, meio desiludido com aquele filho que passava dias inteiros arruinando os olhos em cima dos livros, levou-me para assistir a um jogo. E uma partida secundária, as arquibancadas estão quase vazias, manchadas pelas cores dos poucos presentes, nódoas nas brancas escadarias inflamadas pelo sol. A um apito do juiz, o jogo se interrompe, um dos capitães o contesta, os outros jogadores movem-se pelo campo sem rumo. Desordem de camisetas de duas cores, vagar de atletas entediados na grama verde numa desordem esparsa. Tudo estanca. Tudo o que acontece escorre em câmara lenta, como num cinema paroquial onde o som termina de repente num miado, os movimentos se fazem mais cautelosos, acabam em saltos num fotograma imóvel, e a imagem se desfaz na tela como cera derretida.

E naquele instante sou tomado por uma revelação.

Percebo agora que foi a sensação dolorosa de que o mundo era desprovido de objetivo, fruto preguiçoso de um mal-entendido, mas naquele momento só consegui traduzir o que sentia como: "Deus não existe."

Saio da partida tomado por lancinantes remorsos e corro de imediato para o confessionário. O confessor chamejante da última vez agora sorri indulgente e benévolo, pergunta como me ocorreram idéias tão insensatas, menciona a beleza da natureza que postula uma vontade criadora e ordenadora, depois difunde-se no consensus gentium: "Meu filho, acreditaram em Deus escritores como Dante, Manzoni, Salvaneschi, grandes matemáticos como Fantappiè, e você quer desacreditar?" O consenso das gentes me acalma por alguns momentos. Deve ter sido culpa da partida. Paola me disse que nunca fui a jogos de futebol, no máximo acompanhava na televisão as partidas decisivas das Copas do Mundo. Deve ter se fixado em minha cabeça, depois daquele dia, que quem assiste a uma partida perde a alma.

Mas existem outros modos de perdê-la. Os colegas de escola começam a contar histórias sussurradas entre risinhos. Fazem insinuações, trocam revistas

e livros que roubaram em casa, falam da misteriosa Casa Vermelha onde não se pode entrar na nossa idade, desdobram-se para ver filmes cômicos com mulheres despidas. Mostram-me uma foto de Isa Barzizza de biquíni desfilando na passarela em um espetáculo de revista. Não posso deixar de olhar para não passar por beato, olho e, como se sabe, pode-se resistir a tudo menos à tentação. Entro furtivo no cinema nas primeiras horas da tarde esperando não encontrar ninguém que me conheça: em Os dois órfãos (com Totó e Carlo Campanini), Isa Barzizza, com outras alunas, desprezando os conselhos da madre superiora, vai tomar banho de chuveiro nua.

Os corpos das alunas não são vistos, são sombras atrás das cortinas do chuveiro. As jovens fazem suas abluções como se fosse uma dança. Eu deveria me confessar, mas aquelas transparências me trazem à mente um livro que logo fechei em Solara, temeroso daquilo que estava lendo. Trata-se de O

homem que ri, de Hugo.

Na cidade não o tenho, mas tenho certeza de que há um exemplar na loja de meu avô. Encontro-o, e enquanto meu avô fala com alguém, acorrido aos pés da prateleira, chego febrilmente à página proibida. Gwynplaine, horrendamente mutilado pelos comprachicos, que o transformaram em uma máscara de circo de

horrores, em um rebotalho da sociedade, de repente é teconhecido como Lord Clancharlie, herdeiro de uma imensa fortuna, par do reino da Inglaterra. Antes mesmo de compreender plenamente o que lhe aconteceta, é introduzido, esplendidamente vestido como um fidalgo, em um palácio encantado e a série das maravilhas que descobre (sozinho naquele deserto resplandecente), a seqüência de quartos e gabinetes faz girar não somente a sua cabeça, mas também a do leitor. Vaga de quarto em quarto até chegar a uma alcova onde, na cama, ao lado de uma banheira pronta para um banho virginal, vê uma mulher nua.

Não literalmente nua, adverte Hugo maliciosamente. Estava vestida. Mas com uma longuíssima camisa tão impalpável que parece molhada. E aqui começam sete páginas de descrição de como é uma mulher nua e como aparece para O homem que ri, que até então amara castamente apenas uma moça cega. A mulher surge para ele como uma Vénus adormecida na imensidão de sua espuma e, movendo-se lentamente no sono, compõe e descompõe curvas sedutoras com os vagos movimentos do vapor d água, que no azul do céu forma as nuvens. Comenta Hugo: "A mulher nua é a mulher armada."

De improviso, a mulher, Josiane, irmã da rainha, desperta, reconhece Gwynplaine e começa uma furibunda obra de aliciação à qual o infeliz já não consegue resistir, só que a mulher o leva ao cúmulo do desejo mas não se concede. Irrompe em uma série de fantasias, ainda mais alucinantes que sua própria nudez, em que se manifesta como virgem e como prostituta, ansiosa para gozar não somente dos prazeres da teratologia que Gwynplaine lhe promete, mas também do estremecimento que o desafio ao mundo e à corte irá lhe proporcionar, em cuja perspectiva se inebria, Vénus à espera de um duplo orgasmo, a posse privada e a exibição pública de seu Vulcano.

No momento em que Gwynplaine está pronto a ceder, chega uma mensagem da rainha comunicando à irmã que o Homem que Ri foi reconhecido como o legítimo Lord Clancharlie e lhe é destinado como marido. Josiane comenta "Está bem", levanta-se, estende a mão e (passando do tu para o vós) diz àquele com quem queria selvagememente se unir: "Retirai-vos."

E comenta: "A partir do momento em que sois meu marido, retirai-vos... Não tendes o direito de estar aqui. Este é o lugar do meu amante."

Sublime corrupção - não de Gwynplaine, de Yambo. Josiane não só me dá mais do que me prometera Isa Barzizza atrás da cortina, mas conquista-me com sua impudícia: "Sois meu marido, retirai-vos, este é o lugar do meu amante." Será possível que o pecado seja assim tão heroicamente envolvente?

Existem no mundo mulheres como Lady Josiane e Isa Barzizza? Vai me acontecer de encontrá-las? Serei fulminado - guiss —, justa punição por minhas fantasias?

Existem, pelo menos na tela. Sempre à tarde, furtivo, fui ver Sangue e areia. A adoração com que Tyrone Power aperta o rosto contra o colo de Rita Hayworth convence-me da existência de mulheres armadas mesmo que não estejam nuas. Desde que sejam despudoradas.

Ser intensamente educado para o horror ao pecado e depois ser conquistado por ele. Digo a mim mesmo que a proibição deve inflamar a fantasia. Decido portanto que, para fugir à tentação, é preciso escapar das sugestões de uma educação para a puteza: ambas são manobras do demônio e sustentam-se uma à outra. Esta intuição, talvez heterodoxa, me chega como uma chibatada.

Retiro-me para um mundo todo meu. Cultivo a música, sempre grudado no rádio nas horas vespertinas ou de manhã cedinho, mas às vezes apresentam um concerto sinfônico à noite. A família preferia ouvir outra coisa. "Chega dessas lamúrias", lamenra-se Ada, impermeável às musas. Um domingo de manhã na avenida encontro tio Gaetano, já um velho. Perdeu até o dente de ouro, talvez o tenha vendido durante a guerra. Informa-se afavelmente sobre meus estudos, meu pai lhe diz que nesse período estou obcecado pela música.

"Ah, a música", diz deliciado tio Gaetano, "eu o entendo muito bem, Yambo, adoro música. E toda, sabe? De qualquer tipo, basta que seja música." Reflete um instante e acrescenta: "A não ser quando é música clássica. Aí eu desligo, claro."

Sou um ser excepcional exilado entre os filisteus. Fecho-me ainda mais orgulhosamente em minha solidão.

Na antologia da quarta série ginásial topo com os versos de alguns poetas contemporâneos, descubro que é possível iluminar-se de imensidão, encontrar o mal de viver, ser arrebatado por um raio de sol. Não compreendo tudo, mas me agrada a idéia de que só isso te podemos dizer hoje, o que não somos, o que não queremos.

Encontro na loja de meu avô uma antologia dos simbolistas franceses.

Minha torre de marfim. Confundo-me em uma tenebrosa e profunda unidade, busco em toda parte música antes de qualquer coisa, ouço os silêncios, percebo o inexprimível, fito as vertigens.

Mas para enfrentar livremente esses livros, é preciso que me liberte de muitos interditos e escolho o diretor espiritual de quem me falou Gianni, o padre de visão ampla. Dom Renato assistira a O bom pastor, com Bing Crosby, onde os padres católicos americanos vestem-se como clergyman e cantam ao piano Too-ra-loo-ra-lo-ral, Too-ra-loo-ra-li a donzelas em adoração.

Dom Renato não pode se vestir à americana, mas pertence à nova geração dos padres que usam boina basca e andam de motoneta. Não sabe tocar piano, mas tem uma pequena coleção de discos de jazz e ama a boa literatura. Digo que me aconselharam Papini e ele diz que o Papini mais interessante não é o de depois da conversão, mas o de antes. Empréstimo-me Um homem acabado, pensando talvez que as tentações do espírito possam me salvar das tentações da carne.

É a confissão de alguém que nunca foi criança e teve uma infância infeliz de velho sapo cismador e irascível. Não sou eu, minha infância {nomen omeri} foi solar. Mas eu a perdi, por uma única noite sabática. O sapo irascível sobre

o qual leio agora salva-se na mania de saber, consumindo-se sobre volumes

"com a lombada verde e desfiada, com vastas páginas, largas, amarfanhadas,

acastanhadas de umidade, muitas vezes rasgadas ao meio ou sujas de rinra".

Sou eu, não somente no sótão de Solara, mas na vida que escolhi depois.

Nunca saí dos livros: agora o sei, na vigília contínua de meu sono, mas entendi nesse momento que ora rememoro.

Este homem, acabado desde o nascimento, não apenas lê, mas escreve. Eu também poderia escrever para acrescentar monstros meus àqueles que percorrem o fundo dos mares com suas patas silenciosas. Aquele homem arruina os olhos nas páginas sobre as quais verte suas obsessões com a tinta limosa de calamares com o fundo viscoso de borra, como um café turco.

Arruinou-os desde rapazola lendo à luz de velas, arruinou-os na penumbra das bibliotecas com as pálpebras avermelhadas. Escreve com a ajuda de lentes fortes, no terei contínuo de ficar cego. Se não cego, ficará paralítico, os nervos estão gastos, sente dores e entorpecimentos em uma perna, movimentos involuntários dos dedos, grandes pontadas na cabeça. Escreve com os óculos espessos quase tocando a folha.

Eu vejo bem, ando de bicicleta, nem sou um sapo — talvez até já tenha o meu sorriso irresistível, mas de que me serve? Não lamento que outros não me sorriam, é que não encontro razões para sorrir aos outros...

Eu não sou como o homem acabado, mas gostaria de me tornar. Fazer de sua fúria bibliomaniaca a minha possibilidade de fuga não conventual do mundo. Construir-me um mundo todo meu. Mas não estou caminhando para uma conversão, no máximo estou re—

tornando. Buscando uma fé alternativa, enamoro-me dos decadentes. Irmãos, tristes lírios, languesco de beleza... Transformo-me num eunuco bizantino que olha passarem os grandes bárbaros brancos compondo acrósticos indolentes, instalo com a ciência o hino dos corações espirituais, na obra de minha paciência percorro atlas, herbários e rituais.

Ainda posso pensar no eterno feminino, sim, mas desfigurado pelo artifício e por alguma palidez doentia. Leio, e me inflamo, tudo de cabeça:

Aquela moribunda cujas vestes tocava queimava-o como a mais ardente das mulheres. Não havia devadássi das margens do Ganges, odalisca dos banhos de Istambul, jamais haveria bacante nua que pudesse fazer ferver com maior intensidade o miolo de seus ossos que o contato, o simples contato daquela mão frágil e febril, cuja umidade sentia através da luva que a cobria.

Não preciso nem confessá-lo a dom Renato. É literatura e posso freqüentá-la, mesmo se fala de nudezas perversas e ambigüidades andróginas.

Suficientemente distantes da minha experiência para que possa ceder à sua sedução. É verbo, não é carne.

Por volta do fim do segundo ano de ginásio, cai em minhas mãos o À

rebours de Huysmans. Seu herói, Des Esseintes, vem de uma família de guerreiros robustos e monótonos, de bigodes à iatagã, mas gradativamente os retratos dos antepassados deixam entrever um sucessivo empobrecimento da raça, extenuada por excessivos casamentos consanguíneos: seus antepassados já mostram os sinais de um sangue entristecido pela linfa, exibem traços efeminados, rostos anêmicos e nervosos. Des Esseintes nasce marcado por esses males atávicos: tem uma infância fúnebre, ameaçada pela escrófula e por febres obstinadas, sua mãe, longa, silenciosa e branca, sempre sepultada num quarto escuro de um de seus castelos, à luz pálida de um abajur que a defende dos excessos de luz e rumor, morre quando ele tem dezessete anos. O rapaz, abandonado a si mesmo, folheia livros e nos dias de chuva erra pelos campos.

"Sua grande alegria era descer ao vale para chegar a Jutigny", uma aldeia plantada aos pés da colina. No Vallon. Deita-se nos prados, ouve o rumor surdo dos moinhos de água, depois sobe as encostas de onde se vê o vale do Sena, que foge a perder de vista confundindo-se com o azul do céu, as igrejas e a torre de Provins, que parecem tremer ao sol na pulverescência dourada do ar.

Lê e fantasia, embebeda-se de solidão. Adulto, desiludido dos prazeres da vida e da mesquinhez dos homens de letras, sonha uma tebaida refinada, um deserto privado, uma arca imóvel e tépida. Assim constrói seu eremitério, totalmente artificial, onde, na penumbra aquosa de vidraças que o separam do espetáculo obtuso da natureza, transforma a música em sabores e os sabores em música, encanta-se com o latim balbuciente da decadência, roça com os dedos

dalmáticas exangues e duras pedras, manda engastar na carapaça de uma tartaruga viva safiras, turquesas do Ocidente, jacintos de Compostella, águas-marinhas e rubis de Sundermania, ardósia clara.

Entre rodos os capítulos, amo aquele em que Des Esseintes decide sair pela primeira vez de sua casa para visitar a Inglaterra. É tentado pelo tempo enevoadado que vê a seu redor, pela abóbada celeste que se estende toda igual diante de seus olhos como um forro acinzentado. Para sentir-se em harmonia com o lugar para onde irá, escolhe um par de meias cor de folha morta, uma roupa cinza-rato, axadrezada de cinza-lava e pontilhada de cor de marta, põe na cabeça uma cartola, pega uma bolsa com fole, um saco de dormir, uma chapeéira, guarda-chuvas e bengalas, e avia-se para a estação.

Porém, chegando já exausto a Paris, roda de carro pela cidade chuvosa à espera da hora da partida. Os lampiões a gás, que piscam entre a névoa no meio de um halo amarelado, já sugerem uma Londres também pluvial, colossal, imensa, de sabor ferruginoso, fumacenta na bruma, com suas filas de docks, de guias, de guindastes, de sacos. Em seguida, entra em uma espécie de taverna, ampub freqüentado por ingleses, entre filas de barris decorados com o brasão real, com mesinhas cobertas de biscoitos Palmers, bolachinhas salgadas, mince pies e torradas e degusta a série de vinhos exóticos que o ambiente lhe oferece, Old Port, Magnificent OU Regina, Cockburns Very Fine... A seu redor sentam-se os ingleses: pálidos eclesiásticos, rostos de tripeiros, colares de

barbas semelhantes às de certos símios, cabelos de estopa. Abandona-se, ao som de vozes estrangeiras, àquela Londres fictícia, ouvindo os rebocadores que ululam no rio.

Sai atordoado, o céu agora desceu para tocar o corpo das casas, as arcadas da rue de Rivoli lhe aparecem como uma fosca galeria escavada sob o Tâmis, entra em outra taverna onde projetam-se no balcão as torneiras de onde espirra cerveja, observa robustos anglo-saxões de dentes largos como palhetas, de mãos e pés longuíssimos, que se dedicam com aplicação a um pastelão de carne cozida com molho de cogumelos e revestido por uma crosta, como uma torta. Pede um oxtail, um haddock, roastbeef, dois pints de ale, belisca um pouco de Stilton, termina com um copo de brandy.

Enquanto pede a conta, a porra da taverna se abre e enrra uma gente que traz consigo um cheiro de cachorro molhado e de carvão fóssil. Des Esseintes se pergunta por que atravessar a Mancha: no fundo, já esteve em Londres, cheirou seus perfumes, saboreou seus alimenros, viu a mobília característica, satutou-se de vida britânica. Manda que o carro o leve de volta à estação de Sceaux e retorna com as malas, as bolsas, as cobertas e os guarda-chuvas para seu refúgio costumeiro, "sentindo todo o cansaço físico e moral de um homem que volta para casa depois de uma longa e perigosa viagem".

Assim estou ficando: mesmo nos dias de primavera posso me mover em uma névoa uterina. Mas somente a doença (e o fato de que a vida me recusa)

poderia justificar plenamente a minha recusa da vida. Devo provar a mim mesmo que minha fuga é boa, e virruosa.

Descubro-me, portanto, enfermo. Ouvi dizer que as doenças do coração se revelam através da cor violeta dos lábios e exatamente naqueles anos minha mãe está acusando distúrbios cardíacos. Talvez não graves, mas entretém mais que o devido a família inteira, no limite da hipocondria.

Uma manhã, olhando-me no espelho, vejo meus lábios violáceos. Desço à rua, começo a correr desabaladamente: ofego e percebo pulsações anômalas no peito. Estou, portanto, doente do coração. Votado à morte, como Gragnola.

Essa doença cardíaca transforma-se no meu absinto. Espio seus progressos, vendo meus lábios cada vez mais escuros, as faces cada vez mais magras, enquanto as primeiras flores da acne juvenil dão a meu rosto rubores morbosos. Morrerei jovem, como São Luís Gonzaga e Domingos Savio. Mas, através de uma cabriola de meu espírito, reformulei lentamente o meu Exercício da Boa Morte: pouco a pouco deixei o cilício pela poesia.

Vivo em ofuscantes crepúsculos:

Dia virá: eu sei Que este

sangue ardente De um golpe
faltará, Que minha pena fará
um traço estridente ... e
então morrerei.

Estou morrendo, não mais porque a vida é má, mas porque, em sua loucura, é banal e repete cansadamente seus rituais de morte. Penitente laico, místico logorróico, convenço-me de que a mais bela de todas é a ilha nunca achada, que às vezes aparece, mas só de longe, entre Tenerife e Palma:

Roçam com suas proas a margem beata: entre flores nunca vistas alteiam sumas palmas, odora a divina floresta espessa e viva, chora o cardamomo, transudam as gomas...

Anuncia-se com perfume, como uma cortesã, a Ilha Nunca-Achada... Mas se o piloto avança, rápida se dissipa como aparência vã, e tinge-se na azulada cor da distância.

A fé no imperceptível permite que feche meu parêntese penitencial. Uma vida de jovem prevenido prometera-me, como prêmio, aquela que era bela como o sol e pálida como a lua. Mas um só pensamento impuro poderia roubá-la de mim para sempre. A Ilha Nunca-Achada, ao contrário, permanece, enquanto inatingível, sempre minha.

Educo-me para o encontro com Lila.

18. BELA ÉS COMO O SOL

Lila também nasceu de um livro. Estava entrando no liceu, às vésperas dos dezesseis anos e na loja de meu avô topei com Cyrano de Bergerac de Rostand, tradução italiana de Mario Giobbe. Por que não estava em Solara, no sótão ou na

capela, não sei. Talvez o tenha lido e relido tantas vezes que acabou se desfazendo. Hoje, poderia recitá-lo de cor.

A história todos conhecem, acho que se me perguntassem sobre Cyrano mesmo depois do acidente eu poderia dizer do que se tratava, um dramalhão de romantismo exacerbado, que as companhias itinerantes apresentam de quando em quando. Mas só saberia dizer o que qualquer um diria. O restante não, só agora o recupero como coisa ligada a meu crescimento e a meus primeiros estremecimentos amorosos.

Cyrano é um espadachim admirável, poeta genial, mas é feio, oprimido por aquele seu nariz monstruoso {Isso é breve e não tem graça alguma. I Poder-s'ia dizer... mas tanta coisa, em suma!... I variando o tom de voz...

assim: dai-me atenção: I Agressivo: "Senhor, tamanho narigão I Fosse meu, que, sem dó lhe apararia o topo!" I Cortês: "Esse nariz mergulha-vos no copo: I usai dum canjirão para beber melhor. " / Descritivo: "E rochedo! É cabo!

Inda é maior: / Épromontório! E mais: é o Novo Continente!"]].

Cyrano ama sua prima Roxana, précieuse de divina beleza {Eu amo, é natural, a mais bela que existe!}. Talvez ela o admire por sua bravura, mas ele não ousaria declarar-se, temeroso da própria feiúra. Uma única vez, quando lhe pede um encontro, tem esperança de que algo possa acontecer, mas a desilusão é cruel: ela confessa estar enamorada do belíssimo Cristiano, que acabava de entrar para os cadetes da Gasconha, e pede que o proteja.

Cyrano cumpre o extremo sacrifício e decide amar Roxana falando-lhe pelos lábios de Cristiano. A Cristiano, belo, corajoso, mas inculto, ele sugere as

mais doces declarações de amor, escreve cartas ardentes e, certa noite, o substitui sob o balcão da amada para sussurrar-lhe o célebre elogio do beijo: mas depois é Cristiano quem sobe para colher o prêmio de tamanha bravura: "Pois bem! Vinde buscar a vívida centelha!... - ...A flor sem rival! - ...O

rumor

de abelha! /...O coração no lábio!..." "Avia-te, animal!", faz Cyrano empurrando o rival e, enquanto os dois se beijam, chora na sombra saboreando sua frágil vitória, pois no lábio que beija, em frívola doudice /

Roxana está beijando as frases que eu lhe disse.

Cyrano e Cristiano partem para a guerra, Roxana, cada vez mais apaixonada, vai a seu encontro, conquistada pelas cartas que Cyrano envia todo dia, mas confessa ao primo ter percebido que em Cristiano amava, não a beleza física, mas o coração ardente e o espírito elevado. Amá-lo-ia mesmo que fosse feio. Cyrano compreende então que é ele o amado e está para revelar tudo, mas naquele momento, Cristiano, atingido por uma bala inimiga, morre.

Sobre o cadáver do infeliz, Roxana inclina-se às lágrimas e Cyrano compreende que nunca mais poderá falar.

Os anos passam, Roxana vive retirada em um convento, pensando sempre no amado desaparecido e relendo dia após dia sua última carta, manchada com seu sangue. Cyrano, amigo e primo fiel, vai visitá-la todo sábado. Mas naquele sábado ele, ferido por adversários políticos ou literatos invejosos, esconde de

Roxana que, sob o chapéu, ele traz uma faixa ensangüentada. Roxana lhe mostra, pela primeira vez, a última carta de Cristiano, Cyrano lê em voz alta, mas Roxana percebe que a noite caiu e não entende como ele pode decifrar aquelas palavras esmaecidas, e num repente tudo fica claro: ele recita de cor a

sua última carta. Ela amara, em Cristiano, Cyrano. E dizer que ele fez, quatorze anos a fio, I Esse papel jovial de amigo prestadlo! Não, tenta negar Cyrano, não é verdade, não, não! Meu caro amor! Eu nunca vos amei!

Mas já o herói vacila, chegam os amigos fiéis e, reprovando-o por ter deixado o leito, revelam a Roxana que ele corre o risco de morrer. Cyrano, apoiado a uma árvore, faz a mímica de seu último duelo contra as sombras de seus inimigos, e cai. Enquanto diz que só há uma coisa que levará imaculada para o céu, o seu penacho, mon panache (e este último mote encerra o drama), Roxana se inclina para ele e o beija na testa.

Este beijo é tão-somente nomeado no texto, nenhum personagem fala dele, um diretor insensível poderia até ignorá-lo, mas para meus olhos de adolescente era a cena central e eu não apenas via Roxana inclinando-se, mas com Cyrano sentia pela primeira vez, bem junto ao rosto, seu hálito perfumado. Este beijo em articulo mortis compensava Cyrano pelo outro, roubado, com o qual todos se enterneceram no teatro. Este último beijo era belo porque no momento mesmo em que o recebia, Cyrano morria e Roxana, portanto, mais uma vez lhe fugia. E era exatamente disso que, identificado com o personagem, eu me orgulhava. Expirava feliz sem ter tocado a amada, deixando-a em sua condição celestial de sonho incontaminado.

Com o nome de Roxana no coração, só me faltava dar-lhe um rosto. E foi o rosto de Lila Saba.

Como Gianni disse, eu a vi descendo um dia a escadaria do liceu e Lila tornou-se minha para sempre.

Papini escrevia sobre sua temida cegueira e sua miopia voraz: "Vejo tudo confuso, como numa névoa, leve, leve, por ora, mas universal e contínua. De longe, à noite, todas as figuras se confundem: um homem encapotado para mim pode parecer uma mulher; uma pequena chama tranqüila, uma longa linha de luz vermelha; um barco descendo o rio, uma mancha negra na corrente. Os rostos são manchas claras; as janelas manchas escuras sobre as casas; as árvores manchas escuras e compactas que se erguem da sombra e apenas três ou quatro estrelas de primeira grandeza brilham no céu para mim."

Isso é o que me acontece agora, em meu vigiíssimo sono. Sei tudo, desde que me acordei para os favores da memória (alguns segundos atrás? mil anos?), das feições de meus pais, de Gragnola, do doutor Osimo, do professor Monaldi e de Bruno, encarei tudo isso perfeitamente diante de mim, senti o cheiro e ouvi os sons das vozes. Mas vejo tudo claríssimo a meu redor, exceto o rosto de Lila.

Como naquela foto em que os rostos são embaçados para salvaguardar a privacy dos suspeitos menores de idade ou da esposa inocente do monstro, vejo de Lila a silhueta delicada em seu aventalzinho preto, o andar suave enquanto a sigo como um sicofanta, vejo por trás o balançar dos cabelos, mas ainda não

consigo ver o semblante.

Ainda estou lutando contra um bloqueio, como se temesse não poder aceitar aquela luz.

Revejo-me escrevendo para ela minhas poesias, Criatura Encerrada naquele mistério lábil, e me consumo não só na recordação do meu primeiro amor, mas no sofrimento de não poder reconhecer, nesse momento, o sorriso, aqueles dois dentinhos de que falava Gianni — ele que, maldito, sabe e recorda.

Vamos com calma, deixemos à nossa memória o seu tempo próprio. Por ora me basta, se tivesse uma respiração, ela se faria mais tranqüila, pois percebo que cheguei a meu lugar. Lila está a dois passos.

Vejo-me entrar na turma das meninas para vender bilhetes, vejo os olhos de doninha de Ninetta Foppa, o perfil meio desbotado de Sandrina, depois, eis-me diante de Lila, dizendo alguma gracinha divertida, enquanto procuro o troco e não encontro para prolongar minha estação diante de um ícone que se desfaz como a tela de uma televisão que entra em tilt.

Sinto no coração o infinito orgulho da noitada teatral, acabei de fingir que punha na boca a pastilha da senhora Marini. O teatro explode, sinto uma indizível sensação de poder ilimitado. No dia seguinte, tentei explicá-lo a Gianni: "Foi", dizia eu, "o efeito amplificador, as maravilhas do alto-falante: com um mínimo de dispêndio de energia você provoca uma deflagração e sente que gera uma força imensa com pouco gasto. Posso, no futuro, me transformar num tenor que faz enlouquecer as multidões, num herói que arrasta dez mil homens para o massacre ao som da Marselhesa, mas certamente não poderei mais experimentar uma sensação tão inebriante como a de ontem à noite."

Agora experimento exatamente o mesmo. Estou ali, com a língua que passa e repassa contra a bochecha, ouço os rumores provenientes da sala, tenho uma vaga idéia de onde Lila pode estar, porque espiei antes do espetáculo, afastando

as cortinas, mas não posso virar a cabeça naquela direção, pois estragaria tudo: a senhora Marini, enquanto a pastilha lhe viaja pelas bochechas, deve continuar de perfil. Movo a língua, falo quase a esmo com voz chocha (a senhora Marini não era, aliás, muito mais conseqüente), estou concentrado em Lila, que não vejo, mas ela me vê. Vivo aquela apoteose como um amplexo, em relação ao qual a primeira ejaculatio praecox com Josephine Baker não passava de um insípido espirro.

Deve ter sido depois daquela primeira experiência que decidi mandar dom Renato e suas exortações ao diabo. De que vale conservar esse segredo nas profundezas do coração, se não podemos nos inebriar a dois. E depois, se está

apaixonado, vai querer que ela saiba tudo de você. Bonum est diijusivum sui. Agora vou lhe dizer tudo.

Tratava-se de encontrá-la, não na saída da escola, mas quando estava voltando para casa, sozinha. Às quintas-feiras tinha aula de educação física e ela voltava por volta das quatro. Preparei durante dias e dias o discurso de abordagem. Precisava de algo espirituoso, tipo não tenha medo, não é um assalto, ela riria, eu lhe diria que estava me acontecendo uma coisa estranha, que eu nunca experimentara antes, e que talvez ela pudesse me ajudar... O que pode ser, pensaria ela, mal nos conhecemos, talvez esteja gostando de uma de minhas amigas e não tem coragem.

Mas depois, como Roxana, ela entenderia num piscar de olhos. Não, não, meu caro amor, eu nunca vos amei. Era isso, uma boa técnica. Contar-lhe que não a amava e desculpar-me por tal desatenção. Ela perceberia a artimanha (não era uma précieuse?) e talvez se inclinasse para mim dizendo, sei lá, que deixasse de brincadeiras, mas com inesperada ternura. Enrubescendo, tocar-me-ia as faces com os dedos. Resumindo, o começo seria uma obra-prima de argúcia e fineza, irresistível — pois, amando-a, não podia conceber que ela não tivesse os mesmos sentimentos que eu. Estava enganado, como todos os apaixonados, emprestava-lhe minha alma e pedia que fizesse o que eu teria feito, mas assim são as coisas, há milênios. Ou não existiria literatura.

Escolhi o dia, a hora, tendo criado todas as condições para o desenlace feliz da Oportunidade, faltavam dez para as quatro quando me postei diante do portão de sua casa. Cinco minutos depois pensei que havia muita gente passando e resolvi esperar lá dentro, aos pés da escada.

Depois de alguns séculos, transcorridos entre cinco para as quatro e quatro e cinco, ouvi que ela entrava no saguão. Cantava. Uma canção que falava de um vale, só consigo cantarolar um vago motivo, não a letra. Eram anos em que as canções eram horríveis, não como as de minha infância, mas canções tolas de um tolo pós-guerra, Eulália Torricelli de Forli, Os bombeiros de Viggi, Ó

que maçãs, que maçãs, Os cadetes de Guascogna, no máximo lacrimosas declarações de amor como Vá serenata celeste ou Adormecer assim entre seus braços. Eu as odiava. Meu primo Nuccio pelo menos dançava ritmos americanos. A idéia de que ela pudesse gostar daquelas coisas enregelou-me por um instante (ela tinha que ser especial como Roxana), mas não tenho certeza se naquele momento conseguia raciocinar muito. De fato, não ouvia, simplesmente antecipava sua aparição e tive pelo menos dez bons segundos para sofrer uma eternidade ansiosa.

Apresentei-me justamente quando ela chegava à escada. Se outra pessoa me contasse a história, observaria que nesses momentos uma arcada é mesmo necessária, para sustentar a espera e criar o ambiente. Mas naquele instante bastava-me a miserável canção que mal ouvia. O coração me batia com tal violência que daquela vez, daquela sim, eu poderia resolver que estava doente.

Mas, ao contrário, sentia-me cheio de uma energia selvagem, pronto para o momento supremo.

Ela apareceu na minha frente e parou surpreendida. Perguntei-lhe: "Vanzetti mora aqui?" Ela respondeu que não.

Eu disse obrigado, desculpe, devo ter me enganado. E fui embora.

Vanzetti (quem era afinal?) foi o primeiro nome que, tomado pelo pânico, me veio à cabeça. À noite, depois, convenci-me de que era justo que tivesse acontecido daquela forma. Foi a última astúcia. Se ela comesse a rir, se perguntasse o que lhe deu na cabeça, você é muito querido, agradeço, mas sabe, renho outia pessoa na cabeça, o que eu faria depois? Esqueceria? A humilhação me levaria a pensar que ela era uma tola? Teria grudado atrás dela dia e noite como papel de mosca, nos dias e meses seguintes, esperando uma segunda ocasião, transformando-me no palhaço do liceu? Calando, ao contrário, conservei tudo o que já tinha e não perdi nada.

Era evidente que ela tinha alguém em mente. Às vezes, vinha esperá-la na saída da escola um estudante universitário, alto, alourado. Chamava-se Vanni — não sei se era nome ou sobrenome — e certa vez apareceu com um esparadrapo no pescoço e disse aos amigos, com ar gaiatamente devasso, que era só um sífiloma. Mas uma vez ele veio de Vespa.

A Vespa surgira há pouco. Só quem tinha, como dizia meu pai, eram os rapazes viciados. Para mim, ter uma Vespa era como ir ao teatro para ver dançarinas de biquíni. Estava no campo do pecado. Alguns colegas matavam aula na saída da escola ou, à tardinha, vinham à pracinha onde nos soltávamos em longas prosas nos bancos, diante de um chafariz geralmente quebrado, e alguns deles contavam de casas de tolerância e espetáculos de revista com Wanda Osiris -e quem já sabia adquiria aos olhos dos outros um morboso carisma.

A meus olhos, uma Vespa era a transgressão. Não era uma tentação, pois não conseguia nem pensar em possuir uma, era antes a evidência solar e nebulosa do que poderia acontecer se alguém se afastasse com uma amiga montada na garupa como uma amazona. Não era um objeto de desejo, era um símbolo de desejos insatisfeitos, e insatisfeitos por deliberada recusa.

Naquele dia, voltando ao liceu pela praça Minghetti só para cruzar com ela junto com as amigas, ela não estava no grupo. Enquanto apressava o passo temendo que alguma divindade ciumenta a tivesse roubado de mim, algo de muito horrendo acontecia, algo de muito menos sagrado, ou — se sagrado fosse

— ínfero. Ela ainda estava lá, diante da escadaria do liceu, como quem espera. E eis que chega (de Vespa) o tal Vanni. Ele a ajudava a subir, ela se abraçava a ele, como de hábito, passando os braços sob as axilas, segurando na cintura, e até logo.

Já era a época em que as saias quase acima do joelho dos anos de guerra, e em forma de sino, cobrindo os joelhos, que embelezavam as namoradas de Rip Kirby nos primeiros quadrinhos americanos do pós-guerra, estavam sendo substituídas por saias longas, amplas, até a metade da perna.

Não eram mais comportadas que as outras, pelo contrário, tinham, uma sua graça perversa, uma elegância aérea e insinuante, mais ainda quando ondulavam esvoaçantes enquanto a moça desfalecia abraçada a seu centauro.

Aquela saia era um flutuar pudico e malicioso ao vento, uma sedução por interposto e amplo estandarte. A Vespa afastava-se régia como um barco que deixa em seu rastro uma espuma cantante, um cabriolar de golfinhos místicos.

Naquela manhã, ela se afastava na Vespa. E, para mim, a Vespa transformava-se mais que nunca no símbolo de um dilaceramento, de uma paixão inútil.

Ainda uma vez, porém, vejo a saia, o aurifúlgido de seus cabelos, e ela sempre de costas.

Foi Gianni quem me contou. Passei uma representação inteira, em Asti, olhando apenas para sua nuca. Mas Gianni não lembrou -ou não lhe dei tempo para tanto - uma outra noite teatral. Chegou à cidade uma companhia que apresentava Cyrano. Era a primeira vez que tinha oportunidade de vê-lo em cena e consegui convencer quatro amigos a reservar lugares na galeria.

Antegozava o prazer, e o orgulho, de antecipar as falas nos momentos cruciais.

Chegamos com antecedência, estávamos na segunda fila. Pouco antes do início colocou-se na primeira fila, bem diante de nós, um grupo de moças.

Eram Ninetta Foppa, Sandrina, outras duas, e Lila.

Lila sentou-se na frente de Gianni, que estava a meu lado, portanto, só podia vê-la outra vez de costas, porém, movendo a cabeça, podia entrever seu perfil (agora não, Lila está ainda e sempre sola-rizada). Cumprimentos rápidos,

oh, vocês por aqui, mas que coincidência boa, e só. Como dizia Gianni, éramos jovens demais para elas, e se consegui ser um herói com a pastilha na boca, foi

como Abbott e Costello, de quem se ri, mas que não se namora.

Para mim, de qualquer jeito, bastava. Seguir o Cyrano, fala por fala, com ela na minha frente multiplicava minha vertigem. Já não sei dizer como era a Roxana que atuava no palco, pois tinha a minha Roxana de costas e de soslaio.

Tinha a sensação de perceber quando ela seguia o drama com emoção (quem não se comove com Cyrano, escrito para fazer chorar até um coração de pedra?) e decidi soberanamente que se comovia, não comigo, mas por mim, e para mim. Não poderia desejar mais nada: eu, Cyrano, e ela. O resto era multidão anônima.

Quando Roxana inclinou-se para beijar a fronte de Cyrano, eu e Lila formávamos um só. Naquele momento, embora não o soubesse, ela não podia não me amar. Afinal, Cyrano esperara anos e anos para que ela enfim compreendesse. Eu também poderia esperar. Naquela noite cheguei a poucos passos do Empíreo.

Amar uma nuca. E o casaco amarelo. Aquele casaco amarelo com que ela se apresentou um dia na escola, luminosa no sol primaveril - e sobre o qual poetei. Desde então, nunca mais pude ver uma mulher de casaco amarelo sem sentir um chamado, uma insuportável nostalgia.

Só agora entendo o que Gianni dizia: busquei durante toda a vida, em todas as minhas aventuras, o rosto de Lila. Por toda a vida esperei recitar a cena final

de Cyrano. O choque que me levou ao acidente talvez tenha sido a revelação de que aquela cena me estava proibida para sempre.

Compreendo agora que foi Lila quem me deu, aos dezesseis anos, a esperança de esquecer a noite no Vallone, abrindo-me para um novo amor pela vida. Minhas pobres poesias substituíram o Exercício da Boa Morte. Com Lila por perto, não digo minha, mas diante de mim, teria vivido os anos do liceu — como dizer — num movimento ascendente e teria lentamente me reconciliado com minha infância. Com Lila bruscamente desaparecida, vivi até as vésperas da

universidade num limbo incerto e em seguida - quando os símbolos mesmos daquela infância, meu avô e meus pais, desapareceram definitivamente — renunciei a qualquer tentativa de releitura benevolente. Apaguei, e recomecei do zero. De um lado, a fuga para um saber confortável e promissor (obtive meu diploma com a Hypnerotomachia Poliphili, justamente, e não com a história da Resistência), de outro o encontro com Paola. Mas se Gianni tinha razão, restou uma insatisfação de fundo. Recalquei tudo, exceto o rosto de Lila, e ainda procurava por ele na multidão, esperando reencontrá-lo, não andando para trás, mas para a frente, numa busca que agora sei que é inútil.

A vantagem de meu sono de agora, com seus curtos-circuitos repentinos, labirínticos - de modo que, embora reconheça a escansão de épocas diversas, posso percorrê-las em ambas as direções, abolindo a flecha do tempo -, a vantagem é que agora posso reviver tudo, sem que exista mais um adiante e um atrás, num círculo que poderia durar eras geológicas; e neste arco, ou espiral, Lila está sempre e de novo a meu lado em cada instante de minha dança de abelha seduzida, tímida ao redor do pólen amarelo de seu casaco.

Lila está presente como Angelo Orso, ou o doutor Osimo, ou o senhor Piazza, Ada, papai, mamãe, meu avô e, daqueles anos, reencontrei os perfumes e os cheiros da cozinha, compreendendo com equilíbrio e piedade até mesmo a noite do Vallone, e Gragnola.

Sou um egoísta? Paola e as meninas esperam lá fora, e é graças a elas que durante quarenta anos pude me permitir essa busca de Lila, mantida lá no fundo, enquanto eu vivia com os pés na terra. Elas me fizeram sair de meu mundo

fechado e embora tenha girado entre incunábulos e pergaminhos, pude todavia gerar vida nova. Elas estão sofrendo e eu me declaro feliz. Mas enfim, que culpa tenho, para fora não posso voltar e, portanto, é justo que goze desse estado de suspensão. Tão suspenso que posso até suspeitar que, entre agora e o momento em que despertei aqui onde estou, apesar de ter revivido quase vinte anos, às vezes momento por momento, não se passaram mais que uns poucos segundos - como nos sonhos, nos quais parece que basta dormir uns instantes para, num piscar de olhos, viver uma história longuíssima.

Talvez esteja, sim, em coma, mas nesse coma não recordo, sonho. Sei de certos sonhos em que se tem a impressão de recordar e se acredita que o que foi lembrado é verdadeiro, mas depois, ao acordar, se é obrigado a concluir a contragosto que aquelas lembranças não eram nossas. Sonhamos falsas lembranças. Por exemplo, lembro que sonhei mais de uma vez que finalmente voltava a uma casa que não visitava há muito tempo, mas à qual já deveria ter retornado, pois era uma espécie de apartamentozinho secreto onde vivi e onde deixei muitas coisas minhas. No sonho recordava precisamente cada móvel e cada aposento da casa e no máximo irritava-me porque sabia que deveria existir, depois da sala, no corredor que leva ao banheiro, uma porta que dava em outro quarto, mas a porta, ao contrário, não estava lá, como se alguém a tivesse murado. Assim, despertava cheio de desejo e nostalgia daquele refúgio escondido, mas mal me levantava e já percebia que a lembrança pertencia ao sonho, e que eu não podia me lembrar daquela casa porque - pelo menos na minha vida — ela nunca existira. Tanto que muitas vezes pensei que nos sonhos nos apossamos das recordações de outros.

Porém, já me aconteceu de, num sonho, sonhar um outro sonho, como estaria fazendo agora? Eis a prova de que não estou sonhando. Ademais, nos sonhos as lembranças são desfocadas, imprecisas, e nesse momento eu recordo página por página, imagem por imagem de tudo aquilo que folheei em Solara nos últimos dois meses. Recordo coisas que realmente aconteceram.

Mas quem garante que tudo aquilo que recordei no curso desse sonho realmente me aconteceu? Talvez minha mãe e meu pai não tivessem aquele rosto, talvez jamais tenha existido nenhum doutor Osimo, nem Angelo Orso, e eu jamais tenha vivido a noite do Vallone. Pior, sonhei também que despertava

em um hospital, que perdera a memória, que tinha uma mulher que se chamava Paola, duas filhas e três netinhos. Nunca perdi a memória, eu sou um outro -e só Deus sabe quem - que por algum acidente encontra-se nessa situação (coma ou limbo) e todo o resto são figuras que emergiram da névoa por ilusão de ótica. Do contrário, tudo aquilo que pensei recordar até agora não estaria dominado pela névoa, que nada mais era que o sinal de que minha vida era sonho. Fiz uma citação. E se todas as outras citações, as que fazia para o doutor, para Paola, para Sibilla, para mim mesmo, não fossem mais que o produto do mesmo sonho persistente? Carducci ou Eliot, Pascoli ou Huysmans nunca teriam existido, com todo o resto que eu acreditava fossem recordações enciclopédicas. Tóquio não é a capital do Japão, Napoleão não apenas não morreu em Santa Helena, mas nem sequer nasceu, se alguma coisa existe fora de mim é um universo paralelo no qual sabe-se lá o que acontece ou aconteceu, e talvez meus semelhantes — e eu mesmo — tenhamos a pele coberta de escamas verdes e quatro antenas rerráteis sobre um único olho.

Não posso estabelecer que as coisas não sejam realmente assim. Mas se tivesse concebido todo um universo a partir do interior do meu cérebro, um universo em que não somente existem Paola e Sibilla, mas onde foi escrita a Divina Comédia e inventada a bomba atômica, teria posto em jogo uma capacidade de invenção que supera as possibilidades de um indivíduo -

admitindo-se sempre que eu seja um indivíduo, e humano, e não uma madrépora de cérebros conectados entre si.

E se porventura Alguém estivesse projetando um filme diretamente em meu cérebro? Eu poderia ser um cérebro em uma solução qualquer, em um caldo de cultura, no recipiente de vidro onde vi os testículos de cão, sob formol, e alguém me envia estímulos que me fazem crer que tenho um corpo e que outros existiram a meu redor - embora existam apenas o cérebro e o Estimulador, Mas se fôssemos cérebros em formol poderíamos supor que somos cérebros em formol ou afirmar que não o somos?

Se fosse assim, nada teria a fazer senão esperar outros estímulos.

Espectador ideal, viveria este sono como uma interminável noitada cinematográfica, acreditando que o filme fala de mim. Ou não, isso que estou

sonhando é apenas o filme número dez mil novecentos e noventa e nove, outros dez mil e passa já sonhei, num deles identificava-me com Júlio César, atravessava o Rubicão, sofria como um boi no matadouro com as vinte e três punhaladas, no outro era o senhor Piazza e empalhava doninhas, em outro ainda, Angelo Orso que se perguntava por que o estavam queimando depois de tantos anos de serviços prestados. Num deles, poderia ter sido Sibilla a se perguntar angustiada se eu conseguiria um dia recordar a nossa história. Nesse momento seria um eu provisório, amanhã serei talvez um dinossauro que começa a sofrer o advento da glaciação que irá matá-lo, depois de amanhã viverei a vida de um abricó, de um pássaro, de uma hiena, de um galho seco.

Não consigo abandonar-me, quero saber quem sou. Uma coisa percebo com clareza. As memórias que reemergiram desde o início daquilo que penso ser meu coma são obscuras, nebulosas e estão dispostas como um mosaico, com soluções de continuidade, incertezas, lacerações, fragmentações (por que não consigo recordar o rosto de Lúa?). As de Solara, e as de Milão depois do despertar no hospital, são, ao contrário, claras, escorrem segundo uma seqüência lógica, posso reordenar suas fases temporais, posso dizer que encontrei Vanna no largo Cairoli antes de comprar os testículos de cão naquela banquinha no Cordusio. É verdade que poderia estar sonhando ter lembranças imprecisas e lembranças claras, mas a evidência dessa diferença me leva a uma decisão. Para conseguir sobreviver (curiosa expressão para alguém como eu, que pode já estar morto), preciso decidir que Gratarolo, Paola, Sibilla, o estúdio, Solara inteira com Amália e as histórias de óleo de rícino de meu avô,

são lembranças de vida verdadeira. E assim que fazemos também na vida normal: podemos supor que estamos sendo enganados por um gênio maligno, mas para poder seguir adiante nos comportamos como se tudo aquilo que vemos fosse real. Se nos abandonássemos, se duvidássemos da existência de um mundo fora de nós, não agiríamos mais, e na ilusão produzida pelo gênio maligno cairíamos das escadas ou morreríamos de fome.

Foi em Solara (que existe) que li minhas poesias que falavam de uma Criatura, e foi em Solara que Gianni me disse pelo telefone que tal criatura existia e se chamava Lila Saba. Portanto, mesmo no interior do meu sonho, Angelo Orso pode ser ilusão, mas Lila Saba é realidade. Por outro lado, se eu apenas sonhasse, por que o sonho não seria generoso o suficiente para resrituir-

me o rosto de Lila? Nos sonhos aparecem até mesmo os defuntos para segredar os números da Loto, por que justamente Lila me deve ser negada? Se não consigo recordar tudo é porque fora desse sonho existe um posto de bloqueio que me impede por alguma razão de passar adiante.

É bem verdade que nenhum dos meus confusos raciocínios se sustenta.

Posso muito bem estar sonhando que sofro um bloqueio, pode ser que o Estimulador se recuse (por malignidade ou piedade) a enviar-me a imagem de Lila. Nos sonhos, nos aparecem pessoas conhecidas, sabemos que são elas e, no entanto, não podemos olhá-las nos olhos... Coisa alguma, da qual eu possa me convencer, resiste a uma prova lógica. Mas exatamente o fato de que possa apelar para uma lógica prova que não estou sonhando. O sonho é ilógico e sonhando você não reclama que o seja.

Decido portanto que as coisas são de um certo modo, e quero ver quem é que vai poder me contradizer.

Se conseguir ver o rosto de Lila, vou me convencer que existia. Não sei a quem pedir ajuda, tenho que fazer tudo sozinho. Não posso implorar a alguém fora de mim e tanto Deus quanto o Estimulador — se é que existem — estão fora do sonho. As comunicações com o lado de fora estão interrompidas.

Talvez possa me dirigir a alguma divindade particular, cuja fugacidade conheço, mas que deve pelo menos ser-me grata por ter-lhe dado vida.

A quem mais senão a rainha Loana? Sei, volto a me entregar à minha memória carrácea, mas não estou pensando na rainha Loana dos quadrinhos, mas na minha, fantasiada de formas bem mais etéreas, a guardiã da chama da ressurreição, que pode fazer retornarem os cadáveres petrificados de um remoto passado qualquer.

Estou louco? Essa também é uma hipótese sensata: não estou em coma, estou fechado em um autismo letárgico, creio que estou em coma, creio que o que sonhei não é verdade, creio ter o direito de fazer com que se torne veraz.

Mas como pode um louco criar uma hipótese sensata? Além do mais, só se é louco em relação a normas de outros, e aqui não há outros, a única medida sou eu e a única coisa verdadeira é o Olimpo das minhas memórias. Estou encarcerado em meu isolamento cimério, nesse feroz egotismo. Mas então, se minha condição é essa, por que fazer diferença entre minha mãe, Angelo Orso e a rainha Loana? Tenho o poder soberano de criar meus próprios deuses, e minhas próprias Mães.

E, portanto, ora rezo: "Oh, boa rainha Loana, em nome de teu amor desesperado, não te peço que despertes de seu sono de pedra as tuas vítimas milenares, mas apenas que me restituas um rosto... Eu, que da ínfima laguna de meu sono forçado vi aquilo que vi, peço-te que me leves mais acima, em direção a uma aparência redentora."

Não acontece de ficarem curados os que recebem uma graça apenas por terem expresso sua fé no milagre? Donde, quero intensamente que Loana possa me salvar. Estou tão tenso nessa esperança que, se já não estivesse em coma, teria um ataque.

E por fim, santo Deus, eu vi. Vi como o apóstolo, vi o centro do meu Aleph do qual transluzia não o infinito mundo, mas a miscelânea de minhas recordações. Assim a neve ao sol se desvela e assim ao vento nas folhas leves reaflore a sentença de Sibilla.

Ou melhor, com certeza eu vi, mas a primeira parte da minha visão foi tão ofuscante que foi como se, em seguida, eu mergulhasse de novo num sono nebuloso. Não sei se num sonho se pode sonhar que se dorme, mas é certo que, se sonho, sonho também que agora estou desperto e recordo aquilo que vi.

Estava diante da escadaria do meu liceu, que subia branca em direção às colunas neoclássicas que enquadravam a porta de entrada. Fui arrebatado em espírito e ouvia como que uma voz poderosa que dizia "o que agora verás podes escrever em teu livro, pois ninguém o lerá, já que estás apenas sonhando que o escreves!"

E no topo da escada apareceu um trono e no trono havia um homem com o rosto de ouro, de sorriso mongólico e atroz, a cabeça coroada de chamas e esmeraldas, e todos erguiam seus cálices para render homenagem a ele, Ming, Senhor de Mongo.

E no trono estavam quatro Viventes, Thun com rosto de leão, e Vultano com asas de falcão, e Barin, príncipe de Arbória, e Uraza, rainha dos Homens Magos. E Uraza estava descendo a escada envolta em chamas e parecia uma grande meretriz amantada em púrpura e escarlate, adornada de ouro, pedras preciosas e pérolas, ébria do sangue dos homens vindos da Terra; e ao vê-la assombrava-me um grande assombro.

E Ming sentado no trono dizia querer julgar os homens da terra e casquinava lúbrico diante de Dale Arden, ordenando que fosse dada em pasto a uma Besta vinda do mar.

E a Besta tinha um horrível chifre na testa, a goela escancarada e os dentes aguçados, as patas de rapinador e a cauda como mil escorpiões. E Dale chorava e implorava ajuda.

Vindos em seu socorro, subiam a escada os cavaleiros de Undina montados em monstros rostrados com duas patas apenas e uma longa cauda de peixe marinho...

E os Homens Magos fiéis a Gordon em um carro de ouro e corai puxado por grifos verdes de longos pescoços cristrados de escamas...

E os Lanceiros de Fria sobre Pássaros das Neves de bicos retorcidos como cornucópias douradas e, por fim, numa carruagem branca, ao lado da Rainha das Neves, chegava Flash Gordon e gritava a Ming que estava para ter início o grande torneio de Mongo e ele iria pagar por todos os seus crimes.

E a um sinal de Ming, caíram do céu sobre Gordon os Homens-Falcão, que encobriam as nuvens como enxames de gafanhotos, enquanto os Homens-Leão com redes e tridentes pontiagudos espalhavam-se pela praça diante da escadaria e tentavam capturar Vanni e outros estudantes, que chegaram com um outro enxame, este de Vespas, e a batalha era incerta.

E, incerto sobre a batalha, Ming fez outro sinal e seus foguetes celestes ergueram-se altos no sol e lançavam-se sobre a Terra quando, a um sinal de Gordon, outros foguetes celestes do doutor Zarkov levantaram vôo, e no céu acendeu-se um majestoso duelo entre silvos de raios mortais e línguas de fogo, e as estrelas do céu pareciam cair sobre a terra, e os foguetes penetravam no céu e enrolavam-se liquefeitos como um livro que se enrola, e era chegado o dia do Grande Jogo de Kim, e envoltos por outras chamas multicoloridas destroçavam-se agora no chão os outros foguetes celestes de Ming, arrastando sobre a praça os Homens-Leão. E os Homens-Falcão despencavam envoltos em chamas.

E Ming Senhor de Mongo soltava um urro de animal feroz e seu trono desmoronava e rodava pela escada do liceu arrastando seus pávidos cortesãos.

E, morto o tirano, desaparecidas as Besras vindas de toda parte, enquanto um abismo escançava-se sob os pés de Uraza, que mergulhava numa voragem de enxofre, agora erguia-se lá em cima, diante da escadaria do liceu e sobre o liceu, uma Cidade de Cristal e outras pedras preciosas, propulsada por foguetes de todas as cores do arco-íris. E sua altura era de doze mil estádios, e seus muros de jaspe semelhante a vidro também tinham cento e quarenta e quatro côvados.

Naquele momento, depois de um tempo que foi ao mesmo tempo de chamas e vapores, a névoa se tornava rarefeita e eu agora via a escadaria, livre de qualquer monstro, branca no sol de abril.

Voltei à realidade! Estão soando sete trombetas e são aquelas da Orquestra Cetra do Maestro Pippo Barzizza, da Orquestra Melódica do Maestro Cinico Angelini e da Orquestra Rítmico-Sinfônica do Maestro Amberto Semprini. As portas do liceu escancaram-se e são mantidas abertas pelo doutor molieresco das

Pastilhas Fiat, batendo com um bastão para anunciar o desfile dos Arcontes.

E eis que desfilam descendo por ambos os lados da escadaria os meninos que saíram primeiro, dispostos como uma fileira de anjos para a descida de todos os sete céus, de paletós listrados e calças brancas, como incontáveis pretendentes de Diana Palmer.

E aos pés da escadaria aparece agora Mandrake The Magician que gira sua bengala com desenvoltura. Sobe cumprimentando com a cartola erguida enquanto, a cada passo, a base da escada se ilumina, e ele canta I'll build a Stairway to Paradise, with a new step ev'ry day, I'm going to get there at any price, Stand aside, I'm on my way!

Mandrake agora aponta o bastão para o alto, anunciando a descida da Dragon Lady, envolta em seda negra, e a cada degrau os estudantes ajoelham-se e estendem o chapéu em adoração, enquanto ela canta, com voz de saxofone no cio Sentimental essa noite infinita, esse céu outonal, essa rosa

esmaecida, tudo fala de amor a minh'alma que espera, e espera essa noite, a alegria de uma hora, de uma hora contigo.

E atrás dela descem, finalmente de volta ao nosso planeta, Gordon, Dale Arden e o doutor Zarkov, entoando Blue skies, smiling at me, nothing but blues skies do I see, Bluebirds, singing a song, nothing but bluebirds, all day.

E Georges Formby os segue com seu uquelele, arranhando com sorriso equino It's in the air this funny feeling everywhere, that makes me sing

without a care today, as I go on my way, it's in the air, it's in the air...

Zoom

zoom zoom zoom high and low, zoom zoom zoom zoom we go...

E baixam os sete anões recitando ritmicamente o nome dos sete reis de Roma, menos um, e depois Mickey e Minnie de braços dados com Horácio e Clarabeia, sobrecarregada com os diademas de seu tesouro ao ritmo de Pippo Pippo não sabe. Seguem-nos Pippo, Pertica e Palia, e Cip e Gallina, e Alvaro antes corsário com Alonzo Alonzo, dito Alonzo, já preso por furto de girafa e, de braços dados como um sem-número de confrades, Dick Fulmine, Zambo, Barreira, Máscara Branca e Flattavion, vociferando o partigiano no bosque, e depois todos os rapazes do Cuore, Derossi à frente, com a Pequena Vedeta Lombarda e o Tamborileiro Sardo, e o pai de Coretti com a mão ainda quente da carícia do rei, cantando adeus Lugano bela, expulsos sem culpa os anarquistas partem, enquanto Franti, na última fila, arrependido, sussurra dorme, não chora, Jesus dileto.

Explodem fogos de artifício, o céu assolado é um esplendor de estrelas de ouro, e precipitam-se escada abaixo o homem do Thermogène e quinze tios Gaetanos, a cabeça hirta de lápis Presbítero, desarticulando os membros num sapateado furibundo, I'm yankee doodle dandy, enxameiam grandes e pequenos da Biblioteca dos meus Meninos, Gigliola di Collefiorito, a tribo dos Coelhos Selvagens, a senhorita de Solmano, Gianna Preventi, Carletto di Kernoel, Rampichino, Editta de Ferlac, Susetta Monenti, Michele di Valdarta e Melchiorre Fiammati, Enrico di Valneve, Valia e Tamarisco, encimados pelo fantasma aéreo de Mary Poppins, todos com os chapeuzinhos militares dos rapazes da rua Paal e narizes longuíssimos à Pinóquio. Tap dancing com o Gato e a Raposa e os gendarmes.

Em seguida, a um sinal do psicopompo, aparece Sandokan. Está vestido com uma túnica de seda indiana fechada na cintura por uma faixa carmesim

ornada de pedras preciosas, o turbante fixo por um diamante grande como uma avelã. Da chita despontam as coronhas de duas pistolas de requintada feitura e uma cimitarra com a bainha cravejada de rubis. Entoa baritonante Mailu, sob o céu de Singapura, num manto de estrelas d'ouro, nasceu o nosso amor e seguem-no os seus tigrinhos, iatagã entre os dentes, sedentos de sangue,

louvando Mompracen, flotilha nossa, da Inglaterra a zombar, vitoriosa em Alessandria, Malta, Suda e Gibraltar...

Eis que surge agora Cyrano de Bergerac, a espada desembainhada, que, com voz baritonaímente nasal e gesro amplo, interroga a multidão: "Conhece minha prima, que tipo original, moderna, linda menina, nunca verás igual. Ela dança o boogie-woogie, fala um pouco de inglês e de maneira assaz cortês sabe sussurrar for you."

Atrás dele vem suave Josephine Baker, mas desta vez à poil, como as calmucas de Raças e povos da terra, salvo um saiote de cascas de banana à cintura, e acena maciamente Oh sinto tanto tormento e dor, ao pensar que o ofendi, oh Senhor.

Desce Diana Palmer cantando il n'y a pas, il n'y a pas d'amour heureux, Yanez de Gomera gorgeia ibérico Ó Maria la O, deixa-te beijar, ó Maria la O, eu te quero amar, basta um teu olhar e já não te posso recusar, chega o carrasco de Lille com Milady de Winter, ele chorando soluça são fios d'ouro teus cabelos louros e tua boquinha odora, e então corta-lhe a cabeça com um só golpe, e a adorável cabeça de Milady, marcada por um lírio gravado a fogo em sua testa, gita até o fundo da escadaria, quase até meus pés, enquanto os Quatro Mosqueteiros cantam em falsete she gets too hungry for dinner at eight, she likes the theater and never comes late, she never bothers wirh people she'd hate, that's why Milady is a tramp! Desce Edmond Dantes cantarolando desta vez amigo meu, pago eu, pago eu, e o abade Faria, que o segue envolto em seu sudário de pano de saco, o aponta e diz é ele, é ele, é mesmo ele, enquanto Jim, o doutor Livesey, Lord Trelawney, o capitão Smollett e Long John Silver

(travestido de João Bafo-de-Onça, que em cada degrau bate um toque com o pé e três com a prótese) contestam seus direitos sobre o tesouro do pirata Flint, e Ben Gun com o sorriso do Escovinha diz entre seus dentes caninos cheesel Com clangores de botas teutónicas desce o camarada Richard fazendo ressoar suas claquetes ao ritmo de New York, New York, its a wonderful town! The Bronx is up and thc Battery's down, e o Homem que Ri de braços com Lady Josiane, nua como só uma mulher armada pode ser, fazendo pelo menos dez passos para cada

degrau, escande I got rhythm, I got music, I got my girl, who could ask for anything more?

E ao longo da escada estende-se agora, por milagre cênico urdido pelo doutor Zarkov, um monocarril cintilante, ao longo do qual a Fibtea chega ao

topo, penetra no átrio do liceu e como de um alegre alvear descem, percorrendo a escada até embaixo, vovô, mamãe, papai que segura uma Ada pequeníssima pela mão, o doutor Osimo, o senhor Piazza, dom Cognasso, o pároco de San Martino e Gragnola, com o pescoço enfaixado por uma armadura que sustenta também a nuca, como Eric von Stroheim, quase esticando as costas, e todos modulam:

A família cantadeira da manhã a noite inteira
quieta, quieta, pianinho, vai em surdina o Trio Lescano
uns só querem Boccaccini, outros a orquestra Angelini,
uns de orelha serelepe para Alberto Rabagliati.

A mãe quer a melodia, mas a filha aceita só
o maestro Petraãa quando faz o acorde em sol.

E, enquanto acima de todos plana Meo, com suas grandes orelhas ao vento, soberbamente asinino, irrompem em fileira desordenada todos os rapazes do Oratório, porém, com o uniforme da Patrulha do Marfim, empurrando Fang, a flexuosa pantera negra; e salmodiando exóticas, seguem as caravanas do Tigrai.

Em seguida, depois de alguns crack crack em rinocerontes de passagem, erguem armas e chapéus para saudá-la, a ela, a rainha Loana.

Ela se mostra em seu casto sutiã, com uma saia que quase lhe descobre o umbigo, o rosto oculto por um véu branco, um penacho na cabeça e um amplo manto movido por um vento suave, bamboleando graciosa entre dois mouros

vestidos de imperadores incas.

Desce em minha direção como uma mocinha das Ziegfield Folhes, sorri, faz um sinal de encorajamento mostrando-me o enquadramento da porta da escola, na qual agora se perfila Dom Bosco.

Dom Renato o segue em clergymdn, entoando às suas costas, místico e de visão ampla, duae umbrae nobis una facta sunt, infra la-ternam stabimus, olim Lili Marlene, olim Lili Marlene. O santo, com expressão risonha, com as vestes enlameadas e os pés apertados pelos sapatos salesianos, a cada rap e tip

que tenta, de degrau em degrau, segura estendido diante de si, como se fosse a bengala de Mandrake, O jovem prevenido, e tenho a impressão de que vai dizendo omnia munda mundis, e a noiva está pronta e foi-lhe concedido vestii-sc com um bisso esplêndido e puro e seu esplendor será como gema preciosíssima, vim contar-te o que deve acontecet em breve...

Obtive o consenso... Os dois religiosos colocam-se nas extremidades opostas do último degrau e fazem um sinal indulgente em direção ao portão, do qual saem as meninas do feminino, carregando um grande véu transparente no qual se envolvem, dispostas em forma de cândida rosa e, na contraluz, nuas, erguem as mãos mostrando de perfil os seios virginais. É

chegada a hora. Vai aparecer, ao final desse radioso apocalipse, Lila.

Como será? Tremo e antecipo.

Parecerá uma jovem de dezesseis anos, bela como uma rosa que se fecha em todo o seu frescor aos primeiros raios de uma bela manhã orvalhada, com uma longa veste cerúlea coberta da cintura ao joelho por um retículo de prata, imitará a cor de suas pupilas, bem distantes de igualar-lhes o etéreo azul-celeste, o macio e lânguido esplendor das outras, e estará submersa no difuso volume das cabe-

leiras louras, suaves e luzidias, presas apenas por uma coroa de flores, será uma criatura de dezoito anos de brancura diáfana, a carnação que se anima

numa esfumatura rosada, ganhando em torno dos olhos um pálido reflexo de água-marinha, deixando entrever sobre a fronte e nas têmporas pequenas veias azuladas, seus finos cabelos louros cairão ao longo das faces, seus olhos,

de um azul tênue, parecerão suspensos num quê de úmido e cintilante, seu sorriso será o de uma menina, mas quando fica séria uma ruga leve e vibrante marcará de ambos os lados os seus lábios, será uma donzela de dezessete anos, esbelta e elegante, de cintura tão fina que uma mão bastaria para circundá-la, de pele como uma flor recém-desabrochada, com uma cabeleira que lhe desce em pitoresca desordem como uma chuva de ouro sobre o branco corpete que lhe cobre o seio, uma fronte audaz dominará seu rosto de um oval perfeito, a carnção terá a brancura opaca, o frescor aveludado de uma pétala de camélia apenas iluminada por um raio de sol, a pupila, negra e brilhante, deixará entrever levemente, nos dois ângulos das pálpebras franjadas por longos cílios, a transparência azulada do globo ocular.

Não. Sua túnica audaciosamente aberta do lado, os braços nus, as sombras misteriosas que se adivinham sob os véus, lenta desfará o laço de alguma coisa sob os cabelos e as longas sedas que a envolvem como um sudário de repente cairão por terra, meu olhar percorrerá todo o seu corpo, coberto apenas por uma afilada veste branca, presa na cintura por uma serpente de ouro com duas cabeças, enquanto ela tem os braços cruzados sob o seio, enlouquecerei diante de suas formas andróginas, de suas carnes brancas como o miolo do sambuco, aquela sua boca de lábios de presa, aquela fita azul exatamente sob o queixo, anjo de missal vestido de virgem louca por obra de um miniaturista perverso, sobre o seu peito chato os seios, pequenos mas precisos, irão se erguer distintos e agudos, a linha da cintura irá se alargar um pouco nas ancas e se perderá nas pernas longuíssimas de uma Eva de Luca de Leyda, os olhos verdes de olhar ambíguo, a boca grande e o sorriso inquietante, os cabelos com a flavesência do ouro velho, toda a cabeça desmentirá a inocência do corpo, químera ardente, esforço supremo da arte e da volúpia, monstro fascinante, irá se revelar em todo o seu esplendor secreto, dos losangos de lápis-lazúli partirão arabescos e de incrustações de madrepérola deslizarão luzes de arco-íris e fogos de prisma, seria como Lady Josiane, no ardor da dança os véus irão se desfazer, os brocados cairão, estará vestida apenas de ourivesaria, de luzídios minerais, um cinturão lhe apertará a cintura como um espartilho e, qual soberbo fecho, uma jóia maravilhosa dardejará seus lumes na divisão dos seios, as ancas estarão envoltas numa faixa que esconde a parte superior das coxas, sobre as quais bate um

gigantesco pendente versando um rio de carbúnculos de esmeralda, sobre seu corpo agora nu o ventre se arqueará inciso por um umbigo cuja fossa lembrará um lacre de ônix de tons

latiginosos, sob as luzes ardentes que se irradiarão em torno à sua cabeça, todos os lustros das gemas se inflamarão, as pedras irão se animar desenhando seu corpo com ttaços incandescentes, irão ferir-lhe o colo, as pernas, os braços

como pontas de fogo, vermelhas como brasas, violáceas como jatos de gás, azuis como chamas de álcool, brancas como raios de estrelas, aparecerá para mim implorando que a flagele, segurando entre as mãos um cilício de abadessa, sete cordas de seda por injúria aos sete pecados capitais, e sete nós

em cada corda pelos sete modos de cair em pecado mortal, as rosas serão as gotas de sangue que florescerão de sua carne, será sutil como um círio do templo, o olho transpassado por espada de amor e eu em silêncio desejarei depor sobre a fogueira o meu coração, hei de querer que, mais pálida que a al-vorada, mais branca que cera, as mãos recolhidas sobre o peito liso, tenha-se ereta em sua veste, rubra do sangue dos corações mortos sangrando por ela.

Não, não, por que má literatura estou me deixando seduzir, não sou mais um adolescente pruriginöse. Hei de querê-la simples como era e como a amei então, só um rosto sobre um casaco amarelo.

Hei de querer a mais bela que se possa conceber, mas não a belíssima por quem outros se perderam. Ela me bastaria mesmo grácil e doente, como deve ter estado em seus últimos dias no Brasil e lhe diria ainda és a mais bela das criaturas, não trocaria teus olhos pisados e tua palidez pela beleza dos anjos do

céu! Gostaria de vê-la surgir em meio à corrente, só e imóvel enquanto olha em direção ao mar, criatura transformada por encanto em um bizarro e belo pássaro marinho, as longas pernas nuas e esbeltas, delicadas como as de uma gaivota, e sem perturbá-la com meu desejo hei de deixá-la em suas lonjuras de princesa distante...

Não sei se é a misteriosa chama da rainha Loana que está ardendo em meus lobos empergaminhados, se algum elixir está tentando lavar as folhas acastanhadas da minha memória de papel, ainda afetadas por muitas nódoas que

tornam ilegível aquela parte do texto que ainda me escapa, ou se sou eu que tento obrigar meus nervos a um esforço insuportável. Se nesse estado pudesse tremer, tremeria, por dentro sinto-me sacudido como se, fora, flutuasse em um mar borrascoso. Mas é, ao mesmo tempo, como que o anúncio de um orgasmo, em meu cérebro os corpos cavernosos se enchem de sangue, algo está para explodir — ou para desabrochar.

Agora, como naquele dia no saguão, estou finalmente prestes a ver Lila, que descera ainda pudica e maliciosa em seu aventalzinho negro, bela como o sol, branca como a lua, ágil e ignara de ser o centro, o umbigo do mundo.

Verei seu rosto gracioso, o nariz bem desenhado, a boca que mal e mal mostrará os dois incisivos superiores, ela, coelho angora, gata Matü que mia, movendo lentamente o pêlo macio, pomba, arminho, esquilo. Descerá como a primeira geada e há de me ver e estenderá ligeiramente a mão, sem convidar-me, mas para impedir que eu fuja outra vez.

Finalmente saberei como recitar ao infinito a cena final do meu Cyrano, saberei o que busquei pela vida afora, de Paola a Sibilla, «e poderei reconjuntar-me. Estarei em paz.

Atenção. Não poderei perguntar outra vez "Vanzetti mora aqui?"

Finalmente deverei colher a Ocasão.

Mas um leve fumifugium cor de rato está se espalhando no topo da escadaria, velando a enrrada,

Sinto uma rajada de frio, alço os olhos. Por que o sol se está fazendo negro?